



O CÉU E O INFERNO

OU

A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

POR

ALLAN KARDEC

AUTOR DE "O LIVRO DOS ESPÍRITOS"

TRADUÇÃO DE **MARIA DA CONCEIÇÃO BRITES** E **JOSÉ DA COSTA BRITES**
FEITA A PARTIR DA 1ª EDIÇÃO FRANCESA de 1865, RESPEITANDO
INTEIRAMENTE O TEXTO DA AUTORIA DE ALLAN KARDEC

2021

ÍNDICE

Prefácio dos tradutores.....	5
PREFÁCIO.....	9
PRIMEIRA PARTE – DOCTRINA.....	12
CAPÍTULO I - O FUTURO E O NADA.....	12
CAPÍTULO II - DO MEDO DA MORTE.....	18
Causas do medo da morte.....	18
Por que razão os espíritas não receiam a morte.....	20
CAPÍTULO III - O CÉU.....	22
CAPÍTULO IV - O INFERNO.....	29
Intuição das penas futuras	29
O inferno cristão cópia do inferno pagão	29
Os limbos	31
CAPÍTULO V – do inferno pagão e do inferno cristão.....	33
1ª) O inferno pagão	33
2ª) O Inferno cristão	38
CAPÍTULO VI – O PURGATÓRIO.....	44
CAPÍTULO VII – DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS.....	47
Origem da doutrina das penas eternas	47
Argumentos dos que apoiam as penas eternas e sua refutação.....	50
A doutrina das penas eternas fez a sua época	54
CAPÍTULO VIII – AS PENAS futuras segundo o espiritismo.....	56
Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras	57
CAPÍTULO IX – OS ANJOS.....	65
Os anjos segundo a Igreja Católica	65
Contestação desta teoria.....	67
Os Anjos segundo o Espiritismo.....	70
CAPÍTULO X – OS DEMÓNIOS.....	72
Origem da crença nos demónios	72
Os demónios segundo a Igreja Católica	74
Contestação destas teorias.....	75
Os demónios segundo o Espiritismo.....	80
CAPÍTULO XI – INTERVENÇÃO DOS DEMÓNIOS.....	83
Intervenção dos demónios nas manifestações recentes	83
CAPÍTULO XII - DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS.....	94
SEGUNDA PARTE – EXEMPLOS.....	100
CAPÍTULO I – A PASSAGEM.....	100
CAPÍTULO II - ESPÍRITOS FELIZES.....	105
O Senhor Sansão.....	105
I - Casa mortuária, 23 de Abril de 1862:	106
II - Sociedade Espírita de Paris, 25 de Abril de 1862.....	107
III.....	109
A morte do justo	110
O Sr. Jobard	111
SAMUEL FILIPE.....	114
VAN DURST	116
SIXDENIERS	117
Dr. DEMEURE.....	119
A Senhora FOULON.....	122
UM MÉDICO RUSSO	127
BERNARDINO	129
PAULA, uma condessa	129
JEAN REYNAUD	132
ANTOINE COSTEAU	134
A MENINA EMMA	136
O Dr. VIGNAL	137
VICTOR LEBLUFÉ	139
SENHORA ANAÍS GOURDON	140
MAURICE GONTRAN	141

CAPÍTULO III – ESPÍRITOS DE UMA CONDIÇÃO MÉDIA.....	143
JOSEPH BRÉ.....	143
HÉLÈNE MICHEL.....	144
O MARQUÊS DE SAINT-PAUL	144
O Senhor CARDON, médico	146
ÉRIC STANISLAS.....	149
ANNA BELLEVILLE	149
Capítulo IV - Espíritos sofredores.....	153
O castigo	153
NOVEL	154
AUGUSTE MICHEL	154
LAMENTOS DE UM “BON VIVANT”	156
LISBETH.....	156
Príncipe OURAN.....	158
PASCAL LAVIC.....	160
FERDINAND BERTIN	161
FRANÇOIS RIQUIER	163
CLAIRE.....	164
CAPÍTULO V - SUÍCIDAS.....	169
O suicida da Samaritana	169
O PAI E O RECRUTA.....	171
FRANÇOIS-SIMON LOUVET (du Havre).	172
Uma mãe e o seu filho	173
DUPLO SUICÍDIO POR AMOR E POR DEVER	175
LUÍS E A PESPONTADEIRA DE BOTAS	177
UM ATEU	178
M. FÉLICIEN	182
ANTOINE BELL.....	184
Capítulo VI – Criminosos arrependidos.....	186
VERGER, assassino do arcebispo de Paris.....	186
LEMAIRE.....	188
BENOIST.....	190
UM ESPÍRITO CONDENADO	192
JACQUES LATOUR	196
I.....	198
II.....	199
III.....	199
IV.....	200
CAPÍTULO VII - ESPÍRITOS ENDURECIDOS.....	204
O CASTIGO PELA LUZ	204
I.....	205
II.....	205
III.....	206
ANGÈLE	207
Nulidade na Terra (Bordéus, 1862)	207
UM ESPÍRITO ABORRECIDO	208
UMA EX-RAINHA DA INDIA	209
XUMÈNE.	211
CAPÍTULO VIII- Expiacões terrestres.....	212
MARCELO, o menino do nº 4.	212
SZYMEL SLIZGOL	213
JULIENNE-MARIE, a mendiga	216
MAX, o mendigo	218
História de um criado	220
A pena de talião.....	221
O Senhor LETIL.....	223
Um sábio ambicioso.....	224
UM DÉBIL MENTAL	225
Instruções de um Espírito sobre os débeis mentais	226

ADÉLAÏDE-MARGUERITE GOSSE.	228
CLARA RIVIER.	229
Francisca VERNHES.	231
ANNA BITTER.	232
UM ESPIRITO CEGO.	234

Esclarecimento dos tradutores

Os tradutores de obras em línguas estrangeiras têm imensos privilégios e imensas responsabilidades.

Não lhes basta ir a um dicionário e transferir palavras de um texto para outro, obedecendo a formalismos dogmáticos. Lidam essencialmente com o espírito de idiomas diferentes, caracterizados pela antiguidade da convivência dos povos que os utilizam, com hábitos específicos e subjetividades culturais diversas.

A linguagem usada pelos nossos filhos é diferente da nossa. E a dos nossos netos, pela velocidade do tempo, sofre ainda novas articulações.

Para traduzir esta como outras obras, lemos Kardec da forma mais honestamente interessada, e animados pelo ideal de a compreendermos em nosso próprio benefício e daqueles que, como nós, utilizam a língua portuguesa de Portugal no seu dia-a-dia.

Esta tradução, a partir da 1ª edição francesa de Allan Kardec, publicada em 1865, respeita inteiramente o seu texto e a ordem dos seus respetivos parágrafos.

Tendo esta obra passado por adulterações graves que foram feitas por terceiros após o falecimento do seu legítimo autor, chamamos a atenção para importantes estudos recentes de que temos dado notícia nos nossos *sites* na internet: <https://palavraluz.com/> e <https://espiritismocultura.com/>

Maria da Conceição Brites
José da Costa Brites
2021

PREFÁCIO DOS TRADUTORES

Caríssimos leitores,

Tendo começado há algum tempo a tradução para a língua portuguesa de Portugal dos nossos dias, das cinco obras principais da cultura espírita da autoria de Allan Kardec, apresentamos agora a que nos faltava, o “Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo”.

A primeira das obras por nós traduzida foi editada em papel em Abril de 2017, com o apoio de amigos espíritas do Norte de Portugal, membros ativos da ASEB de Braga, tendo-se esgotado essa edição pouco tempo depois.

Não sendo membros de nenhuma organização espírita, mas não nos faltando meios para divulgar a nossa obra em todo o mundo de língua portuguesa através do nosso site na internet, não hesitámos em passar a publicar as nossas traduções em <https://palavraluz.com> e em <https://espiritismocultura.com>, a que demos o carácter de iniciativa sem objetivos materiais.

As muito largas centenas de obras que já foram descarregadas daqueles livros nos nossos blogs, por todo o mundo, sem que saibamos sequer o seu número exato, nada custaram aos interessados, e enchem-nos de satisfação.

Estamos felizes porque chegou agora o momento de as cinco obras serem editadas em livro pela Federação Espírita Portuguesa.

A ADULTERAÇÃO DAS DUAS ÚLTIMAS OBRAS DE ALLAN KARDEC, APÓS A SUA MORTE

Este fenómeno é difícilimo de compreender, agora como no tempo em que ocorreu, sem levarmos em conta o muito escasso interesse que o espiritismo suscitou, sobretudo em França, ao longo de tempos muitíssimo conturbados por conflitos imensos de toda a ordem.

O espiritismo é, no país em que nasceu, uma minoria sem categoria estatística, e o grande interesse que merece o espiritualismo científico quer na Europa quer noutros continentes, é algo que só minorias muito isoladas associam a Allan Kardec.

As piores consequências dessas adulterações tiveram os seus efeitos no Brasil, onde a percentagem de pessoas interessadas naquilo que se chama ali “o espiritismo”, e que tem variadíssimas facetas, chegou a alcançar uma expressão estatística como em nenhuma outra parte do mundo.

A precedência histórica e social nesse vastíssimo país era marcada pela poderosa influência do catolicismo, o que facilitou, quase naturalmente, a insinuação da trágica deformação do “roustainguismo”, inventada em França, como o próprio espiritismo, mas que naquele país não teve os mesmos efeitos e projeções que no Brasil.

Se um bom número de franceses tivesse tomado a devida nota do conteúdo e do significado das autênticas obras espíritas, as falsificações que ocorreram logo após a morte do seu autor não teriam a mínima hipótese, porque teriam defendido – como era justo – uma grande obra universalista que seguirá em frente, ajudada pelos bons Espíritos, com grande esperança e fervor da nossa parte.

Os próprios contemporâneos franceses que sobreviveram a Allan Kardec e que tinham o conhecimento exato do conteúdo dos seus livros, alguns houve que deram conta das movimentações dos péssimos sucessores herdeiros de Kardec e, tendo tomado posições claras, não conseguiram fazer-se ouvir nem impor as suas razões.

A instabilidade geral da França em termos político-estratégicos e socioeconómicos, nessa época, teve efeitos avassaladores e o espiritismo, praticamente, foi esquecido.

O “roustainguismo” e a teosofia, entre várias outras formas de adulteração do espiritualismo, tiveram a sua vida facilitada e foram ostensivamente divulgadas na revista que sucedeu àquela que Kardec tinha fundado. Não tiveram uma propagação notável, mas ajudaram muitíssimo a desprestigiar o verdadeiro espiritismo.

OS TRABALHADORES HUMILDES – OS MAIS DEVOTADOS SEGUIDORES DO ESPIRITISMO

Em França, a classe que principalmente apoiava e tinha interesse no espiritismo era a dos trabalhadores humildes dos principais sectores da economia. Conflitos tremendos e confrontações sangrentas a nível nacional e internacional transtornaram de tal forma toda a sociedade – e sobretudo as classes trabalhadoras – que não foi possível evitar o pior que, neste caso também, foi essencialmente prejudicial para a cultura espírita em todo o mundo.

Um século e meio depois, com a disponibilidade evidente de originais franceses das obras autênticas de Kardec em certas bibliotecas públicas e particulares, se o espiritismo fosse matéria devidamente estudada na Europa, o nome de Allan Kardec não seria tão escandalosamente ausente em quase todas as obras que falam no espiritualismo nas suas várias facetas, que hoje se afirmam das mais diversas maneiras em várias sociedades.

Dedicamo-nos há vinte anos à investigação de tais matérias e temos originais franceses não adulterados, que foram aqueles pelos quais fizemos as nossas traduções.

Para dispor de tais obras não tivemos que sair da nossa terra portuguesa. Quem fez buscas na internet em mais do que uma língua, pôde consegui-los sem dotes milagrosos, bastou ter interesse e saber escolher.

Para nós, portanto, não existiu o fenómeno das adulterações, originariamente fabricado em França pelos maus seguidores de Allan Kardec, sob a égide de **Pierre-Gaëtan Leymarie** (nascido a 2 de Maio de 1827 em Tulle e falecido a 10 de Abril de 1901 em Paris) que conseguiu colocar-se à cabeça do movimento espírita em França, depois do falecimento de Allan Kardec em 31 de Março de 1869.

Sempre lemos Kardec por originais franceses que não tivemos dificuldade em descarregar da internet quando – há mais de 20 anos – começámos a dedicar-nos inteiramente ao estudo da sua obra, explorando o espiritismo, como ciência e cultura libertadoras da humanidade esclarecida.

Sempre encarámos o Espiritismo com maiúscula, como ele é para nós, e sempre tivemos o “roustainguismo”, com seus sucedâneos e afins, como incompreensíveis aberrações.

Já publicámos a tradução em português de Portugal de “A Génese” expurgada dessas adulterações, publicando agora a tradução de “O Céu e o Inferno”, igualmente fiel às palavras de Allan Kardec.

Chamamos a atenção para um estudo exaustivo de todas as modificações introduzidas pelas adulterações em “A Génese” e agora também em “O Céu e o Inferno” que publicámos no nosso blogue.

É favor ver: <https://palavraluz.com>

Um prefácio que esclarecesse todos os factos desta área de problemas, teria a dimensão de uma obra extensíssima, que não só referisse a sua origem histórica, como as gravíssimas consequências prejudiciais a uma cultura importantíssima que se viu desfigurada de alto a baixo, durante mais de século e meio após o seu início.

Isto deu-se pelas movimentações originadas no Brasil, da parte de entidades federadas, que conseguiram poderes invulgares de intervenção e vantagens materiais que têm tido reflexos em diversos outros países, atendendo à vitalidade comunicativa dos brasileiros.

A NOSSA TRADUÇÃO DE “O CÉU E O INFERNO”

Esta tradução da última obra de Allan Kardec que nos faltava traduzir, foi feita, em princípio, para nossa própria utilidade de aprendizes de uma sabedoria que achamos fundamental para o entendimento e construção das vidas da atualidade e de todas as outras que se seguem.

Não temos como objetivo criar uma escola ou formar uma tendência. As nossas traduções foram feitas como leitura aprofundada dos originais para nossa própria conveniência, largamente acompanhados pela leitura atenta da Revista Espírita, também publicada por Allan Kardec.

Temos seguido o princípio de redigir prefácios que revelam a visão que temos de cada uma dessas magníficas obras, ao mesmo tempo que procuramos tomar conhecimento do desenvolvimento de ideias convergentes com esta, de base científica.

A reencarnação, as memórias de outras vidas e até a própria semelhança fisiológica e os sinais corporais de fenômenos ocorridos em vidas anteriores, têm sido investigadas a nível acadêmico-científico em vários países muito desenvolvidos, bem como muitos outros fenômenos cuja naturalidade não poderia escapar a uma imensidade de observadores, durante muitos séculos. Basta procurar ler o que existe a este respeito em várias das línguas mais conhecidas no mundo, na imensíssima área de pesquisa que é a Internet.

A CHAMADA “REVOLUÇÃO ESPÍRITA”

Apareceu recentemente no Brasil um movimento esclarecedor das gravíssimas adulterações das duas últimas obras de Allan Kardec, logo depois do seu falecimento, “A Gênese” e “O Céu e o Inferno”.

Temos seguido todo esse fenômeno, embora para nós – que temos investigado sempre por fontes legítimas pesquisadas em arquivos franceses – não constituiu de forma nenhuma novidade.

Podíamos ter enganado, é evidente, e até nem vale a pena acrescentar razões. As recentes investigações de SIMONI PRIVATO GOIDANICH e de LUCAS SAMPAIO, feitas nos arquivos franceses, vieram consagrar as escolhas que fizéramos antes, confirmando a felicidade óbvia das nossas pesquisas de exemplares originais.

A EXTRAORDINÁRIA IMPORTÂNCIA DA OBRA DE PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO

A mais importante série de obras que tem vindo, na nossa opinião, a transformar positivamente a visão do espiritualismo racional no Brasil deve-se a Paulo Henrique de Figueiredo.

Recorrendo a um processo naturalíssimo de referência histórico-cultural, PHF remete o início da odisséia do espiritualismo racional para muito mais atrás de Allan Kardec, recuperando com especial incidência a figura de Franz Anton Mesmer e o prodigioso trabalho que fez a respeito do magnetismo animal, referido claramente por Allan Kardec na primeira de todas as suas Revistas Espíritas, tal como PHF nos informa com toda a justificação no início do Capítulo VIII da sua obra “Mesmer, a ciência negada do magnetismo animal”, ao aludir às “Ciências solidárias”.

Nessa obra, como noutras, PHF recheia páginas e páginas de uma magnífica sequência de citações à cultura desse tempo, que não esquece, antes valoriza, a imensa antiguidade do profundo relacionamento que a Humanidade sempre desenvolveu com o Mundo dos Espíritos.

A sua passagem à obra “REVOLUÇÃO ESPÍRITA – A teoria esquecida de Allan Kardec” é uma tentativa apaixonada para preencher esse esquecimento, enriquecendo a perspectiva habitualmente traçada em voo de pássaro por sobre acontecimentos arriscadamente simplificados da história “habitual” do espiritismo.

Como nós temos tentado mostrar, há imensidade de exemplos, desde os tempos mais remotos da Antiguidade ao progresso evidente de todas as ciências e da evolução do pensamento nos últimos séculos, que revelam o Espírito como cenário principal da vida profunda e da evolução sem fim.

Nesse grande Teatro de ideias sempre disponível para os Espíritos abertos, como seria possível prestar atenção, um instante que fosse, à perspectiva cruel dos dogmatismos absurdos?

Como poderia acreditar-se num Deus que criasse Céus para espíritos de cores imóveis e luz fluorescente, e Infernos povoados de criaturas abandonadas para todo o sempre, devoradas pela solidão da dor e do medo?

SIMONI PRIVATO GOIDANICH e LUCAS SAMPAIO

Um dos livros mais importantes, publicados no Brasil para repor a verdade do espiritismo, foi “O LEGADO DE ALLAN KARDEC”. Resultou das investigações feitas por Simoni Privato Goidanich nos arquivos franceses a respeito das adulterações feitas, em França, no livro “A Génese”. Na mesma linha foram feitas investigações, também em França, por Lucas Sampaio que, juntamente com Paulo Henrique Figueiredo, publicaram um texto chave para todas estas questões com a obra “Nem Céu nem Inferno”.

A NATUREZA DE TODOS OS SERES, A SUA ORIGEM E O SEU DESTINO

Julgamos que este título refere tópicos culturais e filosófico-científicos, que são do maior valor para toda a gente. Entendemos que o nosso prefácio já vai longo e não podemos dizer tudo.

Por isso desejamos as maiores felicidades a todos, recomendando, como pessoas de mais idade, que a grande maioria dos leitores faça o favor de usar algum do vosso precioso tempo livre para ler pelo menos, as nossas traduções dos livros de Allan Kardec.

Vai ser tempo ganho, podem crer. E contribuirá para a felicidade e o bem-estar presente e futuro de todos os que o fizerem.

Maria da Conceição Brites e José da Costa Brites

PREFÁCIO¹

O título desta obra indica claramente do que trata. Reunimos nela todos os elementos necessários para esclarecer o destino dos seres humanos. Como nos outros livros sobre o conhecimento espírita, nada escrevemos que fosse produto de uma teoria preconcebida ou de uma conceção pessoal, que não teriam qualquer autoridade. Tudo o que está escrito foi deduzido da observação e da concordância dos factos.

O Livro dos Espíritos contém as bases fundamentais do espiritismo; é a pedra angular do edifício; apresenta todos os princípios do espiritismo até às suas conclusões fundamentais. Era preciso, entretanto, mostrar os seus desenvolvimentos, as suas consequências e aplicações, à medida que se iam desenvolvendo pelos ensinamentos complementares dos Espíritos e por novas observações; foi o que fizemos em *O Livro dos Médiuns* e em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, sobre pontos de vista específicos. É o que fazemos nesta obra, sobre outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente naquelas que ainda nos faltam publicar, e que virão a seu tempo.

As ideias novas só frutificam quando a terra está preparada para as receber. Por “terra preparada” não queremos designar as inteligências precoces com frutos isolados, mas a predisposição geral para dar frutos mais abundantes que, encontrando maior número de pontos de apoio, seja mais forte para resistir aos antagonistas. *O Evangelho segundo o Espiritismo* foi já um passo em frente. *O Céu e o Inferno* é mais um passo, cujo alcance será finalmente compreendido, porque toca no ponto sensível de certas questões e que não podia ter surgido mais cedo.

Se for considerada a época em que o Espiritismo surgiu, reconhece-se que veio no momento oportuno, nem demasiado cedo nem demasiado tarde. Se fosse mais cedo teria abortado porque, não tendo muitos adeptos, sucumbiria aos golpes dos adversários; se fosse mais tarde teria faltado na ocasião favorável para se manifestar; as ideias teriam tomado outro curso que dificilmente poderia contornar. Seria necessário dar tempo às ideias velhas para se deteriorarem, provando a sua insuficiência, antes de apresentar as novas.

As ideias prematuras sucumbem, porque a sociedade não está madura para as compreender e ainda se não faz sentir a necessidade de uma mudança. É evidente para toda a gente que se começa a manifestar um imenso movimento de opinião. Está em curso uma enorme reação no sentido do progresso, contra o espírito estacionário ou retrógrado. Os satisfeitos de ontem são os impacientes de amanhã.

A humanidade está em trabalho de criação. Há qualquer coisa no ar, uma força irresistível que a puxa para diante. É como um jovem que, saído da adolescência, entrevê os novos horizontes e deita fora os trajes infantis. Quer *algo melhor*, alimento mais sólido para a razão. Mas esse *melhor* é ainda vago. Todos o procuram, desde o crente ao incrédulo, desde o agricultor ao sábio. O Universo é um grande estaleiro. Uns deitam abaixo, os outros reconstroem. Cada um talha uma pedra para o novo edifício, de que só o grande Arquitecto possui o projeto final e cuja organização só se compreenderá quando tomar forma e se erguer do chão. Será o momento escolhido pela inteligência superior para a chegada do espiritismo.

¹ Este prefácio consta da 1ª edição do livro, de 1865, e deixou de ser inserido a partir da 4ª edição de Julho de 1869. Esta foi completamente recomposta (Typographie Rouge frères et Comp.), mas só foi impressa e posta à venda em Julho de 1869, ou seja, **dois meses depois da morte do autor**. Na dúvida se todas as modificações foram ou não feitas por A.K., “O Movimento Espírita Francófono” (LMSF) decidiu editar a primeira edição. (Nota da edição francesa)

Os Espíritos que presidem ao grande movimento regenerador agem com mais sabedoria e previsão que a dos seres humanos, porque abarcam a marcha geral dos acontecimentos, enquanto nós só vemos o círculo limitado do nosso horizonte.

Chegados os tempos da renovação segundo a vontade de Deus, seria necessário, para os seres humanos não perderem a coragem, que no meio das ruínas do velho edifício começassem a ver os fundamentos da nova ordem das coisas. Como a estrela polar bem firme, lá longe, mostrando para onde se navega.

A sabedoria dos Espíritos, que se mostrou no início do espiritismo, revelado quase instantaneamente por toda a Terra na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógica das revelações complementares sucessivas.

Não depende de ninguém contrariar a sua vontade a este respeito, porque eles não medem os seus ensinamentos pelo grau de impaciência dos humanos. Não basta dizer que *queremos ter algo*, para que isso nos seja dado. E ainda menos nos convém dizer a Deus que *“chegou o momento de nos ser dado isto ou aquilo”* ou que *“já somos suficientemente avançados para isso”*.

Seria o mesmo que dizer a Deus: *“Sabemos melhor que vós o que nos convém fazer”*.

Aos impacientes, os Espíritos respondem: *“Começai primeiro por aprender bem e praticar bem o que já sabeis, para que Deus vos julgue dignos de aprender mais. Depois, quando chegar o momento, sabereis agir e escolher devidamente os vossos instrumentos.”*

A primeira parte desta obra, intitulada “Doutrina”, contém o exame comparado das várias crenças a respeito do céu e do inferno, dos anjos e dos demónios, das penas e das recompensas futuras; o dogma das penas eternas é aqui encarado de um modo especial e refutado por argumentos tirados das próprias leis da natureza que demonstram, não somente o lado ilógico, já assinalado inúmeras vezes, mas também a sua impossibilidade material. Com o fim das penas eternas caem, naturalmente, as conseqüências que delas se pudessem tirar.

A segunda parte da obra apresenta numerosos depoimentos em apoio desta teoria, ou melhor, que permitiram configurá-la. Eles retiram a sua autoridade da diversidade das épocas e dos lugares em que foram obtidos tais depoimentos.

Se derivassem de uma única fonte de pesquisas, poderiam ser olhados como produtos tendenciosos, obtidos junto de uma única tendência. Derivaram, pelo contrário, da concordância obtida ao longo dos tempos e em todos os locais onde se efetuaram sessões espíritas de forma séria e com nível filosófico.

Tais depoimentos poderiam ter sido multiplicados indefinidamente, porque não existe centro espírita que não possa oferecer uma notável quantidade deles.

Para evitar repetições, escolhemos os exemplos mais instrutivos. Cada um deles é um estudo valioso sobre a situação da alma depois da morte e sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, tão obscura e tão temida. Constituem um guia do viajante antes de entrar num país novo.

A vida de além-túmulo desenrola-se ali sob todos os seus aspetos, como num vasto panorama. Todos encontrarão ali novos motivos de esperança e de consolo, e novos fundamentos para afirmar a fé no futuro e na justiça de Deus.

Nestes exemplos, tirados na maior parte de factos contemporâneos, omitimos os nomes próprios por motivos fáceis de entender. Para o público em geral, os nomes nada acrescentariam à instrução que deles podem retirar.

Como fizemos no “Evangelho segundo o espiritismo”, não nomeámos nesta obra os médiuns intervenientes, porque sabem muito bem que não é seu o mérito de algo em que o seu próprio Espírito não participou.

A mediunidade não pertence exclusivamente a cada indivíduo. É uma faculdade fugidia, subordinada à vontade dos Espíritos que querem comunicar, que se possui hoje e que pode desaparecer amanhã e que não é característica de todos os Espíritos. Não constitui um mérito pessoal, como seria um talento adquirido com trabalho e esforço da inteligência.

Os *médiuns* que compreendem a importância da sua missão consideram-se como instrumentos que a vontade de Deus pode silenciar quando entender se não agirem de acordo com a sua vontade. São felizes com uma faculdade que lhes permite tornarem-se úteis, mas da qual não retiram qualquer vaidade. A este respeito, de resto, limitamo-nos a seguir os conselhos dos nossos guias espirituais.

A Providência Divina quis que a nova revelação não fosse privilégio individual, mas que estivesse por toda a Terra, em todas as famílias, nos grandes como nos pequenos, segundo as palavras do Senhor a que obedecem os *médiuns* de hoje:

“Nos últimos tempos, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos jovens terão visões e os vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, e eles profetizarão.” (Atos, Cap.II, vers. 17,18.)

E disse também: *“Haverá falsos Messias e falsos profetas”*. (Ver *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXI)

Ora, estes últimos tempos chegaram; não é o fim do mundo material, como se acreditava, mas o fim do mundo moral, quer dizer, a era da regeneração.²

Allan Kardec

² Nota retirada e adaptada de “Nem Céu nem Inferno” editado pela FEAL, em 2020:

Como dissemos acima, este prefácio consta da 1ª edição do livro, de 1865, e deixou de ser inserido a partir da 4ª edição de Julho de 1869. **Isso foi uma adulteração.** Para A.K. este texto era uma apresentação de grande importância para qualificar a obra, o método utilizado, a estrutura do seu legado, o momento adequado do seu aparecimento, os fundamentos do critério da universalidade, basilar no seu trabalho. Esse critério estava a ser criticado por dissidentes e opositores, naquele ano decisivo de 1865.

O Prefácio cumpria diversas funções: esclarecia os adeptos e afastava qualquer dúvida ventilada pelas críticas. Neste texto, é como se Kardec estivesse esclarecendo amplamente o leitor, para limpar a mesa e começar a apresentar a sua tese, com a teoria na primeira parte e os factos na segunda.

Tirar o prefácio da obra era como amordaçar o autor, justamente quando ele apresenta as importantes questões prévias necessárias para qualificar o valor e justificar a autoridade da teoria moral espírita que é apresentada em “O Céu e o Inferno”.

Do ponto de vista histórico é importante destacar que o princípio da universalidade do ensino dos Espíritos foi seguido somente até 1869, durante a liderança de A.K., para a elaboração da teoria espírita. Teve fim quando a rede de comunicação de mais de mil grupos espíritas, em contacto com a Sociedade de Paris, se extinguiu. Este método é imprescindível para o estabelecimento de novos princípios doutrinários, pois é um critério de veracidade e já não está disponível pois os grupos mediúnicos que formavam a rede da universalidade em apoio de Kardec, no século XIX, se desmobilizou e desde então não foram restabelecidos.

Foi por este método que *O Livro dos Espíritos* pode estabelecer as bases fundamentais do espiritismo. Estão lá todos os princípios. Os seus desenvolvimentos ocorreram nas outras obras de A.K. Sem o critério universal do ensino dos Espíritos não é possível termos ideias novas dos Espíritos Superiores. Pelo menos por enquanto.

...Enquanto isso não acontecer, resta aos espíritas conscientes estudar as obras originais do espiritismo.

PRIMEIRA PARTE - DOCTRINA

CAPÍTULO I - O FUTURO E O NADA

1. Nós vivemos, pensamos, agimos, o que é positivo; certamente que morreremos. Deixando a Terra, para onde vamos? Em que nos tornamos? Estaremos melhor ou pior? Seremos alguma coisa ou nada?

Ser ou não ser, é a alternativa. Para sempre ou para nunca mais? Tudo ou nada? Viveremos eternamente ou tudo acaba sem regresso?

Vale bem a pena pensarmos nisto a sério.

Toda a gente tem necessidade de viver, desfrutar, amar e ser feliz.

Digamos a alguém que pensa que vai morrer, que a vida continua e que nada está acabado quando se morre; que será mais feliz do que nunca e que o seu coração palpitará de alegria.

De que servirão essas suposições de felicidade, se podem extinguir-se num sopro?

Deus, cuja bondade se revela por uma generosidade constante, mesmo com as mais ínfimas criaturas, poderá ter lançado à vida os seres da sua predileção para fazê-los sofrer sem esperança, sem lhes conceder sequer um minuto de prazer? Não teria sido uma ilusão cruel deixar-lhes criar desejos impossíveis de satisfazer? Uma barbárie dá-los à luz para a dor e mergulhá-los de seguida na dor e no vazio?

Haverá coisa mais desesperante que este pensamento da destruição completa?

Afeições sagradas, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquirido, tudo destruído, tudo perdido!

Para quê esforçar-se por ser melhor, sacrificar-se para reprimir as paixões, fatigar-se para enriquecer o Espírito, se não vai recolher nenhum fruto e com o pensamento de que amanhã, talvez, não nos sirva para nada?

Se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do animal, porque o animal vive inteiramente no presente, na satisfação dos seus apetites materiais, sem qualquer aspiração quanto ao futuro. A mais simples intuição diz-nos que isso não é possível.

2. Pela crença no “nada”, o ser humano concentra, forçosamente, todos os seus pensamentos na vida presente. Não seria lógico, com efeito, preocupar-se com um futuro que não espera. A preocupação exclusiva com o presente conduz, naturalmente, a pensar em si antes de tudo o resto. É o mais poderoso estimulante do egoísmo e o incrédulo é conseqüente consigo mesmo se chegar a essa conclusão. Gozemos enquanto é tempo, disfrutemos o mais possível porque depois, tudo acabou. Aproveitemos o prazer imediato, pois não sabemos quanto vai durar.

Disfrutemos à custa de qualquer um! Cada um por si! O prazer neste mundo é para quem for mais esperto!

Se o respeito humano retrai alguns, que freio podem ter aqueles que em nada acreditam? Dizem que as leis humanas só atingem os incapazes; é por isso que aplicam todo o seu talento para se esquivarem de cumpri-las.³

Se há uma doutrina doentia e antissocial é seguramente o niilismo, porque rompe os verdadeiros laços de solidariedade e de fraternidade, fundamentos das relações sociais.

3. Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, todo um povo tem a certeza que, em oito dias, um mês ou um ano será aniquilado. Que ninguém sobreviverá, que não ficará qualquer sinal da sua existência. Que fará esse povo, durante o tempo que lhe resta?

Trabalhará para se aperfeiçoar, para se instruir? Sacrificar-se-á para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do seu semelhante? Submeter-se-á às leis, a uma autoridade, qualquer que seja, mesmo a mais legítima, a autoridade paterna, por exemplo? Sentirá que tem algum dever? Com certeza que não.

Pois bem! O que não acontece em massa, coletivamente, a doutrina do niilismo realiza-o todos os dias, indivíduo a indivíduo. Se as consequências não são tão desastrosas quanto poderiam ser, é, em primeiro lugar, porque na maior parte dos incrédulos há mais fanfarronice do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção, e têm mais medo do nada do que querem fazer parecer; o título de espírito forte lisonjeia o seu amor-próprio.

Em segundo lugar, há que salientar que os incrédulos absolutos são em ínfima minoria. Eles sofrem, involuntariamente, a influência da opinião contrária e são mantidos por uma força material.

³ A cultura, a ciência e os conceitos relativos aos seres humanos e à sociedade atual, por comparação com equivalentes realidades de meados do século XIX, já foram motivo de algumas notas feitas nas diferentes traduções de A.K. que fizemos, no apelo para a atualização de ideias e referências fundamentais. A evidência do choque cultural entre essas duas épocas vai mais longe e suscita uma clarificação dos juízos formulados relativamente **aos cétricos, incrédulos e materialistas**, aos quais é dedicada uma muito significativa parte de toda a argumentação desenvolvida nas obras de Allan Kardec.

Os cétricos racionalistas e pessoas afastadas de perspectivas espiritualistas que conhecemos são uma minoria de indivíduos geralmente orientados por princípios de caráter intelectual, possuidores de sentido crítico e quase sempre pessoas de cultura. Temos amigos cétricos, agnósticos e ateus que são pessoas respeitáveis, honestas, civicamente ativas e animadas de princípios éticos, artístico-culturais e humanistas. Entre uma infinidade de exemplos oriundos desse setor poderíamos referir os importantes trabalhos desenvolvidos pelo filósofo francês André Comte-Sponville, por exemplo: "O Espírito do Ateísmo – Introdução a uma Espiritualidade sem Deus" e muitas outras obras que, na atualidade, vêm sinalizando uma crescente aproximação entre universos culturais outrora incompatíveis.

Os avanços na área da cultura acadêmica, até há pouco impermeável às solicitações da complexidade sensível da Humanidade face ao Eterno, têm conhecido enriquecimentos e aberturas em várias partes do mundo a que as pessoas permanecem alheias, por motivos porventura compreensíveis, mas tão lamentáveis como aqueles que têm mantido o espiritismo na área das culturas quase completamente ignoradas.

Se o ateísmo for uma crença, como de facto pode ser encarado, porquê tentar aproximações improváveis às religiões dogmáticas e anatemizar cidadãos sérios e respeitadores só porque não acreditam no mesmo que nós?

Quando um crente, que tem fé na vida depois da morte, é muito bonzinho e se comporta muito bem para evoluir mais rapidamente no plano espiritual, que virtude terá perante um cétrico que é honrado e cumpridor – até da caridade e da prática do bem – nada esperando depois de morto? Em apoio desta nota pedimos que consultem O Livro dos Espíritos, Pergunta 982: É necessário fazer profissão de fé no espiritismo e acreditar nas manifestações para garantir a nossa sorte na vida futura?

R: Se assim fosse, todos os que não acreditam ou que não puderam esclarecer-se seriam deserdados, o que é absurdo. É a prática do bem que assegura a vida futura; ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja a via que a ele conduz. E ainda a Pergunta 165: O conhecimento do espiritismo exerce alguma influência sobre a duração maior ou menor da perturbação?

R: Uma influência muito grande, pois o Espírito compreende antecipadamente a sua situação, mas a prática do bem e a pureza de consciência é o que exerce maior influência. (Nota dos tradutores)

Se a incredulidade absoluta chegar alguma vez a estar em maioria, a sociedade estará em dissolução. É para isso que tende a propagação desta doutrina.⁴

Quaisquer que sejam as consequências, se a teoria fosse verdadeira seria necessário aceitá-la, e não seriam teorias opostas, nem a ideia do mal que dela resultaria, que poderia fazer com que não existisse.

É preciso não ocultar que o ceticismo, a dúvida, a indiferença, ganham terreno todos os dias, apesar dos esforços da religião. Isto é positivo. Se a religião é impotente contra a incredulidade, é porque lhe falta qualquer coisa para a combater, de tal modo que, se permanecesse imóvel durante um certo tempo, seria infalivelmente ultrapassada.

O que lhe falta neste século de positivismo⁵, onde queremos compreender antes de acreditar, é a sanção das suas doutrinas por factos positivos; é também a concordância de certas doutrinas com os dados positivos da ciência. Se ela diz branco e se os factos dizem preto, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

4. É nesse estado de coisas que o espiritismo vem opor um dique à invasão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que arrasta, mas pelos factos materiais que tornam possível tocar e ver com os olhos da alma, a vida futura.

Cada um é livre na sua crença, de acreditar em alguma coisa ou de não acreditar em nada; mas os que procuram incutir no espírito das massas, sobretudo dos jovens, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu conhecimento e do ascendente da sua posição, semeiam na sociedade os germes da perturbação e da dissolução e ainda uma grande responsabilidade.

5. Existe uma outra doutrina que afirma não ser materialista porque admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria, é a da absorção no *Todo Universal*. Segundo esta doutrina cada indivíduo, quando nasce, assimila uma parcela do princípio que constitui a sua alma e lhe dá a vida, a inteligência e os sentimentos. Com a morte, esta alma regressa ao “lar” comum e perde-se no infinito, como uma gota de água no oceano.

Esta doutrina está sem dúvida um passo à frente do materialismo puro, porque admite qualquer coisa, enquanto a outra não admite nada, mas as consequências são exatamente as mesmas. Quer o homem seja mergulhado no nada ou num “reservatório” comum, é o mesmo para ele. Se no primeiro caso é aniquilado, no segundo perde a sua individualidade; é como se não existisse. As relações sociais são cortadas, do mesmo modo. O essencial, para ele, é a conservação do seu “eu”. Sem isso, que lhe importa ser ou não ser! O futuro é sempre nulo e a vida presente é a única coisa que o interessa e o preocupa.

⁴ Um jovem de dezoito anos foi atingido por uma doença do coração declarada incurável. A ciência tinha opinado: tanto pode morrer em oito dias como em dois anos, mas não irá além disso. O jovem sabia-o: imediatamente deixou o estudo e entregou-se a excessos de toda a espécie. Quando lhe diziam que uma vida desordenada era perigosa na sua situação, ele respondia: Que me importa, se só tenho dois anos de vida? Para que me serviria fatigar o espírito a aprender? Gozo o que me resta e quero divertir-me até ao fim. Aqui está a consequência lógica do nihilismo. (N. de A.K.)

⁵ Quando A.K. usa a palavra “positivismo” no seu tempo, não se estava a referir ao sistema filosófico do Positivismo, criado por Auguste Comte no início do século XIX, que defende a ideia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro, que promove o culto à ciência, ao mundo humano e ao materialismo em detrimento da metafísica e do mundo espiritual. A expressão “factos positivos”, para A.K., significa factos científicos, no sentido de um conhecimento formado a partir dos métodos de observação e experimentação. (Nota do Livro *Nem Céu nem Inferno*, modificada pelos tradutores) .

Do ponto de vista das consequências morais, esta doutrina é sempre má, tão desesperante e tão incitadora do egoísmo como o materialismo propriamente dito.

6. Podemos fazer a objeção seguinte: todas as gotas de água do oceano são parecidas e têm propriedades idênticas, como as partes de um mesmo todo. Por que motivo as almas, se estão mergulhadas no grande oceano da inteligência universal, se parecem tão pouco? Por que motivo está o génio ao lado da estupidez? E as mais sublimes virtudes ao lado dos vícios mais ignóbeis? A bondade, a doçura, a mansidão ao lado da maldade, da crueldade, da barbárie? Como é que as partes de um todo homogêneo podem ser tão diferentes umas das outras? Dir-se-á que é a educação que as modifica? Mas então de onde vêm as qualidades inatas, as inteligências precoces, os instintos bons e maus, independentes de qualquer educação e muitas vezes tão pouco em harmonia com o meio em que se desenvolvem? A educação, sem qualquer dúvida, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma; mas aqui apresenta-se outra dificuldade: quem dá educação à alma para a fazer progredir? Outras almas que, pela sua origem comum, não devem ser mais avançadas? E então, para que serve a melhoria, para que servem tantos esforços na aquisição de talentos e virtudes, de que serve trabalhar para o progresso da Humanidade se tudo isso deve mergulhar e perder-se no oceano infinito sem proveito para o futuro de qualquer um? Valeria mais permanecer como se é, selvagem ou não, beber, comer, dormir tranquilamente sem torturar o Espírito.

Por outro lado, a alma, entrando no *Todo Universal* de onde saiu, depois de ter progredido durante a vida, levou para lá um elemento mais perfeito. Consequentemente, esse *Todo* deve, ao longo do tempo, encontrar-se profundamente modificado e melhorado. Então, como se explica que saiam de lá, continuamente, almas ignorantes e perversas?

7. Nesta doutrina, a fonte universal da inteligência que abastece as almas humanas é independente da Divindade, Ser Superior e distinto que anima tudo pela sua vontade; *não é exatamente o panteísmo*. O *Panteísmo* propriamente dito difere dela porque, segundo ele, o princípio universal da vida e da inteligência é o próprio Deus. Deus é ao mesmo tempo espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da natureza compõem a divindade de que são as moléculas e os elementos constitutivos; numa palavra, Deus está em tudo e tudo é Deus; Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo é, ele mesmo, Deus; nenhum ser superior é independente nem comanda o conjunto; o universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada um é chefe com poder absoluto.

8. Podemos opor numerosas objeções a esta teoria, sendo estas as principais: não podendo a divindade ser concebida sem o grau infinito das perfeições, perguntamos como é que um *Todo* perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas e com necessidade de progredir. Se cada parte é submissa à lei do progresso, consequentemente o próprio Deus deve progredir. Se ele progride sem cessar, deve ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito. Pergunta-se: como é que um ser imperfeito, formado de vontades e de ideias tão divergentes, pode conceber leis tão harmoniosas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e de providência, como as que regem o Universo?

Se todas as almas são porções da Divindade, todas contribuíram para as leis da natureza. Como é possível, então, que elas murmurem constantemente contra estas leis que são a sua obra?

Uma teoria só pode ser aceite como verdadeira, se satisfizer a razão e explicar todos os factos que abrange. Se um único facto a desmentir é porque ela não traduz a verdade absoluta.

9. Do ponto de vista moral as consequências são também ilógicas. Em primeiro lugar para as almas: como na teoria anterior, a absorção por um *Todo* é a perda da individualidade. Se admitirmos, segundo a opinião de alguns panteístas, que elas conservam a sua individualidade, então Deus não terá uma vontade única, é um composto de miríades de vontades divergentes. Depois, sendo cada

alma parte integrante da Divindade, nenhuma é dominada por uma potência superior; por consequência, não incorre em nenhuma responsabilidade pelos seus atos, bons ou maus; não tem qualquer interesse em fazer o bem e pode fazer o mal impunemente, porque é soberana.

10. Além disso, esta teoria não satisfaz a razão nem as aspirações do homem; depara-se, como se vê, com dificuldades intransponíveis, porque é incapaz de resolver todas as questões que levanta.

O ser humano tem, portanto, três alternativas: o nada, a absorção no Todo ou a individualidade da alma antes e depois da morte. É a esta última convicção que nos conduz, invencivelmente, a lógica; é também ela que constitui a base de todas as religiões desde que o mundo existe.

Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, conduz-nos também a outra consequência: que o futuro de cada um deve depender das suas qualidades pessoais, porque seria irracional admitir que a alma atrasada dos homens primitivos e a dos homens perversos estivessem ao mesmo nível da dos sábios ou dos homens de bem.

Segundo a justiça, cada um deve ter a responsabilidade dos seus atos. Mas, para que sejam responsáveis, é preciso que sejam livres de escolher entre o bem e o mal; ora, sem livre-arbítrio só existe a fatalidade, e com a fatalidade não poderia haver responsabilidade.

11. Todas as religiões admitem igualmente o princípio do destino feliz ou infeliz das almas depois da morte, ou seja, das penas e das alegrias futuras, que se resumem na doutrina do céu e do inferno que encontramos por todo o lado. Aquilo em que elas diferem essencialmente é na natureza dessas penas e alegrias e, sobretudo, nas condições que podem merecer umas e outras. Daí, os contraditórios pontos de fé que têm dado origem a diferentes cultos, e os deveres específicos que são impostos por cada um deles para honrar a Deus e, por esse meio, ganhar o céu e evitar o inferno.

12. Todas as religiões estiveram, na sua origem, relacionadas com o grau de avanço moral ou intelectual das pessoas. Estas, ainda demasiado materializadas para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maioria dos deveres religiosos no cumprimento de formas exteriores. Durante um tempo, estas formas bastaram à sua razão; mais tarde, à medida que o seu Espírito se abria para a *luz*, começaram a sentir o vazio que a *forma* deixava atrás de si; e se a religião já não as satisfazia, abandonavam-na e tornavam-se filósofos.

13. Se a religião, adequada no princípio aos conhecimentos limitados dos homens, tivesse seguido sempre o movimento progressivo do Espírito humano, não haveria incrédulos, porque é da natureza humana ter necessidade de acreditar, e acreditará se se lhe der um alimento espiritual em harmonia com as suas necessidades intelectuais.

O ser humano quer saber de onde vem e para onde vai; se se lhe mostra um fim que não corresponde às suas aspirações nem à ideia que faz de Deus, nem aos dados positivos que lhe oferece a ciência; se, além disso, se se lhe impõe, para atingir esse fim, condições cuja utilidade a razão não demonstra, rejeita tudo. O materialismo e o panteísmo parecem-lhe um pouco mais racionais, porque aí discute-se e raciocina-se. Raciocina-se mal, é verdade, mas é melhor raciocinar mal do que não raciocinar.

Se se lhe apresentar um futuro lógico, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, abandonará o materialismo e o panteísmo que, no seu foro íntimo, não lhe preenchem o vazio e que só aceitou por falta de melhor

O espiritismo oferece mais e melhor e é por isso que é aceite com ardor por todos os que a dúvida angustiante atormenta e que não encontram o que procuram nas crenças nem nas teorias filosóficas. O espiritismo tem a seu favor a lógica do raciocínio e a confirmação dos factos. É por isso que tem sido combatido inutilmente.

14. As pessoas têm, instintivamente, fé no futuro; mas, não tendo até hoje nenhuma base sólida para defini-lo, a sua imaginação criou teorias que conduziram à diversidade de crenças.

A doutrina espírita sobre o futuro, não sendo uma obra de imaginação concebida mais ou menos engenhosamente, mas o resultado da observação de factos materiais que se desenrolam sob os nossos olhos, reunirá – como já o faz agora – opiniões divergentes ou incertas, e conduzirá, pouco a pouco, e pela força das coisas, à unidade na crença, que deixará de basear-se em hipóteses, mas em certezas. *A unificação, no que respeita à sorte futura das almas, será o primeiro ponto de aproximação entre os diferentes cultos, um passo imenso em direção à tolerância religiosa, de início, e mais tarde à unidade.*

Causas do medo da morte

1. O ser humano, de todos os níveis evolutivos, desde o estado primitivo, tem o sentimento inato do futuro. A sua intuição diz-lhe que a morte não é o fim da existência e que os que nos deixam não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais generalizada que a crença no “nada”.

Como é possível que, entre os que acreditam na imortalidade da alma, se encontre um apego tão grande às coisas da Terra e um medo tão grande da morte?

2. O temor da morte é um efeito da sabedoria da Providência divina e uma consequência do instinto de sobrevivência, comum a todos os seres vivos. É tão necessário quanto os humanos não estão bem esclarecidos sobre as condições da vida futura. Funciona como contrapeso à tendência que, sem este travão, o levaria a deixar prematuramente a vida terrena e a negligenciar o trabalho neste mundo, que deve servir para a sua própria evolução.

É por isso que, entre os povos primitivos, o futuro é apenas uma vaga intuição, mais tarde uma simples esperança, mais tarde ainda uma certeza, mas contrabalançada por um secreto apego à vida corpórea.

3. À medida que o homem compreende melhor a vida futura, o medo da morte diminui. Ao mesmo tempo, compreendendo melhor a sua missão na Terra, espera o fim com mais calma, mais resignação e sem temor. A certeza da vida futura dá uma outra orientação às suas ideias, um outro objetivo à sua labuta. Antes de ter esta certeza, só trabalhava para a vida atual. Com esta certeza, trabalha com vista ao futuro, sem negligenciar o presente, porque sabe que o seu futuro depende da melhor ou pior direção que der ao presente.

A certeza de reencontrar os seus amigos depois da morte, de continuar as relações que teve na Terra, de *não perder o fruto do seu trabalho*, de crescer continuamente em inteligência e em perfeição, dão-lhe paciência para esperar e coragem para resistir às fadigas momentâneas da vida terrena.

A solidariedade que vê surgir entre mortos e vivos, fá-lo compreender a que deve existir entre os vivos. A fraternidade tem, desde logo, a sua razão de ser, tal como a caridade tem importância no presente e no futuro.

4. Para se libertar do medo da morte, é preciso olhá-la sob o seu verdadeiro ponto de vista. Para isso é necessário ter acesso, pelo pensamento, ao mundo espiritual, e colher da morte uma ideia tão exata quanto possível, o que depende de um certo desenvolvimento do Espírito encarnado e da sua capacidade de se desligar da matéria. Para os que não estão suficientemente avançados, a vida material impede o acesso a visões espirituais. As pessoas, ligando-se ao exterior, só veem a vida do corpo, enquanto a vida espiritual é um exclusivo da alma. Se o ser humano, em vez de concentrar o seu pensamento na roupagem exterior, o concentrasse na verdadeira fonte da vida, ou seja, na alma, que é a entidade real que sobrevive, não lamentaria o corpo, fonte de tantas dificuldades e dores. Para chegar ao ponto de alcançar percepções de nível espiritual é preciso uma força que o Espírito só adquire com a maturidade.

⁶ No capítulo II da 1ª edição consta apenas o título, os subtítulos pertencem à 4ª edição. Optámos por colocá-los pois que em nada alteram o sentido do texto e tornam a leitura mais acessível. O mesmo acontece com a numeração dos parágrafos. Fizemos isso em todos os capítulos que o justificavam e vamos abster-nos de repetir esta informação. (N.T.)

O medo da morte deve-se à falta de conhecimentos sobre a vida futura. Isso mostra o desejo de preservar a vida e o anseio de que a destruição do corpo não seja o fim de tudo. Mostra, enfim, o secreto desejo da sobrevivência da alma, ainda que com dúvidas.

O medo enfraquece à medida que a certeza se forma e desaparece quando a certeza é completa.

Esse é o lado providencial da questão. Seria sensato não perturbar as pessoas cuja razão não está ainda suficientemente forte para suportar a perspectiva, demasiado positiva e demasiado sedutora, de um futuro que as fizesse descuidar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

5. Este estado de coisas é mantido e prolongado por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso. A primeira é o aspeto sob o qual é apresentada a vida futura, aspeto que poderia satisfazer inteligências pouco avançadas, mas que não satisfará as exigências da razão das pessoas que refletem maduramente.

Se nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da ciência, é porque não são verdadeiros. Nalgumas pessoas nasce a incredulidade, num grande número a crença duvidosa. A vida futura é para eles uma ideia vaga, uma probabilidade, muito mais do que uma certeza absoluta. Acreditam, querem que seja assim, mas apesar disso dizem: E se não for assim? O presente é uma realidade, ocupemo-nos dele em primeiro lugar, o futuro logo se vê.”

Perguntam ainda, o que é afinal a alma? Um ponto, um átomo, uma centelha, uma chama? Como é que sente? Como é que vê? Como é que percebe?

A alma não é, para eles, uma realidade concreta: é uma abstração. Os seus entes queridos, reduzidos ao estado de átomos no seu pensamento, estão, por assim dizer, perdidos para eles e não têm aos seus olhos, as qualidades que os faziam amá-los. Não compreendem o amor de uma centelha nem o que podemos ter por ela, e eles mesmos não ficam muito satisfeitos ao pensar que vão tornar-se em mónadas. Daí, o refúgio na vida terrena, que lhes parece ser coisa mais substancial, ideia que domina grande número de pessoas.

6. Outra razão que liga às coisas terrenas, os mesmos que acreditam firmemente na vida futura, é a impressão que lhes ficou do ensino infantil.

De facto, o quadro que é traçado pela religião católica não é muito sedutor nem muito consolador. Por um lado, apresentam os condenados a contorcerem-se, expiando nas torturas e nas chamas sem fim os seus erros, durante séculos, sem esperança, alívio ou piedade mesmo para os que se arrependem.⁷

Por outro lado, as almas cansadas e sofredoras que esperam no purgatório a sua liberdade, dependentes da boa vontade dos vivos que rezem ou mandem rezar por eles, impossibilitados de fazer, por si mesmos, seja o que for para progredir.⁸

Estas duas categorias, é-lhes dito, compõem a imensa maioria da população do outro mundo.

Acima delas está o muito restrito plano dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, de uma beatitude contemplativa.⁹

Esta eternidade inútil, preferível sem dúvida ao nada, é uma fastidiosa monotonia. É assim que vemos nas pinturas que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas, mas que aparentam mais tédio que verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a ideia instintiva do progresso, que só parece compatível com a felicidade absoluta.

⁷ Ver, nesta mesma obra, no Capítulo V, “O inferno cristão” e no Capítulo X, “Os demónios segundo a Igreja Católica” (N.T.)

⁸ Ver, nesta mesma obra, no Capítulo VI, “O Purgatório”. (N.T.)

⁹ Ver, nesta mesma obra, no Capítulo III, “O Céu” e no Capítulo IX, “Os Anjos segundo a Igreja Católica”. (N.T.)

É difícil conceber que o homem primitivo ignorante, de senso moral obtuso, possa, só porque recebeu o batismo, estar ao mesmo nível que aquele que chegou ao mais alto grau da ciência e da moralidade prática, durante longos anos de trabalho. É ainda menos concebível que a criança que morre de tenra idade, antes de ter consciência de si própria e dos seus atos, goze dos mesmos privilégios, só pela realização de uma cerimónia religiosa de batismo, para a qual a sua vontade em nada contribuiu.

Estes pensamentos não deixam de perturbar os mais fervorosos, mesmo que reflitam pouco.

7. Não dependendo a felicidade futura do trabalho de evolução que se faz na Terra, a facilidade com que se acredita poder adquirir essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, a possibilidade mesmo de a comprar com dinheiro, sem qualquer mudança séria no seu carácter e nos seus hábitos, deixam aos prazeres do mundo todo o valor.

Alguns crentes dirão para si mesmos que, visto que o seu futuro é assegurado pelo cumprimento de certas fórmulas, ou por dádivas póstumas que não os privam de nada, seria supérfluo imporem a si mesmos sacrifícios ou incómodos em proveito de familiares ou outras pessoas, uma vez que se pode adquirir a salvação trabalhando cada um para si.

Este não será naturalmente o pensamento de todos, porque há grandes e belas exceções. Mas sabemos que, infelizmente, é o caso da maior parte, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a ideia que fazem das condições para ser feliz no outro mundo acautelam as ligações aos bens terrenos e, por consequência, o apego ao egoísmo.

8. Acrescentemos que tudo, nos costumes, concorre para lamentar a perda da vida na Terra e recear a passagem da Terra para o Além. A morte é cercada de cerimónias lúgubres que aterrorizam, em vez de dar esperança.

Se se representa a morte é sempre sob um aspeto tenebroso e nunca como um sono de transição; todos os seus símbolos lembram a destruição do corpo e mostram-no horrível e descarnado. Nenhum simboliza a alma libertando-se, radiosa, dos seus laços terrenos.

A passagem para um mundo mais feliz é acompanhada de lamentações dos sobreviventes, como se tivesse acontecido a maior desgraça aos que partem. Dizem-lhe um adeus eterno como se nunca mais os vissem. O que se lamenta por eles é a perda das alegrias deste mundo, como se não fossem encontrar outras melhores. Que infelicidade, dizem, morrer quando se é jovem, rico, feliz e se tem pela frente um futuro brilhante.

A ideia de uma situação mais feliz apenas aflora ao pensamento, porque não tem raízes. Tudo concorre para inspirar o terror da morte em vez de contribuir para fazer nascer a esperança.

O homem levará muito tempo para se desfazer desses preconceitos, e conseguiu-lo-á à medida que a sua fé se fortalecer, alcançando uma visão mais correta da vida espiritual.

Por que razão os espíritas não receiam a morte.

9. A doutrina espírita modifica completamente o modo de olhar o futuro. A vida futura não é uma hipótese, é uma realidade. O estado das almas depois da morte não é uma teoria, é o resultado da observação. Foi levantado o véu. O mundo espiritual aparece-nos em toda a sua realidade. Não foram os homens que o descobriram, com o esforço de uma conceção engenhosa, foram os habitantes desse mundo que vieram descrever-nos a sua situação. Nós vemo-los em todos os graus da escala espiritual, em todas as situações de felicidade ou infelicidade; nós assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo.

Essa vida é para os espíritas a causa da calma com que encaram a morte, da serenidade dos seus últimos instantes na Terra. O que os sustenta, não é só a esperança, é a certeza. Eles sabem que a vida futura é a continuação da vida presente, em melhores condições, e esperam com a mesma confiança com que esperam o nascer do Sol depois de uma noite de temporal. Os motivos desta confiança residem nos factos de que são testemunhas e da concordância desses factos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus e com as aspirações íntimas do homem.

Por outro lado, a crença vulgar coloca as almas em regiões só acessíveis ao pensamento, onde se tornam estranhas aos vivos. A própria Igreja Católica coloca entre elas e estes uma barreira intransponível. Declara que todas as relações se romperam e que qualquer comunicação é impossível. Se estão no Inferno, qualquer esperança de as rever está perdida para sempre, a menos que se vá para lá. Se estão entre os eleitos, estão absorvidas na sua beatitude contemplativa.

Tudo isto coloca uma tal distância entre os mortos e os vivos, que se olha a separação como eterna. É por isso que muitos ainda preferem ter perto de si, sofrendo na Terra, os seres que amam, do que vê-los partir para o além. Além disso, a alma que está no céu ficará realmente feliz de ver, por exemplo, o seu filho, o seu pai, a sua mãe, ou os seus amigos, arderem eternamente?

Para os espíritas a alma não é uma abstracção, tem um corpo etéreo que a torna um ser definido, que o pensamento alcança e concebe. É o bastante para fixar as ideias sobre a sua individualidade, as suas aptidões e as suas percepções.

A recordação dos que nos são queridos baseia-se em qualquer coisa de real. Não os imaginamos como chamas fugitivas que nada dizem ao pensamento, mas sob a forma concreta que no-los mostra como seres vivos. Além disso, em vez de estarem perdidos nas profundezas do espaço, estão à nossa volta; o mundo corporal e o mundo espiritual estão em perpétua relação e assistem-se mutuamente.

Deixando de ter dúvidas sobre o futuro, o medo da morte não tem razão de existir. Vemo-la chegar serenamente, como uma libertação, como a porta da vida e não como a porta do nada.

1. Chama-se Céu ao espaço sem fim que rodeia a Terra, e mais especialmente à parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim *caelum*, formado do grego *coilos*, oco, côncavo, porque o Céu nos parece como uma imensa concavidade.

Os Antigos acreditavam na existência de vários céus sobrepostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas das quais a Terra ocupava o centro. Estas esferas, girando à volta da Terra, arrastavam consigo os astros que se encontravam no seu circuito.

Esta ideia, motivada pela insuficiência de conhecimentos astronómicos, foi a de todas as teogonias¹⁰ que fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos degraus da beatitude. O último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais generalizada, havia sete esferas, e daí a expressão “*subir ao sétimo céu*”, para exprimir uma perfeita felicidade.

Os Muçulmanos admitiam nove, em cada um dos quais aumentava a felicidade dos crentes.

O Astrónomo *Ptolomeu*¹¹ contava onze, sendo o último chamado o *Empíreo*¹² por causa da luz resplandecente que nele reinava. É ainda hoje o nome poético dado ao lugar da glória eterna.

A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é a região onde existe o ar e as nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, para lá da região dos astros, é a morada do *Altíssimo*, a morada dos eleitos que contemplam Deus face a face. É devido a esta crença que se diz que S. Paulo foi elevado ao “terceiro céu”.

2. As diferentes doutrinas respeitantes à morada dos bem-aventurados baseiam-se num duplo erro: que a Terra é o centro do Universo e que a região dos astros é limitada. É para além deste limite imaginário que todas colocaram a estadia afortunada e a residência do *Todo-Poderoso*. Singular anomalia que coloca o autor de todas as coisas, o que as governa todas, nos confins da criação, em vez de o colocar num lugar central a partir de onde a irradiação do seu pensamento pudesse chegar a todo o lado.

3. A ciência, com a inexorável lógica dos factos e da observação, levou a sua luz até às profundezas do espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias. A Terra não é o centro do Universo, mas um dos mais pequenos astros girando na imensidão. O próprio Sol só é o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são inumeráveis sóis à volta dos quais giram mundos incontáveis, separados por distâncias só acessíveis pelo pensamento, embora nos pareçam tocar-se. Neste conjunto, regido por leis eternas, onde se revelam a sabedoria e todo o poder do Criador, a Terra é apenas um ponto impercetível e um dos menos favorecidos para aí se habitar.

Seria de perguntar por que motivo Deus teria feito dela a única sede da vida e deixado lá as suas criaturas prediletas?

Tudo, pelo contrário, anuncia que a vida está por todo o lado, que a Humanidade é infinita como o Universo. A Ciência revelou-nos mundos parecidos com a Terra que Deus não podia ter criado sem uma finalidade; com certeza povoou-os de seres encarregados de os governar.

¹⁰ Teogonia é um conceito que deriva do vocábulo latino *teogonia*, embora as suas raízes etimológicas mais distantes residam na língua grega. Segundo o dicionário, a ideia de teogonia refere-se à geração das divindades dos pagãos. É importante destacar que “Teogonia” também é o título de uma obra que escreveu Hesíodo por volta do século VII ou do século VIII antes de Cristo. Neste trabalho, o poeta detalha a genealogia dos diferentes deuses que fazem parte da mitologia da Antiga Grécia. Além disso, dá a sua versão sobre a origem do universo.

¹¹ Ptolomeu viveu em Alexandria, no Egito, no século II da era cristã.

¹² Do grego, *pur* ou *pyr*, fogo.

4. As ideias do homem estão na razão direta daquilo que sabe. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deve ter dado um novo rumo a essas ideias. Sob o domínio desses novos conhecimentos, as crenças devem ter-se modificado; o céu foi deslocado. Se a região das estrelas não tem limites, o céu não pode estar lá. Onde está, então? Diante desta questão todas as religiões ficam mudas.

O espiritismo vem dar a resposta demonstrando o verdadeiro destino dos humanos. Chega-se a essa conclusão tendo em conta a natureza dos homens e como ponto de partida os atributos de Deus.

5. O ser humano é composto de corpo e de Espírito. O Espírito é o ser principal, um ser inteligente e com o domínio da razão. O corpo é o veículo material que aloja temporariamente o Espírito para cumprimento da sua missão na Terra e a execução do trabalho necessário à sua evolução.

O corpo esgota-se no fim da vida material e o Espírito sobrevive. Sem o Espírito, o corpo é matéria inerte, como um mecanismo privado da energia que o põe em movimento. Sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida e a inteligência. Deixando o corpo, entra no mundo espiritual de onde tinha saído para encarnar.

Existe, portanto, *o mundo corpóreo*, composto por Espíritos encarnados e *o mundo espiritual* formado de Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corpóreo, devido ao seu veículo material, estão ligados à Terra ou a qualquer outro planeta.

O mundo espiritual está por todo o lado, à nossa volta e no espaço, sem limites. Devido à natureza fluídica do seu perispírito, os seres que o compõem, em vez de caminharem pelo chão, percorrem distâncias enormes com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a rutura dos laços que os mantinham cativos.

6. Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com capacidades de aprender e de progredir, graças ao seu livre arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, por isso, novas possibilidades desconhecidas dos Espíritos inferiores. Veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos inferiores não podem ver, nem ouvir, nem sentir, nem compreender.

A sua felicidade é proporcional ao progresso alcançado, de tal modo que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz como o outro, unicamente porque não progrediu tanto intelectual e moralmente, sem que tenham necessidade de estar em lugares diferentes.

Embora vivendo lado a lado, um pode viver nas trevas enquanto tudo é resplandecente para o outro. Como para um cego e uma pessoa que vê, caminhando de mãos dadas; um vê perfeitamente a luz enquanto o seu companheiro nem dá por ela.

Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às qualidades que possuem, vivem-na onde quer que estão, à superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no espaço.

Uma comparação simples fará entender bem tal situação. Numa sessão de música, duas pessoas, uma que saiba música e tenha o ouvido educado e outra sem qualquer gosto musical, a primeira experimenta uma sensação de felicidade enquanto a segunda permanece indiferente. Uma compreende e sente aquilo que não sensibiliza a outra.

Assim acontece com todas as alegrias dos Espíritos, proporcionais à sua capacidade de sentir. O mundo espiritual está repleto de esplendor, harmonia e sensações que só são acessíveis aos Espíritos evoluídos, e a que são inteiramente alheios os Espíritos inferiores, ainda sujeitos à influência da matéria.

7. O progresso e a felicidade dos Espíritos são fruto do trabalho que realizam. Como são livres, uns procuram evoluir com mais entusiasmo, outros com menos. Daí que uns avancem rapidamente,

enquanto outros permanecem séculos nas posições inferiores, sendo os benefícios atribuídos “a cada um conforme as suas obras” de acordo com o que nos disse Jesus.

O Espírito que se atrasa só pode queixar-se de si próprio, assim como o que avança tem todo o mérito do seu esforço; a felicidade que conquistou tem, por isso, o maior valor aos seus olhos.

A felicidade suprema só é partilhada pelos Espíritos perfeitos, isto é, pelos Espíritos puros. Só a atingem depois de terem progredido em inteligência e em moralidade.

Estas qualidades raramente avançam ao mesmo tempo, mas o que o Espírito não fez num tempo fá-lo-á noutro, de tal forma que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Por essa razão há pessoas inteligentes e instruídas, muito pouco avançadas moralmente, ou vice-versa.

8. A reencarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade que é obrigado a desenvolver no trabalho; ao progresso moral pela necessidade que os seres humanos têm uns dos outros. A vida social é a pedra de toque das boas e más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, numa palavra, o que constitui o homem de bem ou o homem perverso, têm por móbil, por fim e por estimulante as relações do homem com os seus semelhantes.

Para *aquela* que vivesse sozinho, não haveria nem vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, se preserva do mal, também anula as possibilidades do bem.

9. Uma única existência corpórea é manifestamente insuficiente para que o Espírito possa adquirir tudo de bom que necessita, e ultrapassar tudo o que de mal haja em si.

O homem primitivo, por exemplo, poderia alguma vez atingir numa única encarnação o nível moral e intelectual das sociedades mais avançadas? Isso é materialmente impossível. Deve, então, permanecer eternamente na ignorância e na barbárie, privado das alegrias que só se podem encontrar com o desenvolvimento pleno das faculdades? O simples bom senso recusa uma tal hipótese, que seria ao mesmo tempo a negação da justiça e da bondade de Deus, e da lei do progresso. É por isso que Deus, soberanamente justo e bom, concede aos Espíritos tantas existências quantas as que forem necessárias para chegar ao objetivo final da perfeição.

Em cada nova existência o Espírito traz o que adquiriu nos precedentes, em capacidades, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade.

Do que adquiriu numa encarnação, nada se perde. Todos os progressos realizados, todos os conhecimentos adquiridos, *mesmo na última hora da existência*, são ganhos para o futuro, provas para a felicidade que não terá que repetir.

O Espírito que vê a morte aproximar-se, não deve pensar que é inútil trabalhar para a sua instrução no pouco tempo que lhe resta. Se compreende a solidariedade entre o presente e o futuro, pela lei do progresso, pensará: aproveitemos os últimos momentos para avançar o mais possível porque o que já estiver feito, feito está.

Cada existência é um passo em frente na via do progresso, a menos que, pela sua preguiça, pelo seu descuido ou pela sua obstinação no mal, a pessoa não a aproveite e, nesse caso, terá de recomeçar. Dela depende, pois, aumentar ou diminuir o número das suas encarnações, sempre mais ou menos penosas e laboriosas.¹³

10. No intervalo das existências corporais, o Espírito regressa por um tempo mais ou menos longo ao mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz conforme o bem ou o mal que tenha feito.

¹³ Na 4ª edição, adulterada, foi cortado grande parte deste item. (N.T.)

O estado espiritual é o estado normal do Espírito, uma vez que será o seu estado definitivo e que o corpo espiritual nunca morre. O estado corporal é transitório e passageiro. É sobretudo no estado espiritual que ele recolhe os frutos do progresso conseguido pelo seu trabalho durante as encarnações. É aí, também, que se prepara para as novas lutas e toma as resoluções que se esforçará para pôr em prática no seu regresso à Humanidade.¹⁴

11. A reencarnação pode ter lugar na Terra ou noutro mundo. Entre os mundos, há uns mais avançados que outros, onde a existência se realiza em condições menos penosas que na Terra, quer física quer moralmente, mas onde só são admitidos Espíritos chegados a um grau de perfeição compatível com o estado evolutivo dos seres que neles habitam.

A vida nos mundos superiores é já uma recompensa pois aí os Espíritos estão isentos dos males e das vicissitudes dos quais se é alvo aqui na Terra. Os corpos, menos materiais, com maior nível de fluidez, não estão sujeitos nem às doenças, nem às debilidades, nem às mesmas necessidades. Não existindo neles Espíritos maus, os seres humanos vivem em paz, sem outra preocupação que a do seu avanço pelo trabalho da inteligência. Reina a verdadeira fraternidade porque não há egoísmo, a verdadeira igualdade porque não há orgulho, a verdadeira liberdade porque não há desordens para reprimir nem ambiciosos querendo oprimir o mais fraco.

Comparados com a Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos. São etapas no caminho do progresso que conduz ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, ainda nela domina o mal, até que Deus decida fazer dela morada de Espíritos mais avançados.

É assim que o Espírito progride gradualmente à medida que se desenvolve, até chegar ao apogeu da felicidade. Antes de ter atingido o ponto culminante da perfeição, porém, goza de uma felicidade de acordo com o seu nível evolutivo, tal como a criança goza as alegrias da primeira idade, mais tarde as da juventude e finalmente as mais sólidas, da idade adulta.

12. A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como já dissemos, uma eterna e fastidiosa inutilidade.

A vida espiritual é, pelo contrário, e em qualquer nível de aperfeiçoamento, uma atividade constante, mas uma atividade isenta de fadiga. A suprema felicidade consiste em desfrutar de todos os esplendores da Criação, que nenhuma linguagem humana saberia explicar, que nem a imaginação mais fecunda seria capaz de conceber; consiste no conhecimento e na penetração de todas as coisas; na ausência de qualquer sofrimento, físico ou moral; numa satisfação íntima, numa serenidade da alma que nada altera; no amor puro que une todos os seres, e em consequência, na ausência de qualquer contrariedade pelo contacto com os maus e, acima de tudo, na visão de Deus e na compreensão dos seus mistérios revelados aos mais dignos. A suprema felicidade está também nas funções de que temos a alegria de ser encarregados.

Os Espíritos puros são os *enviados* ou *mensageiros* de Deus para a transmissão ou execução das suas vontades. Acompanham as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, cargo glorioso a que só chegam pela perfeição. Os de ordem mais elevada são os únicos que estão nos segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento do qual são os representantes diretos.

13. As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu grau de evolução, aos conhecimentos que possuem, às suas capacidades, à experiência e ao grau de confiança que inspiram ao soberano

¹⁴ Na edição adulterada foi acrescentado, a este item, um parágrafo. (N.T.)

mestre. Nem privilégios, nem favores sem mérito, tudo é julgado sob a mais rigorosa justiça. As missões mais importantes só são confiadas aos que Deus sabe serem capazes de as cumprir e incapazes de falhar ou de as comprometer. Enquanto, sob o olhar do próprio Deus, os mais dignos compõem o conselho supremo, é entregue aos chefes superiores a direção dos turbilhões planetários, e a outros conferida a dos mundos especiais. Vêm a seguir, pela ordem evolutiva e de subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas dos que são encarregados do progresso dos povos, da proteção das famílias e dos indivíduos, do impulso a dar a cada ramo do progresso, às diversas operações da natureza até aos mais ínfimos pormenores da criação.

No vasto e harmonioso conjunto, há ocupação para todas as capacidades, todas as aptidões, todas as boas vontades, ocupações aceites com alegria, solicitadas com entusiasmo porque é um meio de evolução para os Espíritos que aspiram ao progresso.

A encarnação é o processo pelo qual passam Espíritos de níveis inferiores. Deixa de ser necessária para aqueles que ultrapassaram esse limite e que progredem no estado espiritual ou nas existências corporais dos mundos superiores, que nada têm que se pareça com a materialidade terrena. Da parte desses Espíritos a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta para o cumprimento da missão de que são encarregados junto deles. Aceitam as vicissitudes e os sofrimentos por dedicação.

14. Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras, de todos os graus de importância, entregues a Espíritos de todas as ordens. Daí podermos dizer que cada encarnado tem a sua, isto é, deveres a cumprir para o bem dos seus semelhantes, desde os pais de família a quem incumbe a tarefa de cuidar e fazer progredir os seus filhos, até aos homens de génio que dão à sociedade novos elementos de progresso. É nestas missões secundárias que encontramos muitas vezes falhas, prevaricações, renúncias, mas que só prejudicam o indivíduo e não o conjunto.

15. Todas as inteligências contribuem para a obra geral, em qualquer grau a que tenham chegado e cada uma na medida das suas forças, umas encarnadas, outros como Espíritos. Por todo o lado existe atividade, desde a base ao topo da escala, todas instruindo-se, entreajudando-se, prestando apoio mútuo, dando-se as mãos para atingirem a perfeição.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal ou, dito de outro modo, entre os seres humanos e os Espíritos, entre os Espíritos cativos e os Espíritos livres. Assim se perpetuam e se consolidam, pelo aperfeiçoamento e pela continuidade das relações, as verdadeiras simpatias, as santas afeições.

Por toda a parte há vida e movimento. Não há parcela do infinito que não seja povoada e percorrida por legiões de seres radiosos, invisíveis para os sentidos dos encarnados, mas cuja visão arrebatava as almas libertas da matéria. Por todo o lado há uma felicidade relativa pelos progressos, pelos deveres cumpridos. Cada um traz consigo a felicidade proporcional à categoria a que pertence, ao seu grau de evolução.

A felicidade depende das qualidades próprias dos indivíduos e não do estado material do meio em que vivem. Existe onde quer que haja Espíritos capazes de serem felizes. Não lhes foi atribuído um lugar circunscrito no Universo. Onde quer que se encontrem, os puros Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda a parte.

16. A felicidade não é pessoal; se não fosse partilhada, seria egoísta e triste. A felicidade existe na comunhão de pensamentos que aproxima os seres simpáticos entre si.

Os Espíritos felizes, atraídos uns pelos outros pela semelhança de ideias, de gostos e de sentimentos, formam grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia as suas próprias qualidades e é favorecido pelas vibrações serenas e favoráveis do coletivo. Este,

tanto se dispersa para tratar das suas missões, como se reúne para partilhar os resultados alcançados, ou se encontra com Espíritos de ordem mais elevada para receber avisos e colher instruções.

17. Embora os Espíritos estejam por toda a parte, os planetas são a residência preferida, devido à analogia que existe entre eles e os que neles habitam. Nos mais avançados abundam Espíritos superiores. Nos mais atrasados pululam os Espíritos inferiores, grupo ao qual pertence a Terra. Cada planeta tem a sua população própria de Espíritos que nele vão desencarnando e reencarnando sucessivamente, realizando a sua carreira evolutiva.

Esta população é mais estável nos mundos inferiores onde os Espíritos estão mais ligados à matéria, e mais flutuante nos superiores. Nos mundos que são focos de luz e de felicidade, os Espíritos deslocam-se aos menos evoluídos para aí deixar as sementes do progresso, levar o consolo e a esperança, levantar coragens abatidas pelas provas da vida e por vezes aí encarnarem para cumprirem a sua missão com mais eficácia.

18. Nesta imensidão sem limites, onde está o Céu? Está por toda a parte; nenhuma muralha lhe serve de limites. Os mundos felizes são as últimas moradas que neles existem. As virtudes são a sua porta de entrada, os vícios interditam-lhe o acesso.

Ao lado deste quadro grandioso que povoa todos os cantos do Universo, que dá a todos os objetos da criação uma finalidade e uma razão de ser, como é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a humanidade a um imperceptível ponto do espaço, que no-la mostra começando num dado instante para acabar igualmente um dia, juntamente com o mundo que a transporta, não alcançando assim mais que um minuto da eternidade.

Como é triste, fria e glacial essa doutrina, quando nos mostra o resto do Universo, antes, durante e depois da Humanidade terrena, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio; como é desesperante, pela representação que apresenta de um pequeno número de eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas é condenada a sofrimentos sem fim! Como é pungente para os corações amorosos, pela barreira que coloca entre os mortos e os vivos. Dizem que as almas felizes só pensam na sua felicidade e as que são infelizes só pensam nas suas dores. É de admirar que o egoísmo reine na Terra, quando até no-lo querem mostrar no Céu?

É redutora e imperfeita a ideia que essa teoria dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

E como é sublime a ideia que o espiritismo nos abre de todas essas realidades. Como a sua doutrina engrandece as ideias e alarga o pensamento!

Mas quem nos garante que é verdadeira? A razão, em primeiro lugar, a revelação a seguir e mais atualmente a sua inteira concordância com o progresso da ciência.

Entre duas ideologias, uma que diminui e outra que alarga os atributos de Deus; uma que está em desacordo e outra em harmonia com o progresso; uma que fica para trás e outra que caminha em frente, o bom senso diz-nos de que lado está a verdade.

Em presença das duas, que cada um de nós, no seu íntimo, interrogue as suas aspirações. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar-nos.

19. Por que motivo, então, Deus não nos revelou, desde o princípio, toda a verdade? Pelo mesmo motivo que não se ensina às crianças o mesmo que se aprende na idade madura.

A revelação limitada foi suficiente durante um certo período das existências. Deus proporcionou-a às forças do Espírito. Os que recebem agora uma revelação mais completa, *são os mesmos Espíritos* que já receberam uma parte dela noutros tempos, mas que desde então cresceram em inteligência.

Antes que a ciência tivesse revelado as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, ter-se-ia compreendido a imensidão do espaço e a pluralidade dos mundos?

Antes que a Geologia tivesse comprovado a formação da Terra, poder-se-ia ter imaginado o inferno noutra sítio e compreender os seis dias alegóricos da criação?

Antes que a Astronomia tivesse descoberto as leis que regem o Universo, seria possível compreender que não existe “lá em cima” nem “lá em baixo” no espaço, e que o Céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas?

Antes do progresso da ciência psicológica teria sido possível identificar a vida espiritual? Ou conceber, depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, sem ser num lugar circunscrito e sob uma forma material?

É evidente que não.

Compreendendo mais através dos sentidos que dos pensamentos, o Universo era demasiado vasto para ser compreendido pelos seus cérebros. Foi preciso reduzi-lo a proporções bem menos extensas para o colocar ao alcance das suas ideias, sob a condição de o ampliar mais tarde. Uma revelação imaginária teve a sua utilidade, mas é insuficiente hoje.

Quem labora no erro são aqueles que, não tendo em conta o progresso das ideias, acreditam poder governar os seres humanos adultos com os limites da infância.

Intuição das penas futuras

1. Desde sempre se acreditou, por intuição, que os seres humanos seriam felizes ou infelizes no mundo espiritual conforme o que tivessem feito neste mundo.

Essa ideia dependia do desenvolvimento do senso moral e das ideias mais ou menos justas que tinham do bem e do mal. As penas e as recompensas eram o reflexo dos seus instintos predominantes.

Os povos guerreiros colocavam a sua suprema felicidade nas honras concedidas à bravura, os povos caçadores na abundância da caça, os povos sensuais nas delícias da volúpia.

Enquanto dominados pela matéria, os seres humanos não podem compreender completamente a espiritualidade, porque fazem das penas e das alegrias futuras um quadro mais material do que espiritual. Imaginam que se deve beber e comer no outro mundo, mas mais do que na Terra e coisas muito melhores.¹⁶

Chegando a um certo nível, há nos conceitos do futuro uma mistura de espiritualidade e de materialidade. A par da beatitude contemplativa, surge um inferno com torturas físicas.

2. Os seres primitivos só compreendiam o que viam e, naturalmente, imaginaram o seu futuro à imagem do presente. Para ir mais além, faltava-lhes desenvolvimento intelectual, que só surgiria com o tempo.

Os castigos da vida futura, que imaginavam, eram o reflexo dos males da Humanidade, numa proporção agravada. Reuniam todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que encontravam na Terra.

O sentido que mais tarde lhes faria compreender o mundo espiritual ainda não estava desenvolvido, só podia conceber penas materiais. É por isso que, com pequenas diferenças, os infernos de todas as religiões se assemelham.

O inferno cristão – cópia do inferno pagão

3. O inferno dos pagãos, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso desse género. Foi perpetuado pelos cristãos, com a ajuda dos seus literatos. Comparando-os, encontramos neles, salvo nos nomes e em alguns pormenores, numerosas analogias: ambos adotaram o fogo como base das tormentas, porque é o símbolo dos mais cruéis sofrimentos.

Os cristãos, estranhamente e sob muitos pontos, foram muito mais longe que os pagãos. Se estes tinham no seu inferno o tonel das Danaides, a roda de Ixion, o rochedo de Sísifo – suplícios individuais - o inferno cristão tem, para todos, as caldeiras a ferver cujas tampas são levantadas pelos Anjos para ver as contorções dos condenados¹⁷ e Deus ouve, sem piedade, os seus gemidos durante toda a eternidade.

¹⁵ Este capítulo foi muito adulterado. Diversos textos foram suprimidos; no entanto, o adúlterador retirou partes deles para formar os itens 3º e 4º do Capítulo VIII, que não existiam na versão original de A.K.

Note-se que os textos, quando retirados da sua localização original, ficam prejudicados no seu entendimento, além de alterar e confundir a organização inicial dos itens do cap. VIII. Neste caso e em todos em que isso acontece. (N.T.)

¹⁶ Um pequeno habitante da Sabóia, a quem o seu pároco fazia um quadro sedutor da vida futura, perguntou-lhe se lá toda a gente comia pão branco, como em Paris. (Nota de A.K.)

¹⁷ Sermão proferido em Montpellier em 1860. (Nota de A.K.)

Nunca os pagãos descreveram os habitantes dos Campos Elísios observando os suplícios do Tártaro.¹⁸

4. Como os pagãos, os cristãos têm o seu rei dos infernos, que é Satanás, com a diferença que Plutão limitava-se a governar o império das sombras que lhe tinha sido atribuído, mas não era maligno. Recebia os que tinham procedido mal, porque era a sua missão, mas não procurava induzir os homens ao mal para ter o prazer de os fazer sofrer, enquanto Satanás recruta por toda a parte as vítimas que se alegra em atormentar pelas suas legiões de demónios armados de forquilhas para os sacudir no fogo.

Discutiui-se mesmo seriamente sobre a natureza deste fogo que queima os condenados sem cessar e sem nunca os consumir; perguntava-se se era um fogo de betume ou de pez em chamas e inclinaram-se para o betume.¹⁹

O inferno cristão,²⁰ em sofrimento, nada fica a dever ao inferno pagão.

5. As mesmas considerações que, entre os Antigos, tinham feito localizar a morada da felicidade, também ajudaram a localizar o sítio dos suplícios. Tendo colocado os primeiros nas regiões superiores, é natural que colocassem os segundos nos lugares inferiores, quer dizer, no centro da Terra, cujas entradas deviam ser algumas cavidades sombrias de aspeto terrível. Foi lá também que os cristãos, durante muito tempo, colocaram a morada dos excluídos.

Notemos ainda uma outra analogia: o inferno dos pagãos tinha de um lado os Campos Elísios e do outro o Tártaro. O Olimpo, morada dos Deuses e dos homens divinizados, situava-se nas regiões superiores. Segundo a letra do Evangelho, Jesus descia aos infernos, quer dizer, aos lugares inferiores, para de lá tirar as almas justas que esperavam a sua vinda.

Os infernos não eram só um lugar de suplício. Como entre os pagãos, situavam-se também nos lugares baixos, tal como o Olimpo, a morada dos Anjos e dos Santos se situava nos lugares elevados. Colocaram-na para além do céu das estrelas que se acreditava ser limitado.

6. Esta mistura das ideias pagãs e das ideias cristãs não tem nada que deva surpreender. Jesus não podia, de repente, destruir as crenças enraizadas. Se tivesse descrito as penas e as alegrias futuras na sua realidade espiritual, não seria compreendido. Faltavam aos homens os conhecimentos necessários para conceber o infinito do espaço e o número infinito de astros. A Terra era, para eles, o centro do Universo. Não conheciam a sua forma nem a sua estrutura interior, tudo era limitado aos seus pontos de vista. As noções de futuro não podiam ir para além dos seus conhecimentos e Jesus não tinha a possibilidade de lhes mostrar a verdadeira face das coisas. Não querendo admitir os preconceitos existentes, absteve-se, deixando ao tempo a tarefa de retificar as ideias. Limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada e dos castigos que esperavam os culpados. Contudo, em parte alguma dos seus ensinamentos encontramos o quadro de suplícios corporais de que os cristãos fizeram artigo de fé.

Foi assim que as ideias do inferno pagão se perpetuaram até aos nossos dias. De tempos a tempos, as pessoas mais esclarecidas encararam as penas futuras sob um aspeto mais racional, mas sem conseguirem vencer a ignorância e as crenças mantidas de propósito por certos interesses.

¹⁸ Sermão de S. Tomás de Aquino: – “Os bem-aventurados, sem saírem do lugar que ocupam, dele sairão, no entanto, de uma certa forma, devido ao seu dom de inteligência e de visão distinta, a fim de considerarem as torturas dos condenados; e vendo-os, não somente *não sentirão nenhuma dor*, mas *serão cobertos de alegria*, e renderão graças a Deus por sua própria felicidade, assistindo à inefável calamidade dos ímpios”

¹⁹ Sermão proferido em Paris em 1861. (Nota de A.K.)

²⁰ É óbvio que este inferno dos cristãos, tal como o dos pagãos, só existia na mente dos que o inventaram e dos que nele acreditavam. Foi necessário o spiritismo para provar este facto. (N.T.)

Foi necessária a difusão do conhecimento nos tempos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana para se lhe fazer justiça. Como nada de positivo substituiu as ideias já aceites, a um longo período de uma crença cega seguiu-se, como transição, o período de incredulidade, ao qual a nova revelação tenta pôr um termo.

Era preciso demolir antes de construir, porque é mais fácil fazer aceitar ideias justas aos que não creem, porque lhes falta o essencial, do que aos que construíram uma fé robusta em bases absurdas.

As descobertas científicas desalojaram o inferno do centro da Terra, como baniram o céu do Empíreo, mas não destruíram o princípio das penas e recompensas, porque este princípio está, diziam, de acordo com a justiça de Deus. Com o progresso das ideias essa crença foi simplesmente modificada num sentido mais racional, sobre a sua natureza. Perguntou-se, então: onde estão o céu e o inferno?

Durante algum tempo a fé flutuou, incerta, tanto sobre um ponto como sobre o outro. A revelação moderna veio hoje firmar a opinião, mostrando-nos o estado daqueles que são felizes.

Pelos exemplos que coloca sob os nossos olhos, ensina-nos que a alma sofre, no mundo invisível, por todo o mal que fez e por todo o bem que podia ter feito e não fez, na vida terrena. Que não é condenada a uma pena absoluta, uniforme e por um período determinado, mas que sofre as consequências naturais de todas as suas más ações, até que tenha melhorado pelo esforço da sua vontade. *Está em si o próprio castigo, e isso por toda a parte em que se encontre. Não há um lugar circunscrito.* O inferno está onde existem almas sofredoras, como o céu está onde houver almas felizes, nada impedindo que, umas e outras se agrupem de acordo com as suas condições.

A alma sofre as penas das suas imperfeições no estado de Espírito ou como pessoa encarnada; mas as que são imperfeitas, estando excluídas dos mundos felizes onde perturbariam a harmonia, são relegadas para mundos menos avançados física e moralmente, onde expiam as faltas pelas tribulações da vida, até que mereçam encarnar em mundos superiores.

Se se puder conceber um inferno localizado é nos mundos de expiação, porque é à volta desses mundos que pululam os Espíritos imperfeitos desencarnados, esperando uma nova existência que, permitindo-lhes reparar o mal que fizeram, ajudará ao seu avanço.

7. Pelo facto de localizarem o céu e o inferno, as religiões cristãs foram levadas a admitir, para as almas, unicamente duas situações extremas: a perfeita felicidade ou o sofrimento absoluto. O purgatório é apenas uma posição intermediária momentânea, ao sair da qual elas passam, sem transição, para a morada dos bem-aventurados. Não podia ser de outro modo segundo a crença na fixação definitiva da sorte da alma depois da morte. Se só há duas moradas, a dos eleitos e a dos condenados, não se podem admitir vários graus em cada uma sem admitir a possibilidade de os transpor e, por consequência, o progresso. Se há progresso, não há sorte definitiva; se há sorte definitiva, não há progresso.

Jesus resolveu a questão quando disse: *“Há muitas moradas na casa de meu Pai”*²¹

Os limbos

8. A Igreja católica admitiu, é verdade, uma posição especial em certos casos: as crianças que morrem de tenra idade, não tendo feito qualquer mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno; por outro lado, não tendo feito qualquer bem, também não têm direito à felicidade suprema. Ficam então, diz ela, nos **limbos**, situação mista que nunca foi definida, na qual – não sofrendo – não desfrutam de perfeita felicidade. Porque a sua sorte está irrevogavelmente fixada, são privadas dessa felicidade

²¹ Ver o Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo III. (A.K.)

para toda a eternidade. Esta privação, não tendo sido causada por elas, equivale a um suplício eterno imerecido.

Acontece o mesmo com os homens primitivos que, não tendo recebido a graça do batismo e o conhecimento religioso, pecam por ignorância, abandonando-se aos seus instintos naturais, não podendo ter nem as culpas nem os méritos dos que puderam trabalhar com conhecimento de causa para evoluírem.

A simples lógica recusa uma semelhante doutrina em nome da justiça de Deus. A justiça de Deus está integralmente nestas palavras de Jesus: *“A cada um segundo as suas obras”*. Mas é preciso entender que se trata das obras boas ou más que praticam, livre e voluntariamente, as únicas de que somos responsáveis, o que não é o caso das crianças, nem dos primitivos, nem daqueles que não puderam ser esclarecido.

A doutrina espírita ensina-nos que não há uma única imperfeição da alma que não tenha consequências lamentáveis, inevitáveis, assim como não há nenhuma boa qualidade que não seja fonte de alegria.

A soma das penas é, assim, proporcional à soma das imperfeições, do mesmo modo que as alegrias estão na proporção da soma das qualidades. Daqui resulta que a alma que tem dez imperfeições sofre mais do que aquela que só tem três ou quatro. E que, quando das dez imperfeições só lhe faltam vencer três ou quatro, sofrerá menos, e quando já as tiver vencido todas, não sofrerá mais e será perfeitamente feliz.

Assim também, na Terra, a pessoa que tiver várias doenças sofre mais do que a que tiver só uma, ou que não tiver nenhuma. Pela mesma razão, aquele que possui dez qualidades é mais feliz do que o que tiver menos.

Consequentemente há tantos graus no estado de felicidade ou infelicidade das almas, depois da morte, como há de qualidades boas ou más que possuem.

Como todas as almas têm a possibilidade de adquirir o bem e de se libertar do mal, conforme os esforços da sua vontade, o futuro não está fechado para nenhuma. Deus não ignora nenhum dos seus filhos. Acolhe-os à medida que evoluem, valorizando o mérito das suas obras.

A natureza das penas é objeto de um capítulo especial e resulta dos numerosos exemplos citados na segunda parte deste livro.²²

²² Na 1ª edição o IV capítulo acaba aqui, no nº 8. Na 4ª edição continua, com o nº 9, que corresponde ao nº1 do Cap. V da 1ª edição. E vai até ao nº 15, que é o nº 7 e último da 1ª edição.

1º) O inferno pagão

1. O inferno pagão foi descrito com pormenor pelos poetas Homero e Virgílio, mas é preciso ter em conta as condicionantes que a poesia impõe à forma. A descrição em prosa de Fénelon,²³ no seu *Telémaco*, embora com a mesma origem quanto às crenças fundamentais, é mais simples.

Descrevendo o aspeto lúgubre dos lugares, preocupa-se em fazer sobressair o género de sofrimentos que os culpados sofrem e se desenvolve muito a sorte dos maus reis, é porque tinham em vista a instrução dos seus reais alunos.

Embora a sua obra fosse popular, muitas pessoas não têm essa descrição suficientemente presente na memória. Ou talvez não tenham refletido sobre ela o bastante para estabelecer uma comparação; é por isso que julgamos útil reproduzir as partes que têm uma relação mais direta com o assunto de que estamos a tratar, isto é, aquelas que dizem respeito especialmente às penas individuais.

2. “Ao entrar, Telémaco ouve os gemidos de uma sombra que não conseguia consolar-se. Perguntou-lhe: A que se deve a tua infelicidade? Quem eras na Terra? Respondeu-lhe a sombra: Eu era Nabofarzan, rei da Babilónia. Todos os povos do Oriente tremiam só de ouvir o meu nome. Fazia-me adorar pelos babilónios num templo de mármore, onde estava representado por uma estátua de ouro, diante da qual se queimavam, noite e dia, os preciosos perfumes da Etiópia. Ninguém ousou contradizer-me sem ter sido imediatamente punido; inventava todos os dias novos prazeres para me tornarem a vida mais deliciosa. Era jovem e robusto. Porém, uma mulher que eu amava, e que não me amava, fez-me sentir bem que não era Deus. Envenenou-me e agora, nada sou.

Ontem, colocaram as minhas cinzas numa urna de ouro, com toda a pompa: choraram, arrancaram os cabelos, fingiram querer deitar-se nas chamas da minha pira funerária para morrer comigo; vão ainda chorar junto ao imponente túmulo onde puseram as minhas cinzas, mas ninguém tem pena de mim. A minha memória causa horror mesmo à minha família e, aqui em baixo, já sofro maus tratos.”

²³ **François Fénelon**, pseudónimo de **François de Salignac de La Mothe-Fénelon** (6 de agosto de 1651 - 7 de janeiro de 1715), foi um teólogo católico, poeta e escritor francês, cujas ideias liberais sobre política e educação, esbarravam contra o "*statu quo*" da Igreja e do Estado dessa época. Pertenceu à Academia Francesa de Letras.

Depois de uma vida de grande atividade, escreveu por volta de 1681, *De L'éducation des filles* ("Da educação das meninas"), primeira obra significativa na sua carreira de escritor e educador. O livro, solicitado pela duquesa de Beauvillier para orientá-la na educação das filhas, alcançou grande sucesso, tornando-se obra de referência para as famílias da época, bem como texto de consulta para os estudiosos da pedagogia. Graças à sua simplicidade, doçura e caridade, Fénelon obteve considerável sucesso, conseguindo converter rapidamente grande número de pessoas. Não escapou, no entanto, de algumas críticas. É que as alas mais radicais da igreja atacaram os seus métodos. Ele preferiu não se justificar.

Quando vagou o bispado de Poitiers o nome de Fénelon foi indicado e o rei concordou, mas a nomeação não chegou a concretizar-se, segundo se diz, por causa das intrigas do nobre senhor de Harlay, arcebispo de Paris, que tinha lá as suas divergências.

Pouco depois, em 1689, os bons ventos do sucesso voltaram a soprar a favor do jovem prelado. Em 1689, o duque de Beauvilliers, designado "governador" do jovem duque de Borgonha - neto do rei e herdeiro presuntivo da coroa - escolheu **Fénelon** para o honroso cargo de preceptor do príncipe. Fénelon dedicou-se logo a trabalhar no sentido de corrigir o comportamento do príncipe por meio de fábulas, que ele próprio ia escrevendo. Escreveu, em seguida, o curioso *Dialogues des Morts* ("Diálogos dos Mortos"), engenhoso e criativo texto, no qual punha a dialogar personalidades históricas do passado, empenhadas em (re)avaliar seus próprios atos e postura.

Morreu em Cambrai a 7 de janeiro de 1715, aos sessenta e três anos de idade. Com ele desapareceu um dos membros mais ilustres do episcopado francês, certamente um dos homens mais atrativos da sua época. Deve o seu sucesso unicamente aos seus talentos grandes e virtudes admiráveis. (N.T.)

“Telémaco, sensibilizado com este espetáculo, disse-lhe: – Eras verdadeiramente feliz durante o teu reinado? Sentias a doce paz sem a qual o coração permanece apertado e abatido, no meio das delícias?

– Não, nem sei mesmo o que queres dizer. Os sábios falam dessa paz como o único bem. Mas nunca a senti. Estava sempre inquieto com novos desejos, angústias e esperanças. Tentava atordoar-me com a emoção das paixões; procurava essa embriaguez contínua; o menor intervalo de mente tranqüila era demasiado amargo para mim. Eis a paz de que usufruí; qualquer outra me parecia uma fábula e um sonho.”

“Falando assim, o babilônio chorava como um cobarde amolecido pela prosperidade, que não estava habituado a suportar as infelicidades da vida. Tinha junto de si alguns escravos que tinham sido mortos para honrar os seus funerais. Mercúrio²⁴ tinha-os entregado a Caronte²⁵ com o seu rei, e tinha-lhes dado poder absoluto sobre o que tinha sido seu tirano. *As sombras dos escravos não temiam a sombra de Nabofarzan; tinham-no acorrentado e sujeitavam-no às mais cruéis atrocidades.* Um dizia-lhe:

– Sendo homem como nós, como pudeste acreditar que eras um deus?

Outro, para o insultar, dizia-lhe:

– Tinhas razão por não queres que te considerassem um homem, porque eras um monstro sem humanidade.

E outro:

– Onde estão agora os teus adutores? Não tens mais nada para dar, infelizmente! Também já não podes fazer mal. Aqui estás, escravo dos teus próprios escravos: os deuses são lentos a fazer justiça, mas acabam por fazê-la.”

“Ao ouvir estas duras palavras, Nabofarzan atirou-se de rosto contra o chão, arrancando os cabelos num excesso de raiva e de desespero.

Caronte dizia aos escravos: puxem-no pela corrente. Levantem-no, mesmo contra a sua vontade, *não terá o consolo de esconder a vergonha. É preciso que todas as sombras do Estige²⁶ sejam testemunhas*, para inocentarem os deuses que tanto tempo permitiram que este ímpio reinasse na Terra.

“Apercebeu-se que, junto de si, estava o Tártaro, o Mundo das Trevas.²⁷ Saía de lá um fumo negro e espesso cujo cheiro empestado mataria, se se espalhasse na morada dos vivos. Esse fumo cobria um rio de fogo e de turbilhões de chamas, cujo barulho, semelhante ao das torrentes mais impetuosas quando se lançam dos altos rochedos para o fundo dos abismos, fazia com que nada se pudesse ouvir claramente nestes tristes lugares.”

“Telémaco, secretamente animado por Minerva²⁸, entrou sem medo nessa caverna. Primeiro, apercebeu-se de um grande número de pessoas que tinham vivido nas mais baixas condições e que eram punidos por terem procurado riquezas através de fraudes, de traições e de crueldades.

²⁴ **Mercúrio**, na mitologia romana, associado ao deus grego Hermes, é um mensageiro e deus da venda, lucro e comércio.

²⁵Na mitologia grega, **Caronte** é o barqueiro do Hades (deus do inferno), que carrega as almas dos recém-mortos sobre as águas dos rios Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Uma moeda para lhe pagar pelo trajeto, geralmente um óbolo, era colocada dentro ou sobre a boca dos cadáveres, de acordo com a tradição funerária da Grécia Antiga. Segundo alguns autores, aqueles que não tinham condições de pagar a quantia, ou aqueles cujos corpos não haviam sido enterrados, tinham de vagar pelas margens por cem anos.

²⁶ **Estige**(mitologia grega) era uma ninfa das águas. De acordo com a lenda, Zeus buscava aliados imortais para a guerra contra os Titãs. Por ter sido a primeira a jurar lealdade ao deus supremo, Estige foi convertida num rio sagrado, o maior e mais importante dos cinco rios do Hades. (N.T.)

²⁷ Assim como Gaia era a personificação da Terra e Úrano a personificação do Céu, **Tártaro** era a personificação do Mundo Inferior. Nele estavam as cavernas e grutas mais profundas e os cantos mais terríveis do reino de Hades, o mundo dos mortos, para onde todos os inimigos do Olimpo eram enviados e onde eram castigados pelos seus crimes. (N.T.)

²⁸ **Minerva** era a deusa latina da sabedoria, equivalente a Atena, dos gregos. (N.T.)

Notou muitos ímpios hipócritas que, fingindo que amavam a religião, se tinham servido dela para satisfazer a sua ambição e trocar das pessoas crentes; estes eram punidos como os mais perversos de todos.

Os filhos, que tinham degolado os pais ou as mães, as esposas que tinham manchado as mãos no sangue dos seus maridos, os traidores que tinham entregado a sua pátria depois de terem violado todos os juramentos, sofriam penas menos cruéis que os hipócritas.

Os três juízes dos infernos assim o quiseram porque esses hipócritas não se contentaram em ser maus, quiseram também passar por bons, e fizeram, pelas suas falsas virtudes, com que os homens deixassem de acreditar nas verdadeiras. Os deuses, com quem eles brincaram, e que tornaram desprezíveis aos olhos dos homens, têm prazer em empregar todo o seu poder para se vingar dos seus insultos.”

“Junto destes apareciam outros homens, que as pessoas comuns nem achavam culpados, e que a vingança divina perseguia impiedosamente: os ingratos, os mentirosos, os bajuladores que louvaram o vício, os críticos maldosos que mancharam e amachucaram as mais puras virtudes e os que julgaram temerariamente as coisas sem as conhecer a fundo, afetando a reputação de inocentes.”

“Telémaco, vendo os três juízes que estavam sentados e que condenavam um homem, ousou perguntar-lhes quais eram os seus crimes. O condenado tomou a palavra e exclamou:

– Eu nunca fiz mal; pus todo o meu gosto em fazer o bem; fui magnífico, liberal, justo, indulgente; de que podem condenar-me? Então Minos²⁹ disse-lhe:

– Não te condenamos por nada que fizeste em relação aos homens; mas aos deuses!

Qual é a justiça de que te vanglorias? Não faltaste aos deveres para com os homens. Foste virtuoso, mas dirigiste toda a virtude para ti mesmo e não para os deuses, que ta tinham dado, porque querias usufruir do fruto da tua própria virtude e fechar-te em ti próprio: *foste a tua divindade*.

Os deuses, que fizeram tudo, e que nada fizeram senão para si próprios, não podem renunciar aos seus direitos. Esqueceste-os, eles entregar-te-ão a ti mesmo, já que quiseste ser teu e não deles. *Procura agora, se puderes, o consolo no teu próprio coração*.

Estás separado, para sempre, dos homens a quem quiseste agradar; estás sozinho contigo mesmo, que eras o teu ídolo. Aprende que não há verdadeira virtude sem o respeito e o amor dos deuses, a quem tudo é devido.

A tua falsa virtude, que há muito tempo deslumbrou os homens fáceis de enganar, vai ser ofuscada. Os homens, julgando os vícios e as virtudes unicamente pelo que os choca ou lhes convém, são cegos sobre o bem e sobre o mal. Aqui há uma luz divina que derruba todos os julgamentos superficiais: muitas vezes condena o que eles admiram e justifica o que eles condenam.

“A estas palavras, o filósofo, como que atingido por um golpe repentino, não conseguia suportar-se. A satisfação com que outrora contemplava a sua moderação, a sua coragem e as inclinações generosas, transformou-se em desespero.

A visão do seu próprio coração, inimigo dos deuses, tornou-se o seu suplício. Está a ver-se e não pode evitá-lo. Vê a vaidade dos homens a quem quis agradar em todas as suas ações. Fez uma revolução total de tudo o que estava dentro de si, como se revolvesse as entranhas. Já não se acha o mesmo; falta-lhe todo o apoio no coração; a sua consciência, cujo testemunho lhe foi tão doce, levanta-se contra ele e censura amargamente o erro e a ilusão de todas as suas virtudes, que não tiveram o culto da divindade por princípio nem por fim; está perturbado, consternado, cheio de vergonha, de remorsos e de desespero.

²⁹ **Minos:** (mitologia grega), rei lendário de Creta (antiga Cândia, ilha grega do Mediterrâneo), filho de *Europa* e de *Zeus*. Era juiz do inferno com *Eaco* e *Radamanto*. (N.T.)

*As Fúrias*³⁰ não o atormentam, porque lhe basta estar entregue a si próprio para que o seu coração vingue os deuses desprezados. Procura os lugares mais sombrios para se esconder dos outros mortos, já que não pode esconder-se de si.

Procura as trevas e não consegue encontrá-las; uma luz importuna segue-o por toda a parte. Por toda a parte os raios penetrantes da verdade vão vingar a verdade que ele descuro.

Tudo o que amou se tornou odioso como fonte dos seus males. Diz para si mesmo: Oh, insensato, não conheci os deuses, nem os homens, nem a mim mesmo; todos os meus passos foram errados; a minha pretensa sabedoria era apenas loucura; a minha virtude era unicamente um orgulho ímpio e cego; eu era o meu próprio ídolo.”

“ Por fim Telémaco reconheceu os reis que foram condenados por terem abusado do poder. De um lado, uma *Fúria* vingadora *apresentava-lhes um espelho que refletia toda a deformidade dos seus vícios*; neles viam refletida a sua vaidade ávida dos mais ridículos louvores; a sua dureza para os homens aos quais deviam proporcionar a felicidade; a insensibilidade para a virtude; o medo de escutar a verdade; a inclinação para os fracos e aduladores; a falta de aplicação; a inércia; a indolência; a desconfiança ilimitada; o fausto e a excessiva magnificência à custa da ruína dos povos; a ambição das glórias vãs à custa do sangue dos concidadãos; enfim, a crueldade que procura todos os dias novas delícias entre as lágrimas e o desespero de tantos infelizes.

Esses reis viam-se constantemente nesse espelho, achando-se mais horríveis e mais monstruosos que a Quimera³¹ vencida por Belerofonte,³² que a Hidra de Lerna³³ abatida por Hércules³⁴, e que o próprio Cérbero³⁵, que vomitava um sangue negro e venenoso pelas suas três goelas escancaradas, capaz de empestar todo o género de mortais que vivem na Terra.

³⁰ **As Fúrias**, dos romanos, chamadas **Erínias** pelos gregos, eram personificações da vingança semelhantes a Némesis que punia os deuses enquanto a Erínias puniam os mortais. Tisífone - o castigo, Megera - o rancor e Alecto - a interminável, viviam no submundo onde torturavam as almas pecadoras que ali chegavam depois de passar pelo veredito de Hades.

³¹ **Quimera** - um dos animais fabulosos da mitologia grega. Era algo entre o leão e a cabra, ou, então, numa versão mais generalizada, um monstro com cabeça de leão num corpo de cabra e com uma cauda de serpente. Como o dragão, deitava chamas pela boca, para além de devorar homens e exércitos inteiros.

³² **Belerofonte**- herói mitológico grego que, montado no cavalo Pégaso (cavalo alado que se tornou o símbolo da inspiração poética) realizou grandes proezas entre elas matar Quimera.

³³ A **Hidra de Lerna**, na mitologia grega - era uma serpente de sete cabeças, que habitava um pântano junto ao lago de Lerna, na Argólida. Segundo a lenda, as cabeças podiam se regenerar se não fossem cortadas de uma só vez; A Hidra era tão venenosa que matava os homens apenas com o seu hálito e comia-os; se alguém chegasse perto, enquanto ela dormia, apenas pelo cheiro a pessoa já morria com terrível tormento. A Hidra foi derrotada por Hércules, no seu segundo trabalho.

³⁴ **Hércules** ou Hércules é um dos mais notáveis **heróis e semideuses da mitologia greco-romana**. Com um aspeto viril, foi um grande guerreiro. Sua madrasta, a deusa Juno, que nunca gostou dele, resolveu lançar-lhe um feitiço. Foi assim que ele ficou louco e matou todos seus filhos e sua esposa. Foi castigado, reduzido à escravidão, vendido, etc. Já recuperado da loucura. recebeu doze difíceis tarefas: “Os doze trabalhos de Hércules”, o segundo dos quais era derrotar a Hidra de Lerna.

³⁵ **Cérbero**, na mitologia grega- cão monstruoso de três cabeças, guardião do inferno.

Ao mesmo tempo, de outro lado, uma outra Fúria repetia-lhes, com insultos, todos os louvores que os seus adutores lhes tinham feito durante a vida, e apresentavam-lhe um outro espelho em que se viam tal como a bajulação os tinha retratado. A oposição destas duas imagens tão contrárias eram um suplício para a sua vaidade. Note-se que os piores de entre esses reis foram os que tiveram os maiores louvores durante a sua vida, porque os maus são mais temidos que os bons e exigem sem pudor as vis adulações dos poetas e oradores do seu tempo.

Ouvem-se gemer nas profundezas dessas trevas, onde só veem os insultos e o escárnio que têm de sofrer. Não têm nada à sua volta que não os repila, que não os contradiga, que não os confunda, ao contrário do que tinham na Terra onde brincavam com a vida dos homens e julgavam que tudo era feito para os servir.

No Tártaro, foram entregues a todos os caprichos de certos escravos que, agora, lhes faziam sentir uma cruel servidão: eles servem com dor e não lhes resta qualquer esperança de alguma vez poderem suavizar o seu cativo. Estão sob o domínio dos seus escravos que se transformaram em tiranos impiedosos, como uma bigorna está sob os golpes dos martelos dos Ciclopes³⁶ quando Vulcano³⁷ os pressionou a trabalhar nas fornalhas ardentes do monte Etna.³⁸

“Aí, Telémaco vislumbrou rostos pálidos, feios e consternados. É uma tristeza negra que corrói estes criminosos; eles têm horror de si mesmos e não podem livrar-se deste horror nunca mais, tal como não podem livrar-se da sua própria natureza. *Não precisam de outro castigo para as suas faltas, além delas mesmas: vêem-nas constantemente em toda a sua enormidade; elas apresentam-se-lhes como espetros horríveis, perseguem-nos.*”

Para se livrarem dessa perseguição, procuram uma morte mais poderosa do que a que os separou dos seus corpos. No desespero em que estão chamam em seu socorro uma morte que possa extinguir todos os seus sentimentos e todos os seus conhecimentos. Pedem aos abismos que os engulam para fugirem aos raios vingativos da verdade que os persegue, mas estão reservados à vingança que sobre eles destila gota a gota e que nunca estancará. *A verdade que têm medo de ver é o seu suplício.* Vêm-na, e só têm olhos para a ver erguer-se contra eles; a sua visão fere-os, rasga-os, arranca-os a si mesmos. É como o raio: sem nada destruir à sua volta, penetra-os até ao fundo das entranhas. Tal como um metal numa fornalha ardente, a alma está como que fundida por um fogo vingador, que dissolve até aos princípios da vida e não pode morrer. É arrancada a si mesma; nunca mais pode encontrar apoio ou repouso por um único instante.

Só vive para a raiva que sente contra si-mesmo, e para a perda forçada de qualquer esperança.”

Entre as coisas que fizeram os cabelos de Telémaco ficar em pé, foi a visão de vários reis antigos da Lídia, que eram punidos por terem preferido as delícias de uma vida inativa, ao trabalho para o consolo dos povos, que deve ser inseparável da realeza.

Estes reis repreendiam-se uns aos outros pela sua cegueira.

Um, dizia ao outro, que tinha sido seu filho:

– Não vos recomendei muitas vezes, durante a velhice e antes da minha morte, que reparásseis o mal que eu tinha feito devido à minha negligência?

Dizia o filho:

– Ah! Infeliz pai! Fostes vós que me perdestes! Foi o vosso exemplo que me inspirou o fausto, o orgulho, a volúpia e a dureza para com os homens! Vendo-vos reinar com tanta indolência e cercado

³⁶ Os **Ciclopes** eram, na mitologia grega, gigantes imortais com um só olho no meio da testa que, segundo o hino de Calímaco, trabalhavam como ferreiros, forjando os raios usados por Zeus. Habitavam sob o Monte Etna.

³⁷ **Vulcano** (Hefesto na mitologia grega) era o deus romano do fogo. A sua figura era representada como um ferreiro. Era ele quem forjava os raios, atributo de Júpiter.

³⁸ O **Etna** é um vulcão ativo situado na parte oriental da Sicília. É o mais alto vulcão da Europa fora da região do Cáucaso, e um dos mais altos do mundo.(3 350 m.)

de adutores cobardes, fui-me acostumando a apreciar a lisonja e os prazeres. Acreditei que os outros homens fossem, em relação aos reis, o que os cavalos e os outros animais de carga são em relação aos homens, ou seja, animais de que só se faz caso quando prestam serviços e dão comodidades. Eu acreditei, porque vós me fizestes acreditar; e agora sofro tanto mal por vos ter imitado.”

A estas repreensões acrescentavam as mais terríveis maldições e pareciam cheios de raiva, capazes de se matarem uns aos outros.

À volta destes reis pairavam ainda, como corujas da noite, suspeitas cruéis, alarmes vãos, as desconfianças que vingam os povos da dureza dos seus reis, a fome insaciável de riquezas, a falsa glória, sempre tirânica, e a indolência covarde que aumenta todos os males de que se sofre sem nunca poder dar verdadeiros prazeres.

Viam-se vários destes reis severamente punidos, *não pelo mal que tivessem feito, mas por terem negligenciado o bem que deveriam ter praticado.*

Todos os crimes dos povos, que resultaram da negligência com que fizeram cumprir as leis, foram imputados aos reis, que só devem reinar para que as leis sejam cumpridas pelo seu ministério.

Imputavam-se-lhes, também, todas as desordens resultantes do fausto, do luxo e de todos os outros excessos que lançam os homens num estado de violência e na tentação de desprezar as leis para adquirir riquezas.

Também se tratavam rigorosamente os reis que, em vez de terem sido bons e vigilantes pastores dos povos, só cuidaram de destruir o rebanho, como lobos devoradores.

“Mas, o que mais entristeceu Telémaco foi ver, neste abismo de trevas e de dores, um grande número de reis que, tendo sido considerados na Terra como reis muito bons, foram condenados às penas do Tártaro por se terem deixado governar por homens maus e artificiais. Foram punidos pelos males que deixaram praticar em nome da sua autoridade. Além disso, a maior parte destes reis não tinham sido bons nem maus, pois a sua fraqueza era grande. Nunca se preocuparam em conhecer a verdade; nunca tiveram o gosto da virtude e nunca encontraram prazer em fazer o bem!”

2º) O Inferno cristão

3. A opinião dos teólogos sobre o inferno está resumida nas citações que se seguem. *Tendo sido tirada dos autores sagrados e da vida dos santos, pode ser considerada como a expressão da fé ortodoxa, que é reproduzida constantemente, com pequenas variações, nos sermões do púlpito evangélico e nas instruções pastorais.*³⁹

4.“Os demónios são apenas Espíritos, e os condenados, presentemente no inferno, também são apenas Espíritos, visto que só a sua alma aí desceu, e que os seus ossos, entregues à terra, transformam-se em ervas, plantas, frutos, minerais, líquidos, sofrendo, sem o saber, as contínuas metamorfoses da matéria. Mas os condenados, assim como os santos, devem ressuscitar no último dia e retomar, para não mais o abandonar, um corpo carnal, o mesmo corpo pelo qual foram conhecidos entre os vivos. O que os distinguirá uns dos outros é que, enquanto os eleitos ressuscitarão num corpo purificado e todo radioso, os condenados ficarão num corpo imundo e deformado pelo pecado. Assim, não haverá um inferno apenas de Espíritos, mas um inferno de pessoas como nós.”⁴⁰

³⁹ Estas citações são tiradas da obra intitulada “*O Inferno*”, de *Auguste Callet*. (A.K.)

⁴⁰ É isto que diz o “Catecismo do Vaticano” e que muitas pessoas, mesmo católicas, ignoram. (N.T.)

O inferno é, por conseguinte, um lugar físico, geográfico, material, que será povoado por criaturas terrenas, tendo pés, mãos, boca, língua, dentes, orelhas, olhos parecidos com os nossos, sangue nas veias, nervos sensíveis à dor.

Onde está situado o inferno? Alguns doutores da Igreja colocaram-no nas entranhas da nossa Terra; outros, em não sei que planeta. Mas a questão não foi decidida por nenhum Concílio. Está-se, pois, neste ponto, reduzido às conjeturas. A única coisa que se afirma é que o inferno, onde quer que esteja situado, *é um mundo composto de elementos materiais*, mas um mundo sem Sol, sem Lua, sem estrelas, mais triste, mais inóspito, mais desprovido de germes e de qualquer aparência do bem do que o são as partes mais inabitáveis deste mundo onde pecamos.

“Os teólogos mais sérios não se atrevem a descrever, à maneira dos Egípcios, dos Hindus e dos Gregos, todos os horrores desta morada. Limitam-se a mostrar-nos, como uma amostra, o pouco que as Escrituras desvendam: o lago de chamas de enxofre do Apocalipse⁴¹, os vermes de Isaías⁴² que formigam eternamente nos cadáveres dos mortos do Tofel,⁴³ e os demónios atormentando os homens que perderam e os homens chorando e rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas.

“*Santo Agostinho não concorda que as penas físicas sejam simples imagens de penas morais; ele imagina um verdadeiro tanque de enxofre, vermes e serpentes autênticas mordendo em todas as partes do corpo dos condenados, acrescentando as suas dentadas ao fogo. Afirma, a partir de um versículo de S. Marcos, que esse fogo estranho, embora material como o nosso e agindo sobre corpos materiais, os conserva, assim como o sal conserva a carne dos animais sacrificados. Mas os condenados, vítimas sempre sacrificadas e sempre vivas, sentirão a dor que queima sem destruir. Penetrará sob a sua pele, em todos os membros, até à medula dos ossos e à pupila dos olhos, e nas fibras mais escondidas e mais sensíveis de todo o seu ser. Se pudessem mergulhar na cratera de um vulcão, seria um lugar para se refrescarem e repousarem.*

“Assim falam, com toda a segurança, os teólogos mais tímidos, mais discretos e mais reservados, que não negam que haja no inferno outros suplícios corporais. Dizem só que, para falar deles, não têm um conhecimento suficiente, tão concreto como o que lhes foi dado do horrível suplício do fogo e do repugnante suplício dos vermes.

Mas há teólogos mais ousados que fazem descrições do inferno mais detalhadas, mais variadas e mais completas. Se bem que não saibam onde se situa este inferno, há santos que já o viram. Não foram lá conduzidos de lira na mão, como Orfeu, nem empunhando a espada, como Ulisses; foram transportados em Espírito. **Santa Teresa** está entre esse número.

“Disse que há cidades no inferno. Andou lá numa espécie de ruela longa e estreita, como existem nas cidades antigas. Entrou, caminhando com horror, num terreno lamacento, malcheiroso, onde fervilhavam répteis monstruosos. Encontrou uma muralha que fechava a rua, em que havia um nicho onde Teresa se aninhou, sem saber muito bem como isso aconteceu. Disse ser o lugar que lhe estava destinado, se abusasse durante a vida das graças que Deus derramava sobre a sua cela de Ávila.

Embora tivesse entrado com enorme facilidade nesse nicho de pedra, não podia sentar-se, nem deitar-se, nem ficar de pé. Muito menos podia sair. A muralha horrível desceu, envolvendo-a, fechando-a, como se tivesse vida. Parecia-lhe que a estrangulava e, ao mesmo tempo, que a esfolava e a cortava em pedaços. Sentia-se a arder e sofria ao mesmo tempo todo o tipo de angústias.

⁴¹ O Apocalipse de S. João é o último livro do novo Testamento. (N.T.)

⁴² Isaías, XIV:11 e LXVI:18 (N.T.)

⁴³ Tofel foi uma cidade edomita mencionada na *Bíblia*, em Deuteronómio I,1: "Estas são as palavras que Moisés falou a todo o Israel, dalém do Jordão, **no deserto**, na planície defronte do mar de Sufe, entre Parã, e **Tofel**, e Labã, e Hazerote, e Di-Zaabe... (N.T.)

De socorro, nem esperança; à sua volta eram só trevas e, no entanto, através das trevas apercebia-se, não sem espanto, da rua horrível onde estava localizada e toda a sua envoltória imunda, espetáculo para si tão intolerável como o aperto da sua prisão.⁴⁴

“Era, sem dúvida, apenas um pequeno canto do inferno. Outros visitantes espirituais foram mais favorecidos. Viram um inferno de grandes cidades, todas em fogo, Babilónia e Nínive, mesmo Roma, os seus palácios e templos em fogo, todos os habitantes acorrentados, os traficantes na sua banca, padres reunidos com cortesãos em salas de festins, aos gritos nos seus assentos de onde não conseguiam sair, e levando aos lábios, para matar a sede, taças de onde saíam chamas; criados de joelhos em esgotos a ferver, de braços estendidos, e príncipes de cujas mãos escorria, sobre eles, ouro fundido em lava ardente.

“Outros viram, no inferno, planícies sem fim que camponeses famélicos cavavam e semeavam; e como destas sementes estereis nada crescia nestas planícies queimadas pelo seu suor, estes camponeses comiam-se uns aos outros; depois, tão numerosos como antes, tão magros, tão esfomeados, dispersavam-se por grupos, indo procurar ao longe, em vão, terras mais felizes; eram substituídos rapidamente, nos campos que abandonavam, por outras colónias errantes de condenados.

“Também há os que viram no inferno montanhas cheias de precipícios, florestas que gemiam, poços sem água, fontes alimentadas por lágrimas, rios de sangue, turbilhões de neve em desertos gelados, barcos de desesperados navegando em mares sem margens.

“Viram, em suma, tudo o que os pagãos tinham visto, um reflexo lúgubre da Terra, uma sombra desmesuradamente aumentada das suas misérias, os seus sofrimentos naturais eternizados, e até as masmorras e as forcas e os instrumentos de tortura que as nossas próprias mãos produziram.”

“Há lá em baixo demónios, dizem, que para melhor torturarem os homens, no seu corpo, tomam também um corpo. Uns têm corpos de morcego, cornos, couraças de escamas, patas com garras, dentes aguçados; estão armados de espadas, forquilhas, pinças, tenazes ardentes, serras, grelhas, foles, cacetes, fazendo com a carne humana, durante a eternidade, o ofício de cozinheiros e de talhantes; outros, transformados em leões ou em enormes víboras, arrastam as suas presas para cavernas solitárias; alguns transformam-se em corvos para arrancar os olhos a certos culpados, e outros em dragões voadores para levá-los às costas, assustados, ensanguentados, gritando através dos espaços tenebrosos e depois deixá-los cair nos tanques de enxofre. Aqui, nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantes, cuja vista causa arrepios, o cheiro provoca náuseas e o menor contacto dá convulsões; ali, monstros policéfalos, abrindo todas as goelas vorazes, agitando, sobre as cabeças disformes crinas de víboras, esmagando os condenados entre as mandíbulas cheias de sangue e vomitando-os todos partidos, mas vivos, porque são imortais.

Estes demónios com forma sensível, que lembram visivelmente os deuses do Amenti e do Tártaro e os ídolos adorados pelos Fenícios, os Moabitas e os outros gentios, vizinhos da Judeia, estes demónios não agem ao acaso; cada um tem a sua função e a sua obra. O mal que fazem no inferno está em relação com o mal que inspiram e fazem cometer na Terra.⁴⁵

Os condenados são punidos em todos os seus sentidos e em todos os seus órgãos, porque ofenderam a Deus com todos os seus sentidos e com todos os seus órgãos. Os comilões são punidos pelos demónios da gula, os preguiçosos pelos da preguiça, os luxuriosos pelos da devassidão e de formas tão diferentes como as diferentes formas de pecar que existem. Eles, mesmo ardendo, terão

⁴⁴ Nesta visão reconhecem-se todas as características dos pesadelos; é provável, portanto, que fosse um fenómeno deste género o que aconteceu a Santa Teresa. (A.K.)

⁴⁵ Estranha punição, na verdade, esta de poder continuar em maior escala a prática do mal menor que fizeram na Terra. Seria mais racional que eles mesmos sofressem as consequências desse mal, em vez de se darem ao prazer de o fazer sofrer aos outros. (Nota A.K.)

frio, e congelando, terão calor; Estarão ávidos de repouso e simultaneamente de movimento; sedentos e famintos; mil vezes mais fatigados que escravo ao fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais desfeitos, mais partidos, mais cobertos de chagas que os mártires, e isso não acabará nunca.

“Nenhum demónio desanima nem desanimará pela sua horrível tarefa. Todos são bem disciplinados a executar as ordens vingadoras que receberam⁴⁶: sem isso, em que se tornava o inferno?

Os pacientes repousariam se os carrascos se desentendessem ou afrouxassem. Mas nada de repouso para uns, nem querelas entre os outros. Por piores que sejam, e por mais numerosos, os demónios entendem-se de um extremo ao outro do abismo, e nunca na Terra se viram nações mais dóceis aos seus chefes, exércitos mais obedientes aos seus comandantes, comunidades monásticas mais humildemente submissas aos seus superiores.

“ Aliás, não se conhece nada da população de demónios, esses Espíritos vis que são compostos por legiões de vampiros, de sapos, de escorpiões, de corvos, de hidras, de salamandras e outros animais sem nome, que constituem a fauna das regiões infernais; mas conhecem-se e nomeiam-se vários príncipes que comandam estas legiões, entre outros Belfegor, o demónio da luxúria, Abaddon ou Apollyon, o demónio do assassinio; Belzebu, o demónio dos desejos impuros ou o mestre das moscas que originam a corrupção; Mamom, o demónio da avareza, e Moloch, Béliel, Baalgad e Astaroth e quantos outros, e acima deles o seu chefe universal, o sombrio arcanjo que no céu tinha o nome de Lúcifer e que no inferno tem o nome de Satanás.

Aqui está, em resumo, a ideia do inferno que a Igreja nos dá, do ponto de vista da sua natureza física e das penas físicas que aí se sofrem. Vejam os escritos dos chamados Pais e Doutores da Igreja. Interroguem as nossas lendas religiosas. Observem as esculturas e os quadros das nossas igrejas. Escutem o que se diz nos púlpitos e aprenderéis ainda muito mais.

5. O autor faz, a seguir a este quadro, as seguintes reflexões, das quais cada um compreenderá o alcance:

“A ressurreição dos corpos é um milagre; mas foi necessário um segundo milagre para dar a estes corpos mortais, já usados uma vez nas provas passageiras da vida, já uma vez destruídos, a virtude de subsistir, sem se dissolverem numa fornalha onde até os metais se evaporam.

Diz-se que a alma é o seu próprio carrasco, que Deus não a persegue, mas que a abandona no estado infeliz que ela escolheu; isso pode compreender-se, embora o abandono eterno de um ser perdido e sofredor esteja pouco de acordo com a bondade do Criador.

Mas o que se diz da alma e das penas espirituais não se pode dizer, de forma alguma, das penas corporais; para perpetuar estas penas corporais não basta que Deus retire a sua mão, é necessário, pelo contrário, que ele a mostre, que intervenha, que atue; sem isso o corpo sucumbiria.

Portanto, os teólogos *supõem que Deus realiza, com efeito, depois da ressurreição, o segundo milagre* de que falámos:

Primeiro, tira os nossos corpos do sepulcro, que os tinha devorado; retira-os tal como entraram, com as enfermidades originais e as degradações sucessivas da idade, da doença e do vício; entrega-os nesse estado, decrépitos, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, cobertos das marcas que a vida e a morte lhes imprimiram, *e este é o primeiro milagre.*

⁴⁶ Esses mesmos demónios rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar quanto à prática do mal. Nenhum recua ou afrouxa durante a eternidade. Que estranha metamorfose se deu em quem foi criado puro e perfeito como os anjos!... (A.K.)

Depois, a esses corpos fracos, prontos para entrar na poeira de onde saíram, atribui uma propriedade que nunca tiveram, e esse é o segundo milagre: atribui-lhes a imortalidade, esse mesmo dom que, na sua cólera, dita muitas vezes de misericórdia, tinha retirado a Adão ao sair do Éden.

Quando Adão era imortal, era invulnerável, e quando deixou de ser invulnerável, tornou-se mortal. A morte seguiu de perto a dor.

“A ressurreição não restabelece as condições físicas do homem inocente, nem as condições físicas do homem culpado; é unicamente uma ressurreição das nossas misérias, mas com uma sobrecarga de misérias novas, infinitamente mais horríveis.

É uma verdadeira criação, e a mais maldosa que a imaginação ousou conceber.

Deus muda de ideias, e para acrescentar aos tormentos espirituais dos pecadores, tormentos carnis que possam durar para sempre, transforma, de repente, por efeito do seu poder, as leis e as propriedades que ele mesmo estabeleceu, desde o princípio, para os compostos da matéria.

Ressuscita carnes doentes e corrompidas e une, com um nó indestrutível, estes elementos que tendem a separar-se, mantém e perpetua, contra a ordem natural, esta podridão viva; atira-a para o fogo, não para a purificar, mas para a conservar tal como está, sensível, sofredora, queimada, horrível, tal como ele a quer, imortal.

“Fazem de Deus, por este milagre, um dos carrascos do inferno, porque se os condenados só a si podem imputar os males espirituais, não podem, pelo contrário, atribuir os outros senão a Ele.

Parece que é muito pouco abandoná-los, depois da morte, à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma que sente que perdeu o bem supremo. Deus irá, conforme dizem os teólogos, procurá-los nessa noite, no fundo deste abismo. Irá chamá-los um momento à luz do dia, não para os consolar mas para os revestir de um corpo horrível, em chamas, imperecível, mais empestado que a túnica de Dejanira⁴⁷, e só depois os abandona para todo o sempre.

Ora, isto é um contrassenso. Não os poderia abandonar, de facto, porque o inferno só poderia subsistir, tal como a Terra e o Céu, por um ato permanente da sua vontade, sempre ativa, e tudo se desvaneceria se Ele deixasse de o “sustentar”. Teria, pois, de o manter sempre, para impedir o fogo de se extinguir e os seus corpos de se consumirem, querendo que estes infelizes imortais contribuíssem, com a perenidade do seu suplício, para a edificação dos eleitos.

6. Dissemos, com razão, que o inferno dos cristãos tinha ultrapassado o dos pagãos.

No Tártaro vemos os culpados torturados pelos remorsos, sempre face aos seus crimes e às suas vítimas, atormentados por aqueles que eles mesmo tinham atormentado, em vida. Vemo-los a fugir da luz que os penetra e a procurar, em vão, escapar aos olhares que os perseguem. O seu orgulho é rebaixado e humilhado; todos trazem os estigmas do seu passado; todos são punidos pelas suas próprias faltas, a tal ponto que, para alguns, basta deixá-los entregues a si mesmos e é inútil acrescentar outros castigos.

Mas são sombras, quer dizer, almas com os seus corpos fluídicos, imagem da sua existência terrena. Não se vê ninguém retomar o seu corpo carnal para sofrer materialmente, com fogo entrando-lhe na pele, saturando-os até à medula dos ossos, nem o luxo e o refinamento dos suplícios que fazem a base do inferno cristão. No Tártaro existem juízes inflexíveis, mas justos, que atribuem a pena em função da falta cometida, enquanto no império de Satanás todos são reunidos nas mesmas torturas, tudo é baseado na materialidade, até a equidade foi banida.

Sem dúvida que existem hoje, mesmo dentro da Igreja, muitas pessoas de bom senso que não admitem estas coisas à letra e que só veem nelas alegorias cujo sentido é para ser decifrado. Mas a sua opinião é individual e não faz a lei. A crença num inferno material com todas as suas consequências ainda é um artigo de fé.

⁴⁷ Dejanira (mitologia grega) – era esposa de Hércules (ou Hércules, na mitologia romana) a quem envenenou, fazendo-o vestir uma túnica envenenada.(N.T.)

Pergunta-se como é que algumas pessoas puderam ver estas coisas, no estado de êxtase, se elas não existem. Aqui não é lugar para explicar a origem das imagens fantásticas que se produzem, por vezes, com as aparências da realidade. Dizemos simplesmente que é preciso ver, neste princípio, uma prova de que o êxtase é a menos segura de todas as revelações,⁴⁸ porque este estado de sobre-excitação nem sempre é devido a um desprendimento da alma tão completo como poderíamos acreditar e que muitas vezes encontramos nele o reflexo das preocupações do dia-a-dia.

As ideias com que o Espírito é alimentado, ou melhor, a capa perispiritual que envolve o cérebro, conservou as impressões dessas ideias, reproduziu-as, amplificadas como numa miragem, sob formas vaporosas que se cruzam, se misturam e compõem conjuntos bizarros. Os extáticos de todos os cultos veem sempre coisas em relação com a fé em que acreditam; não é, pois, surpreendente que aqueles que, como Santa Teresa, estão fortemente imbuídos das ideias do inferno, tais como são dadas pelas descrições verbais ou escritas, tenham visões que são apenas a sua reprodução e produzem o efeito de um pesadelo. Um pagão, cheio de fé, teria visto o Tártaro e as Fúrias, assim como teria visto, no Olimpo, Júpiter segurando no raio com a mão.

⁴⁸ Ver *O Livro dos Espíritos*, Capítulo VIII. Perguntas 443 e 444. (Nota de A.K.)

1. *O Evangelho não fala do purgatório, que só foi criado pela Igreja no ano de 593.*

O purgatório parece um dogma mais racional e mais conforme com a justiça de Deus que o Inferno, visto que estabelece penas menos rigorosas, e redimíveis, para faltas de menor gravidade.

O princípio do purgatório é fundado na equidade. Em relação com a justiça humana, é a prisão temporária ao lado da condenação perpétua.

Que pensaríeis de um país que só tivesse a pena de morte, tanto para os crimes graves como para os mais simples delitos?

Sem o Purgatório, só há duas alternativas extremas para as almas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nesta hipótese, o que acontecia às almas culpadas unicamente de faltas leves? Ou partilhavam a felicidade dos eleitos sem serem perfeitas, ou sofriam os castigos dos grandes criminosos sem terem feito muito mal, o que não seria justo nem racional.

2. Mas a noção de purgatório era necessariamente incompleta porque, conhecendo como único castigo o do fogo, fizeram dele um pequeno inferno. As almas ardem, também, mas com um fogo menos intenso. Como o progresso era inconciliável com o dogma das penas eternas, as almas não saíam de lá pelo seu aperfeiçoamento, mas devido às preces que dizemos ou mandamos dizer por sua intenção.

Se o primeiro pensamento foi bom, não acontece o mesmo com as suas consequências, pelos abusos a que deu origem. Por meio das preces pagas, o purgatório tornou-se numa mina mais produtiva que o inferno.

3. A localização do purgatório nunca foi determinada e a natureza das penas que lá se sofrem nunca foi claramente definida. Estava reservado à nova revelação preencher esta lacuna, explicando as causas dos sofrimentos da vida terrena, cuja justiça só pode ser explicada com a pluralidade das existências. Esses sofrimentos são necessariamente a continuação das imperfeições da alma. Se fosse perfeita, não cometeria faltas e não teria que sofrer as consequências. Se as pessoas fossem moderadas em tudo, por exemplo, não seriam atingidas por doenças causadas pelos excessos. Muitas vezes são infelizes em vida por sua própria culpa.

Por ser imperfeita é que a alma tem de vir à Terra, onde expia não só as faltas atuais, mas as faltas anteriores que ainda não reparou. Sofre, numa vida de provas, o que fez sofrer aos outros numa outra existência.

As vicissitudes, que os seres humanos experimentam, são um castigo temporário e um alerta para as imperfeições de que deve libertar-se para evitar males futuros e progredir na direção do bem. São, para a alma, lições retiradas da experiência, duras por vezes, mas tanto mais proveitosas para o futuro quanto mais profundas são as marcas que deixam. São ainda oportunidades de lutas que desenvolvem as forças morais e intelectuais, fortificando-a no bem e de onde sai sempre vitoriosa, se tiver a coragem de as levar até ao fim.

O prémio da vitória está na vida espiritual, onde entra radiosa e triunfante, como o soldado que sai da luta e vem receber a palma gloriosa.

4. Cada existência é, para a alma, ocasião para dar um passo adiante. Da sua vontade depende o alcance do passo que dá, se sobe vários níveis ou se fica no mesmo ponto. Neste último caso sofre sem proveito e, como terá sempre de pagar a sua dívida, cedo ou tarde necessita de recomeçar uma

⁴⁹ Na 4ª edição começa aqui o Cap. V. Até ao final da 1ª parte o nº dos capítulos fica desfasado. (N.T.)

nova existência em condições ainda mais penosas, porque a uma mancha não apagada acrescentou outra.

É nas encarnações sucessivas que a alma se liberta pouco a pouco das suas imperfeições, numa palavra, que ela se purga, até que esteja suficientemente pura para merecer trocar os mundos de expiação por mundos mais felizes e para, mais tarde, usufruir da felicidade suprema.

O purgatório não é, portanto, uma ideia vaga e incerta. É uma realidade material que vemos, tocamos e que sofremos, está nos mundos de expiação e a Terra é um desses mundos. As pessoas expiam aqui o seu passado e o seu presente, em proveito do seu futuro. Contrariamente à ideia que muitas vezes fazemos, depende de cada um abreviar ou prolongar a sua estadia, conforme o grau de avanço e purificação a que chegou pelo seu trabalho sobre si mesmo. Não se sai dela porque o tempo de cada um terminou ou pelos méritos de terceiros, mas pelo seu próprio mérito, conforme as palavras de Jesus: *a cada um segundo as suas obras*, palavras que resumem toda a justiça de Deus.

5. Deve dizer-se que aquele que sofre nesta vida é porque não se purificou suficientemente na existência anterior e que, se o não fizer nesta, sofrerá ainda mais na próxima. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. *Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, sofre-se tanto tempo quanto se é imperfeito, como se sofre de uma doença enquanto não se estiver curado.*⁵⁰ É assim que, quando uma pessoa é orgulhosa, sofre as consequências do orgulho; se é egoísta, sofrerá as consequências do egoísmo.

6. O Espírito culpado sofre, em primeiro lugar na vida espiritual, devido ao grau das suas imperfeições. Depois é-lhe dada a vida corporal como meio de reparação. É por isso que aí se encontra, ou com as pessoas que ofendeu, ou em meios análogos àqueles em que fez o mal, ou em situações que lhe são equivalentes, como por exemplo: estar na miséria se foi um mau rico, estar numa condição humilhante se foi orgulhoso. Não é um duplo castigo, é um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo, tendo em vista facilitar-lhe o progresso. Depende dele aproveitá-lo.

É melhor para ele voltar à Terra com a possibilidade de ganhar o Céu, do que ser condenado, sem remissão, ao deixá-la. Esta liberdade que lhe é concedida é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça *de Deus, que quer que o homem deva tudo ao seu esforço e seja artesão do seu futuro*; se é infeliz, ou se o é por mais ou menos tempo, só pode queixar-se de si mesmo: o caminho do progresso está-lhe sempre aberto.

7. Se considerarmos como é grande o sofrimento no mundo invisível de certos Espíritos culpados, como é terrível a situação de alguns, a quantas ansiedades estão sujeitos e como esta situação é mais penosa pela impotência que têm de conhecer o seu termo, poderíamos dizer que para eles é o inferno, se esta palavra não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Graças à revelação dos Espíritos e aos exemplos que nos oferecem, sabemos que a duração da expiação⁵¹ depende do aperfeiçoamento do culpado.

8. O espiritismo não vem negar as penas futuras, pelo contrário, vem confirmá-las; *o que destrói é o inferno localizado com as suas fornalhas e as suas penas irremissíveis. Não nega o purgatório, pois*

⁵⁰ Esta frase é referida por P.H.F., assim mesmo, para exemplificar a "autonomia". Ele diz: o sofrimento é inerente à imperfeição e não o sofrimento é consequência da imperfeição. Não há lei de causa e efeito, há a lei da inerência. (N.T.)

⁵¹ Ressignificação de expiação: A expiação é uma escolha livre do Espírito das situações que enfrentará na sua reencarnação com a finalidade de superar uma imperfeição. (Ver Nem Céu nem Inferno)

prova que estamos nele; define-o e esclarece-o em pormenor, explicando a causa das misérias terrenas e assim fez acreditar aqueles que o negavam.

O espiritismo rejeita as preces pelos mortos? Pelo contrário, visto que os Espíritos sofredores as solicitam; faz disso um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os conduzir ao bem, e por este meio abreviar os seus tormentos.⁵² Falando à inteligência, levou, ao mesmo tempo, a fé aos incrédulos e as preces aos que as ridicularizavam.

O espiritismo, além disso, também diz que a eficácia da prece está no pensamento e não nas palavras; as melhores preces são as do coração e não as dos lábios; quem ousará censurar isto?

9. Quer o castigo tenha lugar na vida espiritual quer seja na Terra, e qualquer que seja a sua duração, tem sempre um fim, mais próximo ou mais afastado. Na realidade, o Espírito só tem duas alternativas: *punição natural de acordo com a culpa e recompensa segundo o mérito*. O espiritismo recusa a terceira alternativa, a da condenação eterna.

O inferno permanece como figura simbólica dos maiores sofrimentos, cujo fim é desconhecido. O purgatório é a realidade.

A palavra purgatório dá-nos a ideia de um lugar circunscrito; por isso, aplica-se mais naturalmente à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao espaço infinito, onde vagueiam os Espíritos sofredores; por outro lado, a natureza da expiação terrena é uma verdadeira purificação.

10. Por que motivo não falou Jesus do purgatório? É que, não existindo a ideia, Jesus não tinha palavras para a representar. Serviu-se da palavra inferno, a única que se usava, como termo genérico, para designar as penas futuras, sem distinção. Se, ao lado da palavra inferno, tivesse colocado uma palavra equivalente a “purgatório”, não poderia dar-lhe o seu sentido verdadeiro sem abordar uma questão reservada ao futuro. Por outro lado, era consagrar a existência de dois lugares especiais de castigos.

O inferno, em sentido geral, despertando a ideia de punição,⁵³ incluía implicitamente a de purgatório, que era um tipo de castigos. O futuro, quando esclareceu a natureza das penas, reduziu o inferno ao seu justo valor.

Visto que a Igreja, seis séculos depois, entendeu que devia suprir o silêncio de Jesus, decretando a existência do purgatório, é porque pensou que Jesus não tinha dito tudo.

Porque não fez ela, em relação a outros pontos, o mesmo que fez com este?

⁵² Ver “O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XXVII: Ação da prece. (Nota de A.K.)

⁵³ Ressignificação de castigo/punição: é o estado de sofrimento moral que é sempre a consequência natural do ato cometido. (Ver Nem Céu nem Inferno)

Origem da doutrina das penas eternas

1. A crença na eternidade das penas perde tanto terreno todos os dias, que, sem ser profeta, cada um de nós pode prever o seu fim próximo. Foi combatida por argumentos tão poderosos e tão categóricos que parece quase supérfluo ocuparmo-nos mais dela e que basta deixá-la cair no esquecimento. Contudo, não podemos esquecer que, por mais caduca que esteja, é ainda o ponto de união dos adversários das ideias novas, que a defendem encarniçadamente, porque é um dos lados mais vulneráveis e eles preveem as consequências da sua queda. Deste ponto de vista, esta questão merece um exame sério.

2. A doutrina das penas eternas, assim como a do inferno material, teve a sua razão de ser quando esta crença podia ser um freio para as pessoas menos avançadas, moral e intelectualmente. Estas, embora tivessem sido pouco ou nada influenciadas pelas ideias das penas morais, também o não teriam sido pela das penas temporais. Não teriam mesmo compreendido a justiça das penas graduais e proporcionais, porque ainda não eram capazes de estabelecer os matizes, muitas vezes ténues, entre o bem e o mal, nem o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes.

3. Os seres humanos são tanto mais materializados quanto mais próximos estão do estado primitivo. O senso moral é o que neles se desenvolve mais tardiamente. Por esta razão, só conseguem fazer uma ideia muito imperfeita de Deus, dos seus atributos e da vida futura. Identificam Deus com a sua própria natureza. Para eles é um soberano absoluto, tanto mais temível por ser invisível, como um monarca déspota que, escondido no seu palácio, nunca se mostrasse aos seus súbditos. Para eles, Deus só é poderoso pela força material, porque não compreendem a força moral. Só o veem armado com o raio, no meio dos relâmpagos e das tempestades, semeando com a sua passagem a ruína e a desolação, tal como fazem os guerreiros invencíveis.

Um Deus de mansidão e de misericórdia não seria um Deus, mas um ser fraco que não saberia fazer-se obedecer. A vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, em nada contrariavam a ideia que faziam de Deus, em nada repugnavam à sua razão. Eles mesmos, implacáveis nos seus ressentimentos, cruéis para com os inimigos, sem piedade para com os vencidos, achavam que Deus, sendo-lhes superior, devia ser ainda mais terrível.

Para esses homens, eram necessárias crenças religiosas compatíveis com a sua natureza ainda rude. Uma religião completamente espiritual, toda de amor e de caridade, era incompatível com a brutalidade dos seus hábitos e paixões. Não censuramos Moisés pela sua legislação draconiana necessária para conter um povo rebelde; nem por ter feito de Deus um Deus vingador. Nessa época era preciso. A doce doutrina de Jesus não encontraria eco, e teria sido impotente.

4. À medida que o Espírito se desenvolveu, o véu material dissipou-se e as pessoas ficaram mais preparadas para compreender as coisas espirituais. Mas isso só foi acontecendo gradualmente. Quando Jesus veio, pôde anunciar um Deus clemente, falar do seu reino que não é deste mundo, e dizer aos homens: *amai-vos uns aos outros, fazei o bem aos que vos odeiam*; enquanto os Antigos diziam: *olho por olho dente por dente*.

Ora, que espécie de seres humanos viveram no tempo de Jesus? Eram as almas criadas e reencarnadas recentemente? Se assim fosse, Deus teria criado no tempo de Jesus almas mais

⁵⁴ Na 4ª edição começa aqui o capítulo VI

avançadas que no tempo de Moisés. Mas então, o que terá acontecido a estas últimas? Teriam ficado enfraquecidas, durante a eternidade, no embrutecimento? O simples bom senso recusa esta suposição. Não, eram as mesmas almas que, depois de terem vivido no tempo da lei mosaica, tiveram, durante várias existências, adquirido um desenvolvimento suficiente para compreender uma doutrina mais evoluída, e que hoje estão bastante avançados para receber um ensinamento ainda mais completo.

5. Contudo, Jesus não pôde revelar, no seu tempo, todos os mistérios do futuro. Ele mesmo dizia: *“Teria ainda muitas coisas para vos dizer, mas vós não compreenderíeis; é por isso que vos falo por parábolas”*.

Sobretudo no que diz respeito à moral, ou seja, nos deveres do homem para com o homem, foi muito explícito, porque, tocando na corda sensível da vida material, sabia ser compreendido. Sobre os outros pontos, limitou-se a semear, sob forma alegórica, as sementes do que deveria ser desenvolvido mais tarde. A doutrina das penas e das recompensas futuras pertence a esta última ordem de ideias. Sobretudo a respeito das penas, não podia romper, de repente, com as ideias existentes. Ele vinha trazer às pessoas novos deveres: a caridade e o amor do próximo, em vez do espírito de ódio e de vingança; a abnegação em vez do heroísmo. Já era muito.

Não podia, racionalmente, enfraquecer o medo do castigo reservado aos prevaricadores, sem enfraquecer ao mesmo tempo a ideia do dever. Prometia o reino dos céus aos bons; este reino era interdito aos maus; para onde iriam eles? Era necessária uma contrapartida de modo a impressionar as inteligências ainda demasiado materiais para se identificarem com a vida espiritual; porque é preciso não perder de vista que Jesus se dirigia ao povo, à parte menos esclarecida da sociedade, para quem eram necessárias imagens palpáveis e não ideias subtis. Foi por isso que, a este respeito, ele não entrou em pormenores supérfluos: bastava-lhe opor uma punição à recompensa; nessa época, não era necessário mais do que isso.

6. Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem lançados na Geena; e o que era a Geena? Um lugar nos arredores de Jerusalém, uma fossa onde se deitavam as imundícies da cidade. Será necessário, também, levar isto à letra? Era uma das imagens enérgicas com a ajuda das quais Jesus impressionava as massas. Acontecia o mesmo com o fogo eterno. Se não fosse esse o seu pensamento, estaria em contradição consigo mesmo, exaltando a clemência e a misericórdia de Deus, porque a clemência e a inexorabilidade são sentimentos contrários, que se anulam.

Seria desconhecer estranhamente o sentido das palavras de Jesus atribuir-lhes a sanção do dogma das penas eternas, enquanto todo o seu ensinamento proclamou a mansidão do Criador. Na *Oração dominical* ensina-nos a dizer: *“Senhor, perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”*. Se o culpado não tivesse a possibilidade do perdão, seria inútil pedi-lo.

Mas este perdão não exige condições? É uma graça, uma remissão pura e simples da pena cometida? Não; a medida deste perdão está subordinada ao modo como tivermos perdoado; quer dizer que, se não perdoarmos não seremos perdoados. Deus, fazendo do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, só podia exigir que o homem fraco fizesse o mesmo.

A *Oração dominical* é um protesto diário contra a eterna vingança de Deus.

7. Para os homens que tinham apenas uma noção confusa da espiritualidade da alma, a ideia do fogo material nada tinha de chocante, ainda menos porque ela estava na crença vulgar, tirada da do inferno dos pagãos, quase universalmente difundida. A eternidade da pena nada tinha que repugnasse pessoas há séculos sujeitas à legislação do terrível Jeová.

No pensamento de Jesus, o fogo do inferno era só uma imagem. Pouco lhe importava que fosse levada à letra, se devia servir de freio. Ele sabia bem que o tempo e o progresso se encarregariam de fazer compreender o seu sentido alegórico, sobretudo por que, segundo a sua profecia, o *Espírito de Verdade* viria esclarecer os homens de todas as coisas. A característica essencial das penas irrevogáveis é a *ineficácia do arrependimento*. Jesus nunca disse que o arrependimento não agradava a Deus. Em todas as ocasiões, pelo contrário, mostrou Deus clemente e misericordioso, pronto a receber o “filho pródigo” de volta à casa paterna. Jesus só se mostrou inflexível contra os pecadores empedernidos. Tendo, porém, o castigo numa mão, tem sempre o perdão na outra, disposto a estendê-la ao culpado desde que este se volte sinceramente para ele.

Este não é o quadro de um Deus sem piedade. Também devemos notar que Jesus nunca pronunciou, fosse para quem fosse, mesmo contra os grandes criminosos, a condenação irremissível.

8. Todas as religiões primitivas, de acordo com as características dos povos, tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. Jeová, deus dos hebreus, fornecia-lhes mil maneiras de exterminar os seus inimigos. Recompensava-os pela vitória ou punia-os pela derrota.

Segundo a ideia que tinham de Deus, acreditavam honrá-lo ou apaziguá-lo com o sangue dos animais ou dos homens; daí os sacrifícios sangrentos que tiveram um papel tão grande em todas as religiões antigas.

Os judeus tinham abolido os sacrifícios humanos. Os cristãos, apesar dos ensinamentos de Jesus, durante muito tempo acreditaram honrar o Criador entregando às chamas da fogueira e às torturas, milhares de pessoas que consideravam heréticas; era outra forma de verdadeiros sacrifícios humanos, já que o faziam para a maior glória de Deus, e com o acompanhamento de cerimónias religiosas. Hoje ⁵⁵ mesmo, invocam ainda o Deus dos exércitos antes do combate e glorificam-no depois da vitória, e isso muitas vezes pelas causas mais injustas e mais anticristãs.

9. Como os homens são lentos a desfazerem-se de preconceitos, de hábitos, das suas ideias antiquadas!

Separaram-nos de Moisés quarenta séculos e a nossa geração cristã ainda guarda traços dos antigos usos bárbaros consagrados, ou pelo menos permitidos pela religião atual. Foi necessária a força da opinião dos *não ortodoxos*, daqueles que são considerados heréticos, para pôr termo às *fogueiras* e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas, na falta das fogueiras, as perseguições materiais e morais estão ainda em pleno vigor, prova de que a ideia de um Deus cruel está enraizada nos seres humanos.

Alimentados por sentimentos que lhes foram inculcados desde a infância, não podem admirar-se de que o Deus que lhes apresentaram se sentisse honrado por atos bárbaros, condenasse a torturas eternas e olhasse sem piedade os sentimentos dos condenados.

Sim, foram os filósofos, ímpios segundo alguns, que ficaram escandalizados por ver o nome de Deus profanado por atos indignos dele. Foram eles que o mostraram à Humanidade em toda a sua grandeza, despojando-o das paixões e da pequenez humana, que lhe prestava uma fé não esclarecida.

A religião ganhou em dignidade o que perdeu em prestígio exterior; porque se há menos pessoas ligadas à forma, há muitas mais que são verdadeiramente religiosas pelo coração e pelos sentimentos; mas, ao lado dessas, houve muitas que, limitando-se a uma observação superficial, concluíram pela negação de qualquer providência! Por não terem sabido colocar as crenças religiosas

⁵⁵ Kardec refere-se ao século XIX. Hoje já não é assim, porque a guerra já não se faz do mesmo modo (embora possa causar muito mais vítimas) e também porque as mentalidades mudaram alguma coisa. Até na Igreja católica, onde ainda há poucas dezenas de anos se cantava *Senhor Deus dos exércitos*, hoje canta-se *Senhor Deus do Universo*. Mas há traços que ainda se mantêm. (N.T.)

em harmonia com o progresso da razão humana, fizeram nascer em algumas o deísmo⁵⁶, noutras a incredulidade absoluta, noutras o panteísmo⁵⁷; ou seja, que o homem, por não encontrar um Deus suficientemente perfeito, fez-se a si mesmo Deus.

Argumentos dos que apoiam as penas eternas e sua refutação

10. Voltemos ao dogma da eternidade das penas. O principal argumento que invocam em seu favor é o seguinte:

Admite-se, entre os humanos, que a gravidade da ofensa é proporcional à qualidade do ofendido. A que é cometida com um soberano é considerada mais grave que a cometida com uma pessoa comum, e punida mais severamente. Deus é mais que um soberano, é infinito. A ofensa contra ele deve ter um castigo infinito, ou seja, eterno.

Qualquer refutação é um raciocínio que deve ter, no seu ponto de partida, uma base sobre a qual se apoie, numa palavra, uma premissa. Nós tiramos essa premissa dos próprios atributos de Deus: *Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições.*

Só é possível conceber Deus sendo único acima de todos os seres, para o que é necessário que seja infinito em tudo.

Sendo os seus atributos infinitos, não são suscetíveis de aumento nem de diminuição; sem isso, não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se se tirasse a mais pequena parcela de um único dos seus atributos, já não seria Deus, visto que poderia existir outro mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade de diminuir ou findar. Um ser *infinitamente bom* não pode ter a mínima parcela de maldade, nem um ser *infinitamente mau* pode ter a mínima parcela de bondade; da mesma forma que um objeto não poderia ser de um negro absoluto com o mínimo matiz de branco, nem de um branco absoluto com a mais pequena mancha de negro.

11. Estabelecido este ponto de partida, aos argumentos supracitados contrapomos os seguintes:

a) Só um ser infinito pode produzir coisas infinitas. Sendo o ser humano limitado nas suas virtudes, conhecimentos, poder, aptidões e existência terrena, só produz coisas limitadas.

b) Se o homem fosse infinito no que faz de mal, sê-lo-ia igualmente no que faz de bem, e então, seria igual a Deus. Se fosse infinito no bem, nunca faria o mal, porque o bem absoluto exclui qualquer mal.

c) Se uma ofensa à divindade pudesse ser infinita, e se Deus a punisse com um castigo infinito, seria infinitamente vingativo; então, não poderia ser infinitamente bom e misericordioso, porque estes atributos se opõem. Não sendo infinitamente bom não seria perfeito, e se não fosse perfeito não era Deus.

d) Se Deus fosse inexorável para o culpado arrependido, não seria misericordioso; e se não fosse misericordioso não seria infinitamente bom.

e) Por que motivo faria Deus uma lei do perdão para o ser humano, se ele mesmo não perdoasse? Resultaria daqui que quem perdoa aos seus inimigos e em troca do mal lhes responde com o bem, seria melhor que Deus, se ele permanecesse surdo ao arrependimento dos que o ofenderam, e lhes recusasse para sempre o mais leve abrandamento das penas.

⁵⁶ Deísmo - Sistema dos que creem em Deus e na religião natural, mas rejeitam a revelação. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (N.T.)

⁵⁷ Panteísmo - Doutrina ou sistema filosófico que só admite como Deus o todo, a universalidade dos seres. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (N.T.)

f) Deus, que está em toda a parte e tudo vê, deve ver as torturas dos condenados. Se fosse insensível aos seus gemidos durante toda a eternidade, seria eternamente impiedoso; logo, não seria infinitamente bom.

g) A isso responde-se que o pecador que se arrepende antes de morrer, usufrui da misericórdia de Deus e, nesse caso, até o maior culpado pode receber essa graça. Deus só perdoa aos arrependidos, sendo inflexível apenas com os obstinados.

Se é misericordioso para a alma que se arrepende antes de ter deixado o corpo, por que motivo deixa de o ser para a alma que se arrepende depois da morte? Por que motivo o arrependimento, sendo eficaz durante a vida, que só dura um instante, não o é também durante a eternidade? Se a bondade e a misericórdia de Deus são circunscritas a um determinado tempo, não são infinitas, e, nesse caso, Deus não seria infinitamente bom.

h) Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é a mais inexorável, nem a que permite a impunidade. Tem em conta rigorosamente o bem e o mal, recompensa um e castiga o outro equitativamente, e nunca se engana.

Se por uma falta temporária, que resulta sempre da natureza imperfeita do ser humano e do meio em que se encontra, a alma fosse punida eternamente, sem esperança de alívio ou de perdão, seria desproporcional e injusto o castigo. Nesse caso não haveria justiça.

Se o culpado regressa a Deus, se arrepende e pede para reparar o mal que fez, é um regresso ao bem, aos bons sentimentos. Se o castigo é irrevogável, o regresso ao bem não produz qualquer fruto, visto que o bem não é tido em conta; nesse caso, não haveria justiça.

Entre os seres humanos, o condenado que se emenda vê a sua pena comutada, por vezes até perdoada. Haveria, então, na justiça humana, mais equidade que na justiça divina.

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil. O culpado, não tendo nada a esperar do seu regresso ao bem, persiste no mal; de tal modo que, não só Deus o condena a sofrer perpetuamente, mas ainda a permanecer no mal por toda a eternidade. Isso não seria nem justiça nem bondade.

i) Sendo Deus infinito em todas as coisas, conhece o passado e o futuro. No momento da criação de uma alma, sabe se ela vai errar tão gravemente que possa merecer a condenação eterna. Se não o sabe, o seu saber não é infinito e então não é Deus. Se o sabe, criou voluntariamente um ser votado, desde a sua formação, às torturas sem fim, e então não é bom.

Se Deus, tocado pelo arrependimento de um condenado, estende sobre ele a sua misericórdia e o retira do inferno, não há penas eternas e o julgamento pronunciado pelos homens é anulado.

j) A doutrina das penas eternas absolutas conduziria à negação ou à desvalorização de alguns dos atributos de Deus; por consequência, é inconciliável com a perfeição infinita. De onde se conclui: se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe. Se ela existisse, então Deus não seria perfeito.

12. Invoca-se ainda em favor do dogma da eternidade das penas, o argumento de que a recompensa concedida aos bons, sendo eterna, deve ter por contrapartida uma punição eterna. É justo que a punição e a recompensa sejam proporcionais.

Perguntamos: Deus criou a alma para a tornar feliz ou infeliz? Evidentemente que o objetivo da criação deve ter sido a felicidade da criatura, de outro modo Deus não seria bom. A alma atinge a felicidade pelo seu próprio mérito que, uma vez adquirida, será eterna.

Contudo, antes de chegar à perfeição tem lutas a sustentar, combates a travar contra as más paixões. Como Deus não a criou perfeita, mas suscetível de se aperfeiçoar para obter o mérito das suas obras, a alma pode falhar. As suas faltas são a consequência da sua fraqueza natural. Se por uma falta devesse ser punida eternamente, poderíamos perguntar porque é que Deus não a criou mais

forte. A punição⁵⁸ que sofre é um aviso de que procedeu mal, e deve ter como resultado conduzi-la ao bom caminho.

Se a pena for imperdoável, o seu desejo de fazer melhor será supérfluo; nesse caso, o fim providencial da criação não poderia ser atingido, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à infelicidade.

Se uma alma culpada se arrepende, pode tornar-se boa; podendo tornar-se boa, pode aspirar à felicidade; Deus seria justo se lhe recusasse os meios?

Sendo o bem o fim último da criação, a felicidade, que é o seu prémio, deve ser eterna. O castigo, que é um meio de lá chegar, deve ser temporário.

A noção mais comum da justiça terrena, mesmo entre os humanos, diz que não pode haver castigo perpétuo para quem tem o desejo e a vontade de fazer o bem.

13. Um último argumento a favor da eternidade das penas é o seguinte:

“O medo de um castigo eterno é um freio; se o tirássemos, o ser humano, nada mais receando, entregar-se-á a todos os excessos.”

Este raciocínio seria justo se a supressão das penas eternas implicasse a supressão de todos os castigos. O estado feliz ou infeliz na vida futura é uma consequência rigorosa da justiça de Deus, porque se o homem bom e o perverso ficassem numa situação idêntica, isso seria injusto.

Por não ser eterno, o castigo não é menos penoso. Receia-se quanto mais se acredita nele, e acredita-se quanto mais racional for. Uma pena em que se não acredita, não é um freio, e a eternidade das penas pertence a este número. Esta crença teve a sua utilidade numa certa época. Hoje, não só ela já não impressiona, como causa incredulidade.

Antes de a colocar como uma necessidade, seria necessário provar a sua realidade. Sobretudo, que se visse a eficácia naqueles que a preconizam e se esforçam por demonstrá-la. Infelizmente, muitos provam pelos seus atos que não estão minimamente assustados. Se esta crença é impotente para reprimir o mal em que dizem acreditar, que influência terá sobre os que não acreditam?

Cada um admitirá, como justa, uma pena de duração proporcional à gravidade da falta, e à persistência na obstinação no mal, mas com a porta sempre aberta ao arrependimento.

14. Até aqui, só combatemos o dogma da eternidade das penas pelo raciocínio. Vamos agora provar a sua impossibilidade, mostrando a sua contradição com factos evidentes.

Segundo este dogma, a sorte da alma está irrevogavelmente fixada depois da morte. É um ponto de paragem definitivo, oposto ao progresso.

Ora, a alma progride realmente ou não? Esta é a questão. Se ela progride, a eternidade das penas é impossível. Podemos duvidar do progresso quando se vê a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais que existem na Terra, desde os povos primitivos até às sociedades evoluídas? Ou a evolução histórica dos povos pela passagem dos séculos?

Se admitirmos que não são as mesmas almas, teríamos que admitir que Deus criou almas em todos os níveis de evolução, conforme os tempos e os lugares, tendo favorecido umas, votando as outras à inferioridade perpétua, o que é incompatível com a justiça que deve ser a mesma para todas as criaturas.

15. É incontestável que as almas, atrasadas moral e intelectualmente, como as dos povos primitivos, não podem ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para usufruir os

⁵⁸ A.K. ressignifica diversos termos, no capítulo VIII. Depois de, no nº 4, ter afirmado que **castigo/punição é o estado de sofrimento moral que é sempre a consequência natural do ato cometido**, Kardec explica no nº 5 que as variáveis que regulam a punição são complexas, pois dependem das particularidades de cada espírito que a vivencia, não existem normas sistemáticas. (N.T.)

esplendores do infinito, que aquelas cujas faculdades estão largamente desenvolvidas. Se as almas não progredirem, não podem, nas condições mais favoráveis, gozar perpetuamente de uma felicidade, a não ser muito reduzida.

Para estarmos de acordo com a mais rigorosa justiça, chegamos à conclusão de que as almas mais avançadas são as mesmas que estavam atrasadas e que progrediram. Aqui tocamos na grande questão da *pluralidade das existências*, como sendo a única maneira racional de resolver a dificuldade.

Contudo, vamos considerar primeiro a situação de haver apenas uma única existência.

16. Vejamos, como acontece tantas vezes, o caso de um rapaz de vinte anos, ignorante, com instintos viciosos, negando a Deus e desprezando a sua alma, que se entregou a excessos e cometeu toda a espécie de delitos. Contudo, encontra-se num meio favorável. Conseguiu mudar de atitudes e alcançou boas oportunidades. Trabalhou, estudou, corrigiu-se pouco a pouco e finalmente até ganhou qualidades espirituais. Tornou-se um exemplo palpável dos casos relativamente abundantes de progresso da alma durante a vida.

Morreu em paz numa idade avançada e, naturalmente, a sua evolução realizou-se.

Qual teria sido a sua sorte se tivesse morrido num acidente, quarenta ou cinquenta anos mais cedo? Tinha todas as condições para ser condenado. Ora, uma vez condenado, todo o progresso teria parado.

Este é o exemplo de um homem salvo porque viveu muito tempo e que, segundo a doutrina das penas eternas, teria ficado condenado para todo o sempre se tivesse vivido menos.

Então, se a sua alma pode progredir num certo tempo, porque não poderia ter progredido depois da morte, se uma causa, independentemente da sua vontade, o tivesse impedido de o fazer durante a vida? Por que motivo Deus lhe recusaria os meios para isso?

O arrependimento, embora tardio, foi proveitoso. Mas se, depois do instante da morte, lhe tivesse sido imposta uma condenação irrevogável, o seu arrependimento não teria qualquer efeito para a eternidade e a sua capacidade de progredir, para o bem, desapareceria para sempre.

17. O dogma da eternidade absoluta das penas é, pois, inconciliável com o progresso da alma, porque lhe opõe um obstáculo invencível. Estes dois princípios anulam-se necessariamente: se um existe, o outro não pode existir.

Qual dos dois existe? A lei do progresso é clara: não é uma teoria, é um facto constatado pela experiência; é uma lei da natureza, lei divina, imprescritível. Uma vez que ela existe e que não pode conciliar-se com outra, é porque a outra não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse verdade, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros, nunca teriam visto o céu se tivessem morrido antes do progresso que a conversão lhes trouxe.

A esta última afirmação, respondem que a conversão desses personagens não resultou do progresso da alma, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual foram tocados.

Mas isto é brincar com as palavras. Se fizeram o mal e mais tarde o bem, é porque se tornaram melhores, ou seja, progrediram. Deus ter-lhes-ia concedido, por um favor especial, a graça de se corrigirem? E porque lhes foi concedida, a eles e não a outros? É sempre a velha doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus e do seu amor, igual para todas as suas criaturas.

Segundo o espiritismo, de acordo com as palavras do Evangelho e segundo a lógica e a mais rigorosa justiça, o homem é filho das suas obras, durante esta vida e depois da morte. Não é uma questão de favorecimento: Deus recompensa os seus esforços e pune a sua negligência, por tanto tempo quanto ele é negligente.

18. A crença na eternidade das penas materiais foi aceite até ao momento em que se passou a compreender a força moral. É como as crianças que se contêm durante certo tempo com a ameaça de seres quiméricos com que lhes metem medo. Quando chega o momento em que a razão da criança compreende os contos com que a embalaram, recusa-os. Se os que a dirigem persistissem em afirmar que estas fábulas são verdadeiras, perderiam a sua confiança.

Assim é hoje a Humanidade, saiu da infância. Já não é o instrumento passivo que se verga sob a força material, nem aquele ser crédulo que aceita tudo de olhos fechados⁵⁹. Quando o seu Espírito atingiu um certo desenvolvimento, recusou a crença nas penas eternas que achou incompatível com a ideia maior que faz da Divindade, da Justiça e da Injustiça. Nem todos os argumentos do mundo poderiam vencer a evidência; persistir, neste caso, é uma falta, porque é comprometer a sua própria autoridade.

19. A crença é um ato do entendimento, que não pode ser imposto. Se durante um certo período da humanidade, o dogma da eternidade das penas foi inofensivo, mesmo salutar, chegou o momento em que se tornou perigoso. A partir do momento em que passou a ser imposto como verdade absoluta, foi rejeitado pela razão.

Daí resulta que, ou a pessoa que quer compreender procura algo mais racional, afastando-se, ou então descrê absolutamente de tudo. É evidente, nos nossos dias, que o dogma da eternidade das penas foi das ideias dogmáticas que mais materialistas e ateus conseguiu fazer.

As ideias seguem um curso que progride incessantemente. Só se podem governar as pessoas seguindo esse curso. Querer parar, fazê-lo regredir ou deixar-se ficar para trás enquanto ele avança, é perder-se. Seguir ou não seguir esse movimento é uma questão de vida ou de morte para as religiões, tal como para os governos. É um bem? É um mal? É certamente um mal aos olhos dos que vivem no passado, e que o veem fugir. Para os que veem o futuro é a lei do progresso, que é uma lei de Deus, contra a qual a resistência é inútil. Lutar contra a Sua vontade é querer destruir-se.

De nada vale sustentar uma crença que caiu em desuso e que faz mais mal do que bem à religião. É triste dizer, mas aqui a questão religiosa é dominada por uma questão material. Esta crença foi abundantemente explorada, com a ideia de que com o dinheiro se podiam abrir as portas do céu e fechar as do inferno.

As quantias arrecadadas por estes meios eram, e ainda são, incalculáveis. É o imposto cobrado sobre o medo da eternidade. Sendo este imposto facultativo, as somas eram proporcionais à crença. Se a crença não existisse, o imposto seria nulo. A criança dá voluntariamente o seu bolo a quem lhe promete caçar o bicho-papão, mas quando deixa de acreditar no bicho-papão, guarda o bolo para si.

20. A nova revelação, dando noções mais exatas sobre a vida futura, e provando que podemos salvar-nos pelas nossas próprias obras, deve encontrar uma oposição tanto mais forte quanto mais contribuir para secar uma importante fonte de receita. Acontece o mesmo quando uma descoberta ou uma invenção vêm modificar os hábitos.

Aqueles que vivem de antigos e dispendiosos processos enaltecem-nos e desacreditam os novos, mais económicos. Acreditam, por exemplo, que a imprensa, apesar dos serviços que iria prestar à Humanidade, tenha sido aclamada pela numerosa classe dos copistas? Certamente que não. Eles amaldiçoaram-na. O mesmo deve ter acontecido com as máquinas, os caminhos-de-ferro e centenas de outras coisas.

⁵⁹ Na edição adulterada foi retirada a parte final desde item.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma da eternidade das penas é uma questão fútil e de que se riem. Aos olhos do filósofo, há uma gravidade social pelos abusos a que dá lugar. As pessoas verdadeiramente religiosas veem a dignidade da religião interessada na destruição destes abusos e da sua causa.

1. Estando a sorte das almas nas mãos de Deus, ninguém neste mundo pode, com a sua autoridade, decretar o código penal divino. Qualquer teoria humana é apenas uma hipótese, que só tem o valor de uma opinião pessoal e, por isso mesmo, pode ser mais ou menos engenhosa, racional, bizarra ou ridícula; só a confirmação pelos factos pode dar-lhe autoridade e fazê-la passar ao estado de “princípio”.

2. Na ausência de factos próprios para fixar as suas ideias a respeito da vida futura, os homens deram curso à sua imaginação e criaram a diversidade de teorias que dividiram e dividem ainda hoje as crenças. Se algumas pessoas de elite, em diversas épocas, conseguiram entrever uma ponta da verdade, a massa ignorante permaneceu sob o domínio dos preconceitos que lhes eram, muitas vezes, impostos. A doutrina das penas eternas está neste número. Esta doutrina fez o seu tempo; hoje, está ultrapassada pela razão. O que poderá substituí-la?

Uma teoria, substituída por outra, embora mais racional, poderá sempre ser aceite como provável, mas dificilmente como absolutamente certa.

É por isso que as pessoas, chegadas a este desenvolvimento intelectual que lhes permite refletir e comparar, nada encontrando que satisfaça completamente a sua razão e responda às suas aspirações, ficam indecisas.

Umas, a quem a responsabilidade do futuro assusta, e que querem usufruir do presente sem constrangimentos, procuram insensibilizar-se e anunciam o nada depois da morte, acreditando assim pôr a sua consciência no descanso. Outras ficam na perplexidade e na dúvida. A maior parte acredita em alguma coisa, mas não sabe exatamente em quê.

3. Um dos resultados do desenvolvimento das ideias, e dos conhecimentos adquiridos, é o positivismo⁶¹; o homem quer acreditar, mas quer conhecer aquilo em que acredita. Já não se convence só com palavras. A razão quer ir para além da teoria, precisa de factos.

⁶⁰ Este capítulo VIII da 1ª parte da 1ª edição (que na 4ª passou a ser o VII) foi o mais adulterado de todos e com consequências doutrinárias mais graves. Podemos ver a seguinte informação retirada e adaptada de “**Nem Céu nem Inferno**” editado pela FEAL, em 2020:

“ Para dar ao leitor uma ideia da importância deste capítulo, lembre-se do Novo Testamento, onde o Sermão da Montanha, pronunciado por Jesus, é o seu texto principal e todo o resto o completa: podemos dizer que, quanto à teoria moral, o capítulo VIII da 1ª parte da 1ª edição de “O Céu e o Inferno” tem, para as obras de A.K., importância equivalente ao Sermão da Montanha em relação aos Evangelhos; e na adulteração da obra ele foi amplamente desfigurado, infiltrando-se os mais retrógrados conceitos do velho mundo, causando confusão e desentendimento nas gerações espíritas já há século e meio.

Os adulteradores não foram nada discretos, pois inverteram completamente a proposta moral, escrita de forma lúcida, didática e conclusiva pelo autor. A Moral da liberdade, baseada na mais completa responsabilidade pessoal pela conquista da felicidade, determinada a cada Espírito pelas leis naturais que regem o mundo moral, (moral autónoma) foi a teoria presente na obra original. Já a adulteração de 1869 retira essa ideia, distorce o texto, implanta falsos itens, dando ao leitor a base dogmática de um Deus vingativo, agindo por meio de castigos físicos e morais, exigindo submissão (moral heterónoma). Foram implantadas as falsas ideias de carma, que acabaram por se tornar uma referência para o meio espírita daquele final de século e principalmente dos seguintes.

Uma fraude de extensas proporções exige agora um esforço amplo e dedicado para restabelecer a verdadeira teoria de Allan Kardec, pois toda a crise também é uma oportunidade.

⁶¹ Kardec usa o termo “positivisme” referindo-se ao pensamento científico, progressivo, baseado na observação dos factos, e não ao sistema criado por Auguste Comte (1798-1857), como já dissemos atrás.(N.T.)

Deus, considerando que a Humanidade já saiu da infância, e que as pessoas hoje estão maduras para compreender verdades de uma natureza mais elevada, permite que a vida espiritual lhe seja revelada por factos que põem termo às incertezas ou às hipóteses. É a realidade, depois da ilusão.⁶²

Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras

4. A doutrina espírita, no que diz respeito às penas futuras, não está, como em tudo o resto, baseada numa teoria imaginária. Baseia-se em observações e é isso que faz a sua autoridade. Nunca ninguém imaginou que as almas, depois da morte, se encontravam nesta ou naquela situação. São os próprios seres que já deixaram a Terra que vêm, com a permissão de Deus e porque a Humanidade está a entrar numa nova fase, iniciar-nos nos mistérios da vida futura, descrever a sua posição feliz ou infeliz, as suas impressões e a sua transformação com a morte do corpo; numa palavra, completar, neste ponto, os ensinamentos de Jesus.

Não se trata do relato de um único Espírito, que poderia ver as coisas apenas do seu ponto de vista, sob um único aspeto, ou estar ainda dominado por preconceitos terrenos. Também não se trata de revelações feitas a uma só pessoa, que poderia deixar-se convencer pelas aparências. Nem são *visões extáticas* que se prestem a ilusões e são muitas vezes fruto de uma imaginação exaltada.⁶³ São inumeráveis exemplos fornecidos por todas as categorias de Espíritos, desde a mais elevada às mais inferiores, com a ajuda de numerosos intermediários, que se chamam “*médiuns*”, que existem por toda a parte no planeta Terra, desde sempre, de tal modo que essas revelações *não são privilégio exclusivo de ninguém*. Estão ao alcance de todos os seres, onde quer que vivam, podem ser observadas por todos, mas ninguém é obrigado a acreditar pela fé de terceiros.

As leis que daí derivam só são deduzidas quando houver concordância desta multiplicidade de observações. Esta é a característica essencial e especial da doutrina espírita.

Nunca um princípio geral foi tirado de um facto isolado, nem da asserção de um único Espírito, do ensinamento dado a um único indivíduo, ou de uma opinião pessoal.

Quem seria a pessoa que poderia acreditar-se, por si só, suficientemente justa para avaliar de maneira completa, toda a justiça de Deus?

Os numerosos exemplos para estabelecer a sorte futura da alma, citados nesta obra, poderiam ser multiplicados sem limites. Como cada um de nós pode observar outros exemplos semelhantes, basta referir os modelos, digamos assim, das diversas situações. Destas observações, podemos deduzir as condições de felicidade e de infelicidade da vida futura. São provas de que nenhum defeito ou erro cometido fica sem ser corrigido. Não sendo eterna, a prova a enfrentar pode ser difícil, **dependendo das circunstâncias**.⁶⁴

⁶² Nota retirada e adaptada de “Nem Céu nem Inferno” editado pela FEAL, em 2020: “Outro texto importante retirado de “O Céu e o Inferno” na adulteração está nos parágrafos presentes no início do Cap. VIII da edição original “As penas futuras segundo o Espiritismo”.

Este importante texto original da obra foi substituído, na versão adulterada, pelo extrato do artigo “A carne é fraca – estudo fisiológico e moral”, publicado na Revista Espírita de Março de 1869, exato mês da morte do professor Rivail. Porém, a conclusão original foi retirada do artigo e os parágrafos finais foram alterados dando outro sentido ao texto.”

Todas as observações que fazemos em relação a vários dos 25 pontos do capítulo VIII foram também retiradas da mesma obra: “Nem Céu nem Inferno” editado pela FEAL, em 2020.

⁶³ Ver acima, cap. VI, e o Livro dos Espíritos, nºs 443, 444. (N.T.)

⁶⁴ Também foi retirado o texto desde “**As leis que daí derivam... até... dependendo das circunstâncias**” (ver acima). É bem fácil compreender o interesse do adulterador em retirar esse trecho inicial do capítulo, pois nele Kardec denuncia como falsas as teorias elaboradas por um só indivíduo (caso de Pezzani), ou recebidas de um só Espírito ou grupo (caso de Roustaing). Também os sistemas dogmáticos das religiões e da

O espiritismo não vem, pois, com a sua autoridade particular, formular um código de fantasia; a sua lei, no que toca ao futuro da alma, deduzida de observações sobre os factos, pode resumir-se nos seguintes pontos:

a) A alma, ou Espírito, sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições de que se não libertou na vida corporal. O seu estado de felicidade ou de infelicidade é inerente ao grau do seu aperfeiçoamento ou das suas imperfeições.

b) Todos os Espíritos, sendo perfectíveis em virtude da lei do progresso, trazem em si os elementos da felicidade ou da infelicidade futura, e os meios de adquirir uma e evitar a outra, trabalhando para o seu próprio aperfeiçoamento.⁶⁵

c) A felicidade perfeita é inerente à perfeição, quer dizer, à purificação completa do Espírito. As imperfeições são as causas do sofrimento, assim como as qualidades adquiridas são a causa de alívio dos sofrimentos; daqui resulta que a soma da felicidade e da infelicidade está na razão da soma das qualidades boas ou más que o Espírito possui.

d) A punição é sempre a consequência natural das faltas cometidas. O Espírito sofre pelo mal que fez. *Estando a sua atenção incessantemente dirigida para as consequências desse mal*, compreende melhor os inconvenientes e é encorajado a corrigir-se.⁶⁶

e) A punição⁶⁷ varia segundo a natureza e a gravidade da falta. A mesma falta pode dar lugar a punições diferentes, conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais é cometida.

filosofia, quanto às leis da alma, quando estão em conflito com a teoria moral espírita (por exemplo as ideias de pecado e de carma, assim como um deliberado castigo divino pela dor física) se enquadram neste critério, que foi o 1º parágrafo a ser retirado.

⁶⁵ Neste item, que foi retirado completamente na edição adulterada, a felicidade e a infelicidade, que nos dogmas estão representados por atos e locais que proporcionam prazer e dor, são aqui definidas por Kardec como sentimentos íntimos do Espírito, dependentes de suas escolhas e esforço, no sentido da sua evolução. É a definição da mais ampla liberdade como definição da justiça divina.

⁶⁶ A primeira frase deste número foi retirada na adulteração. Ela representa a condição natural do castigo, regido por lei natural e não por uma determinação divina deliberada. A punição é uma condição ou sentimento do Espírito que comete a falta, conscientemente, por compreender a diferença entre o bem e o mal no que respeita a escolha que fez. Por isso, sabendo que agiu de uma forma que a sua consciência o acusa, mantém a sua atenção concentrada no mal. Caso não estivesse consciente do mal, não haveria motivo para se **arrepender**. O Espírito ignorante, que ainda não tem a compreensão racional dos seus atos, não tem responsabilidade moral, não tem de que se arrepender daquilo que o seu entendimento não alcança.

⁶⁷ Na edição adulterada a palavra **punição** foi substituída por **expição**. A intenção do adulterador está em confundir os dois termos que, para Kardec, têm significados completamente diferentes um do outro. Depois de ter afirmado que castigo/punição é o estado de sofrimento moral que é sempre a consequência natural do ato cometido, Kardec explica que as variáveis que regulam a punição são complexas, pois dependem das particularidades de cada espírito que a vivencia, não existem normas sistemáticas.

f) Não há, em relação à natureza, à intensidade⁶⁸ e à duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme. A única lei geral é que todas as faltas recebem a sua punição e todas as boas ações a sua recompensa, segundo o seu valor.

g) Sendo a justiça de Deus infinita, tem em conta o bem e o mal, com todo o rigor; não há ações ou pensamentos, bons ou maus, sem as respectivas consequências e não há uma única boa ação, um único movimento da alma para o bem, ainda que mínimo, numa palavra, o mais ligeiro mérito, que se perca, *mesmo os dos Espíritos mais perversos, porque isso é um início de progresso.*

h) A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr termo aos sofrimentos é o *arrependimento, a expiação e a reparação*, numa palavra, uma melhoria séria, efetiva, e um regresso sincero ao bem.

O Espírito é sempre o árbitro da sua própria sorte. Pode prolongar os seus sofrimentos pela obstinação no mal ou suavizá-los e abreviá-los pelos seus esforços para fazer o bem.

Uma condenação por um tempo determinado, qualquer que fosse, teria um duplo inconveniente: ou continuar a castigar o Espírito que já tivesse melhorado, ou cessar o castigo enquanto ele ainda permanecesse no mal. Deus, que é justo, pune o mal *enquanto ele existe*; deixa de o punir *quando o mal já não existe*.

Assim encontra-se confirmada esta palavra: *Não quero a morte do pecador, mas que ele viva, e persegui-lo-ei ATÉ QUE ELE SE ARREPENDA.*⁶⁹

⁶⁸ Na edição adulterada foi retirada a palavra intensidade. Os dogmas do pecado e do “carma” foram historicamente definidos pelas religiões ancestrais como seguindo códigos proporcionais: por exemplo, a expressão bíblica “olho por olho, dente por dente.” Também a ideia de carma propõe um castigo equivalente, em sua natureza e intensidade, à falta cometida. A definição espírita revoluciona este pensamento, pois segundo a lei da justiça divina não há regra quanto à natureza, intensidade e duração do castigo. A única lei absoluta está na diferença entre o bem e o mal. O sofrimento moral é uma consequência da consciência do Espírito, está nele próprio a medida das consequências, o quanto está consciente do ato cometido e tantos outros fatores cuja regra não se pode definir.

Por outro lado, a **expiação** não é um castigo, mas uma escolha do Espírito que se arrependeu e quer emendar-se, portanto, não se pode confundir castigo com expiação.

A teoria espírita exige um completo repensar das estruturas lógicas da moral. É preciso raciocinar e estabelecer novos entendimentos que fujam das falsas hipóteses heterónomas.

⁶⁹ Se o ímpio faz penitência de todos os pecados que tiver cometido, se guarda todos os meus preceitos, e se age segundo a equidade e a justiça, viverá, certamente, e não morrerá. - Esquecerei as iniquidades que tiver cometido e viverá nas obras de justiça que tiver praticado. Diz o Senhor Deus: - Eu não quero a morte do ímpio; - Quero antes que se converta, que se retire do mau caminho e que viva (Ezequiel, cap. XVIII, v. 21,22 e 23; cap. XXXIII, v. 11.) (Nota de A.K.)

i) Sendo a duração do castigo dependente do arrependimento ⁷⁰, resulta daí que o Espírito culpado que não se arrependesse e nunca melhorasse, sofreria sempre, e que, para ele, a pena seria eterna. A eternidade das penas deve, pois, entender-se no sentido relativo e não no sentido absoluto.

j) Uma condição inerente à inferioridade dos Espíritos é a de não verem o termo da sua situação e de acreditarem que sofrerão para sempre. É para eles um castigo que lhes parece ser eterno.⁷¹

k) É possível que um Espírito nunca melhore? Não! Se assim fosse, estaria fatalmente votado a uma eterna inferioridade e escaparia à lei do progresso, que rege providencialmente todas as criaturas. Sendo sempre possuidor do seu livre arbítrio, por vezes a sua obstinação no mal é tenaz e por isso o seu progresso muito lento. Pode aí persistir anos e séculos. Mas chega sempre um momento em que a sua teimosia em desafiar a justiça de Deus esmorece perante o sofrimento e, então, apesar da sua fanfarronice, reconhece a força superior que o domina. Desde que nele se manifestem os primeiros sinais de arrependimento, Deus permite-lhe entrever a esperança.

l) Quaisquer que sejam a inferioridade e a perversidade dos Espíritos, *Deus nunca os abandona!* Todos têm o seu Anjo da Guarda que vela por cada um, espia os movimentos da sua alma e se esforça por suscitar nele bons pensamentos, o desejo de progredir e de reparar numa nova existência o mal que fizeram. Contudo, o guia protetor age a maioria das vezes de forma oculta, sem exercer qualquer pressão. O Espírito deve melhorar *por efeito da sua própria vontade*, e não devido a qualquer imposição forçada. Ele age bem ou mal em virtude do seu livre arbítrio, mas sem ser *fatalmente* empurrado num ou no outro sentido. Se faz mal, sofre as consequências durante tanto tempo quanto permanecer no mau caminho; desde que dê um passo em direção ao bem sente imediatamente os efeitos.

⁷⁰ O adúlterador substituiu arrependimento por melhoramento, na 4ª edição. Pretende assim deformar a teoria espírita segundo os dogmas do velho mundo. Portanto, na heteronomia acredita-se que o fim do castigo estaria subordinado à sanção de um Deus vingativo para o qual o indivíduo deveria, temendo-o, suplicar, submisso, o seu perdão.

No texto original de Kardec o **castigo/punição é o sofrimento moral**, resposta simultânea da lei natural à condição de imperfeição. Portanto, a duração do castigo está condicionada à vontade daquele que sofre (pelo arrependimento): é a autonomia moral.

Deus não castiga nem precisa perdoar, Ele espera o inevitável arrependimento, pois todos os Espíritos, sem exceção, serão felizes pelo seu esforço e escolha. Essa é a mais perfeita definição da justiça divina. Por fim, Kardec completa que a eternidade das penas, sendo uma ilusão do Espírito imperfeito que atordoado pelo sofrimento, pensa que este nunca acabará, é relativa. Para as religiões dogmáticas as penas eternas são aceites no sentido absoluto, como se fossem uma imposição deliberada de um Deus vingativo.

⁷¹ *Perpétuo* é sinónimo de *eterno*. Diz-se: o limite das neves perpétuas; os gelos eternos dos polos; diz-se também o secretário perpétuo da Academia, o que não quer dizer que ele o será perpetuamente, mas somente por um tempo *ilimitado*. Portanto, eterno e perpétuo empregam-se no sentido de *indeterminado*. Nessa aceção pode-se dizer que as penas são eternas, se entendermos que elas não têm uma duração limitada; as penas são perpétuas para o Espírito que não lhes vê o fim. (Nota de A.K.)

m) Seria um erro acreditar que, em virtude da lei do progresso, a certeza de chegar mais cedo ou mais tarde à perfeição e à felicidade pode ser, para o Espírito mau ⁷², um encorajamento a permanecer no mal, sob a condição de se arrepender mais tarde.

Em primeiro lugar porque o Espírito inferior não conhece o fim da situação.

Em segundo lugar, porque o Espírito, sendo o autor da sua própria infelicidade, acaba por perceber que depende dele fazê-la cessar, e que quanto mais tempo persistir no mal mais tempo será infeliz; e que o seu sofrimento durará sempre se ele não lhe puser um termo.

Seria, pois, um falso cálculo da sua parte, de que seria a primeira vítima.

Se, pelo contrário, e segundo o dogma das penas irremissíveis, toda a esperança lhe for vedada para sempre, ele insiste no mal porque não tem qualquer interesse em regressar ao bem, que para ele não tem vantagens. A razão diz de que lado está a verdadeira justiça providencial e aquela em que melhor se vê o amor de Deus pelas suas criaturas.

n) Diante desta lei cai igualmente a objeção tirada da presciência divina. Deus, criando uma alma, sabe com efeito se, em virtude do seu livre arbítrio, ela seguirá o bom ou o mau caminho. Sabe que será punida se fizer mal. Mas sabe também que esta pena temporária é um meio de lhe fazer compreender o seu erro e de a fazer entrar no bom caminho, a que chegará, mais cedo ou mais tarde.

Segundo a doutrina das penas eternas, sabe que se falhar, está antecipadamente condenada a torturas sem fim.

A razão diz-nos também de que lado está a verdadeira justiça de Deus.

o) Cada um só é responsável pelas suas faltas pessoais. Ninguém carrega as penas de outrem⁷³, a menos que lhe tenha dado lugar, quer pelo seu exemplo, quer não o impedindo quando tinha essa oportunidade. Respondemos não só pelo mal que fizemos, mas também pelo bem que poderíamos ter feito e não fizemos.

É assim, por exemplo, que o suicídio é sempre punido; mas aquele que, pela sua dureza, leva um indivíduo ao desespero e daí até ao suicídio, sofre uma pena ainda maior.

p) Não acontece o mesmo na doutrina dogmática do inferno; o inferno é o mesmo para todos. O culpado de uma única falta sofre o mesmo suplício eterno que aquele que cometeu milhares. Se não fosse assim, o inferno já não seria o inferno, porque teria umas almas menos infelizes que outras ⁷⁴.

q) Embora a diversidade das punições seja infinita, há as que são *inerentes* à inferioridade dos Espíritos, e cujas consequências, salvo pequenos matizes, são quase idênticas.

⁷² Aqui, a ordem do texto original é fundamental para o seu estudo, pois do item “k” ao item “m”, A.K. trata dos Espíritos maus ou imperfeitos, que são apenas uma parte dos Espíritos do nosso planeta. Como o adúlterador deseja impor o falso dogma religioso, segundo o qual todos os Espíritos do nosso planeta seriam pecadores a serem castigados (Roustainguismo), ele retira as palavras **Espírito mau** para levar o leitor ao erro, generalizando o item para todos os Espíritos. Também a ordem foi mudada na versão adulterada, reforçando essa intenção de causar confusão.

⁷³ A alma que peca é a que morre; o filho não carregará a iniquidade do pai, e o pai não carregará a iniquidade do filho; a justiça do justo será sobre ele e a impiedade do ímpio será sobre ele. (*Ezequiel*, XVIII: 20.) (Nota de A.K.)

⁷⁴ Este item foi retirado pelo adúlterador. Este ensinamento é de grande importância para se compreender a diferença entre a moral espírita e o pensamento das religiões ancestrais dogmáticas. Segundo a teoria heterónoma do castigo divino pelos sofrimentos físicos, tanto no mundo como no Inferno, todos estariam igualmente a sofrer, independentemente da intensidade das faltas cometidas. Para a doutrina espírita, sendo o castigo um sofrimento moral, ele é relativo, depende da responsabilidade, do grau de entendimento do espírito, portanto, não é uniforme, não tem regra fixa.

A punição mais imediata, sobretudo para os que se ligaram à vida material, negligenciando o progresso espiritual, consiste na lentidão da separação da alma e do corpo, nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na duração da perturbação que pode existir durante meses e anos.

Entre aqueles, pelo contrário, cuja consciência é pura, e que, desde que estavam vivos neste mundo se tenham identificado com a vida espiritual e desligado das coisas materiais, a separação é rápida, sem abalos, o despertar é agradável e a perturbação quase nula.

r) Um fenómeno muito frequente, entre os Espíritos de uma certa inferioridade moral, consiste em se acreditarem ainda vivos, e a ilusão pode prolongar-se durante anos, durante os quais eles sentem todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida.

s) Para o criminoso, a visão constante das suas vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel.

Alguns Espíritos estão mergulhados em trevas espessas; outros estão num isolamento absoluto no meio do espaço, atormentados pela ignorância da sua posição e da sua sorte. Os mais culpados sofrem torturas indiscrimináveis, tanto mais duras quanto mais longas. Muitos são privados da visão dos seres que lhes são queridos. Todos sofrem com intensidade os males, as dores e as necessidades que fizeram outros sofrer.

É um suplício para o orgulhoso ver acima de si, na glória, rodeados e acarinhados, os que desprezou na Terra, enquanto ele é expulso para os últimos grupos. Para o hipócrita, o suplício é ver-se trespassado pela luz, que põe a nu os mais secretos pensamentos, para toda a gente ver.

Para o sensual, é ter todas as tentações, todos os desejos, sem os poder satisfazer.

Para o avaro, é ver tudo o que possui ser esbanjado sem remédio.

Para o egoísta, é ser abandonado por todos e sofrer o que os outros sofreram por sua causa: terá sede e ninguém lhe dará de beber; terá fome e ninguém lhe dará de comer; nenhuma mão amiga virá apertar a sua; nenhuma voz compadecida virá consolá-lo; só pensou nele durante a vida, ninguém pensa nele nem o lamenta depois da morte.

t) O meio de evitar ou atenuar as consequências dos seus defeitos, na vida futura, é desfazer-se deles o mais possível na vida presente. Reparar o mal para não ter de o reparar mais tarde, de forma mais penosa. Quanto mais tardar em se livrar dos seus defeitos, mais graves são as consequências e a reparação que deverá cumprir.

u) A situação do Espírito, desde a entrada na vida espiritual, é a que ele preparou para si mesmo, durante a vida corporal.

Mais tarde, ser-lhe-á dada e algumas vezes imposta outra encarnação ⁷⁵, para expiação e reparação através de novas provas. Aproveitá-la-á em função do seu livre arbítrio. Se não o fizer, é uma tarefa que terá de recomeçar, cada vez em condições mais penosas.

⁷⁵ O adúlterador retirou as palavras “algumas vezes imposta”, pois no falso dogma religioso (Roustantismo) aceita-se que todos os encarnados, sem exceção, estariam a sofrer no mundo um castigo divino. O verdadeiro espiritismo demonstra, porém, que as encarnações são oportunidades necessárias e naturais do processo evolutivo do Espírito que se liberta das leis fisiológicas à medida que despertam as faculdades da sua alma (razão, vontade, imaginação). Quando um Espírito comete faltas ou transforma um acto errado em hábito, terá inerente a eles um sofrimento moral que é seu castigo. Mas, enquanto não se arrepender, esse penoso sentimento vai manter-se. Deste modo, o espírito imperfeito continua a sofrer depois da morte. Porém, quando se consciencializa da verdadeira causa da sua condição indesejável, arrepende-se e poderá escolher para a reencarnação seguinte as provas que deseja enfrentar como **expiação** e **reparação**. Mas o tempo certo depende das suas escolhas. Caso não se arrependa, sendo a reencarnação

Aquele que sofre muito na Terra é porque tinha muito a expiar. Aqueles que usufruem de uma felicidade aparente, apesar dos seus vícios e da sua inutilidade, terão certamente que pagar caro numa existência posterior.

Foi neste sentido que Jesus disse: “*Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados*” (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V).

v) A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega. Põe uma condição: o arrependimento, a expiação e a reparação.

O culpado a quem Deus perdoa não fica isento de problemas; enquanto não cumprir as condições, sofrerá as consequências das suas faltas. Por misericórdia infinita, é preciso entender que Deus não é inexorável e deixa sempre aberta a porta do regresso ao bem⁷⁶.

w) Sendo as penas temporárias e sujeitas ao arrependimento⁷⁷, dependem da livre vontade das almas. São ao mesmo tempo castigo e remédio que devem ajudar a curar as feridas do mal.

Os Espíritos em punição não são como escravos condenados perpetuamente, mas como doentes num hospital. Sofrem uma doença que, muitas vezes, foi provocada pelos seus erros. A cura é dolorosa, mas têm a esperança de a curar tanto mais rapidamente quanto forem bem cumpridas as ordens do médico, que os trata com boa vontade. Se eles prolongam o sofrimento pela sua falta, o médico não tem qualquer culpa.

x) Pergunta-se: Deus não mostraria maior amor às suas criaturas, se as tivesse criado infalíveis e isentas das dificuldades inerentes à imperfeição⁷⁸?

uma lei natural, ele vai voltar ao mundo mesmo que não queira. Ou seja, *uma encarnação é dada* quando é escolhida livremente como **prova** ou **expiação** pelo Espírito que deseja superar a sua imperfeição e reparar o mal que fez; já a situação de uma *encarnação imposta* somente acontece quando o Espírito ainda é ignorante para escolher por si mesmo, ou então muito endurecido. Nesses casos, porém, o objetivo da encarnação é o de levá-lo a escolher conscientemente, pelo seu próprio despertar (Ver item o, Cap. V do Evangelho segundo o Espiritismo)

⁷⁶ Neste item trata-se da misericórdia ou perdão de Deus. Segundo os dogmas religiosos a iniciativa pertenceria a Deus quanto ao perdão dos pecados, mas aquele que rejeitasse a salvação oferecida por meio da Igreja seria condenado às penas eternas. Caberia ao fiel somente rogar e demonstrar a sua submissão. Essa é uma definição moral heterónoma.

Kardec ressignificou o termo *misericórdia* qualificando-o não como anulação da culpa, mas sim como uma sempre renovada oportunidade para que o Espírito imperfeito faça a escolha do *arrependimento*, depois trabalhe para o seu sério e efetivo aperfeiçoamento pela *expiação* e pelo regresso ao bem, que é a *reparação*. Ou seja, a oportunidade é dada por Deus, que deixa sempre a porta aberta, mas a iniciativa da escolha e o esforço de recuperação devem ser feitos pelo próprio **Espírito, que é o árbitro do seu próprio destino**. Essa é a definição da moral autónoma espírita. Neste item fica absolutamente explícita a intenção do adúlterador ao corromper a escrita original da doutrina espírita pois substituiu a responsabilidade individual pela expressão teológica e heterónoma: *satisfazer a justiça divina*.

⁷⁷ Aqui se define arrependimento como “facto da livre vontade do homem.” Ou seja, o Espírito imperfeito primeiro consciencializa-se e escolhe superar a sua condição de imperfeição, faz então a escolha das provas como expiação, tendo em vista o seu aperfeiçoamento, voltando assim ao bem pela reparação, conquistando progressivamente a felicidade ao desenvolver as faculdades da alma. Por isso, o Espírito é assim sempre o árbitro do seu próprio destino.

⁷⁸ Segundo o princípio fundamental da doutrina espírita, o Espírito é simples e ignorante na sua primeira vida humana. Ou seja, começa por uma nulidade intelecto-moral e não tem ainda responsabilidade pelos seus atos. À medida que desenvolve a sua razão passa a fazer escolhas conscientes, elabora o seu livre arbítrio e passa a ser responsável moralmente, de forma progressiva e proporcional ao seu grau evolutivo. Como tudo na natureza, evolui do simples ao complexo. Esta teoria espírita é inovadora, pois todas as religiões ancestrais

Teria sido necessário, para isso, que as criasse seres perfeitos, que nada tivessem para adquirir, nem em conhecimentos, nem em moralidade. Sem dúvida que podia fazê-lo, mas não o fez. Deve ter tido motivos que escapam ainda à nossa razão, e cuja sabedoria aprenderemos mais tarde.

Os homens são imperfeitos e, como tal, sujeitos a dificuldades mais ou menos penosas. É um facto que temos de aceitar. Se concluíssemos que Deus não era nem bom, nem justo, seria uma revolta contra Ele.

y) Haveria injustiça se ele tivesse criado privilegiados, mais favorecidos uns que outros: uns, usufruindo sem trabalho da felicidade que outros só atingem com sacrifícios, ou que nunca atingem.

Mas onde a sua justiça é brilhante, é na igualdade absoluta que preside à criação de todos os Espíritos. Todos têm o mesmo ponto de partida, são todos iguais, e nenhum existe cuja marcha ascensional seja facilitada por privilégio. Os que chegaram ao topo passaram, como os outros, pela fileira das provas e da inferioridade.

Admitido isto, que haveria de mais justo do que a liberdade de ação deixada a cada um?

O caminho da felicidade está aberto a todos. O fim é o mesmo para todos, as condições para o atingir são as mesmas para todos, a lei gravada nas consciências é igual para todos.

Deus fez da felicidade *o prémio do trabalho e não um favor*, para que cada um tenha o que merece; cada um é livre de trabalhar ou de nada fazer para o seu adiantamento; os que trabalham muito e depressa são recompensados mais cedo; os que se atrasam no caminho ou perdem o seu tempo, atrasam a sua chegada e só podem culpar-se a si próprios.

O bem e o mal são voluntários e facultativos; o homem é livre, não é fatalmente empurrado nem para um nem para outro.

Esta é a lei da justiça divina: a cada um segundo as suas obras, tanto no céu como na Terra.

adotam o dogma falso de que o Espírito teria sido criado perfeito por Deus, com toda a sabedoria e justiça, e pelo pecado seria castigado pela sua degeneração, encarnando num mundo de sofrimentos condenatórios. Todavia, A.K. sabe que a doutrina espírita é da iniciativa dos Espíritos Superiores, e cabe aos homens a sua elaboração. Portanto, não é possível definir princípios sem que os bons Espíritos definam o momento certo.

O Espiritismo é progressivo, mas qualquer princípio precisa de passar pelo duplo controlo: uma lógica rigorosa e o ensinamento universal dos Espíritos superiores.

No caso deste item, sabemos pelos ensinamentos da doutrina espírita, que Deus não criou os Espíritos perfeitos, mas não sabemos qual foi a intenção do Criador. Qualquer coisa que se disser, mesmo que seja lógica e possível, não passa de uma opinião pessoal. Deste modo, A.K. preferiu afirmar somente que Deus “deve ter tido motivos que escapam ainda à nossa razão, e cuja sabedoria aprenderemos mais tarde.” Kardec aqui demonstra a sua lucidez, a clareza da sua lógica não se atrevendo a determinar as motivações divinas, por estar fora do nosso alcance a sua compreensão.

Os anjos segundo a Igreja Católica

1. Todas as religiões tiveram, sob diversos nomes, anjos, quer dizer, seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. O materialismo, negando qualquer existência espiritual fora da vida orgânica, incluiu os anjos nas ficções e alegorias. A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da Igreja Católica. Vejamos como eles os definem:⁷⁹

2. “ Acreditamos firmemente, diz um Concílio geral e ecuménico⁸⁰, que só há um verdadeiro Deus, eterno e infinito, que, *no começo dos tempos*, tirou *em conjunto*, do nada, as duas criaturas, a espiritual e a corporal - a angélica e a mundana; em seguida formou, como intermediária entre essas duas, a natureza humana, formada de corpo e Espírito.

Este é, segundo a fé, o plano divino da obra da criação; plano majestoso e completo, de acordo com a sabedoria eterna. Assim concebido, oferece à nossa reflexão o Ser, em todos os graus e em todas as condições. Na esfera mais elevada, aparecem a existência e a vida puramente espiritual; no plano mais baixo, a existência e a vida puramente materiais; no meio que os separa, uma maravilhosa união das duas substâncias, uma vida comum que possui, simultaneamente, o Espírito inteligente e o corpo organizado.

A nossa alma é de uma natureza simples e indivisível, mas ficou limitada nas suas faculdades. A ideia que nós temos da perfeição faz-nos compreender que pode haver outros seres simples como ela, e superiores pelas suas qualidades e os seus privilégios. Ela é grande e nobre, mas está associada à matéria, servida por órgãos frágeis, limitada na sua ação e no seu poder.

Porque não haveria outras naturezas mais nobres ainda, libertas desta escravatura e destes entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável?

Antes que Deus colocasse o homem na Terra, para o conhecer, amar e servir, já tinha chamado outras criaturas para compor a sua corte celestial e o adorar na morada da sua glória. Deus, por fim, recebe das mãos do homem o tributo de honra e a homenagem deste Universo. É de admirar que ele receba das mãos dos anjos o incenso e a prece das mãos dos homens?

Se os anjos não existissem, a grande obra do Criador não teria o remate e a perfeição de que ele é capaz. Este mundo, que atesta a sua onipotência, não seria a obra-prima da sua sabedoria; até a nossa razão, embora fraca e débil, poderia facilmente concebê-lo mais completo e mais bem acabado.

Em cada página dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento, faz-se menção destas sublimes inteligências, nas invocações piedosas ou nos tratados de História. As suas intervenções aparecem manifestamente na vida dos patriarcas e dos profetas. Deus serve-se do seu ministério tanto para declarar a sua vontade como para anunciar os acontecimentos futuros. Faz dos Anjos, quase todos os dias, os intermediários da sua justiça ou da sua misericórdia. A sua presença está envolvida em diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão de Jesus. A sua recordação é inseparável da dos grandes homens e dos factos mais importantes da antiguidade religiosa. Encontra-se até no seio do politeísmo e sob as fábulas da mitologia, porque a crença de que falamos é tão antiga e tão universal como o mundo: o culto rendido pelos pagãos aos bons e aos maus génios era apenas uma falsa aplicação da verdade, um resto degenerado do dogma primitivo.

⁷⁹ Retirámos este resumo da pastoral de monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1864. Podemos considerá-lo, tal como o dos demónios, retirado da mesma fonte e citado no capítulo seguinte, como a última expressão do dogma da Igreja sobre este ponto. (Nota de A.K.)

⁸⁰ Concílio de Latrão - 1123 (Nota de A.K.)

As palavras do Concílio de Latrão contêm uma distinção fundamental entre os anjos e os homens. Ensinam-nos que os primeiros são puros Espíritos, enquanto os segundos são compostos de um corpo e de uma alma. Quer dizer que a natureza angélica existe por si mesma, não só sem mistura, mas também sem associação real possível com a matéria, por mais leve e subtil que a imaginemos; enquanto a nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de modo a formar com ele uma única e mesma pessoa; *esse é essencialmente o seu destino*.

Enquanto durar esta união tão íntima da alma com o corpo, as duas substâncias têm uma vida comum e exercem uma sobre a outra influência recíproca. A alma não consegue libertar-se inteiramente da condição imperfeita que resulta da sua situação: as suas ideias chegam-lhe através dos sentidos, pela comparação dos objetos exteriores, e sempre sob imagens mais ou menos aparentes. Daí resulta que ela não consegue contemplar-se a si mesma e que não pode representar Deus ou os anjos sem os imaginar com alguma forma visível ou palpável. É por isso que os anjos, para se tornarem visíveis aos santos e aos profetas, tiveram de recorrer a figuras corpóreas; mas, estas figuras têm apenas corpos aéreos que movimentam sem se identificarem com eles, ou atributos simbólicos em relação com a missão de que estavam encarregados.

O seu Ser e os seus movimentos não estão localizados e circunscritos num ponto fixo e limitado do espaço. Não estando ligados a nenhum corpo, não podem ser presos e limitados por outros corpos, como nós somos; não ocupam lugar algum nem preenchem qualquer vazio; mas, do mesmo modo que a nossa alma está inteira no nosso corpo e em cada uma das suas partes, da mesma forma os anjos estão inteiros e quase simultaneamente em todos os pontos e em todas as partes do mundo; mais rápidos do que o pensamento, podem estar por todo o lado num abrir e fechar de olhos, e aí agir por si mesmos sem outros obstáculos aos seus propósitos além da vontade de Deus e da resistência da liberdade humana.

Enquanto nós somos reduzidos a só ver pouco a pouco e numa certa medida, as coisas que estão fora de nós, e que as verdades de ordem sobrenatural nos aparecem de forma enigmática e como num espelho, segundo a expressão do apóstolo S. Paulo, os anjos veem sem esforço o que lhes interessa saber e estão em contacto imediato com o objeto do seu pensamento. *Os seus conhecimentos não são o resultado da indução e do raciocínio*, mas desta intuição clara e profunda que envolve completamente o género e as espécies que deles derivam, os princípios e as consequências que deles decorrem.

A distância das épocas, a diferença dos lugares, a multiplicidade dos objetos não podem produzir nenhum choque nos seus Espíritos. Sendo a essência divina infinita, é incompreensível. Tem mistérios e profundezas que eles não podem penetrar. Os desígnios particulares da Providência estão-lhes ocultos; mas ela revela-lhes os segredos quando os encarrega, em certas circunstâncias, de os anunciar aos homens.

As comunicações de Deus aos anjos, e dos anjos entre si, não se fazem como entre nós, por meio de sons articulados e de outros sinais sensíveis. As puras inteligências não precisam de olhos para ver nem de ouvidos para ouvir; não têm os órgãos da voz para manifestar os seus pensamentos. Esse intermediário habitual nas nossas conversas não lhes é necessário, mas eles comunicam os seus sentimentos de uma forma que lhes é própria e que é inteiramente espiritual. Para serem compreendidos, basta quererem.

Só Deus conhece o número de anjos. Este número, não podia ser infinito e não o é. Mas, segundo os autores sagrados e os doutores da Igreja, é muito considerável e verdadeiramente prodigioso. Se o número de habitantes de uma cidade é naturalmente proporcional à sua grandeza e à sua extensão, e sendo a Terra do tamanho de um grão de areia em comparação com o firmamento e as imensas regiões do espaço, é preciso concluir que o número de habitantes do céu e do ar é muito maior que o número de habitantes da Terra.

Uma vez que a magnificência dos reis deve o seu brilho ao número dos seus súbditos, dos seus agentes e dos seus servidores, que haverá de melhor para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos reis do que esta multidão inumerável de anjos que povoam os Céus e a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade dos que permanecem *constantemente inclinados ou de pé* diante do seu trono?

Os Pais da Igreja⁸¹ e os teólogos ensinam geralmente que os anjos estão distribuídos por três grandes hierarquias ou principados e cada hierarquia em três companhias ou coros.

Os da primeira e mais elevada hierarquia são designados em consequência das funções que desempenham no Céu. Uns são chamados *Serafins*, porque estão como que abrasados diante de Deus pelos ardores da caridade; outros chamam-se *Querubins* porque são um reflexo luminoso da sua sabedoria; outros ainda são os *Tronos*, porque proclamam a sua grandeza e fazem resplandecer o seu brilho.

Os da segunda hierarquia recebem os nomes pelas funções que lhes são atribuídas no Governo-geral do Universo, e são: as *Dominações*, que atribuem aos anjos das ordens inferiores as suas missões e os seus encargos; as *Virtudes*, que realizam os prodígios reclamados pelos interesses da Igreja e do género humano; as *Potências* que protegem, com a sua força e a sua vigilância, as leis que regem o mundo físico e moral.

Os da terceira hierarquia partilham a direção das sociedades e das pessoas e são: os *Principados*, encarregados dos reinos, das províncias e das dioceses; os *Arcanjos* que transmitem as mensagens de elevada importância; os *Anjos da Guarda*, que acompanham cada um de nós para velar pela nossa segurança e a nossa santificação.

Contestação desta teoria

3. O princípio geral que sobressai desta doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à Humanidade. *São criaturas privilegiadas votadas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação*, dotados, pela sua natureza, de todas as virtudes e de todos os conhecimentos sem nada terem feito para os adquirir. Estão na primeira fila na obra da criação; na última fila está a vida puramente material; entre as duas está a Humanidade formada de almas, seres espirituais inferiores aos anjos, unidos a corpos materiais.

Para explicar esta teoria surgem várias e graves dificuldades.

Primeiro: qual é esta vida puramente material? É a matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida por si mesma. Serão as plantas e os animais? Seria então uma quarta ordem da criação, porque não podemos negar que num animal exista um pouco mais de inteligência que numa planta e nesta mais do que numa pedra. Quanto à alma humana, que está na transição, está unida diretamente a um corpo que é matéria bruta, porque sem alma ele não tem mais vida que um monte de terra.

Esta divisão tem falta de clareza e não está de acordo com a observação; parece-se com a teoria dos quatro elementos, que caiu perante os progressos da ciência.

Admitamos estes três termos: a criatura espiritual, a criatura humana e a criatura corporal. É este, dizem, o plano divino, plano majestoso e completo como convinha à sabedoria eterna.

Notemos que entre estes três termos não há nenhuma ligação necessária; são três criaturas distintas, formadas sucessivamente; de uma à outra há uma solução de continuidade; enquanto na

⁸¹ Os Pais da Igreja foram influentes teólogos, professores e mestres cristãos, na grande maioria importantes bispos de igrejas cristãs primitivas. Os seus trabalhos académicos foram utilizados como precedentes doutrinários nos séculos subsequentes.(N.T.)

natureza tudo se encadeia, tudo nos mostra uma admirável lei de unidade, em que todos os elementos, que resultam apenas da transformação uns dos outros, têm o seu traço de união.

Esta teoria é verdadeira no sentido em que estes três termos existem, evidentemente; só que está incompleta; faltam-lhe os pontos de contacto, como é fácil de demonstrar.

4. Diz a Igreja que estes três pontos culminantes da criação são necessários à harmonia do conjunto. Que se faltasse só um a obra estava incompleta e não estava segundo a sabedoria eterna. Contudo, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a terra, os animais, as plantas, o sol, as estrelas, a própria luz, foram criados e tirados do *nada* há seis mil anos. Antes desta época não havia criaturas humanas nem criaturas corpóreas; durante o decorrer da eternidade, a obra divina tinha, portanto, permanecido imperfeita.

A criação do Universo há seis mil anos é um artigo de fé de tal modo importante para a Igreja católica que ainda há poucos anos a Ciência foi excomungada porque veio destruir a cronologia bíblica ao provar a grande antiguidade da Terra e dos seus habitantes. Contudo, o concílio de Latrão, (1123) concílio ecuménico que fez lei em matéria de ortodoxia, diz: “*Acreditamos firmemente* que só há um único Deus verdadeiro, eterno e infinito, que *no começo dos tempos*, tirou *em conjunto* do nada, as duas criaturas, a espiritual e a corporal.”

Por “*começo dos tempos*” só pode entender-se a eternidade decorrida, porque o tempo é infinito, assim como o espaço: não há começo nem fim. Esta expressão: *no começo dos tempos*, é uma figura que implica a ideia de uma anterioridade *ilimitada*.

O Concílio de Latrão acredita, pois, firmemente, que as criaturas espirituais e as criaturas corporais foram formadas simultaneamente e tiradas conjuntamente do nada numa época indeterminada, no passado.

Que vem a ser então o texto bíblico que fixa a criação há seis mil anos antes de nós? Admitindo que fosse nesse tempo o começo do Universo visível, esse não é, seguramente, *o começo dos tempos*. Então, acreditar em qual, no concílio ou na bíblia?

5. O mesmo concílio formula, por outro lado, uma estranha proposição. Diz ele: a nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de modo a formar com ele uma única e mesma pessoa, e que *esse é essencialmente o seu destino*. Se o destino *essencial* da alma é estar unida ao corpo, esta união constitui o seu estado normal, é o seu fim, a sua finalidade, visto que é *o seu destino*. Contudo, a alma é imortal e o corpo é mortal; a sua união com o corpo, segundo a Igreja católica, só acontece uma vez, e mesmo que dure um século, o que é isso comparado com a eternidade? Mas para um grande número de pessoas, é apenas de algumas horas. Que utilidade pode ter para a alma esta união efémera? Quando, perante a eternidade, a sua maior duração é um tempo imperceptível, é exato dizer que *o seu destino é, essencialmente, estar ligada ao corpo*? Esta união, na realidade, é só um incidente, um ponto na vida da alma e não o seu estado essencial. Se o destino essencial da alma é estar unida a um corpo material; se, pela sua natureza e conforme o fim providencial da sua criação, esta união é necessária para o desenvolvimento das suas faculdades, é preciso concluir que, sem o corpo, *a alma humana é um ser incompleto*; ora, para permanecer o que ela é pelo seu destino, depois de ter deixado um corpo, é preciso que retome outro, o que nos conduz à pluralidade das existências, ou seja, à reencarnação perpétua.

É verdadeiramente estranho que um Concílio, olhado como uma das luzes da Igreja, tenha identificado a tal ponto o ser espiritual e o ser material que eles não podem viver um sem o outro, visto que “*a condição essencial da sua criação é estarem unidos*”.

6. Sobre este assunto, o espiritismo tem uma doutrina muito mais *espiritualista*, para não dizer menos *materialista*, e que tem a seu favor o facto de ser mais conforme a observação e o destino da

alma. Segundo o que nos ensina, a alma é independente do corpo, que é apenas um veículo temporário; *a sua essência é a espiritualidade; a sua vida normal é a vida espiritual*. O corpo é apenas um instrumento para o exercício das suas faculdades nas relações com o mundo material; mas, separada do corpo, usufrui das suas faculdades com mais liberdade e amplitude.

7. A sua união com o corpo, necessária nos primeiros progressos, só tem lugar nos períodos a que podemos chamar a sua infância e a sua adolescência; logo que atinge um certo grau de perfeição e de desmaterialização, esta união deixa de ser necessária e a alma progride apenas pela vida do Espírito. Por mais numerosas que sejam as existências corporais, são necessariamente limitadas pela vida do corpo e a sua soma total só compreende, em qualquer caso, uma imperceptível parte da vida espiritual que é indeterminada.

8. O quadro hierárquico dos Anjos ensina-nos que várias ordens têm, nas suas atribuições, o governo do mundo físico e da humanidade, que foram criados para esse fim. Mas, segundo o Génesis⁸² o mundo físico e a Humanidade só existem há seis mil anos. Que faziam então os anjos antes desse tempo, durante a eternidade, já que o objeto das suas ocupações ainda não existia? Os Anjos foram criados desde toda a eternidade? Devia ser assim, visto que serviam para a glorificação do Altíssimo. Se Deus os criou numa determinada época, qualquer que fosse, Ele esteve até então, quer dizer, durante uma eternidade, sem adoradores.

9. Mais adiante o Concílio diz: *“Enquanto durar esta união tão íntima da alma com o corpo”*. Portanto, haverá um momento em que essa união deixa de existir. Esta afirmação contradiz a que faz desta união o destino essencial da alma.

E diz ainda: *As ideias chegam-lhes pelos sentidos, pela comparação dos objetos exteriores*. Esta é uma doutrina filosófica, verdadeira em parte, mas não totalmente. Segundo o eminente teólogo, só receber as ideias pelos sentidos é uma condição inerente à natureza da alma; esquece as ideias inatas, as faculdades por vezes tão transcendentais, a intuição das coisas que a criança traz à nascença e que não deve a nenhuma instrução. Por que forma estes jovens estudantes, calculadores naturais que espantaram os sábios, adquiriram as ideias indispensáveis à solução quase instantânea dos mais complicados problemas? Pode-se dizer o mesmo de certos músicos, pintores e linguistas precoces.

Os conhecimentos dos anjos não são o resultado de indução e de raciocínio. Eles sabem, porque são anjos, sem ter necessidade de aprender. Deus criou-os assim. A alma, pelo contrário, tem de aprender. Se a alma só recebe as ideias pelos órgãos do corpo, que ideias pode ter a alma de uma criança que morre ao fim de alguns dias de vida, admitindo, como a Igreja católica, que ela não renasce?

10. Aqui coloca-se uma pergunta vital: a alma adquire ideias e conhecimentos depois da morte do corpo? Se, depois de separada do corpo, não pode aprender mais nada, a alma da criança, do homem primitivo, dos débeis mentais, dos loucos, dos ignorantes, permanecerá sempre como era quando morreu; está votada à nulidade por toda a eternidade.

Se adquire novos conhecimentos depois da vida atual, é porque pode progredir. Sem o progresso posterior da alma, chegamos a consequências absurdas; com o progresso chega-se à negação de todos os dogmas fundados sobre o seu estado estacionário: a sorte irrevogável, as penas eternas, etc.

Se ela progride, onde estaciona o progresso? Não há qualquer razão para que não atinja o grau dos anjos ou puros Espíritos. Se aí pode chegar, não havia nenhuma necessidade de criar seres especiais e privilegiados, isentos de todo o trabalho e usufruindo da felicidade eterna sem nada terem feito para a conquistar, enquanto outros seres menos favorecidos só obtêm a suprema felicidade à custa

⁸² Primeiro livro da Bíblia que apresenta a origem do mundo. (N.T.)

de longos e cruéis sofrimentos e as mais duras provas. Deus pode fazê-lo, sem dúvida, mas se admitimos o infinito das suas perfeições, sem as quais não é Deus, é preciso admitir também que não faz nada de inútil, nem nada que desmintam a soberana justiça e a soberana bondade.

11. “Uma vez que a magnificência dos reis deve o seu brilho ao número dos seus súbditos, dos seus agentes e dos seus servidores, que haverá de melhor para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos reis, do que esta multidão inumerável de anjos que povoam os Céus e a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade dos que permanecem constantemente inclinados ou de pé diante do seu trono?”

Não é rebaixar a divindade associar a sua glória ao fausto dos soberanos da Terra? Esta ideia, inculcada no espírito das pessoas ignorantes, falseia a opinião que se faz da sua verdadeira grandeza; é sempre reduzir Deus às mesquinhas proporções da Humanidade; supor que Deus precisa de ter milhões de adoradores *constantemente inclinados ou de pé* diante de si, é atribuir-lhe as fraquezas dos monarcas déspotas e orgulhosos do Oriente.

O que faz os soberanos verdadeiramente grandes? É o número e o brilho dos seus cortesãos? Não! É a sua bondade e a sua justiça, é o título merecido de pai dos seus súbditos.

Pergunta-se se haverá alguma coisa de melhor para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos reis do que esta multidão inumerável de anjos que compõem a sua corte? Sim, certamente há alguma coisa melhor do que isso: é apresentá-lo a todas as suas criaturas como soberanamente bom, justo e misericordioso e não como um Deus colérico, invejoso, vingativo, inexorável, exterminador, parcial, criando para a sua própria glória seres privilegiados, favorecidos com todos os dons, nascidos para a eterna felicidade, enquanto faz os outros adquirir penosamente a felicidade e castiga-os com uma eternidade de suplícios por um momento de erro.

Os Anjos segundo o Espiritismo

12. Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, isso não se duvida. A revelação espírita confirma, em relação a este ponto, a crença de todos os povos; mas faz-nos conhecer, ao mesmo tempo, a natureza e a origem destes seres. As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, quer dizer, sem conhecimentos e sem a consciência do bem e do mal, mas aptos a adquirir tudo o que lhes falta; adquirem-no pelo trabalho. O fim, que é a perfeição, é o mesmo para todos; podem chegar lá mais ou menos rapidamente devido ao seu livre-arbítrio e aos seus esforços; todos têm os mesmos níveis para percorrer, o mesmo trabalho para realizar. Deus não dá uma parte maior nem mais fácil a uns do que a outros, porque todos são seus filhos e, sendo justo, não tem preferência por qualquer um!

Ele diz:

- Esta é a lei que deve ser a vossa regra de conduta; só ela pode levar-vos até ao fim; o bem é tudo o que está de acordo com ela; o mal é tudo o que a contraria. Sois livres de a cumprir ou de a infringir, e, assim, sois os árbitros do vosso próprio destino. Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem; é o ser humano, ele mesmo, que criou o mal, infringindo as leis de Deus. Se as cumprisse escrupulosamente, nunca se afastaria do bom caminho.

13. A alma, nas primeiras fases da sua existência, tal como a criança, tem falta de experiência; é por isso que é falível. Deus não lhe dá a experiência, mas dá-lhe os meios de a adquirir; cada passo em falso, no caminho do mal, é um atraso; ela sofre as consequências disso e aprende, à sua custa, o que deve evitar. É assim que, pouco a pouco, se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até chegar ao estado de *Espírito puro* ou *anjo*. Os anjos são, portanto, as almas dos homens chegados ao nível da perfeição que a criatura comporta, e usufruindo da plenitude da felicidade prometida. Antes de ter atingido o grau supremo, elas usufruem de uma felicidade relativa ao seu

aperfeiçoamento. Mas esta felicidade não está na ociosidade; está nas funções que agrada a Deus confiar-lhes (Ver capítulo III, o Céu).

14. A Humanidade não está limitada à Terra, ocupa os inumeráveis mundos que circulam no espaço. Ocupou os que desapareceram e ocupará os que se formarem. Deus criou desde sempre e cria constantemente. Muito tempo antes de a Terra existir, seja qual for a antiguidade que se lhe atribua, já havia outros mundos nos quais os Espíritos encarnados percorreram as mesmas etapas que agora percorrem os de formação mais recente, e que chegaram ao objetivo final antes de nós termos saído das mãos do Criador. *Portanto, desde sempre houve anjos ou Espíritos puros. Com a sua existência humana perdendo-se no infinito do passado, é para nós como se sempre tivessem sido anjos.*

83

15. Assim se encontra realizada a grande lei da unidade da criação; Deus nunca esteve inativo; desde há uma imensidão de tempo que houve Espíritos puros testados e esclarecidos para a transmissão das suas ordens e para a direção de todas as partes do Universo, desde o governo dos mundos até aos mais ínfimos pormenores. Portanto, não houve necessidade de criar seres privilegiados, isentos de encargos; todos, antigos ou novos, conquistaram os seus níveis na luta e pelos seus próprios méritos; todos são filhos das suas obras. Assim se realiza, igualmente, a soberana justiça de Deus.

⁸³ Quando A.K. afirma que houve anjos desde sempre, é preciso perceber que o conceito de eternidade é para nós de difícil compreensão (Ver em A Génese, no capítulo VI, parágrafo sobre o espaço e o tempo). O fundamental é não esquecer que todos os Espíritos são criados simples e ignorantes e todos têm de percorrer o mesmo caminho. (N.T.)

Origem da crença nos demónios

1. Em todas as épocas os demónios tiveram um grande papel nas diversas teogonias.⁸⁴ Se bem que consideravelmente desacreditados na opinião geral, a importância que ainda hoje se lhes atribui dá a esta questão uma certa gravidade, pois ela toca no mais fundo das crenças religiosas. É por isso que é útil examiná-la com o desenvolvimento que se impõe.

A crença num poder superior é instintiva, nos seres humanos, por isso a encontramos sob diferentes formas em todas as idades do mundo. Mas se, no nível de avanço intelectual a que chegaram hoje, ainda discutem sobre a natureza e os atributos dessa força, quão mais imperfeitas deviam ser as suas noções sobre este assunto na infância da Humanidade.

2. O quadro que nos apresentam da inocência dos povos primitivos em contemplação, perante as belezas da natureza, nas quais admiram a bondade do Criador, é sem dúvida muito poético, mas com total ausência da realidade.

Quanto mais os seres humanos estão próximos do “estado de natureza”⁸⁵ mais são dominados pelo instinto, tal como podemos ver, ainda, entre os povos primitivos dos nossos dias. O que os ocupa mais, ou melhor, o que os ocupa exclusivamente é a satisfação das necessidades materiais, porque não têm outras. O único sentido, que pode fazer com que as alegrias puramente morais lhes sejam acessíveis, só se desenvolve com o tempo e muito gradualmente. A alma tem a sua infância, a sua adolescência e a sua idade adulta, como o corpo humano. Mas, para atingir a idade adulta que lhe dá a aptidão necessária para compreender as coisas abstratas, que grande evolução deve percorrer na Humanidade. Quantas existências lhe será necessário cumprir!

Sem recuar às primeiras idades, vejamos, à nossa volta, as pessoas que vivem no campo, e perguntemo-nos que sentimentos de admiração despertam nela o esplendor do Sol nascente, a abóbada celeste estrelada, o chilrear dos pássaros, o murmúrio das ondas claras, os prados salpicados de flores! Para eles, o Sol nasce porque tem esse hábito e deve prover o calor necessário para amadurecer as colheitas e não as queimar, é tudo o que respondem; se olham o céu, é para saber se fará bom ou mau tempo no dia seguinte; que os passarinhos cantem ou não, é-lhes indiferente, desde que não comam os grãos da sua colheita; às melodias do rouxinol preferem o cacarejar das galinhas e o grunhido dos seus porcos; o que pedem aos riachos claros ou lamacentos é para não secar nem inundar; aos prados para dar boa erva, com ou sem flores; é tudo o que eles desejam, ou melhor, tudo o que compreendem da natureza; contudo, estão já muito longe dos homens primitivos.

⁸⁴ Teogonia: Genealogia e filiação dos deuses; Conjunto de divindades cujo culto constitui o sistema religioso de um povo politeísta. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (N.T)

⁸⁵ O conceito de Estado de Natureza é uma abstração teórica que se refere a um “momento” em que os seres humanos se organizavam apenas sob as leis da natureza (que são leis de Deus). Essa ideia de anterioridade, não se refere a um momento histórico, mas a um período pré-social dos seres humanos. É um tempo anterior ao aparecimento de qualquer tipo de organização social e do Estado Civil. Uma característica marcante é a ideia de que os indivíduos viveriam isoladamente ou organizados em pequenos grupos familiares dedicados à sua estrita sobrevivência. Estes indivíduos pré-sociais seriam plenamente livres, seguindo a sua liberdade natural, e iguais, não estando submetidos a construções sociais ou culturais. Diferentes autores propõem diferentes visões sobre como seria o estado de natureza. As três principais concepções remetem à filosofia moderna com Hobbes, Locke e Rousseau. (N.T.)

3. Se nos reportarmos a estes últimos, vemo-los ainda mais exclusivamente preocupados com a satisfação das necessidades materiais; o que serve para se abastecerem e o que pode prejudicá-los resumem para eles o bem e o mal deste mundo.

Acreditam num poder extra-humano; mas como o que os preocupa mais é o que lhes traz um prejuízo material, atribuem-no a essa força de que fazem, de resto, uma ideia muito vaga. Não podendo ainda conceber, seja o que for, fora do mundo visível e tangível, imaginam-no a residir nos seres e nas coisas que lhes são prejudiciais. Os animais malfazejos são, logo, os representantes naturais e diretos. Pela mesma razão, veem a personificação do bem nas coisas úteis. Daí o culto prestado a certos animais, certas plantas e mesmo a objetos inanimados.

Mas o ser humano é geralmente mais sensível ao mal do que ao bem; o bem parece-lhe natural, enquanto o mal o afeta muito. É por isso que, em todos os cultos primitivos, as cerimónias em honra do Poder malfazejo são mais numerosas. O medo sobrepõe-se à gratidão.

Durante muito tempo os homens só compreenderam o bem e o mal físicos; o sentimento do bem moral e do mal moral marcou um progresso na inteligência humana; só então entreviram a espiritualidade e compreenderam que o Poder sobre-humano está fora do mundo visível e não nas coisas materiais.

Isto foi obra de algumas inteligências raras que, contudo, não conseguiram ultrapassar certos limites.

4. Como viam uma luta incessante entre o bem e o mal e este a levar a melhor, muitas vezes; como, por outro lado, não podiam admitir racionalmente que o mal fosse obra de um poder benfazejo, concluíram que havia duas potências rivais a governar o mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios: o do bem e o do mal, doutrina lógica naquela época, porque o homem era ainda incapaz de conceber outra e de penetrar na essência do Ser supremo. Como poderia compreender que o mal era um estado momentâneo de onde pode sair o bem, e que os males que o afligem devem ajudá-lo no seu progresso espiritual e conduzi-lo à felicidade?

Os limites do seu horizonte moral não lhe permitiam ver para fora da vida presente, nem para o futuro nem para o passado. Não podia compreender que já tivesse progredido nem que continuaria a progredir individualmente e ainda menos que as vicissitudes da vida fossem o resultado da imperfeição do Ser espiritual que existe nele, que pré-existe e sobrevive ao corpo, que se purifica numa série de existências até que tenha atingido a perfeição. Para compreender o bem que pode sair do mal, é preciso não ver só uma existência, é preciso abarcar o conjunto; só então aparecem as verdadeiras causas e os seus efeitos.

5. O duplo princípio do bem e do mal foram, durante longos séculos e sob diferentes nomes, a base de todas as crenças religiosas. Foi personificado sob os nomes de Ahura-Mazda (ou Ormuz-Mazda) e Arimã (ou Angro Mainyush) entre os antigos Persas. De Jehovah e de Satã ou Satanás entre os hebreus. Mas como todos os soberanos devem ter os seus ministros, todas as religiões admitem potências secundárias ou génios bons e maus.

Os pagãos personificaram-nos sob uma multidão inumerável de individualidades, tendo cada uma atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes, e às quais deram o nome geral de deuses.

Os cristãos e os muçulmanos receberam os anjos e os demónios dos hebreus.

6. Portanto, a doutrina dos demónios tem a sua origem na antiga crença nos dois princípios: o bem e o mal.

Temos de examinar aqui, *unicamente do ponto de vista cristão, e ver se ela está de acordo com os conhecimentos mais exatos que hoje temos dos atributos da Divindade*. Estes atributos são o ponto de

partida, a base de todas as doutrinas religiosas; os dogmas, o culto, as cerimónias, os costumes, a moral, tudo está relacionado com a ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se faz de Deus, desde o fetichismo até ao cristianismo.

Se a essência íntima de Deus é ainda um mistério para a nossa inteligência, a verdade é que o compreendemos hoje melhor do que alguma vez foi compreendido, graças aos ensinamentos de Jesus de Nazaré.

O Cristianismo, de acordo neste ponto com a razão, ensina-nos que *Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*. Tal como foi dito atrás (cap. VII, *Penas eternas*): *Se se retirasse a mais pequena parcela a um só dos atributos de Deus, já não seria Deus, porque podia existir um ser mais perfeito*. Estes atributos, na sua plenitude mais absoluta, são o critério de todas as religiões, a medida da verdade de cada um dos princípios que elas ensinam. Para que cada um destes princípios seja verdadeiro é preciso que não prejudique nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se é assim na doutrina comum dos demónios.

Os demónios segundo a Igreja Católica

7. Segundo a Igreja, *Satã/Satanás*, o chefe ou rei dos demónios, não é uma personificação alegórica do mal, mas *um ser real*, que faz exclusivamente o mal, enquanto Deus faz exclusivamente o bem. Aceitemos esta teoria tal como no-la dão, e vamos analisá-la:

Satanás existe desde toda a eternidade, como Deus, ou é posterior a Deus? - Se existe desde toda a eternidade, é *incriado*, e, por consequência igual a Deus. Deus, então, não é único. Existe o Deus do bem e o Deus do mal. É posterior? - Então é uma criatura de Deus. Visto que só faz o mal, que é incapaz de fazer o bem e de se arrepender, quer dizer que Deus criou um Ser votado ao mal para todo o sempre. Se o mal não é obra de Deus, mas de uma das suas criaturas predestinadas a fazê-lo, Deus é sempre o primeiro autor e, nesse caso, não é infinitamente bom. Acontece o mesmo com todos os seres maus chamados demónios.

8. Esta foi a crença sobre este assunto, durante muitos anos.

Hoje, dizemos:⁸⁶ - Deus, que é a bondade e a santidade por essência, não os criou maus e malfazejos. A sua mão paternal, que se alegra em espalhar por todas as suas obras um reflexo de perfeição infinita, encheu-os com os mais magníficos dons. Às qualidades inexcedíveis da sua natureza, tinha acrescentado as generosidades da sua benevolência; tinha-os feito em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes que estão na glória e na felicidade; distribuídos por todas as ordens e misturados em todas as classes, tinham o mesmo fim e os mesmos destinos; o seu chefe era o mais belo dos arcanjos. Também eles poderiam merecer a confirmação de serem admitidos, para sempre na justiça e para usufruir eternamente da felicidade dos céus.

Esta última graça teria coroado todas as graças de que já tinham beneficiado. Devia ser o prémio da sua docilidade, mas tornaram-se indignos dele; perderam-no por uma revolta audaciosa e insensata.

Qual foi o obstáculo à sua perseverança? Que verdade desconhecera? Que ato de fé e de adoração recusaram a Deus? *A Igreja Católica e os Anais da História Sagrada não o dizem de forma clara; mas parece certo* que não concordaram com a mediação do filho de Deus, por eles mesmos, nem com a exaltação da natureza humana em Jesus:

⁸⁶ Retirámos este resumo da pastoral de monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865. Em atenção ao mérito pessoal e à posição do autor, podem-se considerar como a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demónios. (Nota de A.K.)

“O Verbo Divino, por quem todas as coisas foram feitas, é também o único mediador e salvador, no Céu e na Terra. *O fim sobrenatural só foi dado aos anjos e aos homens prevendo a sua encarnação e os seus méritos*⁸⁷; porque não há qualquer proporção entre as obras dos Espíritos mais eminentes e esta recompensa, que é Deus, ele mesmo; nenhuma criatura poderia aí chegar sem esta intervenção maravilhosa e sublime de caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a essência divina das obras das suas mãos, era preciso que reunisse na sua pessoa os dois extremos, que associasse à sua divindade a natureza do anjo ou a do homem: e ele escolheu a natureza humana.

Este plano, concebido desde sempre,⁸⁸ foi revelado aos anjos longo tempo antes do seu cumprimento. O Homem-Deus foi-lhe mostrado, no futuro, como sendo aquele que os devia confirmar em graça e introduzi-los na sua glória, sob a condição de que o adorassem na Terra durante a sua missão, e no Céu por todos os séculos dos séculos. Revelação inesperada, visão maravilhosa para os corações generosos e reconhecidos, mas mistério profundo, devastador para os Espíritos orgulhosos. Este fim sobrenatural, este peso imenso de glória que lhes era proposto não seria unicamente a recompensa dos seus méritos pessoais. Eles nunca poderiam atribuir a si mesmos os títulos e a posse. *Um mediador entre eles e Deus?* Que injúria feita à sua dignidade! A preferência gratuita dada à natureza humana? Que injustiça! Que atentado aos seus direitos! Veriam um dia esta Humanidade, que lhes é tão inferior, divinizada pela sua união com o Verbo e sentada à direita de Deus, num trono resplandecente? Consentiriam em lhe oferecer eternamente as suas homenagens e as suas adorações?

“Lúcifer e um terço dos Anjos cederam aos pensamentos de orgulho e inveja. S. Miguel, e, com ele, a maior parte dos anjos exclamaram: - *Quem é como Deus? Ele é o mestre dos seus dons e o soberano senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro que será imolado para salvação do mundo!*

Mas o chefe dos rebeldes, esquecendo que estava em dívida para com o Criador da sua nobreza e das suas prerrogativas, só ouviu a sua temeridade e disse: “*Eu é que subirei ao céu; estabelecerei a minha morada acima dos astros; sentar-me-ei na montanha da Aliança, nas encostas do Aquilon; dominarei as nuvens mais altas e serei semelhante ao Altíssimo*”.

Os que partilhavam os seus sentimentos acolheram as suas palavras com um murmúrio de aprovação, e encontravam-se em todas as ordens da hierarquia; mas o seu número não os colocou ao abrigo do castigo.”

Contestação destas teorias

9. Esta doutrina levanta várias objeções:

a) Se Satanás e os demónios eram anjos, eram perfeitos. Como é que, sendo perfeitos, puderam falhar e desconhecer a tal ponto a autoridade de Deus, na presença de quem se encontravam? Ainda se poderia conceber se eles só tivessem chegado a esta eminente posição gradualmente, e depois de terem passado pelas fileiras da imperfeição. Poderiam ter um retrocesso lamentável; mas o que torna as coisas mais incompreensíveis é que no-los apresentam como tendo sido criados perfeitos.

b) Visto que nem a Igreja Católica nem os Anais da História Sagrada explicam a causa da sua revolta contra Deus, que somente *parece* certo que foi devido à sua recusa em reconhecer a missão futura do Messias, que valor pode ter este quadro tão preciso e tão detalhado da cena que teve lugar

⁸⁷ Encarnação e méritos do Messias, que seria Jesus, o Verbo divino, o Cordeiro de Deus. (N.T.)

⁸⁸ O Catecismo do Vaticano, Primeira parte, Cap. Segundo, nºs 50 e 51, diz: “Por uma vontade absolutamente livre, Deus revela-se e dá-se ao homem. E fá-lo revelando o seu mistério, o desígnio benevolente que, desde toda a eternidade, estabeleceu em Cristo, em favor de todos os homens. Revela plenamente o seu desígnio, enviando o seu Filho bem-amado, nosso Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo; «Aprove a Deus, na sua sabedoria e bondade, revelar-*Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina*» (N.T.)

nesta ocasião? A que fonte foram buscar as palavras tão nitidamente apresentadas como sendo pronunciadas nesse momento, até os simples murmúrios? De duas, uma: ou a cena é verdadeira ou não é. Se é verdadeira, não há nenhuma incerteza, e, então, porque é que a Igreja não esclarece a questão? Se a Igreja e a História se calam, se a causa apenas *parece* certa, é porque não passa de uma suposição e a descrição da cena é uma obra da imaginação.⁸⁹

c) As palavras atribuídas a Lúcifer mostram uma ignorância que nos surpreende, num arcanjo que, pela sua própria natureza e no grau em que está colocado, não deve partilhar, sobre a organização do Universo, os mesmos erros e preconceitos dos homens, antes de a ciência os vir esclarecer. Como pode ele dizer: - Estabelecerei a minha morada acima dos astros? Dominarei as nuvens mais altas? É sempre a mesma crença da Terra como centro do mundo, do céu das nuvens que se estende até às estrelas, da região limitada das estrelas formando uma abóbada e que a Astronomia nos mostra disseminadas até ao infinito, no espaço infinito. Como se sabe hoje, as nuvens não se estendem para além de duas léguas da superfície da Terra. Como pode dizer que dominará as nuvens mais altas, e falar de montanhas? Seria preciso que a cena se passasse na superfície da Terra e que aí fosse a morada dos Anjos. Se essa morada é nas regiões superiores, é inútil dizer que se elevaria acima das nuvens. Atribuir aos anjos uma linguagem carregada de ignorância, é confessar que os homens, hoje, sabem mais que os anjos. A Igreja sempre cometeu o erro de não ter em conta os progressos da ciência.

10. A resposta à primeira objeção encontra-se na passagem seguinte:

“As Escrituras e a tradição dão o nome de Céu ao lugar onde os anjos foram colocados no momento da criação. Mas esse não era o Céu dos Céus, o Céu das visões beatíficas, onde Deus se mostra aos seus eleitos face a face e onde os seus eleitos o contemplam sem esforços e sem nuvens; porque, aí, não há perigo nem possibilidade de pecar; aí, a tentação e a fraqueza são desconhecidas; aí, reinam a justiça, a paz, numa segurança imutável; aí, a santidade e a glória nunca se perdem. Era, pois, numa outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, onde estas nobres criaturas, largamente favorecidas pelas comunicações divinas, deviam recebê-las e aceitá-las por humildade da fé, antes de serem admitidas a ver claramente a realidade na essência própria de Deus”.

Daqui se pode concluir que os anjos que fracassaram pertencem a uma categoria menos elevada, menos perfeita, e que ainda não tinham chegado ao lugar supremo onde o erro é impossível. Seja! Mas então há aqui uma contradição manifesta, porque foi dito atrás que “Deus os tinha feito *em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes*; que, distribuídos por todas as ordens e misturados em todas as classes, tinham o mesmo fim e o mesmo destino; que o seu chefe era o mais belo dos arcanjos.”

⁸⁹ Encontra-se em Isaías, capítulo XIV, versículos XI e seguintes, este texto: - “O teu orgulho foi precipitado nos infernos; o teu corpo morto caiu por terra; a tua cama será a podridão e a tua roupa serão os vermes. - Como caíste do Céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante em pleno dia? Como é que foste lançado para a Terra, tu que atingias as nações com flagelos? Tu que dizias, no teu coração: subirei ao Céu, estabelecerei o meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei na montanha da Aliança, nas encostas do Aquilon, colocar-me-ei acima das núvens mais altas e serei semelhante ao Altíssimo? Contudo, foste precipitado dessa glória no Inferno, até ao mais profundo dos abismos. Aqueles que te virem aproximar-se-ão de ti e depois de te observarem dirão: - Este é o homem que fez estremecer a Terra, que espalhou o terror nos reinos, que fez do mundo um deserto, que destruiu cidades e que prendeu com correntes os que tinha feito seus prisioneiros?”

Estas palavras do profeta Isaías não se referem à revolta dos anjos mas a uma alusão ao orgulho e à queda do rei da Babilónia que tinha os judeus em cativeiro, assim como provam os últimos versículos. O rei da Babilónia é designado, alegoricamente, pelo nome de Lúcifer, mas não é feita qualquer menção à cena acima descrita. Estas palavras são as que o rei dizia de coração e se colocava pelo seu orgulho, acima de Deus, cujo povo ele mantinha cativo. A profecia da libertação dos judeus, da ruína de Babilónia e da derrota dos Assírios é, aliás, o assunto exclusivo deste capítulo. (Nota de A.K.)

Se foram feitos em tudo semelhantes aos outros, não eram de uma natureza inferior; se estavam misturados em todas as classes, não estavam num lugar especial. Logo, a objeção mantém-se, completamente.

10. Há outra que é, sem qualquer dúvida, a mais grave e a mais séria.

Diz-se: “Este projeto (a mediação de Jesus) *concebido desde sempre* foi revelado aos anjos muito tempo antes do seu cumprimento.” Deus sabia, desde toda a eternidade, que os anjos, assim como os homens, teriam necessidade desta mediação. Ele sabia, ou não sabia, que certos anjos fracassariam? Que esta queda lhes traria a condenação eterna, sem esperança de regresso? Que eles estavam destinados a tentar os homens? Que os que se deixaram seduzir teriam a mesma sorte?

Se sabia, então criou estes anjos com conhecimento de causa, para a sua perda irrevogável e para a da maior parte do género humano. Digam o que disserem, é impossível conciliar esta criação, tendo este conhecimento antecipado, com a soberana bondade.

Se o não sabia, não era todo-poderoso. Num e noutro caso, é a negação de dois atributos sem a plenitude dos quais Deus não seria Deus.

12. Se admitirmos a falibilidade dos anjos, como a dos homens, a punição é uma consequência natural e justa da falta; mas se admitirmos ao mesmo tempo a possibilidade de resgate, pelo regresso ao bem e a obtenção do perdão, depois do arrependimento e da expiação, não há nada que desminta a bondade de Deus. Deus sabia que eles fracassariam, que seriam punidos, mas sabia também que este castigo temporário seria um meio de os fazer compreender a sua falta e funcionaria em seu benefício.

Assim se realizam estas palavras do profeta Ezequiel: “*Deus não quer a morte do pecador, mas a sua salvação.*”⁹⁰ O que seria a negação desta bondade é a inutilidade do arrependimento e a impossibilidade do regresso ao bem. Nessa hipótese, seria rigorosamente exato dizer que “estes anjos, desde a sua criação, já que Deus não o podia ignorar, foram votados ao mal para sempre e predestinados a tornarem-se *demónios* para arrastar os homens ao mal”

13. Vejamos agora qual é a sua sorte e o que eles fazem:

“Mal a sua revolta se refletiu na linguagem dos Espíritos, quer dizer, no impulso dos seus pensamentos, eles foram banidos irrevogavelmente da cidade celeste e precipitados no abismo.”

“Por estas palavras entendemos que foram relegados num lugar de suplícios, onde sofreriam a pena do fogo, conforme o texto do Evangelho, que saiu da própria boca do Salvador: “*Ide, malditos, para o fogo eterno que foi preparado pelo demónio e seus anjos.*” S. Pedro diz, expressamente, “*que Deus os entregou às correntes e às torturas do inferno, mas que nem todos ficam aí perpetuamente; só no fim do mundo é que serão enclausurados para todo o sempre, com os condenados.*”

Presentemente, *Deus permite que ocupem ainda um lugar nesta criação à qual pertencem; na ordem das coisas à qual se liga a sua existência; nas relações, enfim, que deviam ter com os homens, dos quais fazem o mais pernicioso abuso.* Enquanto alguns estão na sua morada tenebrosa e aí servem de instrumento à justiça divina, *contra as almas infortunadas que seduziram, umas infinidades de outros formam as legiões invisíveis; sob a conduta dos seus chefes, residem nas camadas inferiores da nossa atmosfera e percorrem todas as partes do globo. Estão envolvidos em tudo o que se passa aqui em baixo em que tomam muitas vezes uma parte muito ativa.*”

⁹⁰ Quero a morte do ímpio? Pergunta o Senhor Deus; e não quero muito mais que ele se converta, e se retire do mau caminho, e que viva? (Ezequiel, capítulo XVIII, v. 23). “Diz-lhes estas palavras: Juro por mim-mesmo, diz o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, mas quero que o ímpio se converta, que deixe o mau caminho e que viva”. (Ezequiel, capítulo XXXIII, v. 11) (Notas de A.K.)

No que diz respeito às palavras de Jesus, sobre o suplício do fogo eterno, esta questão foi tratada no capítulo IV – o inferno.

14. Segundo esta doutrina, só uma parte dos demónios está no inferno. A outra vagueia, em liberdade, envolvendo-se em tudo o que se passa aqui em baixo, entregando-se ao prazer de fazer o mal, e isso, até ao fim do mundo, cuja época, indeterminada, provavelmente não terá lugar tão depressa.

Porquê toda esta diferença? São menos culpados? Não, seguramente. A menos que eles saiam alternadamente, o que poderá deduzir-se desta passagem: “Enquanto alguns estão na sua morada tenebrosa e aí servem de instrumento à justiça divina, *contra as almas infortunadas que seduziram.*” As suas funções consistem, pois, em atormentar *as almas que seduziram.* Assim, não estão encarregados de punir os que são culpados de faltas, livre e voluntariamente cometidas, mas das que eles provocaram. São ao mesmo tempo a causa da falta e o instrumento do castigo. E, ainda esta coisa que a justiça humana, por mais imperfeita que seja, não admitiria: a vítima que sucumbe, por fraqueza, à ocasião que foi criada para a tentar, é punida tão severamente como o agente provocador que empregou a manha e a astúcia; mais severamente mesmo, porque ela deixa a Terra e vai para o inferno para nunca mais sair, e aí sofrer, sem tréguas nem misericórdia, durante toda a eternidade; enquanto ele, que foi a causa primeira da sua falta, beneficia do descanso e da liberdade até ao fim do mundo! Assim sendo, a justiça de Deus não é mais perfeita que a dos homens.

15. Isto não é tudo: “*Deus permite que ocupem ainda um lugar nesta criação, nas relações que deviam ter com os homens, dos quais fazem o mais pernicioso abuso.*”

Deus poderia ignorar o abuso que fariam da liberdade que lhes concede? Então porque lha concede? É, pois, com conhecimento de causa que ele deixa as criaturas à sua mercê, sabendo, em virtude da sua total presciência, que elas sucumbirão e terão a sorte dos demónios? Não seria bastante a sua própria fraqueza, mesmo sem permitir que fossem levadas ao mal por um inimigo ainda mais perigoso por ser invisível? Ainda se o castigo fosse apenas temporário e se o culpado se pudesse redimir pela reparação! Mas não! É condenado por toda a eternidade. O seu arrependimento, o seu regresso ao bem, os seus remorsos, serão supérfluos.

Os demónios são assim os agentes provocadores predestinados a recrutar as almas para o inferno, e isso com a permissão de Deus que sabia, ao criar estas almas, a sorte que lhes estava reservada. Que se diria, na Terra, de um juiz que procedesse assim para encher as prisões?

Estranha ideia que nos dão da divindade, de um Deus cujos atributos essenciais são a soberana justiça e a soberana bondade! E é em nome de Jesus, daquele que só pregou o amor, a caridade e o perdão, que se ensinam semelhantes doutrinas. Houve um tempo em que estas anomalias passavam despercebidas; não as compreendiam, não as sentiam; o homem, curvado sob o jugo do despotismo, submetia a sua razão cegamente, ou muitas vezes abdicava dela; mas hoje, chegou a hora da emancipação. O homem compreende a justiça, exige-a durante a vida e depois da morte. Por isso ele diz: “*Isto não é, isto não pode ser, ou então Deus não é Deus!*”

16. O castigo segue por toda a parte estes seres caídos e malditos, levam o inferno consigo para toda a parte. Já não têm paz nem repouso. Até as doçuras da esperança se transformaram neles em azedume: odeiam-na. A mão de Deus atingiu-os no próprio ato do seu pecado e a sua vontade obstinou-se no mal. Tornados perversos, não querem deixar de o ser e são-no para sempre. “São, depois do pecado, o que o homem é depois da morte. *A reabilitação dos que caíram é, portanto, impossível;* a sua perda, doravante, não tem regresso; e persistiram no orgulho, frente a frente a Deus, no ódio contra o seu Messias, na inveja contra a humanidade.

Não tendo conseguido, pelo aumento da ambição, apropriar-se da glória do Céu, esforçaram-se por estabelecer o seu império na Terra e banir dela o Reino de Deus. Apesar deles, o Verbo fez-se carne e cumpriu os seus desígnios para a salvação e glória da humanidade; todos os seus meios de ação são consagrados a tirar de Deus as almas já resgatadas; a manha e a impertinência, a mentira e a sedução, aplicam tudo para as levar ao mal e para consumir a sua ruína. “Com *tais inimigos, a vida dos homens, desde o berço até ao túmulo, só pode ser uma luta perpétua, porque eles são poderosos e infatigáveis.*”

“Estes inimigos, com efeito, são os mesmos que, depois de terem introduzido o mal no mundo, conseguiram cobrir a Terra das espessas trevas do erro e do vício; os mesmos que, durante longos séculos, se fizeram adorar como deuses, e que reinaram como soberanos sobre os povos da Antiguidade; aqueles, enfim, que exercem ainda o seu império tirânico sobre as regiões idólatras e que fomentam a desordem e o escândalo até no seio das sociedades cristãs.

“Para compreender todos os recursos de que dispõem ao serviço da maldade, basta notar que *nada perderam das prodigiosas faculdades que são o apanágio da natureza angélica.* Sem dúvida, o futuro e sobretudo a ordem sobrenatural têm mistérios que Deus reservou e que eles não podem descobrir; mas a sua inteligência é bem superior à nossa, porque se apercebem, num simples olhar, quais são os efeitos nas suas causas e as causas nos seus efeitos. Esta penetração permite-lhes anunciar, antecipadamente, acontecimentos que escapam às nossas conjeturas. A distância e a diversidade dos lugares apagam-se perante a sua agilidade. Mais inesperados que um relâmpago, mais rápidos que o pensamento, encontram-se quase ao mesmo tempo em diversos pontos do globo e podem descrever ao longe coisas de que são testemunhas, na mesma hora em que elas acontecem.

As leis gerais pelas quais Deus rege e governa este universo, não são do seu domínio. Não podem revogá-las, nem, por consequência predizer ou realizar verdadeiros milagres; mas possuem a arte de imitar e falsificar, dentro de certos limites, as obras divinas; sabem que fenómenos resultam da combinação dos elementos, e predizem, com exatidão, os que acontecem naturalmente, assim como os que eles podem produzir por si mesmos. Daí, os numerosos oráculos, os acontecimentos extraordinários cuja lembrança foi guardada nos livros sagrados e profanos e que têm servido de base e de alimento a muitas superstições.

A sua substância simples e imaterial subtrai-os ao nosso olhar; estão ao nosso lado sem serem notados; impressionam a nossa alma sem impressionar os nossos ouvidos; acreditamos obedecer ao nosso próprio pensamento, enquanto nos sujeitamos às suas tentações e à sua funesta influência. Pelo contrário, as nossas disposições são do seu conhecimento, pelas impressões que experimentamos, e eles atacam-nos geralmente pelo nosso lado fraco. Para nos seduzir com mais segurança, costumam apresentar-nos chamarizes e sugestões de acordo com as nossas tendências. Modificam a sua ação conforme as circunstâncias e de acordo com os traços característicos do nosso temperamento. Mas as suas armas favoritas são a mentira e a hipocrisia.

17. O *castigo*, diz-se, segue-os por todo o lado. Não têm paz nem repouso. Isto não destrói a observação feita sobre a trégua que usufruem os que não estão no inferno, trégua tanto menos justificada quanto cá fora eles fazem ainda mais mal. Sem dúvida, não são felizes como os anjos bons, mas a liberdade de que disfrutam, não conta para nada? Se não têm a felicidade moral que a virtude oferece, são incontestavelmente menos infelizes que os seus cúmplices, que estão nas chamas. E depois, para os maus, há uma espécie de alegria em fazer mal com toda a liberdade. Perguntem a um criminoso se lhe é indiferente estar na prisão ou correr pelos campos e cometer os crimes à vontade. A posição é exatamente a mesma.

O *remorso* também os persegue sem tréguas nem misericórdia. Mas esquece-se que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, se não é já o arrependimento mesmo. Ora, diz-se: “*tornados perversos, não querem deixar de o ser, e sê-lo-ão para sempre*”. Uma vez que não querem deixar de ser

perversos, é porque não têm remorsos; se tivessem o mínimo arrependimento deixariam de fazer o mal e pediriam perdão. Logo, *o remorso*, para eles, não é um castigo.

18. “São, depois do pecado, o que o homem é depois da morte. A reabilitação dos que caíram é, portanto, impossível”. De onde vem esta impossibilidade? Não se compreende que seja a consequência da sua semelhança com o homem depois da morte, proposição que, de resto, não é muito clara.

Esta impossibilidade provém da sua vontade ou da vontade de Deus? Se é da sua vontade, isso denota uma extrema perversidade, uma obstinação absoluta no mal; desde logo não se compreende que seres tão estruturalmente maus tenham podido, alguma vez, ser anjos de virtude, e que, durante o tempo *indefinido* que passaram entre estes, nunca tenham deixado perceber qualquer traço da sua natureza má. Se é da vontade de Deus, compreendemos ainda menos que ele inflija, como castigo, a impossibilidade do seu regresso ao bem, depois da primeira falta. O Evangelho não diz nada de semelhante.

19. “A sua perda, crescente-se, é daqui em diante sem regresso, e eles perseveram no orgulho frente-a-frente a Deus.” De que é que lhes serviria não perseverar, visto que qualquer arrependimento é inútil? Se tivessem a esperança de uma reabilitação, fosse a que preço fosse, o bem teria, para eles, uma finalidade, enquanto assim não tem.

Se perseveram no mal, é porque a porta da esperança lhes está fechada. E porque motivo Deus lha fecharia? Para se vingar da ofensa que recebeu da sua falta de submissão. Assim, para satisfazer o seu ressentimento contra os culpados, prefere vê-los, não somente sofrer, mas fazer o mal muito mais do que o bem: induzir ao mal e empurrar para a perdição eterna todas as suas criaturas do género humano, enquanto lhe bastava um simples ato de clemência para evitar um desastre tão grande, e um desastre previsto desde toda a eternidade.

Tratava-se, por ato de clemência, de uma graça pura e simples que talvez fosse um encorajamento ao mal? Não, mas de um perdão condicional, subordinado a um sincero regresso ao bem. Em vez de uma palavra de esperança e de misericórdia, atribuíram a Deus estas palavras: “Morra toda a espécie humana antes que a minha vingança.”

E admiram-se, com uma tal doutrina, que haja incrédulos e ateus? É assim que Jesus nos representa o seu Pai? Ele que nos deu uma lei clara do esquecimento e do perdão das ofensas, que nos diz para pagar o mal com o bem, que coloca o amor aos inimigos no primeiro lugar das virtudes que devem fazer-nos merecer o Céu? Quereriam que os homens fossem melhores, mais justos, mais compassivos que o próprio Deus?

Os demónios segundo o Espiritismo

20. Para o espiritismo, nem os anjos nem os demónios são seres aparte, na obra da Criação: a criação dos seres inteligentes é **una**. Unidos a corpos materiais, constituem a Humanidade que povoa a Terra e os outros mundos habitados; separados do corpo, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos que povoam os espaços. Deus criou-os perfectíveis; deu-lhes como objetivo final, a perfeição e a felicidade, que é a sua consequência, mas não lhes deu a perfeição, de início: quis que a conquistassem com o seu trabalho pessoal para que tivessem esse mérito.

Desde o instante da sua formação, progridem, quer no estado de encarnados quer no estado de Espíritos. Quando chegam ao ponto mais alto da evolução são *puros Espíritos* ou *anjos*, conforme habitualmente lhes chamam! De modo que, desde o embrião do ser inteligente, até ao anjo, há uma cadeia ininterrupta em que cada elo marca um degrau no progresso. Por este motivo, existem Espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, conforme estão no alto, em baixo

ou no meio da escala. Há-os, portanto, em todos os graus de sabedoria e de ignorância, de bondade e de maldade.

Nas classes inferiores, existem os que são ainda profundamente inclinados ao mal e que se comprazem nele. Podemos chamá-los *demónios*, se quisermos, porque eles são capazes de todas as maldades que se atribuem aos demónios. Se o espiritismo não lhes dá esse nome, é porque ele está ligado à ideia de seres distintos da Humanidade, de uma natureza essencialmente má, votados ao mal para a eternidade e incapazes de progredir no bem.

21. Segundo a doutrina da Igreja, os demónios foram criados bons e tornaram-se maus pela sua desobediência: são anjos caídos. Foram colocados por Deus no alto da escala, e desceram.

Segundo o espiritismo, são Espíritos imperfeitos, mas que se aperfeiçoarão. Estão ainda na base da escala, mas subirão.

Durante os primeiros períodos da sua existência, os Espíritos são sujeitos passivos da encarnação material que é necessária ao seu desenvolvimento, até que atinjam um certo nível. O número de encarnações é indeterminado e subordinado à rapidez do progresso; o progresso depende do trabalho e da boa vontade do Espírito que age em todas as circunstâncias de acordo com o seu livre arbítrio. Os que, pelo seu descuido, a sua negligência, a sua obstinação e a sua má vontade permanecem muito tempo nas classes inferiores, sofrem com isso, e o hábito do mal faz com que seja mais difícil sair dele. Mas chega um momento em que se cansam da existência penosa e dos sofrimentos que daí resultam. É então que, comparando a sua situação à dos bons Espíritos, compreendem que o seu interesse está no bem e procuram melhorar-se, mas fazem-no de sua própria iniciativa e sem a isso serem constrangidos.

Estão submetidos à lei do progresso pela sua aptidão para progredir, mas se não progredirem é por sua culpa. Deus dá-lhe sempre os meios, mas eles são livres de os aproveitar ou não. Se o progresso fosse obrigatório, não teriam qualquer mérito, e Deus quer que tenham o progresso que resultar das suas obras. Ninguém é colocado na primeira fila por privilégio. Ela está aberta a todos, mas só lá chegam pelos seus esforços.

Os anjos mais elevados conquistaram a sua posição como os outros, passando pelo caminho comum. Todos, desde o cimo até à base, pertenceram ou pertencem ainda à Humanidade. Os homens são, assim, Espíritos encarnados mais ou menos avançados, e os Espíritos são as almas dos homens que deixaram o seu corpo material.

A vida espiritual é a vida normal do Espírito. O corpo é apenas um veículo temporário apropriado às funções que deve desempenhar na Terra. Tal como o guerreiro, veste a armadura e a cota de malha para o momento do combate e despe-os depois da batalha, retomando-os apenas quando chegar o momento de nova luta. A vida corpórea é o combate, a luta, que os Espíritos devem travar para avançar. Para este efeito, vestem de novo a armadura que é para eles um instrumento de ação, mas ao mesmo tempo um incómodo.

Os Espíritos trazem para a encarnação as suas qualidades de Espírito: os que são imperfeitos fazem os homens imperfeitos; os que são mais avançados, bons, inteligentes, instruídos fazem os homens *instintivamente* bons, inteligentes e aptos a adquirir com facilidade novos conhecimentos. Da mesma forma, quando os homens morrem fornecem ao mundo espiritual Espíritos bons ou maus, avançados ou atrasados. O mundo corpóreo e o mundo espiritual desaguam assim, constantemente, um no outro. Entre os maus Espíritos, há os que têm toda a perversidade dos demónios e a quem se pode aplicar a imagem que deles fizemos. Na sua encarnação dão origem a homens perversos e astuciosos, que se comprazem no mal, que parecem nascidos para a infelicidade de todos os que atraem na sua intimidade, e de quem se pode dizer, sem ser uma injúria, que são demónios encarnados.

22. Chegados a um certo grau de purificação, os Espíritos têm missões conformes ao seu adiantamento; desempenham todas as que são atribuídas aos anjos das diferentes ordens. Como Deus criou desde toda a eternidade, desde toda a eternidade foi necessário satisfazer todas as necessidades do governo do universo.

Uma única espécie de seres inteligentes, sujeitos à lei do progresso, basta para isso. Esta unidade na criação, com a ideia de que todos têm o mesmo ponto de partida, o mesmo caminho a percorrer, que sobem pelo seu próprio mérito, responde bem melhor à justiça de Deus que a criação de espécies diferentes mais ou menos favorecidas de dons naturais, que seriam privilégios.

23. A doutrina dos homens sobre a natureza dos anjos, dos demónios e das almas humanas, não admitindo a lei do progresso e vendo, todavia, seres em diversos níveis, concluiu que eles eram o produto de outras tantas criações especiais. Chegou, assim, a fazer de Deus um pai parcial, dando tudo a alguns dos seus filhos, enquanto aos outros impõe o mais rude trabalho.

Não é surpreendente que, durante muito tempo os homens nada tenham encontrado de chocante nestas preferências, porque eles faziam o mesmo em relação aos seus próprios filhos, com os direitos de progeneritura e os privilégios de nascimento; *poderiam eles acreditar fazer pior do que Deus?*

Mas hoje, o círculo das ideias alargou-se. Eles veem melhor. Têm noções mais claras da justiça. Querem-na para si, e se não a encontram sempre na Terra, esperam, pelo menos, encontrá-la mais perfeita no Céu. É por isso que, qualquer doutrina em que a justiça divina não lhes aparece na sua total pureza, repugna à sua razão.

Intervenção dos demónios nas manifestações recentes

1. Os fenómenos espíritas atuais chamaram a atenção sobre factos análogos que tiveram lugar em todas as épocas, e nunca a história foi tão escrutinada a este respeito como nos últimos tempos. Da semelhança dos efeitos concluiu-se a unidade da causa.

Como para todos os factos extraordinários, cuja razão é desconhecida, a ignorância viu neles uma causa sobrenatural e a superstição amplificou-os acrescentando-lhes crenças absurdas. Daí uma quantidade de lendas que, por toda a parte, são uma mistura de um pouco de verdade com muito de falso.

2. As doutrinas sobre o demónio, que prevaleceram durante tanto tempo, exageraram de tal forma o seu poder, que tinham, por assim dizer, feito esquecer Deus; é por isso que lhe era atribuído tudo aquilo que parecia ultrapassar o poder humano; por todo o lado aparecia a mão de Satanás; as melhores coisas, as descobertas mais úteis, tudo aquilo que podia tirar o homem da ignorância e alargar o círculo das suas ideias, era muitas vezes olhado como obra diabólica.

Os fenómenos espíritas dos nossos dias, melhor observados sobretudo com a ajuda da luz da razão e dos dados da ciência, confirmaram, é verdade, a intervenção de inteligências ocultas; agindo essas inteligências sempre dentro dos limites das leis da natureza, revelaram, pela sua ação, uma nova força e leis desconhecidas até hoje.

A questão reduz-se, pois, em saber de que ordem são essas inteligências; enquanto só tivemos, sobre o mundo espiritual, noções incertas ou dogmáticas, podíamos ficar surpreendidos; mas hoje, que observações rigorosas e estudos experimentais esclareceram a natureza dos Espíritos, a sua origem e o seu destino, o seu papel no universo e o seu modo de atuação, a questão está resolvida pelos factos.

Sabe-se, agora, que são as almas das pessoas que viveram na Terra. Sabe-se também que as diversas categorias de Espíritos bons e maus, não são seres de diferentes espécies, *são apenas diversos graus de adiantamento*. Conforme a classe a que pertencem, em função do seu desenvolvimento intelectual e moral, os Espíritos que se manifestam apresentam-se sob aspetos muito diferentes, o que não os impede de terem saído da grande família humana, tal como os homens “primitivos” e os “adiantados”.

3. Sobre este ponto de vista, como sobre muitos outros, a Igreja mantém as suas velhas crenças no que diz respeito aos infernos. Ela diz: *“Nós temos princípios que não variam há dezoito séculos e que são imutáveis.”* Estão errados, precisamente por não levarem em conta o progresso das ideias, e de considerarem Deus tão pouco sábio que não adequa a revelação ao desenvolvimento da inteligência e que mantém com os homens primitivos a mesma linguagem que com os homens adiantados.

Se, enquanto a Humanidade avança, a religião se agarra aos velhos erros, tanto em matéria espiritual como em matéria científica, chega um momento em que é ultrapassada pela incredulidade.

4. Aqui está como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demónios nas manifestações atuais.⁹¹

⁹¹ As citações deste capítulo foram retiradas do mesmo documento que as do capítulo anterior, de que são a continuação, e têm o mesmo autor (pastoral de monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865). (Nota de A.K.)

“Na sua intervenção exterior, os demónios estão atentos em dissimular a sua presença, para afastar suspeitas. Sempre manhosos e pérfidos, atraem o homem para os seus embustes antes de lhes impor as correntes da opressão e da servidão. Ora despertam a curiosidade por fenómenos e jogos pueris, ora chocam pelo espanto ou subjagam pela atração do maravilhoso. Se o sobrenatural aparece, se o seu poder os desmascara, eles acalmam e apaziguam as apreensões, buscam a confiança, provocam a familiaridade. Tanto se fazem passar por divindades e bons génios como se apropriam dos nomes e mesmo dos traços dos mortos que ficaram na memória dos vivos. Graças a estas fraudes dignas da antiga serpente, eles falam e são escutados, dogmatizam e são acreditados. Misturam às mentiras algumas verdades e fazem aceitar o erro de todas as maneiras. É aí que aparecem as pretensas revelações de além-túmulo; é para obter este resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos, o pé das mesas, *a mão das crianças*, fazem de oráculos; é para isso que a pitonisa profetiza, no seu delírio, e que o ignorante, num misterioso sono, se torna, de repente, doutor em ciência. Enganar e perverter é, em toda a parte e sempre, o objetivo final destas estranhas manifestações.

“Os resultados surpreendentes destas observações ou destes atos, para a maioria bizarros e ridículos, não podendo proceder da sua virtude intrínseca, *nem da ordem estabelecida por Deus*, só podem resultar do concurso de forças ocultas. São assim os fenómenos extraordinários obtidos atualmente pelos processos aparentemente inofensivos do magnetismo, assim como os das mesas falantes.

No meio destes atos da “magia recente”, vemos reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, *as curas* e os prestígios que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas. Como noutros tempos, dão-se ordens à madeira e a madeira obedece; interroga-se e ela responde em todas as línguas e sobre todas as questões; encontramos-nos em presença de seres invisíveis que usurpam o nome dos mortos e cujas pretensas revelações estão marcadas pela contradição e pela mentira. Formas ligeiras e sem consistência aparecem de repente e mostram-se dotadas de uma força sobre-humana.

“Quais são os agentes secretos destes fenómenos e os verdadeiros autores de cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam estes papéis indignos, e não se prestariam a todos os caprichos de uma vã curiosidade. As almas dos mortos, que Deus proíbe consultar, permanecem na morada que lhes foi atribuída pela Sua justiça e não podem, sem a Sua autorização, colocar-se às ordens dos vivos.

Os seres misteriosos que respondem assim ao primeiro chamamento do herético e do ímpio, tal como ao do fiel, ou seja, tanto do crime como da inocência, não são nem enviados de Deus nem apóstolos da verdade e da salvação, mas os seguidores do erro e do inferno. Apesar do cuidado que têm de se esconder sob os nomes mais vulneráveis, deixam-se trair pela nulidade das suas doutrinas, assim como pela baixeza dos seus atos e a incoerência das suas palavras. Esforçam-se por apagar do símbolo religioso os dogmas do pecado original, da ressurreição do corpo, *da eternidade das penas* e de toda a revelação divina, com o fim de retirar às leis a sua verdadeira sanção e de abrir ao vício todas as barreiras. Se as suas sugestões pudessem prevalecer, formariam uma religião cómoda, para uso da política e de todos aqueles a quem a noção do dever e da consciência importuna.

A incredulidade do nosso século preparou-lhes o caminho. Pudessem as sociedades cristãs, por um regresso sincero à fé, escapar ao perigo desta nova e temível invasão!”

5. Toda esta teoria se baseia no princípio de que os anjos e os demónios são seres distintos das almas dos homens e que estes são o produto de uma criação especial, inferior mesmo aos demónios em inteligência, em conhecimento e em faculdades de toda a espécie. A teoria concluiu que as manifestações antigas e modernas atribuídas aos Espíritos dos mortos se devem à intervenção exclusiva dos anjos maus.

A possibilidade de as almas comunicarem com os vivos é uma questão de facto, resultado da experiência e da observação que não discutiremos aqui. Admitamos, por hipótese, a distinção acima feita, suponhamos que só os seres de natureza angélica se podem manifestar, com exclusão das almas humanas. Vejamos se é racional conceder este privilégio aos demónios, se esta última opinião concorda com os factos e se não é contrariada pela mesma doutrina relativa à natureza e às atribuições dos anjos.

6. Segundo a Igreja, “das três categorias de anjos, uma ocupa-se exclusivamente do céu; outra do governo do universo; a terceira está encarregada da Terra, e nesta encontram-se os anjos da guarda dedicados à proteção de cada indivíduo. Só uma parte dos anjos desta categoria tomou parte na revolta e foi transformada em demónio.”

Se Deus permitiu a estes levar os homens à perdição, por sugestões de todo o tipo, e fazer manifestações ostensivas, por que motivo, se Ele é soberanamente justo e bom, lhes teria dado o imenso poder de que usufruem, os teria deixado em liberdade de que fazem um uso pernicioso, sem permitir aos anjos bons fazer um contrapeso, com manifestações semelhantes, mas dirigidas para o bem?

Admitamos que Deus tivesse dado uma parte igual de poder aos bons e aos maus, o que já era um favor exorbitante em proveito destes últimos; o homem, pelo menos, teria liberdade de escolher; mas dar-lhes o monopólio da tentação, com a faculdade de simular o bem, para enganar, para seduzir com mais segurança, seria uma verdadeira armadilha lançada à sua fraqueza, à sua inexperiência, à sua boa-fé. Digamos mais, seria abusar da sua confiança em Deus. A razão recusa-se a admitir uma tal parcialidade em proveito do mal.

7. Vejamos os factos:

Segundo esta teoria, concedem-se aos demónios faculdades transcendentais; nada perderam da sua natureza angélica: têm a sabedoria, a perspicácia, a previsão, a clarividência dos anjos, e, além disso, a astúcia, a destreza e a manha em grau supremo. O seu objetivo é desviar os homens do bem e sobretudo afastá-los de Deus para os arrastar para o inferno, de que são os abastecedores e os recrutadores.

Compreende-se que se dirijam aos que estão no bom caminho e que para eles estão perdidos se aí permanecerem. Compreende-se a sedução e a simulação do bem para os atrair às suas fileiras; mas o que é incompreensível é que se dirijam aqueles que lhes pertencem já de corpo e alma, para os conduzir a Deus e ao bem; ora, quem está mais nas suas garras do que aquele que renega e blasfema Deus, que mergulha no vício e na desordem das paixões? Não está já no caminho do inferno? Compreende-se que, seguro da sua presa, ele o incite a orar a Deus, a submeter-se à sua vontade, a renunciar ao mal? Que exalte aos seus olhos as delícias da vida dos bons Espíritos, e lhe descreva, com horror, a posição dos maus? Já alguma vez viram um vendedor gabar aos seus clientes a mercadoria do vizinho, em prejuízo da sua, e a convencê-los a ir a casa dele? Um recrutador de homens para o serviço militar, depreciar a vida militar e elogiar o repouso da vida doméstica? Dizer aos recrutas que terão uma vida de fadigas e de privações, que têm dez hipóteses em uma de ser mortos ou, pelo menos, de ter os braços e as pernas cortados?

É esse o estúpido papel que se atribui ao demónio; o que é um facto notório é que, devido às instruções emanadas do mundo invisível, vemos todos os dias incrédulos e ateus conduzidos a Deus e orar com fervor, o que nunca tinham feito; pessoas más trabalhar com ardor para a sua melhoria. Pretender que isso seja obra das manhas do demónio, é fazer dele um verdadeiro estúpido.

Ora, como isto não é uma suposição, mas o resultado da experiência, e que contra um facto não há argumentos possíveis, é preciso concluir que, ou o demónio é um chefe totalmente desajeitado, que

não é tão manhoso nem tão maligno como se pretende e que, por consequência, não é de temer, pois que trabalha contra os seus interesses, ou então, que nem todas as manifestações são dele.

8. “Eles fazem aceitar o erro de todas as formas. É para obter este resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos, o pé das mesas, *a mão das crianças*, fazem de oráculos.”

Depois disto, qual é o valor destas palavras do Evangelho: “*Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos jovens terão visões e os vossos velhos terão sonhos. – Nesses dias, derramarei o meu Espírito sobre os meus servidores e as minhas servidas, e eles profetizarão*” (*Atos dos Apóstolos*, capítulo II, versículos 17 e 18). Não é a previsão da mediunidade dada a toda a gente, mesmo às crianças, e que acontece nos nossos dias? Os Apóstolos lançaram o anátema sobre esta faculdade? Não, eles anunciam-na como um favor de Deus, e não como obra do demónio.

Os teólogos dos nossos dias sabem, sobre este assunto, mais do que os Apóstolos? Não deveriam, antes, ver o dedo de Deus, no cumprimento destas palavras?

9. “Por meio destes atos da *magia atual* vemos reproduzir-se entre nós, as evocações e os oráculos, as consultas, as *curas* e a sedução que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas.”

Vemos atos de magia nas evocações espíritas? Houve um tempo em que se acreditava na eficácia desses atos, mas hoje consideram-se ridículos; ninguém acredita neles e o espiritismo condena-os. Na época em que a magia florescia, havia ainda uma ideia muito imperfeita sobre a natureza dos Espíritos, que se consideravam como dotados de um poder sobre-humano. Só se chamavam para obter deles, nem que fosse ao preço da alma, os favores da sorte e da fortuna, a descoberta dos tesouros, a revelação do futuro ou de poções mágicas. A magia, com a ajuda destes sinais, fórmulas e operações cabalísticas, era acusada de fornecer segredos pretendidos para operar prodígios, obrigando os Espíritos a colocarem-se às ordens dos homens e satisfazerem os seus desejos.

Hoje sabemos que os Espíritos são apenas as almas dos homens; só os chamamos para receber os conselhos dos bons, moralizar os imperfeitos, e para continuar as relações com os seres que nos são queridos.

10. Sobre este assunto, o espiritismo diz o seguinte:

a) Não há qualquer meio de obrigar um Espírito a vir contra a sua vontade, se for vosso igual ou vosso superior em moralidade, porque não tendes nenhuma autoridade sobre ele. Se for vosso inferior, podeis fazê-lo, *se for para o seu bem*, porque então outros Espíritos vos ajudarão. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXV).

b) A mais essencial de todas as disposições para as evocações é o recolhimento, quando queremos ter relações com Espíritos sérios. Com *a fé e o desejo do bem*, temos mais força para evocar Espíritos superiores. Elevando a nossa alma, por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, identificamo-nos com os bons Espíritos e dispomo-los a vir. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXV).

c) Nenhum objeto, medalha ou talismã tem a propriedade de atrair ou afastar os Espíritos; a matéria não tem qualquer influência sobre eles. Nunca um bom Espírito aconselharia semelhantes absurdos. A virtude dos talismãs só existiu na imaginação das pessoas crédulas (*Livro dos Médiuns*, cap. XXV).

d) Não há nenhuma fórmula sacramental para a evocação dos Espíritos. Quem pretendesse dar-lhe uma podia ser, corajosamente, apelidado de charlatanismo, porque, para os Espíritos, a forma nada é. Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus (*Livro dos Médiuns*, capítulo XVII).

e) Os Espíritos que marcam um encontro nos lugares lúgubres e a horas indevidas são Espíritos que se divertem à custa dos que os escutam. É sempre inútil e muitas vezes perigoso ceder a tais sugestões. Inútil porque nada se ganha, apenas se é enganado. Perigoso, não pelo mal que os Espíritos podem fazer, mas pela influência que isso pode exercer sobre os cérebros fracos. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXV).

f) Não há dias nem horas especialmente propícios às evocações; isso é completamente indiferente para os Espíritos, como tudo o que é material, e seria uma *superstição* acreditar nessa influência. Os momentos mais favoráveis são aqueles em que o evocador pode estar menos distraído com as suas ocupações habituais; em que o seu corpo e o seu Espírito estão mais calmos. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXV).

g) A crítica maldizente diverte-se a representar as comunicações espíritas envoltas em práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia. Se os que falam do espiritismo sem o conhecer, se dessem ao trabalho de estudar aquilo de que querem falar, seriam poupados aos exageros da imaginação ou a alegações que só servem para provar a sua ignorância ou a sua má vontade.

Para o esclarecimento de pessoas estranhas à ciência, diremos que não há, para comunicar com os Espíritos, nem dias, nem horas, nem lugares mais propícios uns que outros. Que para os evocar, não são precisas palavras sacramentais ou cabalísticas; que não é necessária nenhuma preparação nem nenhuma iniciação; que o emprego de qualquer sinal ou objeto material, quer seja para os atrair, ou para os afastar, não tem efeito, e que basta o pensamento; por fim, que os médiuns recebem as suas comunicações tão simplesmente e tão naturalmente como se fossem ditados por uma pessoa viva, sem sair do estado normal. Só o charlatanismo poderia atribuir modos excêntricos e acrescentar acessórios ridículos. (*O que é o Espiritismo?* Capítulo II, nº 49).

h) Em princípio, o futuro deve ser ocultado ao homem; Deus só permite a sua revelação em casos raros e excepcionais. Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente, não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pelo pensamento de que, se uma coisa deve acontecer, não tem que se preocupar; ou então procuraria entravá-lo. Deus não quis que assim fosse, para que cada um contribuísse para o cumprimento das coisas, mesmo daquelas a que quisesse opor-se. Deus permite a revelação do futuro quando este conhecimento prévio deve facilitar o seu cumprimento em vez de o entravar, levando a pessoa a agir de modo que não agiria sem ele. (*Livro dos Espíritos*, livro III, capítulo X).

i) Pode acontecer que o Espírito preveja coisas que julga útil dar a conhecer, ou que tem a missão de dar a conhecer; mas ainda há que desconfiar dos Espíritos enganadores que se divertem a fazer previsões; só o conjunto das circunstâncias nos permitirá avaliar o grau de confiança que elas merecem. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXVI).

j) Os Espíritos não podem guiar nas investigações científicas e nas descobertas. A ciência é obra do gênio; os seus conhecimentos só podem ser adquiridos pelo trabalho, pois é só pelo trabalho que o homem avança no seu caminho. Que mérito teria se apenas tivesse que interrogar os Espíritos para saber tudo? Qualquer imbecil poderia tornar-se sábio a este preço. Acontece o mesmo com as invenções e as descobertas da indústria.

Ainda uma outra consideração: cada coisa deve vir a seu tempo e quando as ideias estão maduras para a receber; se o homem tivesse esse poder, misturaria a ordem das coisas fazendo crescer os frutos antes da estação.

Deus disse ao homem: “Tirarás os alimentos da terra com o suor do teu rosto.” Admirável imagem que mostra a condição em que ele está aqui em baixo: deve progredir em tudo pelo esforço do trabalho. Se lhe dessem as coisas todas feitas, para que serviria a sua inteligência? Seria como um estudante a quem outro fazia os deveres.

Quando o tempo de uma descoberta chega, os Espíritos encarregados de dirigir o seu progresso procuram o indivíduo capaz de a levar a bom termo e inspiram-lhe as ideias necessárias de modo a

deixar-lhe todo o mérito, porque é necessário que ele elabore as ideias e as implemente. Acontece assim em todos os grandes trabalhos da inteligência humana.

Os Espíritos deixam cada indivíduo na sua esfera. Não farão, daquele que só é capaz de cavar a terra, o depositário dos segredos de Deus; mas saberão *tirar da obscuridade* aquele que tem capacidade de cumprir os seus desígnios. Não vos deixeis, pois, arrastar, por curiosidade ou ambição, num caminho *que não é o objetivo do espiritismo*, e que resultará, para vós, nas mais ridículas mistificações. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXVI).

k) Os Espíritos não podem ajudar a descobrir tesouros escondidos. Os Espíritos superiores não se ocupam destas coisas; mas Espíritos enganadores indicam muitas vezes tesouros que não existem, ou podem indicar-vos uma direção enquanto ele está na direção oposta; e isto tem a sua utilidade para mostrar que a verdadeira fortuna está no trabalho. Se a Providência destina riquezas escondidas a uma pessoa, ela encontrá-las-á naturalmente, de outra forma não. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXVI).

l) O espiritismo, esclarecendo-nos sobre as propriedades dos fluidos, que são os agentes e os meios de ação do mundo invisível, e constituem uma das forças e uma das potências da natureza, dá-nos a chave de uma quantidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, em tempos recuados, passaram por prodígios. Revela, tal como o magnetismo, uma lei senão desconhecida, pelo menos mal compreendida. Ou, para melhor dizer, conheciam-se os efeitos, porque foram produzidos desde todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância desta lei que originou a superstição. Conhecida esta lei, o maravilhoso desapareceu e os fenómenos reentram na ordem das coisas naturais. É por isso que os Espíritos não fazem mais milagres fazendo girar uma mesa ou fazendo os mortos escrever, que o médico, fazendo reviver um moribundo, ou o físico, fazendo cair o raio. Os que pretendessem, com a ajuda desta ciência, *fazer milagres*, seriam, ou ignorantes deste assunto, ou falsificadores (*Livro dos Médiuns*, capítulo II).

m) Certas pessoas fazem uma ideia muito errada das evocações; há as que acreditam que as evocações consistem em fazer voltar os mortos com todo o aparelho lúgubre do túmulo. É só nos romances, nos contos fantásticos de fantasmas e no teatro, que se podem ver os mortos esqueléticos sair dos sepulcros, envoltos nas mortaldas e fazendo estalar os ossos. O espiritismo, que nunca fez milagres, também não faz este, e nunca fez reviver um corpo morto; quando o corpo está na cova, está lá definitivamente; mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, não foi lá colocado juntamente com o corpo carnal; separou-se dele no momento da morte e, uma vez realizada a separação, nada mais têm em comum. (*Qu'est-se que le Spiritisme?* Capítulo II, nº 48).

11. Alongámo-nos nestas citações para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm nenhuma relação com os da magia e para não deixar qualquer dúvida a este respeito. Portanto, nada de Espíritos às ordens dos homens, nada de os coagir, nada de sinais ou fórmulas cabalísticas, nada de descobertas de tesouros ou processos para enriquecer, nada de milagres ou prodígios, nada de adivinhações nem de aparições fantásticas; nada, enfim, do que constitui o objetivo e os elementos essenciais da magia. O espiritismo não só desmente todas essas coisas, como demonstra a sua impossibilidade e a sua ineficácia. Não há qualquer analogia entre o objetivo e os meios da magia, e os do espiritismo. Querer assemelhá-los só pode ser resultado da ignorância ou da calúnia; mas como os princípios do espiritismo nada têm de secreto, são formulados em termos claros e sem equívocos, o erro não poderia prevalecer.

Quanto às curas, que a pastoral acima citada reconhece como reais, o exemplo é mal escolhido para afastar as relações com os Espíritos. É um dos benefícios que mais comove e que cada um pode apreciar; poucas pessoas, sobretudo depois de terem esgotado todos os outros meios, estarão dispostas a renunciar a eles com medo de serem curados pelo diabo; pelo contrário, alguns dirão até que, se o diabo os curou, fez uma boa ação.

12. “Quais são os agentes secretos destes fenómenos e os verdadeiros atores destas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam estes papéis indignos, e não se prestariam a todos os caprichos de uma vã curiosidade.”

Estes fenómenos são os das manifestações ostensivas dos Espíritos. Neste número, haverá, evidentemente, algumas que seriam pouco dignas de Espíritos superiores; e se substituirmos a palavra *anjos* por *puros Espíritos* ou *Espíritos superiores*, tereis exatamente o que diz o Espiritismo.

Mas, não poderíamos colocar no mesmo grupo comunicações inteligentes dadas pela escrita, pela palavra, pela audição ou por qualquer outro meio - que são dignas dos bons Espíritos, como seriam, na Terra, das pessoas mais eminentes - e as aparições, as curas, e uma quantidade de outras que os livros sagrados citam profusamente como sendo feitas por anjos ou santos? Se, no passado, os anjos e os santos produziram fenómenos semelhantes, porque não os produziram hoje? Por que motivo os mesmos factos seriam hoje obra do demónio para certas pessoas, enquanto para outras são consideradas santos milagres?

O autor da pastoral está errado quando diz que os fenómenos são inexplicáveis. Pelo contrário, hoje são perfeitamente explicados e por isso já não são olhados como maravilhosos ou sobrenaturais; e se ainda o não fossem, não seria mais lógico atribuí-los ao diabo do que, no passado, atribuir-lhe a autoria de todos os efeitos naturais que não se compreendiam.

Por papéis indignos, é preciso entender os papéis ridículos e os que consistem em fazer o mal; mas não se podem qualificar assim os dos Espíritos que fazem o bem e conduzem os homens a Deus e à virtude.

13. Ora, o espiritismo diz precisamente que os papéis indignos não estão nas atribuições dos Espíritos superiores, tal como o provam os seguintes preceitos:

a) Reconhecem-se as qualidades dos Espíritos pela sua linguagem: a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; revela sabedoria, bondade, modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância das palavras. Qualquer pensamento evidentemente falso, qualquer máxima contrária à sua moral, qualquer expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda a marca de maldade, de presunção ou de arrogância são sinais incontestáveis da inferioridade de um Espírito.

b) Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, o seu horizonte moral é limitado, a sua perspicácia restrita; muitas vezes, só têm uma ideia falsa e incompleta das coisas; por outro lado, estão ainda sob o domínio dos preconceitos terrestres, que tomam, muitas vezes, como verdades; por isso, são incapazes de resolver certas questões. Podem induzir-nos em erro, voluntária ou involuntariamente, sobre o que eles mesmos não compreendem.

c) Os Espíritos inferiores não são todos essencialmente maus; há os que só são ignorantes e levianos; também há os brincalhões, espirituosos, divertidos e que sabem usar os gracejos finos e mordazes. Ao lado destes, encontramos no mundo dos Espíritos, como na Terra, todos os géneros de perversidade e todos os graus de superioridade intelectual e moral.

d) Os Espíritos superiores só se ocupam de comunicações inteligentes, tendo em vista a nossa instrução; as manifestações físicas ou puramente materiais estão mais nas atribuições dos Espíritos inferiores, vulgarmente designados pelo nome de Espíritos *batedores*, como entre nós as provas que exigem força são realizadas por saltimbancos e não por sábios. *Seria absurdo pensar que os Espíritos, por menos elevados que sejam, se divertem a exhibir-se. (Qu'est ce que le spiritisme? Capítulo II, nºs 37, 38, 39, 40 e 60. Ver também: Livro dos Espíritos, livro II, capítulo I: Diferentes ordens de Espíritos; escala espírita. Livro dos Médiuns, 2ª parte, capítulo XXIV: Identidade dos Espíritos; Distinção dos bons e dos maus Espíritos).*

Qual é o homem de boa-fé que pode ver nestes preceitos um papel indigno atribuído aos Espíritos elevados? Não somente o espiritismo não confunde os Espíritos, mas, enquanto a Igreja atribui aos demónios uma inteligência igual à dos anjos, ele constata, pela observação dos factos, que os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, que o seu horizonte moral é limitado, a sua perspicácia restrita, que têm das coisas uma ideia muitas vezes falsa e incompleta e são incapazes de resolver certas questões, o que os coloca na impossibilidade de fazer tudo o que se atribui aos demónios.

14. “As almas dos mortos que Deus proíbe consultar, permanecem na morada que a justiça divina lhes atribuiu e não podem, *sem a sua permissão*, colocar-se às ordens dos vivos.”

O Espiritismo diz também que elas não podem vir sem a permissão de Deus, mas é ainda bem mais rigoroso porque diz que nenhum Espírito, bom ou mau, pode vir sem essa permissão, enquanto a Igreja católica atribui aos demónios o poder de passarem sem ela. Vai ainda mais longe porque diz que, mesmo com esta permissão, quando eles respondem ao apelo dos vivos, não quer dizer que *se coloquem às suas ordens*.

P. O Espírito evocado vem voluntariamente, ou é obrigado?

R. Ele *obedece à vontade de Deus*, quer dizer, à lei geral que rege o Universo. Avalia se é útil vir, e isso de acordo com o seu livre arbítrio. O Espírito superior vem sempre quando é chamado para um fim útil. Só se recusa a responder no meio de pessoas pouco sérias e que tratam as coisas com leviandade. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXV).

P. O Espírito evocado pode recusar-se a atender ao apelo que lhe é feito?

R. Perfeitamente. Onde estaria o seu livre arbítrio se não pudesse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? E vós mesmos achais-vos obrigados a responder a todos os que pronunciam o vosso nome? Quando digo que pode recusar-se, *refiro-me à pergunta do evocador*, porque um Espírito inferior pode ser obrigado a vir por um Espírito superior. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XXV).

Os espíritas estão de tal modo convencidos que não têm nenhum poder direto sobre os Espíritos e nada podem obter sem a permissão de Deus que, quando fazem um pedido a um Espírito qualquer, dizem: *Peço a Deus Todo poderoso que permita a um bom Espírito comunicar comigo; peço também ao meu anjo da guarda que me assista e afaste os maus Espíritos*; ou então, quando se trata do apelo a um Espírito determinado: *Peço a Deus Todo poderoso que permita ao Espírito “tal” comunicar comigo*. (*Livro dos Médiuns*, capítulo XVII, nº 203.)

Portanto, quando um Espírito atende o apelo que lhe é feito, é com a permissão de Deus. Se, quando pedimos a Deus que permita a um bom Espírito vir até nós, e, segundo a Igreja católica, só podemos obter a vinda de maus Espíritos, é Deus que os envia, quer dizer, *dá-nos o mal quando lhe pedimos o bem?* Uma tal doutrina é o esquecimento destas palavras de Jesus: *“Pedi e recebereis; procurai e encontrareis; batei à porta e abrir-se-vos-á. Porque, quem quer que peça receba, quem procura encontra, e quem bater à porta ela se abrirá. – Da mesma forma, quem é o homem de entre vós que dá uma pedra ao seu filho, quando ele lhe pede pão? Ou, se ele lhe pede um peixe lhe dá uma serpente? – Se, pois, sendo imperfeitos como vós sois, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, com muito mais razão o vosso pai, que está nos céus, dará os verdadeiros bens aos que lhos pedem.”* (S. Mateus, capítulo VII, vers. 7-11).

15. As acusações lançadas pela Igreja, contra a prática das evocações, não dizem respeito ao espiritismo, dirigem-se especialmente às práticas da magia com as quais ele nada tem em comum; o espiritismo condena nessas operações exatamente o que a Igreja condena. Não pede aos bons

Espíritos que desempenhem um papel indigno de si e, por fim, declara nada pedir e nada receber sem a permissão de Deus.

Sem dúvida, pode haver pessoas que abusam das evocações, que fazem delas um jogo, que as desviam do seu fim providencial para as colocar ao serviço dos seus interesses pessoais, que, por ignorância, leviandade, orgulho ou cupidez, se afastam dos verdadeiros princípios da doutrina; mas o espiritismo sério desmente-os, como a verdadeira religião desmente os falsos devotos e os excessos do fanatismo. Não é, pois, lógico, nem justo, imputar ao espiritismo em geral os abusos que ele também condena, nem as faltas daqueles que não o compreendem. Antes de formular uma acusação é preciso ver se ela é justa.

Nós diremos assim: A culpa lançada pela Igreja cai sobre os charlatães, os exploradores, as práticas da magia e da feitiçaria, e nisso ela tem razão. Se a crítica religiosa ou cética derrota os abusos e estigmatiza o charlatanismo, não só faz sobressair a pureza da sã doutrina como ajuda-a a desembaraçar-se da escória. Nisso, facilita a nossa tarefa. O seu erro é confundir o bem e o mal, por ignorância na maior parte dos casos, por má-fé noutros. Mas a distinção que ela não faz, outros a fazem. Em qualquer caso, a sua censura, à qual todos os espíritas sinceros se associam no limite do que se aplica ao mal, não pode atingir a doutrina.

16. “Os seres misteriosos que atendem o primeiro apelo tanto do herético e do ímpio, como do fiel, tanto do crime como da inocência, não são nem os enviados de Deus, nem os apóstolos da verdade, mas os sequazes do erro e do inferno”.

Assim, Deus não permite que os bons Espíritos venham tirar do erro o herético, o ímpio, o criminoso, para os salvar da perdição eterna? Ele envia-lhes os servos do inferno para os afundar mais no atoleiro? Ainda mais: só envia aos inocentes seres perversos para os perverter?

Não se encontram entre os anjos, criaturas privilegiadas de Deus, nenhum ser bastante compassivo para vir em socorro destas almas perdidas? Para que servem as brilhantes qualidades de que são dotados, se servem apenas as suas alegrias pessoais? São eles realmente bons se, mergulhados nas delícias da contemplação, veem estas almas no caminho do inferno, sem vir desviá-las? Não é esta a imagem do egoísta rico que, tendo tudo com abundância, deixa, sem piedade, o pobre morrer de fome à sua porta? Não é erigir o egoísmo em virtude e colocá-lo aos pés do eterno?

Surpreendeis-vos que os bons Espíritos vão até ao herético e ao ímpio. Esqueceis estas palavras de Jesus: “*Não é o que tem saúde que precisa de médico.*” Não vedes as coisas de um ponto mais elevado que os Fariseus do seu tempo?

E vós mesmos, se fostes chamados por um vilão, recusais-vos a ir junto dele para o conduzir ao bom caminho? Os bons Espíritos fazem, pois, o que vós faríeis: vão junto do ímpio transmitir-lhes boas palavras.

Em vez de lançar o anátema sobre as comunicações de além-túmulo, bendizei os caminhos do Senhor, e admirai a sua onipotência e a sua bondade infinita.

17. Ah, os anjos da guarda; mas quando estes anjos não conseguem fazer-se ouvir pela voz misteriosa da consciência ou da inspiração, porque não empregariam meios de ação mais diretos e mais materiais, de modo a impressionar os sentidos, já que eles existem? Deus deixa estes meios, que são obra Sua, visto que tudo provém dele e nada acontece sem a Sua permissão, unicamente à disposição dos maus Espíritos, enquanto recusa aos bons que possam servir-se deles? Daqui, é preciso concluir que Deus dá mais facilidades aos demónios, para perder as almas, do que aos anjos da guarda para as salvar.

Pois bem, o que os anjos da guarda não podem fazer, segundo a Igreja católica, os demónios fazem-no sozinhos?!

Com a ajuda destas mesmas comunicações, digamos, infernais, eles conduzem a Deus os que o renegavam, e ao bem os que estavam mergulhados no mal?

Dão-nos o estranho espetáculo de milhões de pessoas que acreditam em Deus pelo poder do diabo, enquanto a Igreja tinha sido impotente para os converter. Que homens que nunca oravam o façam hoje com fervor, graças às instruções destes mesmos demónios. Quantos existem que, de orgulhosos, egoístas e devassos se tornaram humildes, caridosos e menos sensuais. E diz-se que é obra do demónio. Se assim é, convenhamos que o demónio lhes prestou um serviço melhor e assistiu-lhes melhor que os anjos.

É preciso ter uma experiência muito fraca do julgamento dos homens neste século, para pensar que eles possam aceitar cegamente tais ideias. Uma religião que estabelece os seus fundamentos numa semelhante doutrina, que se declara minada pela base se lhe retiram estes demónios, o seu inferno, as suas penas eternas e o seu Deus sem piedade, é uma religião que se suicida.

18. Deus, dizem, que enviou Jesus para salvar os homens, provou o seu amor pelas suas criaturas e depois deixou-as sem proteção?

Sem qualquer dúvida Jesus é o Messias divino, enviado para mostrar aos homens a verdade e mostrar-lhes o bom caminho. Mas, só depois dele, contai o número dos que ouviram a sua palavra de verdade, quantos morreram e quantos morrerão sem a conhecer, e entre os que a conhecem quantos a põem em prática!

Por que motivo Deus, na sua solicitude para a salvação dos seus filhos, não lhes enviaria outros mensageiros, vindos sobre toda a Terra, penetrando nos mais humildes redutos, entre os grandes e entre os pequenos, entre os sábios e entre os ignorantes, entre os incrédulos assim como entre os crentes, ensinar a verdade aos que não a conhecem, dá-la a compreender aos que não a compreendem, suprir, pelo ensino *direto e múltiplo*, a insuficiência da propagação do Evangelho e apressar assim a vinda do reino de Deus? E quando estes mensageiros chegam em massas inumeráveis, abrindo os olhos à Luz, convertendo os ímpios, curando os doentes, consolando os aflitos, a exemplo de Jesus, vós afastai-los, repudiais o bem que fazem dizendo que são demónios!

Eram essas também as palavras dos fariseus em relação a Jesus, porque eles também diziam que ele fazia o bem pelo poder do diabo. Que lhe respondeu ele? “Reconhecei *a árvore pelo fruto; uma árvore má não pode dar bons frutos.*” Mas para eles, os frutos produzidos por Jesus eram maus, porque vinham destruir os abusos e proclamar a liberdade que devia arruinar a sua autoridade. Se ele viesse lisonjear o seu orgulho, sancionar as suas prevaricações e apoiar o seu poder, teria sido, aos seus olhos, o Messias esperado pelos judeus; mas ele estava sozinho, pobre e fraco; eles destruíram-no e acreditaram ter matado a sua palavra.

Mas a sua palavra era divina e sobreviveu-lhe. Contudo, propagou-se com lentidão, e, depois de dezoito séculos, só é conhecida pela décima parte do género humano e numerosos cismas eclodiram, mesmo no seio dos seus discípulos. É então que Deus, na sua infinita misericórdia, envia os Espíritos a confirmá-la, a completá-la, a colocá-la ao alcance de todos e a expandi-la por toda a Terra.

Mas os Espíritos não encarnaram numa só pessoa, cuja voz podia ser restringida; são inumeráveis, vão por toda a parte e não se podem fechar, por isso os seus ensinamentos se espalham com a rapidez do relâmpago; falam ao coração e à razão, por isso são compreendidos pelos mais humildes.

19. “Dizeis vós: não é indigno das celestes mensagens, transmitir as suas instruções por um meio tão vulgar como o das mesas falantes? Não é ultrajá-los supor que se divertem com trivialidades e deixam a sua brilhante morada para se colocar à disposição do primeiro que chegar?”

Jesus não deixou a morada de seu Pai para nascer num estábulo? Aliás, onde é que vistes, alguma vez, o espiritismo atribuir coisas triviais aos Espíritos superiores? Pelo contrário, ele diz que as coisas

vulgares são o produto de Espíritos vulgares. Mas, pela sua própria vulgaridade, elas não chocaram só as imaginações; serviram para provar a existência do mundo espiritual e mostrar que esse mundo é diferente daquilo que se imaginava.

Era o princípio, simples como tudo o que começa, mas a árvore saía de um pequeno grão, nem por isso, ao longo do tempo, deixa de estender a sua folhagem. Quem teria acreditado que do miserável presépio de Belém, sairia um dia a palavra que devia agitar o mundo?

Sim, Jesus é o Messias divino; sim, a sua palavra é a da verdade; sim, a religião fundada sobre essa palavra será inabalável, mas com a condição de se seguir e praticar os seus sublimes ensinamentos, e de não fazer do Deus, justo e bom, que nos ensinou a conhecer, um Deus parcial, vingativo e sem piedade.

1. A Igreja nunca negou as manifestações; pelo contrário, admite-as todas, como vimos nas citações anteriores; mas atribui-as à intervenção exclusiva dos demónios. É erradamente que alguns invocam os evangelhos para as proibir, porque os evangelhos não dizem uma palavra sobre este assunto. O supremo argumento que invocam é a proibição de Moisés. Vejamos em que termos se exprime, sobre este assunto, a pastoral citada nos capítulos anteriores:⁹²

“Não é permitido pôr-se em relação com eles (os Espíritos), seja diretamente seja por intermédio dos que os invocam e os interrogam. A lei mosaica punia com a morte estas práticas detestáveis, usadas entre os gentios. “ Não ides procurar os mágicos, é dito no livro do **Levítico**, e não dirijais nenhuma pergunta aos adivinhos, de modo a ficardes manchados se vos dirigirdes a eles” (Capítulo XIX, v. 31) – “Se um homem ou uma mulher tem um Espírito de Piton⁹³ ou de adivinhação, que sejam punidos de morte; serão lapidados, e o seu sangue cairá sobre as suas cabeças” (Capítulo XX, v. 27). E no livro do Deuteronomio: “Que não haja entre vós ninguém que consulte os adivinhos, ou que interprete os sonhos e os presságios, ou que use malefícios, sortilégios ou encantamentos, ou que consulte os que têm o Espírito de Piton e que praticam a adivinhação, ou que interrogam os mortos para saber a verdade; porque o Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometeram estes crimes. (Capítulo XVIII, v. 10, 11 e 12).

2. É útil, para a compreensão do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, recordar o texto completo, que está um pouco abreviado nesta citação:

- “Não vos desvieis do vosso Deus para ir procurar os mágicos e não consulteis os adivinhos, por forma a ficardes manchados se vos dirigirdes a eles. Eu sou o Senhor, vosso Deus.” (**Levítico**, Capítulo XIX, v. 31).

- “Se um homem ou uma mulher tem um Espírito de Piton ou um Espírito de adivinhação, que sejam punidos de morte; serão lapidados, e o seu sangue cairá nas suas cabeças” (Id. Capítulo XX, v. 27).

- Quando entrardes na terra que o Senhor, vosso Deus, vos der, tomai cuidado para não imitar as abominações desses povos. E que não haja entre vós ninguém que pretenda *purificar o seu filho ou a sua filha, fazendo-os passar pelo fogo*, ou que consulte os adivinhos, ou que interprete os sonhos e os presságios, ou que use malefícios, sortilégios ou encantamentos, ou que consulte os que têm o Espírito de Piton e que praticam a adivinhação, ou que interrogam os mortos para saber a verdade; porque o Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa chegada, todos os povos por terem cometido estes crimes. (Deuteronomio, Capítulo XVIII, v. 9, 10, 11, e 12).

3. Se a lei de Moisés deve ser rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente em todos os outros; porque seria boa no que se refere às evocações, e má nas outras coisas? É preciso ser conseqüente; se reconhecemos que a sua lei já não está em harmonia com os nossos hábitos e a nossa época, para certas coisas, não há razão para que não seja também assim na proibição de que falamos. É necessário reportarmo-nos aos motivos que originaram esta proibição, motivos que tinham então a sua razão de ser, mas que não existem hoje, seguramente. O legislador hebreu queria que o seu povo rompesse com todos os costumes adquiridos no Egito, entre os quais, o das evocações; ele era não só usado, mas também objeto de abuso, como o provam estas palavras de Isaías:

“O Espírito do Egito destruir-se-á a si próprio e eu derrubarei a sua prudência; consultarão os seus ídolos, os seus adivinhos, os seus pitons e os seus mágicos. (Capítulo XIX, v. 3).

⁹² Pastoral de monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865. (Nota de A.K.)

⁹³ **Piton**: na Antiguidade, adivinho que previa o futuro; daí deriva a palavra Pitonisa.(N. T.)

Por outro lado, segundo a mesma lei de Moisés, os Israelitas não deviam contrair nenhuma aliança com as nações estrangeiras, porque aí iriam encontrar as mesmas práticas que deviam combater. Moisés devia, pois, por política, inspirar ao povo hebreu aversão por todos os costumes que pudessem ter semelhanças e pontos de contacto com os inimigos, para os não assimilarem. Para motivar esta aversão, era preciso apresentá-los como reprovados pelo próprio Deus. Por isso disse: “O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometerem esses crimes”.

4. A proibição de Moisés era justificada, porque não evocavam os mortos por respeito e afeição por eles, nem com um sentimento de piedade; era um meio de adivinhação, tal como faziam com os adivinhos e os presságios, explorados pelo charlatanismo e a superstição. Por mais que tenha feito, Moisés não conseguiu desenraizar este hábito que se tornou objeto de tráfico, assim como o atestam as passagens seguintes do mesmo profeta:

- “E quando vos disserem: consultai os mágicos e os adivinhos, que falam baixinho nos seus encantamentos, respondei-lhes: Cada povo consulta o seu Deus. E vai falar aos mortos do que diz respeito aos vivos?” (Isaías, capítulo VIII, v. 19)

- “Sou eu que faço ver a falsidade dos prodígios da magia; que enlouqueço os que se põem a adivinhar; que confundo o Espírito dos sábios e os convenço que a sua ciência vã é loucura. (Capítulo XLIV, v. 25).

- “Que esses adivinhos que estudam o céu, que contemplam os astros e que contam os meses para fazer profecias dizendo revelar-vos o futuro, venham agora e que vos salvem. Aconteceu-lhes como a palha, o fogo devorou-os; não podem livrar as suas almas das chamas ardentes; não restará sequer um braseiro de calor em que nos possamos aquecer, nem o fogo diante do qual nos possamos sentar. É o que acontecerá a todas as coisas a que vos dedicastes com tanto trabalho; Esses mercadores que traficaram convosco desde a vossa juventude fugirão todos, um de um lado, o outro do outro, sem que se encontre um só que vos livre dos vossos males” (Capítulo XLVII, v. 13, 14 e 15).

Neste capítulo, Isaías dirige-se aos Babilónios, sob a figura alegórica de “a virgem filha de Babilónia, filha dos Caldeus.” (v. 1). Diz que os encantadores não impedirão a ruína da sua monarquia. No capítulo seguinte dirige-se diretamente aos Israelitas:

“Vinde aqui, vós, filhos de uma adivinha, espécie de um homem adúltero e de uma mulher prostituída. De quem estais a trocar? Contra quem abris a boca e lançais as vossas línguas afiadas? Não sois vós filhos pérfidos e descendentes de bastardos – vós que procurais o consolo nos vossos deuses sob todas as árvores carregadas de folhagens, que sacrificais *os vossos filhinhos* nas torrentes, debaixo das rochas imponentes? Pusestes a vossa confiança nas pedras da torrente; espalhastes licores para as honrar; oferecestes-lhes sacrifícios. Depois disto, não se acenderá a minha indignação? (Capítulo LVII, v. 3, 4, 5, 6.)

Estas palavras são claras; provam claramente que neste tempo as evocações tinham por fim a adivinhação e que se fazia delas um comércio; eram associadas às práticas da magia e da feitiçaria, e mesmo acompanhadas de sacrifícios humanos. Moisés tinha razão em proibir estas coisas e dizer que Deus as abominava. Estas práticas supersticiosas permaneceram até à Idade Média; mas hoje, a razão fez-lhe justiça e o Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso, das relações de além-túmulo; desde logo, porque os espíritas “não sacrificam os filhinhos e não espalham licores para honrar os deuses,” não interrogam os astros nem os mortos, nem os adivinhos, para conhecer o futuro que Deus sabiamente escondeu aos seres humanos; que repudiam qualquer negócio com a faculdade que alguns receberam de comunicar com os Espíritos; que não são movidos pela curiosidade, nem pela cupidez, mas por um sentimento piedoso e pelo único desejo de se

instruir, de melhorar e de aliviar as almas sofredoras. Assim, a proibição de Moisés não lhes diz minimamente respeito.

É o que teriam visto aqueles que o invocam contra os espíritas, se tivessem aprofundado melhor o sentido das palavras bíblicas; teriam reconhecido que não existe nenhuma analogia entre o que se passava com os Hebreus e os princípios do espiritismo.

A lei civil, hoje, proíbe todos os abusos que Moisés queria reprimir. Se Moisés pronunciou a pena última contra os delinquentes, é porque lhe faltavam meios rigorosos para governar este povo indisciplinado. De facto, a pena de morte era pródiga na sua legislação; não havia, de resto, grande escolha nos meios de repressão; não havia prisões, nem casas de correção no deserto e o seu povo não era de natureza a submeter-se pelo medo a penas disciplinares; ele não podia graduar as penas, como se faz hoje.

É erradamente que se apoiam na severidade do castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Seria necessário, por respeito à lei de Moisés, manter a pena capital para todos os casos em que ele a aplicava? Por que motivo se recorda com tanta insistência este artigo, enquanto se silencia o começo do capítulo que proíbe *aos padres possuir bens na terra e não partilhar de nenhuma herança, porque o Senhor é, ele mesmo, a sua herança?* (**Deuteronomio**, capítulo XVIII, v. 1 e 2).

5. Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao carácter do povo. A primeira é invariável; a segunda modifica-se com o tempo, pois ninguém pensaria que hoje pudéssemos ser governados pelos mesmos meios que os Hebreus no deserto, tal como as ordenanças emanadas de Carlos Magno não poderiam aplicar-se à França do século XIX.⁹⁴ Quem pensaria, por exemplo, aplicar hoje este artigo da lei mosaica: “se um boi der uma cornada num homem ou numa mulher, e se eles morrerem, o boi será lapidado e não se comerá a sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente.” (**Êxodo**, capítulo XXI, v. 28 e seguintes).

Este artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha por fim castigar o boi e absolver o dono; equivalia simplesmente à confiscação do animal, causa do acidente, para obrigar o proprietário a maior vigilância. A perda do boi era a punição do dono, punição que devia ser bastante grave num povo de pastores, não sendo necessário aplicar-lhe mais outra; mas também não devia ser proveitosa para ninguém, por isso era proibido comer a carne. Outros artigos estipulam casos em que o dono era responsável. Tudo tinha a sua razão de ser na legislação de Moisés, porque nela tudo estava previsto até aos mínimos detalhes; mas a forma, assim como o fundo, dependiam das circunstâncias em que se encontravam. Certamente que, se Moisés voltasse hoje para dar um código de leis a uma nação civilizada da Europa, não lhe daria o dos Hebreus.

O que diz Deus nos seus mandamentos? “Não terás outro Deus além de mim; não invocarás o nome de Deus em vão; honrarás teu pai e tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não dirás falsos testemunhos; não cobiçarás os bens do teu próximo.” Esta é uma lei de todos os tempos e de todos os lugares e que, por isso mesmo, tem um carácter divino; mas não há nela nada que proíba a evocação dos mortos; de onde é necessário concluir que esta proibição era uma simples medida disciplinar e de circunstância.

6. A isso se argumenta que todas as leis de Moisés são editadas em nome de Deus, tanto como as do Sinai.

Se se consideram todas de origem divina, por que motivo os mandamentos são limitados ao Decálogo? É porque se faz uma diferença.

⁹⁴ Quando foi escrito este livro (1865)

Se todas emanam de Deus todas são igualmente obrigatórias. Então, por que não obedecemos a todas? Por que, entre outras, não conservamos a circuncisão, a que Jesus foi sujeito e que não aboliu? Esquece-se que todos os legisladores antigos, para dar mais autoridade às suas leis, dizem tê-las obtido de uma divindade. Moisés tinha, mais que nenhum outro, necessidade deste apoio, devido ao carácter do seu povo. Se, apesar disso, ele tinha tanta dificuldade em se fazer obedecer, tinha sido bem pior se as tivesse promulgado em seu nome.

Jesus veio modificar a lei mosaica, e a sua lei é o código dos cristãos. Ele disse: “Aprendestes que foi dito aos antigos tal e tal coisa, e eu vos digo esta outra coisa”.⁹⁵ Mas ele tocou na Lei do Sinai? De modo nenhum. Ele sancionou-a e toda a sua doutrina moral é o seu desenvolvimento. Em parte nenhuma fala da proibição de evocar os mortos. No entanto, era uma questão demasiado grave para que a tenha omitido nas suas instruções, enquanto tratou de outras de menor importância.

7. Em resumo, trata-se de saber se a Igreja põe a lei mosaica acima da lei evangélica, ou, dito de outro modo, se é mais judaica que cristã. Devemos notar que, de todas as religiões, a que fez menos oposição ao espiritismo foi a judaica, a que não utilizou a lei de Moisés contra a invocação dos mortos, como fazem as seitas cristãs.

8. Outra contradição: se Moisés proibiu evocar os Espíritos dos mortos, é porque esses Espíritos podem vir, de outro modo a sua proibição não faria sentido. Se podiam vir nesse tempo, também podem vir hoje; se são os Espíritos dos mortos, não são exclusivamente os demónios. De resto, Moisés nem fala destes últimos.

Portanto, é evidente que não seria lógico que, nesta circunstância, nos apoiássemos na lei de Moisés, por dois motivos: porque ela não rege o cristianismo e porque não está apropriada aos costumes da nossa época. Mas, aceitando mesmo toda a autoridade que alguns lhe atribuem, ela não pode, como vimos, aplicar-se ao espiritismo.

O que é que Moisés condena? Os mágicos, os adivinhos, os áugures, os sortilégios, os malefícios, numa palavra, tudo o que é do domínio da magia; ora, é precisamente o que o próprio espiritismo condena, como foi provado no capítulo anterior, e o que demonstra ainda mais claramente o estudo completo da doutrina. Assim, como o espiritismo não tem nada de comum com a magia, nem como objetivo nem como meio, o próprio Moisés não teria encontrado matéria para lhe aplicar a sua lei.

É certo que Moisés incluiu a interrogação dos mortos na sua proibição. Mas é só de uma forma secundária e como acessório da feitiçaria. A palavra *interrogar*, colocada ao lado dos adivinhos e dos áugures prova que, entre os Hebreus, as evocações eram um meio de adivinhação; ora, os espíritas não evocam os mortos para obter revelações ilícitas, mas para receber sábios conselhos e procurar alívio para os que sofrem. Certamente que, se os hebreus se servissem das comunicações de além-túmulo só para este fim, longe de as proibir, Moisés tê-las-ia encorajado pois eles fariam o seu povo mais pacífico.

9. Se alguns críticos jocosos ou mal-intencionados quiseram apresentar as reuniões espíritas como assembleias de feiticeiros e necromantes e os médiuns como ledores da “sina”; se alguns charlatães misturam o nome a práticas ridículas que o espiritismo reprova, muita gente faz justiça ao carácter essencialmente moral e grave das reuniões do espiritismo sério; a doutrina escrita em livros acessíveis a toda a gente protesta bem alto contra os abusos de toda a espécie, para que a calúnia recaia sobre quem a merece.

⁹⁵ Por exemplo: Mateus, 5, 38,39... “Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;” (N.T.)

10. Dizem que a evocação é uma falta de respeito para com os mortos cujas cinzas é preciso não perturbar.

Quem diz isso? Os adversários de dois campos opostos que dão as mãos: os incrédulos, que não acreditam nas almas, e os que, acreditando, afirmam que elas não podem vir falar e que só o demónio se apresenta.

Quando uma evocação é feita religiosamente e com recolhimento; quando os Espíritos são chamados, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeto e simpatia, e com o desejo sincero de nos instruímos e nos tornarmos melhores, não vemos por que seria maior falta de respeito chamar as pessoas *depois da morte que durante a vida*. Mas há ainda uma outra resposta perentória a esta objeção: é que os Espíritos vêm livremente e não por serem obrigados; vêm mesmo espontaneamente, sem serem chamados; testemunham a sua satisfação em comunicar com as pessoas, e lamentam-se muitas vezes do esquecimento em que, por vezes, são deixados. Se ficassem perturbados na sua quietude ou descontentes com o nosso apelo, di-lo-iam ou não viriam. Porque são livres, quando vêm é porque lhes agrada.

11. Alega-se outra razão: as almas permanecem na morada que a justiça de Deus lhe destinou, ou seja, o inferno ou o paraíso. As que estão no inferno não podem sair, embora, a este respeito, toda a liberdade seja dada aos demónios; as que estão no paraíso estão inteiramente dedicadas à sua beatitude; estão muito acima dos mortais para se ocupar deles, e demasiado felizes para voltar a esta terra de misérias e interessar-se pelos parentes e amigos que cá deixaram. Elas são, então, como os ricos que desviam a vista dos pobres, com medo que isso perturbe a sua digestão? Se assim fosse seriam pouco dignas da felicidade suprema, que seria o prémio do egoísmo.

Restam as que estão no purgatório; mas estas estão em sofrimento e a sonhar com a sua salvação, acima de tudo. Logo, nem umas nem outras podem vir, é apenas o diabo que vem em seu lugar.

Se não podem vir, não há, pois, que temer em perturbar o seu repouso.

12. Mas aqui apresenta-se uma outra dificuldade: se as almas que estão na sua beatitude não podem deixar a sua morada afortunada para virem em socorro dos mortais, por que motivo a Igreja invoca a assistência dos santos que, eles sim, devem usufruir da maior soma possível de beatitude? Porque aconselha aos fiéis invocá-los nas doenças, nas aflições e para se preservarem de flagelos? Por quê, segundo eles, os santos, a própria virgem Maria, vêm mostrar-se aos homens e fazer milagres? Deixam, então, o Céu, para vir à Terra.

Se os que estão no mais alto dos céus podem deixá-lo, por que motivo os que estão menos elevados não poderiam?

13. Que os incrédulos neguem a manifestação das almas, isso concebe-se, visto que não acreditam nelas; mas o que é estranho, é ver as pessoas cujas crenças repousam na sua existência e no seu futuro, irritarem-se contra os meios de provar que elas existem, e esforçarem-se por demonstrar que isso é impossível. Pareceria natural, pelo contrário, que os que têm mais interesse na sua existência devessem acolher com alegria e como uma bênção da Providência, os meios de confundir os negacionistas por provas irrecusáveis. Eles lamentam constantemente a invasão da incredulidade que dizima os fiéis, e quando o mais poderoso meio de os combater se apresenta, recusam-no com mais obstinação que os próprios incrédulos. Depois, quando as provas abundam a ponto de não deixar qualquer dúvida, recorrem, como argumento supremo, à proibição de o fazer; e para o justificar vão buscar um artigo da lei de Moisés, que já ninguém recordava, e onde querem, a todo o custo, ver uma aplicação que não existe. Ficam tão felizes com esta descoberta que não se apercebem que este artigo é uma justificação da doutrina espírita, pois ela condena o que Moisés proibiu.

14. Todos os motivos alegados contra as relações com os Espíritos, não aguentam um exame sério. Contudo, da obstinação que mostram nisso, podemos inferir que a esta questão se liga um grande interesse, pois sem isso não oporiam tanta determinação.

Ao ver esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, dir-se-ia que têm medo delas. O verdadeiro motivo poderia bem ser o receio de que os Espíritos, muito clarividentes, viessem iluminar os homens sobre temas que pretendem deixar na sombra e dar-lhes a conhecer exatamente o que há no outro mundo, e *as verdadeiras condições para lá ser feliz ou infeliz*. É pela mesma razão que se diz a uma criança: “Não vás por aí, que há um lobisomem”, diz-se às pessoas: “Não chamem os Espíritos, que são o diabo.”

Mas não importa, se se proibirem os homens de chamar os Espíritos, não se impedirá os Espíritos de se dirigirem aos homens para tirar a candeia debaixo do alqueire. O culto que estiver com a verdade absoluta, nada terá a recear da luz, porque a luz faz sobressair a verdade e o demónio não pode prevalecer contra a verdade.

15. Recusar as comunicações de além-túmulo é rejeitar o poderoso meio de instrução para nós mesmos, que resulta da iniciação à vida futura, e dos exemplos que elas nos fornecem.

A experiência ensina-nos, por outro lado, o bem que podemos fazer, desviando os Espíritos imperfeitos do mal e ajudando os que sofrem a desembaraçarem-se da matéria e a melhorarem-se; impedi-los, é privar as almas infelizes da assistência que lhes podemos dar. As seguintes palavras de um Espírito resumem admiravelmente as consequências da evocação praticada com o objetivo da caridade:

“Cada Espírito sofredor e queixoso contar-vos-á a causa da sua queda, as tentações a que não resistiu; falar-vos-á das suas esperanças, dos seus combates, dos seus medos; dir-vos-á os seus remorsos, as suas dores, os seus desesperos; mostrar-vos-á Deus, justamente irritado, punindo o culpado com toda a severidade da sua justiça. Escutando-o, ficareis movidos de compaixão e de receio para vós mesmos; seguindo-o nos seus queixumes, vereis Deus, não o perdendo de vista, esperando o pecador arrependido, estendendo-lhe os braços logo que ele tenta avançar.

Vereis os progressos do culpado, para os quais tereis a felicidade e a glória de ter contribuído; segui-lo-eis com cuidado, como o cirurgião segue o progresso da ferida em que diariamente coloca o penso” (Bordéus, 1861)

CAPÍTULO I – A PASSAGEM

1. A confiança na vida futura não nos liberta das preocupações que nos causa a passagem desta para a outra vida. Muita gente não teme a morte propriamente dita, o que todos receiam é o momento da transição.

É dolorosa a passagem? É isso que a todos inquieta, agravado pela circunstância de ser absolutamente inevitável. Uma viagem durante a vida pode adiar-se ou desistir dela. Mas neste caso, tanto os ricos como os pobres têm de a realizar. E se for dolorosa, nem a posição, nem a fortuna, podem suavizar-lhe a amargura.

2. Sabe-se de mortes tranquilíssimas e suaves, e de outras dolorosas e convulsivas, o que quer dizer que as sensações não são sempre as mesmas.

Quem nos poderá dizer como será a nossa? Quem poderá explicar-nos o fenómeno fisiológico da separação da alma e do corpo? Quem nos descreverá as impressões desse instante supremo? Quanto a isto, a ciência e a religião nada nos dizem.

Porque terá de ser assim? Porque falta a uma e à outra o conhecimento das leis que regem o relacionamento do Espírito e da matéria. A ciência detém-se à entrada da vida espiritual e as religiões param à entrada da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas. Só ele nos pode explicar como se realiza a transição, seja pelas noções mais exatas que dá sobre a natureza da alma, seja pela descrição feita por aqueles que deixaram a vida. O conhecimento da união fluídica que une a alma e o corpo é a chave deste fenómeno, como de muitos outros.

3. A matéria inerte é insensível, é um facto. Só a alma pode sentir o prazer e a dor. Durante a vida, toda a desagregação da matéria se repercute na alma que por isso recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma que sofre e não o corpo. Este é apenas o instrumento da dor. A alma é o enfermo. Depois da morte, estando o corpo separado da alma, pode ser impunemente mutilado, porque nada sente. A alma, isolada, nada recebe dos danos produzidos no corpo. Tem as suas próprias sensações cuja origem não é material.

O perispírito é o veículo energético da alma, que dela não se separa em vida, nem depois da morte, constituindo uma unidade em que um não existe sem o outro.

Durante a vida o perispírito penetra no corpo, em todas as suas partes, e serve de veículo às sensações físicas da alma, da mesma forma que é por este intermediário que a alma atua sobre o corpo e dirige o seu funcionamento.

4. A extinção da vida orgânica conduz à separação da alma e do corpo pela rutura das ligações energéticas que os unem. Esta separação nunca é brusca. O perispírito separa-se pouco a pouco de todos os órgãos, de tal forma que a separação só está totalmente completa quando não resta um único átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. *A sensação dolorosa que atinge a alma nesse instante depende da quantidade de pontos de contacto que existem entre o corpo e o perispírito, e da maior ou menor dificuldade e rapidez dessa separação.* Não vale a pena ter ilusões a respeito desse momento, visto que a morte pode ser mais ou menos penosa, dependendo das várias circunstâncias que vamos examinar.

5. Coloquemos como princípio os quatro casos seguintes, situações extremas entre as quais há uma enormidade de matizes:

a) Se no momento da extinção da vida orgânica a libertação do perispírito estiver completamente realizada, a alma não sentirá absolutamente nada.

b) Se nesse momento a coesão entre esses dois elementos estiver na sua máxima força, produz-se uma espécie de rasgão que é dolorosamente sentido pela alma.

c) Se a coesão é fraca, a separação é fácil e tem lugar sem sobressaltos.

d) Se, após a extinção completa da vida orgânica, ainda existirem numerosos pontos de contacto entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo até que as ligações estejam completamente desfeitas.

Disto resulta que o sofrimento que acompanha a morte depende da aderência entre corpo e perispírito. Tudo o que possa contribuir para a diminuição dessa força e para a rapidez da separação torna a passagem mais fácil. Se a libertação for fácil, a alma não passa por sensações desagradáveis.

6. Na passagem da vida corporal à vida espiritual dá-se outro fenómeno da maior importância: o da perturbação. Nesse momento a alma cai num torpor, numa inércia que paralisa momentaneamente as suas faculdades e anula parcialmente as sensações. Está, por assim dizer cataleptizada⁹⁶, de tal modo que quase nunca tem a consciência do seu último suspiro. Dizemos quase nunca, havendo uma exceção que veremos mais adiante.

A perturbação pode considerar-se o estado normal no momento da morte, tendo duração variável. Pode variar entre algumas horas e vários anos.

À medida que se dissipa, a alma está na situação de uma pessoa que sai de um profundo sono, com as ideias confusas, como se estivesse mergulhada na bruma, clareando a vista lentamente, recuperando a memória e começando a tomar consciência de si. Esse despertar é muito diferente de pessoa para pessoa. Para algumas é calmo e oferece uma deliciosa sensação, para outras é cheio de medo e ansiedade, como depois de um grande pesadelo.

7. O momento do último suspiro não é, portanto, o pior de todos, porque frequentemente a alma não tem consciência de si mesma. Antes da morte, sofre com a desagregação da matéria durante as convulsões da agonia; depois, sofre pelas angústias da perturbação.

Apressamo-nos a dizer que este não é o caso mais frequente. A intensidade e a duração do sofrimento dependem, como dissemos, da afinidade entre o corpo e o perispírito. Quanto maior for, mais longos e difíceis serão os esforços do Espírito para se desligar. Há pessoas, porém, cuja coesão é tão ligeira que o desembaraço se efetua por si mesmo, naturalmente. O Espírito separa-se do corpo como um fruto maduro do ramo da árvore. É o caso das mortes calmas e dos despertares pacíficos.

8. O estado moral da alma é a causa principal que mais influi sobre a maior ou menor facilidade do desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional à ligação do Espírito com a matéria. É máxima no caso das pessoas que se preocupam fundamentalmente com os seus interesses materiais, e quase nula para os que têm a alma purificada, que se preocupam antes de mais com a vida espiritual. Visto que a lentidão e a dificuldade da separação são proporcionais ao grau de

⁹⁶ A **cataplexia** é um distúrbio em que a pessoa não consegue movimentar-se devido a rigidez muscular, não sendo capaz de mexer os membros, a cabeça e até sendo incapaz de falar. Em alguns casos, os eventos de **cataplexia** podem ser confundidos com a morte, pois a respiração também é afetada. No entanto, todos seus sentidos e funções vitais continuam a funcionar corretamente, o que pode causar extrema sensação de pânico e ansiedade. Um episódio de **cataplexia** pode durar desde minutos a alguns dias. (A.K.)

pureza e desmaterialização da alma, depende de cada um de nós tornar essa passagem mais fácil ou difícil, agradável ou dolorosa.

Dito isto, como teoria e como resultado das observações feitas, resta examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma no último momento.

9. Na morte natural, que resulta do esgotamento das forças vitais devido à idade ou à doença, a libertação dá-se gradualmente. Nos desmaterializados, com o seu pensamento liberto dos interesses terrenos, a libertação é quase completa antes da morte real. O corpo desfruta ainda de vida orgânica, e a alma já deu entrada na vida espiritual, mantendo apenas uma ligação fraquíssima com o corpo, que termina sem dificuldade quando o coração dá o seu último batimento.

Neste caso o Espírito pode ter recuperado já a sua lucidez, sendo testemunha consciente da extinção da vida no corpo, estando feliz por se ter libertado dele. O seu incômodo foi quase nulo e a passagem um sono tranquilo do qual acordou com uma indescritível sensação de felicidade e de esperança.

No caso das pessoas sensuais e materializadas, que viveram mais pelo corpo do que pelo Espírito, para quem a vida espiritual nem ao pensamento chegou, tudo contribuiu para apertar os laços que as ligam à matéria, nada veio aligeirá-los durante a vida.

Os passos para a morte são dados um por um, e a porta de saída entreabre-se a poder de um esforço contínuo. As convulsões da agonia mostram a luta que o Espírito trava, que por vezes quer romper as cadeias que lhe resistem, e alternadamente abraça o corpo, do qual uma força irresistível procura arrancá-lo, violentamente.

10. O Espírito prende-se ainda mais à vida corporal, por nada conseguir ver para o lado de lá. Sente que ela lhe escapa e quer mantê-la. Em vez de se entregar ao movimento que o arrasta, resiste com todas as forças. A luta pode durar dias, semanas e meses, durante os quais não dispõe da sua lucidez. A perturbação começou muito tempo antes da morte, mas nem por isso sofre menos, e a vaga que o arrasta, a incerteza do que se passará depois, fazem crescer a angústia. A morte chega e nada terminou ainda. A perturbação mantém-se. Sente que ainda vive, mas já não sabe bem se está no lado de cá, ou no lado de lá. Vai lutar até que funcionem as últimas ligações do seu perispírito. A morte já pôs termo à doença propriamente dita, mas não concretizou as ruturas. Enquanto houver pontos de contacto entre corpo e perispírito, o Espírito sente o que se passa e sofre.

11. Muito diferente é a situação de um Espírito desmaterializado, mesmo nas mais graves enfermidades. As ligações energéticas que o unem ao corpo, sendo muito fracas, rompem-se naturalmente, sem arranques súbitos. Quanto maior for a sua confiança na vida futura que começa a entrever no pensamento, por vezes até mais diretamente, tanto melhor pode entender a morte como uma libertação, e os seus males como uma prova. Daí, uma calma moral e uma resignação que acalmam o sofrimento. Depois da morte, com a separação de todas as ligações ao corpo, as dores não passam por si. Ao despertar sente-se livre, repousado, aliviado de um grande peso, alegre por estar liberto do sofrimento.

12. Na morte violenta as condições não são exatamente as mesmas. Nenhuma desagregação parcial pôde dar origem a uma separação previsível entre o corpo e o perispírito de quem vai morrer. A vida orgânica, com toda a sua força, é terminada subitamente. Por isso, a separação do perispírito só começa depois da morte e, neste caso, como nos outros, não se realiza instantaneamente. O Espírito, apanhado de surpresa, fica desorientado. Como o pensamento se mantém, julga que está ainda vivo, e só nota que é uma ilusão quando repara na situação em que está. O estudo desta situação intermédia entre a vida corporal e a vida espiritual é dos mais interessantes, porque apresenta um

Espírito que julga que o seu corpo energético é o seu corpo material, e que experimenta todas as sensações da vida orgânica. Oferece uma variedade enorme de matizes conforme o carácter, os conhecimentos e o grau de avanço moral do Espírito. É uma fase de curta duração para as almas já evoluídas porque nelas existe já uma libertação antecipada a que a morte, por mais súbita que seja, só vem acelerar o cumprimento; para outros pode prolongar-se durante anos.

Este estado é muito frequente, mesmo nos casos de morte vulgar, e não tem, para alguns, nada de penoso, de acordo com as qualidades do Espírito; para outros é uma situação terrível. É sobretudo no suicídio que esta situação é a mais penosa. O corpo, ligado ao perispírito por todas as suas fibras, todas as suas convulsões se repercutem na alma que, por isso, passa por atrozes sofrimentos.

13. O estado do Espírito no momento da morte pode resumir-se assim:

O Espírito sofre tanto mais quanto mais lenta for a libertação do perispírito; a rapidez desta separação depende do grau do seu avanço moral. Para um Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é um sono de breves instantes, livre de sofrimentos, cujo despertar é cheio de suavidade.

14. Para evoluir espiritualmente, reprimir as suas más tendências, vencer as paixões, *é necessário ver as vantagens disso no futuro*. Para se identificar com a vida futura e fazer dela uma aspiração, preferindo-a à vida terrestre, é necessário, não só acreditar nela, mas compreendê-la. É preciso construir uma imagem que satisfaça a razão, totalmente de acordo com a lógica, o bom senso e a ideia que temos da grandeza, da bondade e da justiça de Deus. De todas as ideias filosóficas, a do espiritismo é aquela que tem a mais poderosa influência, pela fé inabalável que nos dá.

O espírita sério não se limita a acreditar. Acredita porque compreende, e compreende porque ela se dirige à sua razão; a vida futura é uma realidade que se desenrola constantemente na sua frente. Ele vê-a e toca-a, por assim dizer, constantemente. A dúvida não entra na sua alma. A vida corporal, tão limitada, apaga-se perante a vida espiritual, que é a verdadeira vida. Daí a pouca importância que dá aos acidentes de percurso e a sua resignação perante as dificuldades cuja causa e utilidade conhece. A sua alma eleva-se graças às ligações diretas que mantém com o mundo invisível. Os laços energéticos que o ligam à matéria enfraquecem e assim se realiza uma primeira libertação parcial que facilita a passagem desta para a outra vida. A perturbação, inevitável na transição, é de curta duração, porque, dado o primeiro passo, o espírita reconhece-se, nada lhe é estranho, compreende o que se passa.

15. O espiritismo não é certamente indispensável para este resultado. Também não tem a pretensão de garantir por si só a salvação da alma. Mas facilita-a, pelos conhecimentos de que dispõe, os sentimentos que inspira e as disposições em que coloca o Espírito, ao qual dá a conhecer a necessidade de melhorar a sua qualidade moral. Além disso, dá a cada um os meios *de facilitar a libertação dos outros Espíritos*, no momento em que abandonam o seu veículo corporal da Terra, e encurtar a duração das dificuldades, pela prece e pela evocação.

Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se uma desagregação mais rápida da energia perispiritual. Por uma evocação conduzida com saber e prudência e pelas palavras bondosas de encorajamento, livra o Espírito da apatia em que se encontra, e ajuda a que se reconheça mais cedo. Se sofre, devemos estimular o arrependimento, porque só isso pode diminuir os sofrimentos.⁹⁷

⁹⁷ Os exemplos que vamos citar apresentam os Espíritos nas várias fases de felicidade e infelicidade da vida espiritual. Não fomos procurá-los nas pessoas ilustres da antiguidade, cuja posição pode ter mudado desde a sua existência conhecida e que, aliás, não dava garantias de ser autêntica. Fomos encontrá-los nas situações mais vulgares da vida contemporânea, porque são aqueles em que é mais fácil encontrar identificação, e onde existem melhores elementos de comparação. Quanto mais a existência terrestre dos Espíritos se aproxima de nós, pela posição social, relações e laços de parentesco, mais nos interessa e mais fácil é controlar a sua identidade. As posições comuns são maioritárias e é por isso que podem mais facilmente ser aplicadas. As posições raras são menos elucidativas, porque escapam ao círculo dos nossos hábitos. Não são essas que procuramos. Se nesses exemplos estão envolvidas pessoas notáveis, a maior parte refere-se aos anónimos. As individualidades conhecidas nada acrescentariam, podendo ferir suscetibilidades. Não dos dirigimos nem aos curiosos nem aos que se interessam pelos escândalos, mas unicamente aos que querem seriamente instruir-se. Poderíamos facilmente multiplicar estes casos, mas, forçados a limitar o seu número, escolhemos os que são mais esclarecedores a respeito do estado do mundo espiritual, seja pela posição do Espírito, seja pelo que poderíamos aprender com ele. A maior parte é inédita, somente alguns foram publicados na *Revista Espírita*; suprimimos os detalhes supérfluos, conservando o essencial ao nosso objetivo. Acrescentámos instruções complementares para os casos que pudessem suceder posteriormente. (A.K.)

O Senhor Sansão

O nosso amigo Senhor Sansão, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, faleceu no dia 21 de Abril de 1862, ao fim de um ano de sofrimentos. Sentindo o fim aproximar-se, tinha escrito uma carta ao presidente da Sociedade, com a seguinte passagem:

“Em caso de surpresa pela desagregação da minha alma e do meu corpo, peço-vos que recordeis um pedido que vos fiz, acerca de um ano: o de evocarem o meu Espírito o mais imediatamente possível, e o mais frequentemente que julgarem oportuno, para que, tendo sido um membro modesto da vossa Sociedade, possa servir de qualquer coisa na qualidade de desencarnado, dando-vos meios para estudarem, por fases, as diversas situações que se seguem ao que vulgarmente se chama “a morte” que, para nós espíritas, é apenas uma transformação segundo os impenetráveis desígnios de Deus, mas sempre útil ao fim a que se destina.

O pedido desta espécie de autópsia espiritual, talvez não valha grandemente a pena, considerando a pouca importância dos conhecimentos que possa vir a dar-vos, pelo que sugiro que façam apenas algumas tentativas nesse sentido.

Peço-vos, em meu nome e no das pessoas ultimamente falecidas, para pedirem ao Todo Poderoso que permita aos bons Espíritos que nos ajudem com os seus bons conselhos. Ao Espírito chamado “São Luís”⁹⁸, nosso presidente espiritual, peçam que me ajude a fazer as escolhas de uma nova encarnação e a época em que devo fazê-lo, visto que desde este momento já é coisa que me preocupa bastante.

Tenho receio de me enganar a respeito das minhas forças espirituais, e de pedir a Deus demasiado cedo e pretensiosamente uma vida material, na qual possa abusar da bondade divina, e que em vez de me fazer evoluir, poderia prolongar a minha presença na Terra, caso falhasse. “

Para podermos corresponder ao desejo do Senhor Sansão de ser evocado o mais cedo possível depois da sua morte, dirigimo-nos à casa mortuária com alguns membros da Sociedade e, em presença do corpo, cerca de uma hora antes do funeral teve lugar a conversa seguinte. Tínhamos a dupla intenção de satisfazer a sua última vontade e de poder observar o estado da sua alma no momento mais próximo possível da morte, considerando o caso de ser uma pessoa muito inteligente e esclarecida, além de profundamente inserida nas verdades espíritas. Isto para poder avaliar a influência das crenças sobre o estado do Espírito, colhendo as suas primeiras impressões.

A nossa expectativa não foi frustrada.

O nosso amigo Senhor Sansão descreveu com uma perfeita lucidez o instante da transição. Viu-se morrer e viu-se renascer, facto raro, que foi devido à sua elevação espiritual.

⁹⁸ O Espírito chamado “São Luís” – Nas obras de Allan Kardec são mencionadas comunicações mediúnicas atribuídas taxativamente a personalidades históricas de grande prestígio, não poucas vezes francesas e/ou da religião católica. A noção que temos do universalismo do mundo espiritual, em que os Espíritos são avaliados pelo nível da sua evolução alcançada por incontável número de reencarnações, não se coaduna com este ou aquele nome de batismo desta ou daquela nacionalidade, deste ou de qualquer outro mundo. (N.T.)

1. Evocação;

R. Respondo à vossa chamada para cumprir a minha promessa.

2. Caro Sansão. Foi um prazer e uma obrigação evocar-te o mais cedo possível depois da tua morte, conforme o teu desejo.

R.: É uma graça especial de Deus ter-me sido permitido comunicar convosco. Agradeço-vos a boa vontade, mas *eu estou fraco e tremo*.

3. Como estavas a sofrer muito, gostaríamos de saber como te encontras agora, e se ainda sentes dores. Qual é o teu estado comparado com o que nos foi dado observar há dias atrás?

R.: A minha situação é muito feliz, porque já não sinto as dores antigas. Estou recuperado e como novo, como é hábito dizer-se. A transição da vida terrestre para a vida dos Espíritos pôs-me numa situação incompreensível, porque ficamos às vezes vários dias sem recobrar a lucidez. Mas, antes de morrer fiz uma prece a Deus, pedindo-lhe que me permitisse falar-vos, e Deus escutou-me.

4. Ao fim de quanto tempo recuperaste a lucidez?

R.: Ao fim de oito horas. Repito que Deus quis dar-me um sinal da sua bondade. Julgou-me merecedor e nunca conseguirei agradecer-lhe.

5. Tens a certeza de já não estares no nosso mundo? Como podes comprová-lo?

R.: Oh, não haja dúvidas, já não estou no vosso mundo!... Mas estarei sempre suficientemente perto para vos proteger e auxiliar, com a finalidade de pregar a caridade e a abnegação, que foram os guias da minha vida. Depois, ensinarei a fé verdadeira, a fé espírita que desenvolve a crença dos justos e dos bons.

Estou forte, muito forte, numa palavra, transformado. Já não sou o velhote enfermo que queria esquecer-se de tudo, deixando longe todos os prazeres, toda a alegria. Sou Espírito, a minha pátria é o espaço e o meu futuro é Deus, que reluz na imensidão. Bem gostaria de falar aos meus filhos, para lhes ensinar aquilo em que eles sempre tiveram pouca vontade de acreditar.

6. Qual a sensação que tens ao ver o teu corpo aqui ao lado?

R. Pobres restos para enterrar. Guardo a boa lembrança de todos aqueles que me estimavam. Olho essa carne deformada, morada do meu Espírito, prova de tantos anos. Obrigado, pobre corpo; purificaste o meu Espírito, e o sofrimento dez vezes santo deu-me uma situação bem merecida, visto que consegui de imediato falar convosco.

7. Conservaste a tua lucidez até ao último momento?

R.: Sim, o meu Espírito conservou as suas faculdades. Já não via, mas pressentia. **Toda a minha vida se desenrolou perante mim, como uma revisão**, e o meu último pensamento, a minha última prece foi a de poder falar-vos, o que estou a fazer; depois pedi a Deus que vos protegesse, para que o sonho da minha vida se cumprisse.

8. Tiveste consciência do momento em que o teu corpo deu o último suspiro? Que impressão te acompanhou nesse momento? Qual foi a sensação?

R. A vida acaba-se e a visão extingue-se. Encontra-se o vazio, o desconhecido, e não sei porque fenómeno, encontramos-nos num mundo onde tudo é alegria e grandeza. Deixei de sentir, nem dava

por nada, a prisão das dores desaparecera; entretanto estava possuído por uma felicidade indescritível.

9. Tens conhecimento do que tenciono ler diante do túmulo?

Mal tinham sido pronunciadas as primeiras palavras da pergunta, já o Espírito respondia, sem deixar que terminasse, a uma pergunta que fora formulada numa discussão entre os assistentes acerca da leitura desta comunicação no cemitério, tendo em atenção os que pudessem ou não concordar.

R.: Oh, caro amigo, sei porque vos vi ontem, e estou a ver-vos agora; estou muito satisfeito, obrigado, muito obrigado! Fala para que me compreendam e vos apreciem. Não tenham o mínimo receio da morte, porque a respeitam. Falem à vontade, para que os incrédulos tenham fé.

Adeus: fala com coragem e confiança, e possam os meus filhos converter-se a uma crença respeitável!

J. Sansão

Durante a cerimónia no cemitério Sansão ditou as palavras seguintes:

- Que a morte não vos assuste, meus amigos. É apenas uma passagem, para quem saiba viver bem. A morte é uma felicidade, se a vossa vida teve mérito e se cumpristes devidamente as vossas provas. Repito: Coragem e boa vontade! Valorizem pouco os bens da Terra, e sereis recompensados. Não se pode usufruir de muito, *para não prejudicar outros* e não sofrer um grande prejuízo moral. Que a terra me seja leve!...

II - Sociedade Espírita de Paris, 25 de Abril de 1862

1. Evocação

R: Aqui estou eu, caros amigos.

2. Estamos muito felizes pela conversa que tivemos no dia do teu funeral. Temos muita vontade de completá-la, para aprendermos.

R. Estou preparada e feliz por pensarem em mim.

3. Todas as informações acerca do mundo invisível, que nos façam compreendê-lo, são de muita importância. São as ideias erradas a seu respeito que, muitas vezes, conduzem à incredulidade. Não fiques, portanto, surpreendido com as perguntas que possamos fazer.

R.: Perguntem à vontade que nada me surpreenderá.

4. Descreveste a passagem da vida para a morte com uma luminosa clareza, dizendo que, quando o corpo solta o último suspiro, a vida pára e a visão do Espírito encarnado apaga-se. Esse momento é acompanhado de uma sensação desagradável ou de dor?

R.: Sem dúvida, porque a vida é uma sequência permanente de dores e a morte é o complemento de todas as dores. Portanto, é como uma rutura violenta, como se o Espírito fizesse um esforço sobre-humano para sair do corpo físico. É esse esforço que nos envolve totalmente e faz com que percamos o conhecimento daquilo que vai acontecer.

Esta passagem não é igual para todos. A experiência prova que muitos Espíritos perdem a consciência antes de expirar e para aqueles que já atingiram um certo nível evolutivo ou grau de desmaterialização, a separação não exige esforço.

5. Sabes se há Espíritos para quem esse momento é mais doloroso? Será mais penoso para um materialista, para aquele que julga que, nesse momento, tudo está terminado para ele?

R.: Claro que sim, porque o Espírito preparado já esqueceu o sofrimento, ou já está habituado a ele, e a serenidade com que observa a morte livra-o de sofrer duplamente, porque sabe o que o

espera. O sofrimento moral é o mais forte e a sua ausência no instante da morte é um alívio bem grande. Aquele que não acredita é como o condenado à pena de morte, só vê o cutelo e o desconhecido. Há semelhanças entre esta morte e a do ateu.

6. Existem materialistas suficientemente obstinados para acreditarem verdadeiramente que vão ser lançados no nada?

R.: Sem dúvida. Até ao derradeiro minuto há alguns que apenas aceitam o nada para além da vida. Mas, no momento da separação, o Espírito faz uma profunda reflexão e a dúvida pode surgir, dolorosamente. Questiona-se então sobre o que lhe vai acontecer; quer lançar mão seja do que for, e nada tem para isso. A separação não pode fazer-se sem esta impressão.

Um Espírito deu-nos, numa outra circunstância, o quadro seguinte do fim de um incrédulo: "Um incrédulo obstinado, nos seus derradeiros momentos, experimenta angústias e pesadelos terríveis, vendo-se à beira de um precipício, prestes a despenhar-se; faz esforços inúteis para fugir e não pode andar; quer agarrar-se, procura um ponto de apoio e sente-se a escorregar; quer pedir auxílio mas não consegue articular qualquer som; crispas as mãos e solta gritos abafados, sinal do pesadelo que o devora.

Na vida, os pesadelos acabam com o despertar, e sentis-vos felizes ao perceber que não passou de um sonho mau. O pesadelo da morte prolonga-se muitas vezes bastante tempo, pode durar anos depois da passagem. Para o Espírito, o pior de tudo, porém, são as trevas em que, algumas vezes, se encontra mergulhado."

7. Disseste que no momento da morte já não vias, presentias. Isso era corporalmente, compreende-se. Mas antes da vida se extinguir não se consegue entrever a claridade do mundo dos Espíritos?

R. É o que disse antes; o instante da morte devolve ao Espírito a clarividência. Os olhos deixam de ver, mas o Espírito, que possui uma visão muito mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, que lhe dá, *momentaneamente* é verdade, uma profunda alegria ou uma dor inexprimível, de acordo com o estado da sua consciência e a recordação da vida passada.

Trata-se do instante anterior à perda de conhecimento, o que explica o emprego da palavra momentaneamente, porque as mesmas impressões agradáveis ou desagradáveis prosseguem ao despertar.

8. Diz-nos o que chamou a tua atenção no momento em que os teus olhos se abriram para a luz. Podes descrever, se for possível, o aspeto das coisas que viste?

R.: Quando recuperei a consciência e a visão, estava deslumbrado e não compreendia o que via, porque a nitidez não se recupera imediatamente. Deus foi muito bondoso, permitindo-me que começasse a compreender o que via. Fui rodeado por um grande grupo de fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos vêm assistir, rodeavam-me, sorrindo, animados por uma felicidade sem igual, podendo eu, forte e de perfeita saúde, transportar-me pelo espaço sem fazer esforço. O que vi não tem nome na linguagem humana.

Virei descrever melhor todas as minhas alegrias, sem ir além do que Deus permite. Ficai sabendo, entretanto, que aquilo que julgais como felicidade é uma ficção.

Vivei sabiamente, santamente, em espírito de caridade e amor, e ficareis preparados e animados de sentimentos que não podem ser descritos pelos vossos mais talentosos poetas.

Os contos de fadas estão cheios de fantasias. Não serão, porém, em alguns pontos, a ilustração do que se passa no mundo dos Espíritos? A descrição do Senhor Sansão não se parece com a história do homem que, adormecido numa pobre e escura cabana, acordou num palácio esplêndido, no meio de uma corte brilhante?

9. Qual o aspeto dos Espíritos que te receberam? Tinham forma humana?

R.: Sim, querido amigo. Tinha aprendido na Terra que os Espíritos conservam, no outro mundo, a forma transitória com a qual existiram na Terra, e é essa a verdade. Mas que enorme diferença entre a figura deselegante que se arrasta penosamente com a sua carga de provas, e a leveza maravilhosa do corpo dos Espíritos! Deixa de haver rostos feios, porque os traços perderam a dureza de expressão que forma o carácter habitual do género humano. Deus abençoou todos estes corpos graciosos, todos se movem de forma elegante, a sua linguagem tem uma entoação impossível de traduzir e o seu olhar a profundidade duma estrela. Imaginai apenas o que Deus pode fazer com o seu poder infinito, Ele, o arquiteto dos arquitetos, e só conseguireis ter uma imagem muito fraca da forma dos Espíritos.

10. E como te imaginas? Achas que possuis uma forma definida, embora fluida? Sentes a cabeça, o tronco e os membros?

R.: Tendo o Espírito conservado a sua forma humana, embora divinizada, idealizada, tem com certeza a aparência que dizes. Eu sinto perfeitamente que tenho pernas e dedos, porque posso, por minha vontade, cumprimentar-te com um aperto de mão. Estou junto de vós e apertei a mão de todos os amigos, sem que eles tenham tido consciência disso. A nossa fluidez pode ir a toda a parte sem ocupar espaço e sem causar sensações, se for essa a nossa vontade. Agora estais de mãos cruzadas e eu meti as minhas entre as vossas. Estou-vos a dizer: gosto muito de vós, mas o meu corpo não ocupa espaço, é atravessado pela luz. O que vós pensaríeis ser um milagre, se fosse visível, é a realidade permanente para os Espíritos.

A visão dos Espíritos não tem semelhanças com a visão humana, da mesma forma que os seus corpos não têm semelhança real, porque tudo muda no conjunto e no fundo. O *Espírito*, já o disse, tem uma perspicácia divina que alcança tudo, porque pode mesmo adivinhar o que pensas; também pode, se assim o desejar, tomar a forma que seja mais fácil para vós reconhecê-lo. Porém, o Espírito superior, que terminou as suas provas, ama a forma que pôde conduzi-lo à proximidade de Deus.

11. Os Espíritos não têm sexo. Porém, como ainda há poucos dias eras homem, será que terás nesse novo estado, mais natureza masculina do que feminina? Acontece o mesmo no caso de um Espírito que deixou o seu corpo já há muito tempo?

R.: Os Espíritos não se sentem de natureza feminina nem masculina; os Espíritos não se reproduzem. Deus criou-os à sua vontade e se por efeito do seu génio criador desejou que encarnassem nos planetas, decidiu dar-lhes a capacidade de se reproduzirem, sendo uns masculinos, outros femininos.

Tendo os Espíritos regressado à sua forma anterior, compreendeis facilmente que não terão necessidade de sexo.

Sempre foi dito que os Espíritos não tinham sexo. Os sexos só são necessários para a reprodução dos corpos. Não se reproduzindo os Espíritos, os sexos não teriam utilidade. A nossa pergunta anterior não tinha por objetivo esclarecer o facto, porém, devido à morte recente do amigo Sansão, gostaríamos já agora de saber se lhe tinha ficado na lembrança o seu estado terrestre. Os Espíritos evoluídos têm ideias muito claras a este respeito, mas entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, há muitos que continuam a ter as mesmas ideias que tinham na Terra, e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos. Esses julgam que continuam a ser homens ou mulheres e, por isso, há alguns que dizem que os Espíritos têm sexo.

Certas contradições, como esta, derivam do estado evolutivo dos Espíritos comunicantes. O defeito não é dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao cuidado de aprofundar racionalmente as questões.

12. Entre os Espíritos que estão aqui, também está o nosso presidente espiritual, São Luís?

R.: Está sempre junto de vós! E quando se ausenta, tem o cuidado de deixar junto de vós um Espírito superior que o substitui.

13. Vês outros Espíritos?

R. Perdão, vemos também o Espírito de Verdade e os Espíritos Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, Luís e outros amigos que evocais, que estão sempre presentes nas vossas sessões.

14. Que aspeto tem a sessão de hoje? Será, para o teu novo olhar, exatamente como te parecia quando vivo? As pessoas têm a mesma aparência? É tudo tão igualmente claro e limpo?

R. É tudo muito mais claro, porque posso ler o pensamento de todos e estou felicíssimo com a boa impressão que me causa a boa vontade de todos os Espíritos reunidos. Desejo que a mesma concordância possa acontecer não somente em Paris, mas nas reuniões de todos os grupos em toda a França, *onde os grupos se separam e têm invejas entre si, atiçados pelos Espíritos perturbadores que gostam de semear a desordem*, enquanto o espiritismo deve ser o esquecimento completo e absoluto de *si mesmo*.

15. Dizes que leem no nosso pensamento; podes explicar-nos como funciona essa transmissão de pensamento?

R.: Não é fácil. Para explicar a prodigiosa visão dos Espíritos seria preciso revelar uma grande quantidade de novos expedientes, e vós seríeis tão sábios como nós, o que não é possível, visto que as vossas faculdades estão limitadas pela matéria. Tende paciência; deveis evoluir moralmente e lá chegareis. Por agora só tendes o que Deus vos concede, com a esperança de progresso contínuo. Mais tarde chegareis ao nosso nível.

Procurai morrer bem para saber muito. A curiosidade, que é o estímulo do ser pensante, conduz-vos tranquilamente à morte, que vos revelará a satisfação de todas as curiosidades passadas, presentes e futuras. Entretanto, vou tentar dar-vos uma resposta.

O ar que vos envolve, impalpável como nós, transporta os vossos pensamentos. O sopro que exalais é como uma página escrita com os vossos pensamentos, que são lidos e comentados por todos os Espíritos que vos cercam permanentemente. São mensageiros duma telegrafia divina a que nada escapa.

A morte do justo

Depois da primeira evocação do Espírito do nosso amigo Sansão, feita na Sociedade de Paris, um Espírito fez, a seu respeito, a seguinte comunicação:

A morte da pessoa de que se ocuparam, nesta altura, foi a de um justo, isto é, rodeada pela calma e a esperança. Como o dia sucede naturalmente à madrugada, à vida no planeta Terra seguiu-se a vida Espiritual, sem sobressaltos nem feridas, e o seu último suspiro teve o eco de um hino de gratidão e amor. São poucos os que fazem assim esta passagem difícil, e que, depois das desordens e dos desesperos da vida, concebem o ritmo harmonioso das esferas.

Da mesma forma que um homem bem constituído, mutilado por uma bala, sente ainda as dores no membro que perdeu, também a alma do falecido sem esperança nem fé, sente ainda todas as dores do corpo, já fora dele, ao lançar-se no espaço, inconsciente de si mesmo.

Orai por todas essas almas perturbadas, rezai por todos aqueles que sofrem, a caridade não se limita à humanidade visível. Socorre e consola também os seres que povoam o espaço!... Já vos foi

dada a prova pela conversão súbita deste Espírito⁹⁹ sensibilizado pelas preces espíritas feitas junto ao túmulo do homem de bem, que deveis interrogar e que deseja fazer-vos progredir no caminho da santidade.

O amor não tem limites, enche o espaço dando e recebendo, alternadamente, o seu divino consolo. O mar abre-se numa perspectiva infinita. Nos seus limites mais longínquos parece confundir-se com os céus e o Espírito fica deslumbrado perante o magnífico espetáculo destas duas grandezas. Assim o amor, mais profundo que as ondas, mais infinito que o espaço, deve unir-vos a todos, gente viva neste mundo e Espíritos lá longe, na mesma comunhão de caridade, e proceder à fusão admirável do que é finito e do que é eterno.

Jorge

O Sr. Jobard

Diretor do Museu da Indústria em Bruxelas, nascido em Baissey (Alto Marne), morreu em Bruxelas de um ataque fulminante no dia 27 de Outubro de 1861, com a idade de 69 anos.

I

O Sr. Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris. Estava para ser evocado na sessão de 8 de Novembro, quando previu este desejo dando espontaneamente a comunicação seguinte:

Sou a pessoa que estava para ser evocada, e quero manifestar-me primeiro através deste médium, pelo qual tenho esperado em vão até agora.

Desejo primeiro dar-vos as minhas impressões do momento da separação da minha alma. Senti um abalo enorme, lembrei-me imediatamente do meu nascimento, da juventude e da idade madura, toda a memória da minha vida foi revista com nitidez. Fui dominado pelo desejo piedoso de me reencontrar nas regiões reveladas pela nossa magnífica cultura. Depois dessa excitação se ter acalmado, estava livre, e o meu corpo estava deitado e inerte.

Ah, meus queridos amigos, a embriaguez de nos vermos livres do peso do corpo! Que delírio abraçar o espaço! Mas não pensem que me tornei de imediato eleito do Senhor, não! Estou entre os Espíritos que, sabendo qualquer coisa, ainda têm muito que aprender. Lembrei-me imediatamente de vós, *meus irmãos no exílio*, e garanto-vos que toda a minha simpatia e os meus melhores votos vos envolveram.

Querem saber quais os Espíritos que me receberam aqui? Quais foram as minhas impressões? Os que encontrei imediatamente foram todos aqueles que eram evocados habitualmente, todos os irmãos que partilhavam os nossos trabalhos. Vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Tentei descortinar o que era verdadeiro nas comunicações, pronto a emendar todas as afirmações erradas, pronto também para ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, como tinha sido no vosso.

Jobard

1. Durante a vida recomendaste-nos que chamássemos por ti quando tivesses passado para esse mundo. Fazemo-lo não só para obedecer ao teu pedido, mas para renovar o testemunho da nossa mais viva e sincera simpatia, e também no interesse de nos instruímos, porque tu, melhor que ninguém, estás em condições de nos dar informações exatas a respeito do mundo onde te encontras. Ficaremos contentes se responderes às nossas perguntas:

⁹⁹ Alusão ao Espírito Bernard que se manifestou espontaneamente no dia do funeral do senhor Sanson. (Ver a *Revista Espírita* de maio de 1862, p. 132.) (A.K.)

R.: Neste momento o que mais importa é a vossa instrução. Quanto à simpatia, vejo-a, não a ouço pelos ouvidos, o que constitui um grande progresso.

2. Para fixar as ideias e não divagarmos, pergunto em que lugar estás, e como te veríamos se pudéssemos ver-te?

R.: Estou junto do médium e ver-me-iam como o Jobard que se sentava aqui ao vosso lado, porque os vossos olhos mortais só conseguem ver os Espíritos se eles se apresentarem com a aparência que tinham.

3. Terias a possibilidade de te tornar visível para nós, e não querendo fazê-lo, quem é que te impede?

R.: A vossa própria incapacidade natural. Um médium vidente ver-me-ia. Os outros não me veem.

4. Esta cadeira era aquela que ocupavas quando vivo, quando assistias às nossas reuniões, e que mantivemos vaga para ti. Aqueles que te viram sentado ali imaginam que ainda ali estás, e se isso não se passa materialmente com o corpo físico, é com o corpo fluídico que podes ocupá-la. Se nós não te vemos dessa forma com os olhos do corpo, vemos-te com o pensamento. Não podendo comunicar pela palavra, podes fazê-lo pela escrita, com a ajuda de um intérprete. Isso quer dizer que as nossas relações não foram interrompidas pela tua morte, e poderemos continuar a falar com a mesma facilidade que antes. Achas que poderemos ver as coisas deste modo?

R.: Evidentemente que sim, sabemos isso de há muito. Essa cadeira será ocupada por mim frequentemente, mesmo sem o saberem, porque o meu Espírito estará convosco.

Chamamos a vossa atenção para esta última frase: “O meu Espírito estará convosco”. Nestas circunstâncias, não se trata de uma realidade imaginária, mas um facto real. Pelo conhecimento que nos oferece o espiritismo a respeito da natureza dos Espíritos, sabemos que um Espírito pode estar na nossa presença, não apenas em pensamento, mas também pessoalmente, mediante o seu corpo etérico, que dele faz uma individualidade distinta. Um Espírito pode realmente habitar connosco, da mesma maneira que durante a vida material. E ainda melhor, visto que pode entrar e sair quando quiser. Poderemos, pois, ter um grupo enorme de convidados invisíveis, uns que não conhecemos e outros que são nossos amigos íntimos. Destes últimos, especialmente, poderá dizer-se que “moram connosco”, o que significa que nos ajudam, nos inspiram e nos protegem!...

5. Ainda há pouco tempo estavas sentado nessa cadeira. As condições que te rodeiam parecem-te estranhas? Que coisas é que mudaram para ti?

R.: As condições não me parecem estranhas porque o meu Espírito desencarnado beneficia de uma clareza que não deixa na sombra as questões em que pensa.

6. Lembras-te de ter estado nessa mesma situação na tua vida anterior, e que é que achas que mudou?

R.: Lembro-me das minhas existências anteriores e noto que, entretanto, evoluí. Vejo e compreendo o que vejo. Nas minhas encarnações anteriores, com o Espírito confuso, só me apercebia das faltas terrenas.

7. Lembras-te da tua penúltima existência, antes de teres sido Jobard?

R.: Era operário mecânico, devorado pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o meu trabalho. Como Jobard, realizei os sonhos do pobre operário, e dou graças a Deus, cuja infinita bondade fez germinar a planta cuja semente havia plantado no meu cérebro.

8. Já fizeste comunicações nalgum outro lugar?

R.: Fiz poucas comunicações. Em muitos outros lugares houve um Espírito que tomou o meu nome; em certas ocasiões estava perto, sem poder fazê-lo eu mesmo. A minha morte é tão recente que ainda estou no grupo daqueles que têm certas influências terrenas. É necessária uma afinidade total para poder exprimir o pensamento. Em breve conseguirei fazer isso em qualquer situação. Por agora, ainda não. Quando morre uma pessoa um pouco conhecida, é chamada por todos. Um grande número de Espíritos aproveita a ocasião para se apresentar. É o que acontece com o meu nome. Posso afirmar-vos que logo após a morte, poucos Espíritos podem comunicar, mesmo por um médium preferido.

9. Vês os Espíritos que estão aqui connosco?

R.: Vejo principalmente Lázaro e Erasto. O Espírito de Verdade plana no espaço aqui próximo, e depois uma multidão de Espíritos amigos que vos rodeiam cheios de pressa e de boa vontade. Sede felizes amigos, porque as boas influências disputam-vos às calamidades do erro.

10. Quando estavas vivo, tinhas a opinião de que a Terra foi formada pela incrustação de quatro planetas que se teriam juntado. Manténs ainda essa ideia?

R.: Não foi de facto assim. As novas descobertas geológicas esclarecem os fenómenos da formação da Terra que, como outros planetas, teve a sua vida própria. Deus não tem necessidade de tanta desordem ou da aglomeração de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

11. Julgas ainda que a humanidade poderia entrar em catalepsia durante um tempo ilimitado, e que o género humano pode ter sido transferido para cá por esse processo?

R.: Foi apenas ilusão da minha imaginação, sempre exagerada. A catalepsia pode ser longa, mas não por tempo indeterminado. São tradições e lendas rudimentares alimentadas pelo imaginário oriental. Meus caros amigos, já sofri bastante pela revisão que fiz de todas as ilusões com que alimentei o Espírito. Não se deixem levar por elas. Tinha feito uma longa aprendizagem e posso dizer que a minha inteligência, disposta a assimilar uma quantidade de estudos diversos, guardou da última encarnação o amor pelo maravilhoso e pela associação de muitas ideias do imaginário popular.

Ainda me ocupei pouco com questões puramente intelectuais, no sentido que lhes dás. Como teria podido fazê-lo, fascinado como sempre estive pelo maravilhoso espetáculo que me rodeia?

Só a ligação ao espiritismo, mais poderosa do que qualquer de vós pode imaginar, pode atrair o meu ser à Terra que abandono, não com alegria – o que seria uma impiedade – mas com o mais profundo reconhecimento da libertação.

Na última subscrição feita pela Sociedade em benefício dos operários de Lyon, em Fevereiro de 1862, um membro contribuiu com 50 francos, 25 por sua conta e outros 25 em nome de Jobard. Este último fez-nos a seguinte comunicação:

Estou lisonjeado e agradecido por ter sido lembrado pelos meus irmãos espíritas. Muito obrigado ao coração generoso que vos entregou a oferta que eu vos teria dado se ainda habitasse o vosso mundo. Naquele em que vivo agora, o dinheiro não é preciso. Tive, portanto, que confiar na bolsa da amizade para vos dar provas materiais de que me incomoda a pobreza dos irmãos de Lyon. Bravos irmãos que cultivais a vinha do Senhor, tantos de vós crentes que a caridade não é palavra vã, já que pequenos e grandes vos demonstraram simpatia e fraternidade. Estais na larga estrada humanitária do progresso. Possa Deus manter-vos nela, e possais vós ser mais felizes. Os Espíritos amigos darão o seu apoio e triunfareis!

Começo a viver espiritualmente, mais sereno e menos visitado por evocações desconhecidas.

A moda reina também para os Espíritos. Quando a moda Jobard der lugar a outra, quando já estiver no esquecimento humano, farei preces então pelos amigos mais sérios, cuja inteligência não esquece, a quem pedirei que continuem a evocar-me.

Aprofundaremos então problemas antes analisados com superficialidade, e o vosso amigo Jobard, totalmente transfigurado, poderá ser-vos útil, o que deseja de todo o coração.

Jobard

Depois dos primeiros tempos dedicados a tranquilizar os amigos, Jobard entrou para o grupo dos Espíritos que trabalham ativamente na renovação social, à espera de um próximo regresso à vida para se dedicar a isso de forma mais direta. Desde então, deu frequentemente à Sociedade de Paris, da qual continua a sentir-se membro, comunicações de uma incontestável superioridade, sem se esquecer da originalidade espirituosa que o caracterizava, e que o dão a conhecer mesmo sem se saber quem fala.

SAMUEL FILIPE

Samuel Filipe era um homem de bem em toda a aceção da palavra. Ninguém se lembra de ele ter feito uma má ação, nem de ter prejudicado, voluntariamente, quem quer que fosse. Dedicado sem limites aos seus amigos, estava sempre pronto para prestar um serviço, mesmo com sacrifício pessoal. Não se poupava a cansar-se ou sacrifícios para ser útil, sem ostentação, ficando admirado quando lhe reconheciam o mérito. Não guardava rancores a quem o prejudicava, estando pronto a responder com generosidade, com tanto desvelo como se lhe tivessem feito bem. Quando tinha que tratar com ingratos, dizia: “Não é a mim que devem lamentar, mas a eles”.

Embora inteligente e dotado de dons naturais, tinha enfrentado duras provas na sua vida de trabalho. Era homem de muita qualidade, modesto e de quem não se falava, daquelas pessoas cujo brilho o mundo não reconhece publicamente. Tinha adquirido, com o conhecimento do espiritismo, uma fé ardente na vida futura e grande resignação perante as dificuldades da vida terrena. Morreu em Dezembro de 1862, com a idade de cinquenta anos, devido a uma enfermidade dolorosa, muito lamentado pela família e alguns amigos. Foi evocado alguns meses após a sua morte.

P. Tens recordações claras dos últimos momentos, na Terra?

R.: Perfeitamente. Essa lembrança voltou pouco a pouco, porque nesse momento tinha as ideias um bocado confusas.

P. Poderias, para nossa instrução e pelo interesse que nos inspirou a tua vida exemplar, responder às perguntas que temos a fazer-te? Descrever-nos como se passou a tua passagem da vida material para a vida espiritual e qual a tua situação presente no mundo dos Espíritos?

R.: Da melhor vontade; aliás esse relato não será apenas útil para vós, mas para mim também. Ao relatar os meus pensamentos na Terra, a comparação far-me-á apreciar, melhor ainda, a bondade do Criador.

Sabem bem as dificuldades por que passei durante a minha vida. Nunca perdi a coragem na adversidade, graças a Deus! Agora felicito-me por isso. Teria perdido muito se tivesse cedido por falta de coragem. Treme só de pensar nas consequências que teria o não cumprimento das minhas obrigações. Tudo o que padeci não teria contado para nada e teria que recomeçar de novo.

Meus caros amigos podem ficar certos desta verdade: estas razões têm muito a ver com a conquista da vossa felicidade futura. Não duvidem, não é muito caro comprar essa felicidade com alguns anos de sofrimento. Se soubessem como esses anos representam pouco, comparados com o infinito!

Se a minha última existência teve algum mérito aos vossos olhos, não diriam tanto daqueles anos que a antecederam. Foi apenas com muito trabalho comigo próprio que consegui tornar-me naquilo que sou. Para conseguir apagar os sinais das minhas faltas anteriores, faltavam-me ainda estas últimas provas que aceitei voluntariamente. Foi à firmeza das minhas resoluções que fui buscar as forças necessárias para isso, sem me queixar. Abençoadas provas que tive que cumprir, que me ajudaram a romper com o passado, que para mim é uma simples recordação, que olho com a legítima satisfação do caminho percorrido.

Quanto àqueles que me fizeram sofrer na Terra, que foram duros e mal-intencionados comigo, que me humilharam e me deram a beber a amargura, cuja má-fé me obrigou frequentemente às mais duras privações, não somente vos perdoo, mas agradeço-vos. Querendo fazer-me mal, não tenham dúvidas que me fizeram muito bem! É, portanto, a vós, em grande medida, que devo a minha felicidade, que ganhei perdendo e retribuindo o mal com o bem. Deus colocou-vos no meu caminho, para experimentar a minha paciência, a minha vontade de praticar a caridade mais difícil: amar os nossos inimigos.

Não percam a paciência com estas palavras. Já estamos perto de onde queria chegar.

Ainda que sofrendo muito da minha última enfermidade, não passei pela agonia. A morte chegou como o sono, sem lutas nem aflições. Não tendo a preocupação do futuro, não me agarrei desesperadamente à vida.

Não tive que me debater com os laços que me envolviam. A separação não exigiu esforços, deu-se sem eu ter dado por nada. Ignoro, até, quanto durou o último sono, mas foi curto.

O despertar, por contraste com o estado precedente, foi calmo. Já não senti dores, o que me trouxe alegria. Quis-me levantar, caminhar, mas um torpor que não era desagradável, que tinha até um certo encanto, fez-me descansar, e entreguei-me a ele com uma espécie de volúpia, indiferente à minha situação, e sem me dar conta que já tinha deixado a Terra. O que me rodeava parecia um sonho. Vi a minha mulher e alguns amigos de joelhos no quarto, chorando, e pensei que julgavam que eu já estava morto. Quis dizer-lhes que estava tudo bem, mas não consegui articular palavra, tendo concluído que estava a sonhar. O que me fez pensar assim foi o facto de terem aparecido vários entes queridos, mortos há muito, e outros que não reconheci à primeira vista, que pareciam estar a tomar conta de mim, esperando que acordasse.

Esse estado foi entremeado de momentos de lucidez e sonolência, durante os quais ia perdendo e recuperando, alternadamente, a consciência de *mim mesmo*.

Pouco a pouco as ideias adquiriram mais lucidez; a luz, que eu entrevia através de uma certa neblina, ficou mais brilhante; fui-me reconhecendo e notei finalmente que já não fazia parte do mundo terreno. Se não fossem os conhecimentos que tinha do espiritismo, a minha ilusão ter-se-ia prolongado um bom bocado.

O meu corpo ainda não tinha sido preparado. Olhei-o com piedade, felicitando-me por me ter visto livre dele. Estava felicíssimo por ter alcançado a liberdade! Respirava profundamente, à vontade, como alguém que se liberta de um ambiente sufocante. Uma indizível sensação de felicidade tomava conta do meu ser. A presença daqueles que eu tinha amado deixava-me repleto de alegria. Não estava minimamente surpreendido de os ver, o que me parecia completamente natural. Parecia um reencontro à chegada de uma longa viagem. Uma coisa me surpreendeu imenso – compreendíamos perfeitamente sem articular uma palavra. Os pensamentos transmitiam-se pelo olhar, como conduzidos por uma estranha forma de energia.

Entretanto, não estava ainda completamente livre das ideias terrenas; a lembrança que tinha, de tudo o que havia sofrido, regressava-me de vez em quando à memória, para me fazer apreciar melhor a minha nova situação. Tinha sofrido no corpo, mas sobretudo moralmente. Estive exposto à má-língua e às mil e uma surpresas talvez mais desagradáveis que a verdadeira infelicidade, porque causam uma ansiedade contínua. A sua impressão não estava inteiramente apagada e por vezes

perguntava-me se já estava realmente livre. Parecia-me ainda ouvir certas vozes desagradáveis; tinha receio dos sarilhos que tantas vezes me causaram e tremia só de pensar. Apalpava-me só para me certificar que não estava a sonhar e quando tive a certeza de que tudo aquilo tinha terminado, tive a sensação de me ter livrado de um peso enorme.

É bem verdade, pensava eu, que estou livre de todas essas preocupações que são o pior que há na vida, e dava graças a Deus por isso. Sentia-me como um pobre a quem calha a sorte grande. Durante um certo tempo nem quer acreditar, e continua a ter as preocupações da pobreza.

Ah, se os homens pudessem adivinhar o futuro, que força, que coragem, que convicção teriam perante as adversidades!... Que não fariam enquanto vivos, para gozarem a felicidade que Deus só concede aos filhos que obedeceram docilmente a todas as suas leis! Veriam que os maiores desejos que cobiçam não têm a mínima importância perante aqueles a que não sabem dar o seu real valor.

P. Esse mundo tão novo para ti, e junto do qual o nosso é tão pouca coisa, os numerosos amigos que nele reencontraste, fizeram com que tivesses perdido de vista a família e os amigos terrenos?

R.: Se os tivesse esquecido seria indigno da felicidade que tenho. Deus não recompensa o egoísmo, castiga-o! O mundo em que estou pode fazer com que menospreze a Terra, mas nunca os Espíritos que lá se encontram encarnados. É apenas entre os homens que se vê a prosperidade fazer esquecer os companheiros de infortúnio. Visito frequentemente os meus. Estou feliz com a boa recordação que guardam de mim, os seus pensamentos chamam por mim, frequento as suas reuniões, as suas alegrias fazem-me feliz, os seus desgostos entristecem-me, mas não dessa tristeza ansiosa da vida humana, porque compreendo que são passageiros e para o seu próprio bem. Estou feliz por pensar que um dia virão para este lugar afortunado onde a dor é coisa desconhecida. É para que se tornem merecedores disso que eu faço o melhor que posso. Esforço-me para lhes sugerir bons pensamentos, e sobretudo a aceitação da vontade de Deus, que eu mesmo tive. O que mais me entristece é ver que, por vezes, eles mesmo retardam esse momento por falta de coragem, pelas suas queixas, as suas dúvidas perante o futuro, ou por ações menos dignas. Esforço-me, nessas alturas, para afastá-los de tais atitudes. Se tenho êxito, é uma grande felicidade para mim e todos festejamos aqui. Se falho, digo para mim, com tristeza, que é mais um atraso para eles, servindo-me de consolo pensar que não está perdido para sempre!

VAN DURST

Antigo funcionário; faleceu em Anvers em 1863, com a idade de 80 anos

Pouco tempo depois da sua morte, um médium que perguntou ao seu guia espiritual se poderíamos evocá-lo, obteve a seguinte resposta: “Esse Espírito está a sair lentamente da sua perturbação. Poderia já falar convosco, mas ser-lhe-ia bastante difícil. Peço que esperem quatro dias e responder-vos-á. Nós teremos o cuidado de lhe comunicar as vossas boas intenções a seu respeito, e virá até vós, com reconhecimento e amizade.

Quatro dias depois o Espírito ditou as seguintes palavras:

Meu amigo, a minha vida teve um peso mínimo na balança da eternidade. Mas posso considerar-me, embora humilde, suficientemente feliz por ter feito pouco mal, sem ter a perfeição em vista. Se há gente feliz num pequeno Planeta, conto-me entre eles. Só lamento uma coisa, não ter sabido aquilo que já sabeis agora. A minha perturbação teria sido menos demorada e menos difícil. Foi grandioso, com efeito: viver e não viver; ver o corpo, estar-lhe fortemente ligado e, no entanto, não poder servir-

me dele; ver aqueles que amei e sentir apagar-se o pensamento que me une a eles, como é terrível!... Que momento, quando o entorpecimento se apoderou de mim e me estrangulou. E um momento depois, as trevas!... Sentir e, no momento seguinte, estar anulado. Desejando ter a consciência de mim mesmo, e não poder recuperá-la. Deixar de ser, sentindo que ainda sou. Mas sou dominado por uma profunda perturbação.

Passando um certo tempo, tempo de angústias contidas, sem força sequer para senti-las, depois deste tempo que parece interminável, renascer lentamente, acordar num novo mundo! Não mais corpo material, não mais vida terrena: a vida imortal! Não mais pessoas carnais, mas formas muito ligeiras, Espíritos que deslizam de todos os lados, andam à tua volta e não consegues abrangê-los a todos com o olhar, porque é no infinito que eles flutuam! Ter diante de ti o espaço e poder atravessá-lo só com a vontade; comunicar pelo pensamento com tudo o que te cerca. Amigo, que vida nova! Que vida brilhante! Que vida deliciosa! Salve!... Salve eternidade, que me tens no teu coração! Adeus Terra que tanto tempo me aprisionaste longe do elemento natural da minha alma! Nada mais quero de ti, porque és terra de exílio e a tua maior bondade é nula!...

Se eu soubesse o que vós sabeis, como a minha iniciação a esta outra vida me teria sido mais fácil e mais agradável! Teria sabido, antes de morrer, o que aprendi mais tarde, no momento da separação, e a minha alma ter-se-ia libertado mais facilmente. Estais no caminho certo, mas nunca, nunca ireis tão longe! Dizei isto ao meu filho, mas dizei-lhe de forma que acredite e se convença! Então, quando chegar aqui, não iremos estar separados.

Adeus a todos, amigos, adeus. Espero-vos e, durante o tempo que estiverem na Terra, virei frequentemente instruir-me convosco, porque os meus conhecimentos estão abaixo de muitos dentre vós. Aprenderei depressa aqui, onde tenho todo o tempo livre e não me aflige a idade nem a falta de forças. Aqui vive-se com intensidade e avança-se rapidamente. Os horizontes que temos à nossa frente são tão belos, que nos dá uma pressa imensa de alcançá-los. Deixando-vos por hoje, digo-vos adeus!...

Van Durst

SIXDÉNIERS

Sixdéniers foi homem de bem, morreu por acidente. Durante a sua vida foi conhecido do médium que nos fala. Bordéus, 11 de Fevereiro de 1861

P. Podes dar-me detalhes a respeito da tua morte?

R.: Depois de afogado, é claro.

P. E porque não antes?

R.: Tu já os conheces. (O médium conhecia-os, efetivamente)

P. Queres descrever-me as sensações que tiveste depois da morte?

R.: Passou-se muito tempo antes de me reconhecer. Com a graça de Deus e a ajuda daqueles que me rodeavam, quando se fez luz, fiquei inundado por ela. Aqui podes ter esperança: encontras sempre mais do que procuras. Nada de material, é evidente; tudo atinge os sentidos ocultos, aquilo que não se pode tocar, nem ver, compreendes? É uma admiração espiritual que ultrapassa o vosso entendimento, porque não há palavras para a descrever. Só pode sentir-se com a alma.

O meu despertar foi muito feliz.

A vida é um desses sonhos que, seja qual for a ideia que se faça desta palavra, só posso classificá-la como “um terrível pesadelo”. “Pesadelo” em que te vês fechado numa masmorra imunda, o teu corpo roído por vermes, que se introduzem até à medula dos ossos; suspenso sobre uma fornalha ardente, em que a tua boca seca não encontra nem mesmo o ar para a refrescar; que o teu Espírito

horrorizado só vê, à tua volta, monstros preparados para te devorar; imagina, enfim, tudo o que o fantástico do sonho pode produzir de mais horrível, de mais hediondo, e de repente és transportado a um paraíso delicioso. Acordas rodeado de todos aqueles que amaste e pelos quais choraste. À tua volta, os seus rostos encantadores sorriem de felicidade; respiras os perfumes mais suaves, matas a secura da boca na fonte da água viva; sentes o teu corpo subir no espaço infinito que o leva e embala, como a brisa faz com uma flor solta do cimo de uma árvore. Sentes-te envolvido pelo amor de Deus, como uma criança que nasce é envolvida pelo amor da sua mãe, e terás apenas uma ideia imperfeita desta transição.

Tentei explicar-te a felicidade da vida que espera o homem depois da morte do seu corpo, mas não pude. Será possível explicar o infinito a alguém que tem os olhos fechados à luz e cujos membros nunca puderam sair do círculo estreito onde se encontram encerrados?

Para te explicar a felicidade eterna, dir-te-ei: Ama! Porque só o amor pode fazer pressenti-la; e quem diz amor, diz a ausência de egoísmo.

P. A tua posição foi feliz deste a tua entrada no mundo dos Espíritos?

R.: Não, tive que pagar a dívida do homem. O meu coração fez-me pressentir o futuro do Espírito, mas eu não tinha fé. Tive que expiar a minha indiferença perante o Criador, mas a sua misericórdia levou em conta o pouco bem que eu tinha podido fazer, as dores que tinha sofrido com resignação, apesar do meu sofrimento, e a sua justiça, que tem um critério que os homens nunca compreenderão, avaliou o bem com tanta bondade e amor, que o mal foi rapidamente apagado.

P.: Gostava de ter notícias da tua filha. Como está ela? (morta quatro ou cinco anos antes do seu pai).

R.: Está em missão na vossa Terra.

P.: Está feliz como criatura? Não quero tornar esta pergunta uma indiscrição!

R.: Sei bem isso. Julgas que não vejo o teu pensamento como um quadro nítido diante de mim? Ela realmente, como criatura não é feliz, pelo contrário. Todas as misérias da vida vêm apoquentá-la. Mas ela deve dar o exemplo das grandes virtudes que tanto são propagadas entre vós. Ajudá-la-ei quanto possível, porque é o meu dever. Mas não terá grande dificuldade em enfrentar todos os obstáculos; *não se encontra em expiação, mas em missão*. Fica tranquilo e agradeço a tua lembrança.

Neste momento o médium teve dificuldade em continuar a escrever, e disse:

P. Se és um Espírito sofredor que me estás a atrasar, peço que te inscrevas.

R.: Uma pessoa infeliz!

P.: Como te chamas?

R.: Valérie.

P.: Queres dizer-me quem é que pediu esse castigo para ti?

R.: Não.

P.: Estás arrependida pelas tuas faltas?

R.: Bem o vês!

P.: Quem é que te trouxe aqui?

R.: Foi o Sixdéniers.

P.: Por que motivo o fez?

R.: Para que me ajude.

P.: Foste tu há pouco que me impediste de escrever?

R.: Ele colocou-me no lugar em que estava.

P.: Qual é a relação que vos liga?

R.: É o meu guia.

P.: Pede-lhe para se reunir à nossa prece.

Depois da prece, Sixdéniers retoma o contacto:

R. Obrigado por ela. Creio que compreendeste, não te vou esquecer; pensa nela.

P.: (Para Sixdéniers) Como Espírito, tens muitos Espíritos sofredores para guiar?

R.: Não. Mas quando conseguimos conduzir um para o bem, tomamos outro para conduzir, sem desistir dos primeiros.

P.: Como é que conseguem fazer uma tarefa de vigilância que deve aumentar sem limites com o decorrer dos séculos?

R.: Como deves compreender, aqueles que orientamos melhoram e progridem. Isso alivia-nos. Ao mesmo tempo também é bom para nós e as nossas faculdades progridem, e o poder irradia mais, em proporção com a pureza adquirida.

NOTA:

Os Espíritos inferiores são ajudados por bons Espíritos que têm a missão de guiá-los. Esta tarefa não é exclusivamente dedicada aos encarnados, mas estes também devem colaborar, porque é um meio de evoluir.

Quando um Espírito inferior vem interferir numa boa comunicação, como neste caso, não é sempre com boa intenção, mas os Espíritos bons dão-lhes entrada, seja como prova, seja para que aquele a quem se dirige trabalhe para a sua melhoria. A sua persistência, é certo, degenera, por vezes em obsessão que, quanto maior for, mais prova quão importante é a necessidade de ajuda. É, portanto, um erro recusá-lo. É necessário entendê-lo como um pobre que pede esmola e pensar: Trata-se de um Espírito infeliz, que os bons Espíritos me enviam para que lhe ensine alguma coisa. Se conseguir bom resultado, terei a alegria de ter trazido uma alma para o bom caminho, diminuindo o seu sofrimento.

Esta tarefa é por vezes penosa. Seria mais agradável ter sempre belas comunicações, e só receber Espíritos escolhidos. Mas não é escolhendo apenas a nossa satisfação e recusando as oportunidades de fazer o bem que se merece a proteção dos bons Espíritos.

Dr. DEMEURE

Falecido em Albi (Tarn) no dia 25 de Janeiro de 1865

Demeure era um médico homeopata muito conhecido em Albi. O seu feitio tal como o seu saber faziam com que todos o estimassem. A sua bondade e caridade eram de grande generosidade e, apesar da adiantada idade, a fadiga não o impedia de ir prestar cuidados aos doentes carenciados. O preço que cobrava pelos seus serviços era o que menos lhe importava. Olhava menos a canseiras para assistir a gente pobre do que para atender aqueles que podiam pagar. Dizia que estes, se ele os não atendesse, poderiam facilmente procurar outro médico. Aos carentes, não somente lhes dava os

remédios do seu próprio bolso, como frequentemente lhes deixava o necessário para poderem atender a outras necessidades essenciais. Pode dizer-se que era o “Cura D’Ars” da medicina.

O Dr. Demeure tinha abraçado com ardor a doutrina espírita, na qual tinha encontrado a resposta para os mais graves problemas, para os quais em vão tinha procurado encontrar soluções na Ciência e na Filosofia. O seu Espírito profundo e investigador fez-lhe compreender imediatamente todo o seu alcance, o que o fez tornar-se um dos seus mais zelosos propagadores. Relações de viva e mútua simpatia foram estabelecidas entre nós e ele, por correspondência.

Soubemos da sua morte no dia trinta de Janeiro, e a nossa primeira ideia foi de comunicarmos com ele.

Eis a comunicação que nos deu, nesse mesmo dia:

“Aqui estou. Tinha prometido a mim mesmo, quando vivia, que uma vez falecido, viria, se tal me fosse possível, apertar a mão ao meu caro mestre e amigo, Senhor Allan Kardec.

A morte deu à minha alma o sono pesado a que chamam “letargia”, mas o meu pensamento estava desperto. Consegui sacudir esse torpor funesto que prolonga a perturbação que se segue à morte e, de um salto, vim até aqui.

Como estou feliz! Já não sou velho nem enfermo, era um disfarce imposto. Agora estou novo e belo, com essa eterna juventude dos Espíritos cujas rugas nunca franzem o rosto, cujos cabelos não embranquecem com o passar dos anos. Estou ligeiro como o pássaro que atravessa com um voo rápido o horizonte do vosso céu nebuloso e admiro, contemplo, bendigo, amo e inclino-me diante da grandeza, da sabedoria, da ciência do nosso Criador, perante as maravilhas que me rodeiam.

Estou feliz, estou na glória. Quem poderá alguma vez relatar as belezas esplêndidas da terra dos eleitos! Os céus, os mundos, os sóis, o seu efeito no grande concerto da harmonia universal. Tentarei, meu mestre, vou estudar e aprender e virei, mais tarde, depositar a seus pés a homenagem dos trabalhos de Espírito, que antecipadamente vos dedico. Até breve”

DEMEURE

As duas comunicações seguintes, realizadas nos dias 1 e 2 de Fevereiro, falam da enfermidade que me afligia na altura. Embora sejam assuntos pessoais, registo-os, porque provam que o senhor Demeure era tão bom como Espírito como era como pessoa.

“Meu bom amigo, tem confiança em mim e coragem. Esta crise, embora fatigante e dolorosa, não durará muito e, com o tratamento recomendado poderás, de acordo com os teus desejos, completar a grande obra que foi, para a tua vida, o objetivo principal. Vou ser eu a estar sempre perto de ti, com o Espírito de Verdade, que me permite tomar a palavra em seu nome, como o último dos teus amigos que chegou ao mundo dos Espíritos. Eles fizeram-me as honras das boas-vindas.

Caro mestre, estou feliz por ter morrido a tempo de te acompanhar neste momento. Se tivesse morrido antes, talvez pudesse ter-te evitado esta crise, que não sabia que ia acontecer. Tinha desencarnado há pouco tempo e não podia fazer mais do que iniciar a minha vida espiritual. Agora já posso tomar conta de ti, caro mestre. Como irmão e amigo, estou feliz por poder cuidar de ti na doença. Sabes bem o provérbio: “Ajuda-te que o céu te ajudará”. Ajuda, pois, os bons Espíritos a dar-te os devidos cuidados e segue exatamente os seus conselhos.

Aqui está calor demais; o carvão é fatigante. Enquanto estás doente, não te aqueças com carvão. Agrava a falta de ar, porque o gaz que liberta é tóxico!...”

Do vosso amigo DEMEURE

“Sou eu, Demeure, o amigo de M. Kardec. Venho dizer-lhe que estava junto dele quando lhe aconteceu o acidente que poderia ter sido funesto sem uma intervenção eficaz, que tive a felicidade

de lhe poder dar. Segundo as informações que tive de boa fonte, é evidente que, quanto mais cedo acontecer a sua morte, mais cedo reencarnará para vir concluir a sua obra.

Entretanto, antes que parta, precisa de concluir as obras que completarão a teoria de que é iniciador, e tornar-se-á culpado de homicídio voluntário se exagerar no esforço de trabalho, por problemas de saúde que o ameaçam de uma súbita partida para este mundo. Não devem ter receio de lhe dizer toda a verdade, para ele ter cuidado e seguir os conselhos que lhe dei.

DEMEURE

A comunicação seguinte foi recebida em Montauban, dia 26 de Janeiro, no dia seguinte à sua morte, no círculo de amigos espíritas que ali existia.

“António Demeure: Não estou morto para vós, meus bons amigos, mas para os que não conhecem como vós esta santa doutrina que reúne os que se amaram na Terra e que tiveram os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e caridade.

Estou feliz, mais feliz do que esperava, porque disponho de uma lucidez rara entre os Espíritos libertos da matéria há tão pouco tempo.

Tenham coragem, meus bons amigos. Vou estar frequentemente junto de vós, e não deixarei de vos instruir a respeito de muitas coisas que ignoramos enquanto vivemos ligados à matéria do corpo, que nos esconde tanta maravilha e tantas coisas magníficas. Orai por aqueles que estão privados desta felicidade, porque não sabem o mal que causam a si mesmos.

Não me vou alongar hoje, mas digo-vos que já começo a estar muito adaptado a este mundo, ao ponto de pensar que é o lugar onde sempre vivi. Estou feliz, rodeado de amigos, e posso comunicar com eles sempre que desejo.

Não chorem, meus amigos, ficaria triste por vos ter conhecido. Deixem que o tempo passe e Deus vos conduzirá a este local, onde todos nos iremos reencontrar.

Boa noite, meus amigos, que Deus vos console, estarei sempre perto de vós.”

Demeure

Uma outra carta de Montauban diz-nos o seguinte:

“Tínhamos escondido da Senhora G... médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do senhor Demeure, para poupar a sua extrema sensibilidade. O bom doutor, partilhando, sem dúvida, dos nossos desejos, evitou manifestar-se junto dela. No passado dia 10 de Fevereiro, estávamos reunidos por convocação dos nossos guias que desejavam prestar assistência a uma entorse muito dolorosa que a Senhora G... tivera na véspera. Não sabíamos mais do que isso, e estávamos longe da surpresa que nos esperava. Assim que entrou em transe sonambúlico, ela começou a gritar, mostrando o pé. Eis o que se passava:

A Senhora G... via um Espírito curvado sobre a perna, cujo rosto estava oculto. Fazia-lhe massagens e ia puxando, exatamente como poderia fazer um médico. O tratamento era tão doloroso que a queixosa não podia evitar os gritos e movimentos desordenados. A crise não demorou muito. Ao fim de dez minutos todos os vestígios da entorse tinham desaparecido e o pé parecia normal. A Senhora estava curada.

Entretanto, o Espírito não mostrara as feições, dando sinais de não querer mostrar o rosto. Dava até a impressão de querer fugir, quando num salto, a doente que minutos antes não podia dar um passo, foi até ao meio da sala, tentar apertar a mão ao seu doutor espiritual. Embora continuando a virar o rosto, ao dar-lhe a mão a Senhora soltou um grito e caiu desmaiada no chão. Tinha reconhecido Demeure como sendo o Espírito que a tinha curado. Durante a síncope recebeu a assistência dedicada de vários Espíritos simpáticos. Enfim, retomada a lucidez sonambúlica, falou com os Espíritos,

trocando com eles calorosos apertos de mão, inclusivamente com o Espírito do Doutor que recebia os seus testemunhos de afeto, retribuindo com um fluido reparador.”

“Esta cena, não é atraente e dramática, e não parece uma cena da vida humana? É uma prova entre muitas de que os Espíritos são seres perfeitamente reais, tendo um corpo e agindo como se estivessem na Terra. Estávamos felizes por encontrar o nosso amigo espiritualizado, com o seu generoso coração e a sua delicada boa vontade. O doutor Demeure, durante a vida, já tinha sido o médico da médium; conhecia a sua extrema sensibilidade e tinha procedido como seu filho. Esta prova de identidade dada àqueles que o Espírito amava, é suficientemente impressionante para dar a conhecer muito bem o aspeto consolador da vida futura.

NOTA: A situação do senhor DEMEURE como Espírito é precisamente aquela que podíamos esperar depois de uma vida digna e plena de utilidade. Mas outro facto não menos expressivo ressalta destas comunicações, é a atividade que o Espírito desenvolve, sendo prestável logo após a sua morte. Pela sua inteligência e as suas qualidades morais, pertence ao nível dos Espíritos muito avançados. É feliz, mas essencialmente de uma felicidade ativa. Como tratou pessoas até poucos dias antes de falecer, começou a tratar pessoas doentes como Espírito poucas horas após a sua libertação.

Perante isso, haverá quem pergunte: Que ganhamos nós então por estar no outro mundo, se nem lá podemos descansar?

Nós perguntaremos então se não vale a pena deixar de ter preocupações, necessidades, doenças, ser livre, poder sem canseiras percorrer o espaço à velocidade do pensamento, visitar quem nós quisermos a toda a hora e onde quer que estejam?

Depois acrescentaremos: logo que lá estivermos, ninguém nos obriga a fazer seja o que for. Seremos perfeitamente livres para estar na maior tranquilidade, sem nos preocuparmos com nada todo o tempo que quisermos. Mas depressa deixareis esse repouso egoísta, sendo vós os primeiros a procurar uma ocupação. E ser-vos-á respondido: Se te aborreces de nada fazer, procura tu mesmo qualquer coisa; ocasiões de ser útil não faltam, tanto no mundo dos Espíritos como junto dos vivos.

A atividade espiritual não é uma contrariedade. É uma necessidade e uma satisfação para os Espíritos que procuram ocupações relacionadas com os seus gostos e as suas capacidades, e escolhem de preferência aquelas que podem ajudar o seu progresso espiritual.

A Senhora FOULON

A Senhora Foulon faleceu em Antibes, no dia 3 de Fevereiro de 1865; morou em Le Havre durante muito tempo, onde fez uma boa carreira de miniaturista. O seu notável talento era, a princípio, apenas uma distração de amadora; mais tarde, quando vieram os dias maus, soube fazer dele um recurso precioso.

O que a fazia amada e estimada, o que tornou a sua memória cara a todos os que a conheceram, foi a bondade do seu feitio, as qualidades pessoais que só os que a conheceram de muito perto puderam verdadeiramente apreciar. Porque, como todos aqueles em que o sentimento do bem é inato, não fazia a mínima ostentação disso. Se houve alguém com o mínimo de egoísmo, era ela com certeza; talvez nunca o sentimento de abnegação pessoal fosse levado tão longe. Sempre pronta a sacrificar o seu repouso, a sua saúde, os seus interesses, por aqueles a quem podia ser útil; a sua vida tinha sido uma sucessão de atos de dedicação, bem como, depois da juventude, uma longa série de provações muito pesadas, diante das quais a sua coragem, a sua resignação e a sua perseverança nunca deixaram de estar presentes.

Infelizmente a vista, devido ao trabalho muito minucioso, foi fraquejando cada vez mais. Em certa altura, a cegueira, já avançada, tornou-se completa.

Assim que a Senhora Foulon teve conhecimento da doutrina espírita, foi para ela como um raio de luz; pareceu-lhe como se uma cortina corrida de repente se tivesse aberto, e tivesse mostrado alguma coisa que não lhe era desconhecida totalmente, mas de que tinha apenas uma vaga intuição. Dedicou-se a estudá-la com ardor, mas ao mesmo tempo com uma lucidez de espírito, um rigor de apreciação, que demonstrou de forma clara a sua elevada inteligência.

É preciso conhecer todas as perplexidades da sua vida, perplexidades que tinham sempre por móbil não ela mesmo, mas os seres que lhe eram queridos, para compreender todo o consolo que ela foi buscar àquela sublime revelação que lhe deu uma fé inabalável no futuro e lhe mostrou o nada das coisas terrenas.

A morte que teve foi digna da sua vida. Viu-a aproximar-se sem a mínima apreensão penosa; foi para ela como o corte de todas as ligações terrestres que devia abrir-lhe esta vida espiritual bem-aventurada, com a qual estava identificada pelo estudo do espiritismo. Faleceu com calma, porque tinha a consciência de ter cumprido a missão que tinha aceitado quando veio para a Terra, e ter escrupulosamente cumprido os seus deveres de esposa e mãe de família, e porque também tinha, durante a vida, renunciado a ressentimentos contra qualquer pessoa de que tinha queixas e que lhe tivesse pago com ingratidão; tinha-lhes pago o mal com o bem e deixou a vida tendo perdoado a todos, tendo-se remetido, ela mesmo, à bondade e à justiça de Deus. Faleceu, enfim, com a serenidade que dá a consciência limpa, e a certeza de que estava menos separada dos seus filhos do que durante a vida material, porque podia, daí em diante, estar com eles em Espírito, onde quer que eles estivessem neste mundo, dar-lhes conselhos e cobrindo-os com a sua proteção.

Desde que soubemos da morte da senhora Foulon, o nosso primeiro desejo foi o de conversarmos com ela. As relações de amizade e simpatia que a doutrina espírita fez nascer entre nós, explicam algumas das suas palavras e a familiaridade com que nos fala.

I

Paris, 6 de Fevereiro de 1865 – três dias depois do falecimento

Tinha a certeza de que me iam chamar logo depois de me ter libertado, e estava pronta para responder, porque não senti a perturbação. Só aqueles que têm medo é que são envolvidos por nuvens negras.

Agora, meu amigo, estou feliz! Estes pobres olhos enfraquecidos, que só tinham as lembranças coloridas dos prismas que animaram a minha juventude com o seu brilho cintilante, abriram-se aqui e reencontraram os esplêndidos horizontes que alguns dos vossos grandes artistas idealizam nas suas reproduções, mas cuja existência majestosa, severa e contudo cheia de encantos, está marcada pela mais completa realidade.

Morri há três dias e sinto que sou artista. As minhas aspirações, pelo ideal da beleza na arte, eram apenas a intuição de faculdades que tinha estudado e adquirido nas outras existências e que se desenvolveram na minha última vida. Que poderei fazer para reproduzir uma obra-prima digna das grandes visões que encantam o Espírito ao chegar a este mundo da luz? Pincéis! Pincéis! e mostrarei ao mundo que a arte espírita é o superlativo da arte pagã, da arte cristã que periclita, e que só ao espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver em todo o seu brilhantismo sobre o vosso mundo deserdado. Já chega para a artista, agora fala a amiga.

Para quê boa amiga, ficares assim impressionada com a minha morte? (...falando com Amélie Boudet, esposa de Allan Kardec...) Vós, conhecendo bem as deceções e as agruras da minha vida, deveríeis estar contentes por verdes que já não tenho que beber da taça do sofrimento terrestre, que esvaziei até ao fundo. Acreditem que os mortos são mais felizes que os vivos, e que chorar por eles é duvidar da verdade do espiritismo. Irão tornar a ver-me, tenham a certeza. Fui a primeira a sair porque a minha tarefa estava pronta, aí em baixo.

Cada um tem a sua, na Terra, e quando a vossa acabar, virão aqui repousar um pouco junto de mim, para recomeçar de novo, se for preciso, visto que não é normal na natureza ficar inativo. Cada um tem as suas tendências e obedece-lhes. É uma Lei suprema que prova o poder do livre-arbítrio; também, boa amiga, todos necessitamos de indulgência e caridade, reciprocamente, seja no mundo visível, seja no mundo invisível; com esta regra, tudo corre bem.

Não me mande calar. Sabe bem que, para a primeira vez, estou a falar muito. Por isso vos deixo.

Agora, dou uma palavra ao meu excelente amigo, A. Kardec. Quero-lhe agradecer as amabilidades que fez o favor de dizer a esta amiga que o precedeu no túmulo. Porque nós estivemos quase a partir juntos, para este mundo onde me encontro, meu bom amigo. (*Alusão à doença de que falou o doutor Demeure*). Que diria ela, a companheira bem-amada de vossos dias, se os bons Espíritos, não tivessem posto ordem nisso? Teria chorado e gemido e eu compreendo-a. Mas é necessário que ela vigie o vosso esforço, para não vos expordes de novo ao perigo antes de ter terminado o trabalho de iniciação espírita. Sem esse cuidado, correis o risco de chegar demasiado cedo a este mundo e de vos acontecer, como Moisés, que só viu a Terra Prometida, de longe. Tende cuidado, é uma amiga que vos fala.

Agora vou-me embora, para perto dos meus queridos filhos. Depois vou ver, para além do oceano, se a minha “ovelhinha” viajante chegou por fim ao porto ou se ficou presa na tempestade. (*Referência a uma das filhas que vivia na América*).

Que os bons Espíritos a protejam. Vou colaborar com eles.

Voltarei para conversar convosco. Sou uma conversadora infatigável, deveis lembrar-vos.

Portanto adeus, bons amigos, até breve.

Viúva Foulon

II

8 de Fevereiro de 1865

P.: Querida Senhora Foulon, fiquei muito contente pela comunicação de há dias e pela promessa de continuarmos a falar. Reconheci-a perfeitamente. Falou de coisas de que o médium não podia ter conhecimento, que só podiam ser vossas; e a linguagem que usou, bem característica da sua alma afetiva. Há nas suas palavras uma certeza, um aprumo, uma firmeza que vos não conhecia em vida. Sabe que até me permiti fazer-lhe algumas observações em certas circunstâncias.

R.: É verdade. Mas, desde que estive gravemente doente, recuperei a minha firmeza de espírito, perdida pelas enfermidades e pelas vicissitudes que me tinham, por vezes, tornado medrosa durante a vida. Disse para mim mesma: Tu és espírita; esquece a Terra; prepara-te para a transformação do teu ser e vê, através do pensamento, o caminho luminoso que a tua alma deve seguir ao deixar o corpo, e que a conduzirá, feliz e livre, às esferas celestes em que deves viver daqui em diante

Talvez fosse presunção contar com a felicidade perfeita depois de deixar a Terra, mas tinha sofrido tanto que julgo ter pago pelas minhas faltas dessa e de outras vidas. Tal intuição não me enganou e foi ela que me deu a coragem, a calma e a firmeza dos últimos momentos: esta firmeza aumentou, naturalmente quando, depois da minha libertação, vi as minhas esperanças realizadas.

P.: Faça agora o favor de nos descrever a passagem, o despertar e as primeiras impressões.

R.: Sofri, mas o meu Espírito foi mais forte que o sofrimento material provocado pela saída; encontrei-me, depois *do último suspiro*, como numa síncope, sem a mínima consciência do meu estado, sem ideias e numa vaga sonolência que não era sono do corpo nem despertar da alma. Assim permaneci demoradamente. Depois, como se saísse de um longo desmaio, acordei pouco a pouco, rodeada de irmãos que não conhecia. Foram muito carinhosos comigo e mostraram-me um ponto no espaço que parecia uma estrela brilhante: “*É para lá que vais connosco. Já não pertences à Terra*”.

Agora recordo-me: apoiei-me neles e, como um grupo gracioso que voa para as esferas desconhecidas, com a certeza de lá encontrar a felicidade, subimos, subimos, até que a Estrela foi aumentando de tamanho. Era um mundo feliz, um mundo superior, onde a vossa boa amiga vai finalmente encontrar repouso. Digo repouso quanto às fadigas corporais por que passei e às dificuldades da vida na Terra, mas não à indolência do Espírito, porque a atividade do Espírito é um prazer.

P.: Deixaste definitivamente a Terra?

R.: Tenho na Terra demasiados seres que me são queridos para a deixar definitivamente. Regressarei aí em Espírito, porque tenho uma missão a cumprir junto dos meus filhinhos. Sabeis, aliás, que nada impede os Espíritos residentes nos mundos superiores de virem à Terra de visita.

P.: A situação em que estás parece enfraquecer as relações com os que deixaste aqui em baixo.

R.: Não meu amigo, o amor aproxima as almas. Podes crer que na Terra, podemos estar mais perto daqueles que já atingiram a perfeição, que daqueles que o egoísmo e a inferioridade fazem divagar em redor da esfera terrestre.

A caridade e o amor são dois motores de uma poderosa atração; é o laço que cimenta a união das almas e faz com que essa união continue, apesar da distância dos locais em que se encontram. Só há distância para os corpos materiais, para os Espíritos, não.

P.: Que ideia fazes agora a respeito dos meus trabalhos acerca do espiritismo?

R.: Creio que tendes uma grande carga de almas e que o fardo é difícil de suportar. Mas vejo o objetivo e sei que ireis alcançá-lo. Vou ajudar-vos, se for possível, com os meus conselhos de Espírito, para que possais ultrapassar as dificuldades que surgirão, tomando certas medidas para ativar, durante a vossa vida, o movimento renovador que constitui o espiritismo.

O vosso amigo DEMEURE, unido com o Espírito de Verdade, ainda terá mais utilidade agora. É mais sábio e mais sério do que eu.

Como sei que a ajuda dos bons Espíritos vos fortifica no vosso trabalho, podeis crer que a minha ajuda está garantida para sempre e em toda a parte.

P.: Conclui-se das tuas palavras que talvez não dêes uma colaboração direta muito ativa ao trabalho espírita?

R.: Estás enganado. O que vejo é um grande número de Espíritos mais capazes do que eu para tratar desta importante questão. Uma invencível timidez impede-me, por agora, de corresponder aos vossos desejos. Isso virá, talvez. Terei mais coragem e ousadia, mas é necessário que os conheça melhor. De resto, só morri há quatro dias e ainda estou sob o efeito do espanto que me rodeia. Compreendes, amigo? Mal posso descrever todas as novas sensações que experimento. Tenho de fazer força para me arrancar ao fascínio que as maravilhas que admiro exercem sobre o meu ser. Só posso bendizer e adorar a Deus nas suas obras. Mas isto passará. Os Espíritos asseguram-me que em breve ficarei habituada a todas estas magnificências, e que poderei então, com a minha lucidez de Espírito, pensar na renovação terrena. Além de que também tenho uma família para ajudar.

Adeus e até breve, mestre. Esta vossa amiga ama-vos agora e continuará a amar-vos porque é a vós que deve o único consolo durável e verdadeiro que teve na Terra.

Viúva Foulon

A comunicação seguinte foi feita para os filhos, no dia 9 de Fevereiro:

Meus filhos, meus bem-amados, Deus tirou-me da vossa presença, mas a recompensa que me deu é muito grande em comparação com o pouco que fiz na Terra. Resignem-se com a vontade do Altíssimo. Busquem, em tudo o que vos deu, a força para enfrentar as provas da vida. Tenham no coração, bem firme, esta crença que tanto facilitou a minha passagem da vida terrena para esta que a todos espera, depois da vida nesse baixo mundo. Deus estendeu sobre mim, após a morte, a sua inesgotável bondade, como também o fez enquanto vivia na Terra. Agradeçam por todas as bênçãos que vos concede; dai-lhe as vossas graças, meus filhos. Dai-lhe graças, a todos os instantes.

Não percam de vista a finalidade que vos foi indicada, nem o caminho que têm de percorrer. Utilizem o melhor possível todo o tempo disponível enquanto aí estão. Aí sereis felizes, meus queridos, vivendo em boa união, tratando uns dos outros o melhor possível; felizes pelos vossos filhos, se os educardes no bom caminho, naquele que Deus permitiu que vos fosse revelado.

Oh, se não podem ver-me, creiam que a ligação que nos uniu na Terra não se rompe pela morte do corpo, porque não é pelo corpo que estamos ligados, mas pelo Espírito. É também por isso, meus queridos, que pela bondade do Todo-Poderoso, poderei guiar-vos ainda e dar-vos coragem para a vossa marcha, que nos reunirá no fim do caminho.

Ide, meus filhos, cultivai esta cultura sublime; dias felizes vos esperam, a vós, que tendes fé. Já vos foi dito isto, mas eu não devia ver esse tempo, na Terra. É do alto que irei ter o privilégio de ver os vossos melhores dias, prometidos pelo Deus bom, justo e misericordioso.

Não chorem, meus filhos. Que estas palavras reforcem a vossa fé, o vosso amor a Deus que tão generosos dons vos concedeu, e que tantas vezes ajudou a vossa mãe. Orai a Deus, sempre. A prece fortifica. Orientai a vida que Deus vos deu, de acordo com os ensinamentos que eu mesma ardentemente seguia.

Regressarei mais vezes para falar convosco. Também tenho que prestar assistência à vossa pobre irmã que tanto necessita de mim. Até breve. Creiam na bondade do Todo-Poderoso. Peço por vós. Adeus.

Da vossa Mãe

NOTA: Qualquer Espírito sério e esclarecido tirará destas comunicações os ensinamentos que nelas estão contidos. Chamamos, entretanto, a vossa atenção para dois pontos.

Primeiro, o exemplo que nos dá de podermos vir a não reencarnar na Terra depois desta vida, passando daqui para um planeta superior, sem que por isso fiquemos separados dos entes queridos que aqui deixarmos. Portanto, aqueles que temem a reencarnação em face das dificuldades desta vida podem livrar-se delas, fazendo o melhor possível nesse sentido, trabalhando o melhor possível pelo progresso espiritual. Tal como aqueles que não querem permanecer nos níveis inferiores, devem igualmente trabalhar o mais possível para melhorarem e subirem um degrau.

Segundo, a confirmação de que, depois da morte, estaremos mais próximo dos seres que nos foram queridos durante a vida. A Senhora Foulon, retida pela idade e pela enfermidade numa pequena cidade do Sul da França, só tinha junto de si alguns familiares. A maior parte dos parentes e amigos vivia muito longe, os obstáculos impediam que se vissem frequentemente como desejavam. Mesmo a correspondência era difícil.

Liberta do corpo, após terminada a sua vida, dirigiu-se imediatamente a cada um dos seus parentes e conhecidos, com a imensa liberdade do Espírito. Pela via da mediunidade foi possível assistir às suas reuniões íntimas, rodeá-los da sua proteção, falar com eles a qualquer momento, como quando era viva.

Perante estes factos tão consoladores, há pessoas que ainda preferem acreditar que, depois da morte, iremos ficar separados para sempre!...

O Senhor P. era um médico russo, tão estimado pelas suas qualidades morais como pelo seu saber. A pessoa que o evocou só conhecia a sua reputação, e só tinha tido relações indiretas com ele. A comunicação original estava escrita em russo.

P.: (Depois da evocação). Estás aqui?

R.: Sim. No dia em que faleci andei atrás de ti, mas resististe a todas as minhas tentativas para te fazer escrever. Ouvi-te falar de mim e isso permitiu-me conhecer-te; tive o desejo de comunicar contigo para te ser útil.

P.: Por que razão, sendo tão boa pessoa, passaste por tantos sofrimentos?

R.: Foi por generosidade do Senhor, que queria que eu sentisse duplamente o preço da minha libertação, e que avançasse, o mais possível, aqui em baixo.

P.: A ideia da morte produziu-te terror?

R.: Não, tinha demasiada fé em Deus para me acontecer isso.

P.: A separação foi-te dolorosa?

R.: Não. Aquilo a que chamam o último instante, nada é. Só senti um pequeno estalido, e passado pouco tempo encontrei-me muito feliz por estar já liberto da minha estrutura material.

P.: Que se passou então?

R.: Tive a alegria de ver uma quantidade de amigos vir ao meu encontro e desejar-me as boas vindas, principalmente aqueles a quem eu tinha ajudado.

P.: Estás em que região? Num planeta?

R.: Tudo o que não é um planeta dirás que é o Espaço, não é? É aí que eu estou, no espaço. Mas que grande variedade de categorias existe aqui, de que os habitantes da Terra não fazem a mínima ideia! Quantos degraus na escada de Jacob, que vai da Terra ao Céu, quer dizer, desde o vosso nível, num mundo inferior como a Terra, até à depuração completa da alma! Onde eu estou, só se chega depois de uma grande sequência de provas, o que significa grande número de encarnações.

P.: Neste momento já deves ter tido muitas existências, então?

R.: Não podia ser doutra forma. Nada é excepcional na ordem imutável estabelecida por Deus. A recompensa só pode chegar depois das vitórias conseguidas na luta. E quando a recompensa é grande, a luta terá sido igualmente importante. A vida humana, contudo, é tão curta, que a luta só é real por intervalos, e esses intervalos são cada uma das existências sucessivas. Como estou num dos escalões já elevados, é natural ter atingido já um certo nível de felicidade devido a uma sequência de combates, nos quais Deus permitiu que tenha alcançado várias vezes a vitória.

P.: Em que é que consiste a tua felicidade?

R.: Isso é mais difícil de explicar. A minha felicidade atual é uma grande satisfação comigo mesmo; não dos meus méritos, isso seria orgulho. O orgulho é próprio dos Espíritos reprováveis, mas um contentamento mergulhado no amor de Deus, no reconhecimento da sua bondade infinita. É a alegria profunda de ver o bom, o bem, de dizermos a nós próprios: “talvez tenha contribuído um bocadinho para o benefício alcançado por certas pessoas que se elevaram a Deus”. Isto é: estamos identificados com o bem-estar moral; é uma espécie de fusão do Espírito e da bondade divina, tendo o dom de ver

os Espíritos mais evoluídos, de os compreender nas suas missões e saber que também nós lá chegaremos. Entrevemos, no incomensurável infinito, as regiões tão resplandecentes do fogo divino, que nos deslumbram mesmo contemplando-as através dos véus que ainda as escondem para nós.

Mas, que estou eu para aqui a dizer! Alguém me terá compreendido? O fogo de que eu falo, devem estar a pensar que é como o Sol, por exemplo? Não, não; é qualquer coisa impossível de ser compreendido pelos seres humanos, porque as palavras só designam objetos, as coisas físicas ou metafísicas de que eles têm conhecimento pela memória ou pela intuição da alma, enquanto, não podendo ter a memória do absoluto desconhecido, não há palavras que possam dar-lhes a sua percepção. Mas tomem nota: Já é uma felicidade imensíssima sabermos que se pode evoluir infinitamente.

P.: Tiveste a bondade de dizer que me queres ser útil. Em quê, por favor?

R.: Posso ajudar-te nos teus abatimentos, apoiar-te nas tuas fraquezas e consolar-te nas tuas penas. Se a tua fé, sacudida por um qualquer abanão, te preocupa, chama-me. Deus dar-me-á palavras para te chamar e reconduzir a ele. Se estiveres perto de sucumbir pelo peso das tendências de que tu mesmo sentes a culpa, chama-me. Ajudarei a levar a tua cruz, como Jesus foi ajudado a levar a sua, aquela que deveria anunciar tão altamente a verdade e a caridade. Se te afundares sob o peso dos desgostos, se o desespero tomar conta de ti, chama-me. Virei tirar-te desse abismo falando-te de Espírito a Espírito, lembrando-te os deveres que te são impostos, não com argumentos sociais ou materiais, mas pelo amor que sentes por mim, amor com que Deus invadiu o meu ser, para ser transmitido àqueles que ele pode salvar.

Tens certamente amigos na Terra que partilham as tuas dores e que porventura já te salvaram. Nos desgostos, vais procurá-los, vais levar-lhes as tuas lamentações e as tuas lágrimas. Eles te darão em troca dessa prova de afeto os seus conselhos, o seu apoio, o seu carinho. Pois bem, julgas, por acaso, que um amigo deste lado não terá também a sua utilidade? Não é consolador dizer: quando eu morrer, os meus amigos da Terra estarão à minha cabeceira, rezando e chorando por mim. Mas os meus amigos do espaço estarão lá em cima, à entrada da vida, e virão, sorrindo, conduzir-me ao local que eu mereci alcançar pelas minhas virtudes.

P.: Em quê, portanto, julgas que mereço a ajuda que me queres dar?

R.: A razão pela qual me aproximei de ti, desde o dia em que morri, foi a seguinte: fui-me aproximando quando te vi espírita, bom médium e sincero adepto. Entre aqueles que deixei lá em baixo, primeiro só te vi a ti. Resolvi, então, ajudar-te, no teu interesse, sem dúvida, mas ainda mais no interesse de todos aqueles que tu chamas para aprenderem a verdade. Estás a ver: Deus ama-te o bastante para te escolher como missionário. À tua volta, pouco a pouco, partilhas a tua fé. Os mais rebeldes, pelo menos ouvem-te e, um dia, vê-los-ás acreditar em ti. Não desistas; continua sempre, embora haja pedras no caminho: aceita-me como uma bengala de apoio.

P.: Não me atrevo a pensar que mereço um tão grande favor.

R.: Não há dúvida que estás muito longe da perfeição. Mas o teu entusiasmo em divulgar as santas doutrinas, em amparar a fé daqueles que te escutam, em pregar a caridade, a bondade, a benevolência, mesmo quando há manifestações desagradáveis contra ti, a resistência às atitudes de revolta que poderias assumir facilmente contra aqueles que te importunam ou desvalorizam as tuas intenções, vêm, felizmente, servir de contrapartida ao que houver de mau em ti; não esqueças que o perdão tem um enorme valor, no bem!

Deus cobre-te de graças pela faculdade que te dá, e que crescerá pelos teus esforços, a fim de trabalharem eficazmente para a salvação do nosso próximo. Vou-te deixar, mas podes contar comigo.

Modera as ideias terrenas e convive o mais frequentemente possível com os amigos do mundo espiritual.

P...

BERNARDINO

Bordéus, Abril de 1862:

Sou um Espírito esquecido há muitos séculos. Vivi na Terra na miséria e na indignidade; trabalhei sem descanso para conseguir levar à minha família o pão de cada dia, um pequeno pedaço de pão insuficiente. Porém, amava o meu verdadeiro Senhor e, quando aquele que me explorava na Terra aumentava o meu fardo de dor, dizia: Meu Deus, dai-me força para suportar este peso sem me lamentar.

Expiei, meus amigos, mas tendo terminado esta rude provação, o Senhor recebeu-me na Paz e o meu maior desejo, meus filhos e meus irmãos, é reunir-vos todos à minha volta, e dizer-vos: Seja qual for o preço que aí pagam, a felicidade que vos espera vale ainda muito mais.

Não tinha situação; filho de uma numerosa família servi quem podia ajudar-me a viver. Nascido no tempo em que a servidão era cruel, suportei todas as injustiças, todo o trabalho de servidão, todas as cargas que os subalternos do Senhor resolviam por bem impor-me, vi a minha mulher ultrajada, as minhas filhas levadas e depois rejeitadas, sem poder lamentar-me. Vi os meus filhos levados para as guerras de pilhagens e de crimes, enforcados por faltas que não tinham cometido. Se soubessem meus amigos o que sofri durante a minha demasiado longa existência! Eu bem esperava, esperava a felicidade que não existe na Terra, e o Senhor concedeu-ma. A vós todos, meus irmãos, coragem, paciência e resignação.

Meu filho, podes guardar o que te dei. É um ensinamento prático. Aquele que comunica é melhor escutado se puder dizer: Sofri mais do que vós. Eu sofri mais do que tu, sem me queixar.

P.: Em que época viveste?

R.: De 1400 a 1460.

P.: Tiveste mais alguma vida?

R.: Sim, vivi convosco como missionário. Missionário da fé, mas da verdadeira fé, da fé pura que sai da mão de Deus e não da que foi feita na Terra.

P.: Agora, como Espírito, ainda tens que fazer?

R.: Julgas que os Espíritos podem estar parados? A inutilidade seria um suplício. A minha missão é ser guia de centros operários do Espiritismo. Inspiro bons pensamentos e esforço-me por neutralizar aqueles que os maus Espíritos procuram sugerir.

Bernardino

PAULA, uma condessa

Era uma mulher jovem, bela e rica, nascida numa família ilustre, e modelo de todas as qualidades de coração e de espírito. Faleceu com 36 anos, em 1851. Era uma dessas pessoas cuja oração fúnebre poderia perguntar por que motivo Deus retira tão cedo da vida pessoas de tal qualidade. Felizes os que conseguem deixar tão boa memória de si.

Era boa, doce, indulgente para todos. Sempre pronta a desculpar ou a atenuar o mal em vez de o agravar. Nunca usou de maledicência. Sem desdém nem orgulho, tratava os seus inferiores com

bondade, em que nada havia de baixa familiaridade, sem afetar altivez ou uma proteção humilhante. Compreendendo que as pessoas que vivem do seu trabalho não têm outros recursos, que necessitam do dinheiro que lhes é devido, nunca se atrasou no pagamento dos seus salários. A ideia de que alguém poderia sofrer com uma falta de pagamento, por sua culpa, seria causa de remorsos na sua consciência.

Não era pessoa que gastasse dinheiro para satisfazer as suas fantasias em vez de pagar as suas dívidas. Não compreendia que pudesse ser de bom gosto, para um rico, ter dívidas, e sentir-se-ia humilhada se pudessem dizer que os seus fornecedores eram obrigados a conceder-lhe adiamentos. Quando faleceu houve apenas lamentações e ninguém tinha que se queixar dela.

A sua bondade era inesgotável, mas não gostava de a mostrar. A sua caridade era do coração e não da ostentação. Só Deus sabe quantas lágrimas enxugou e desesperos que resolveu, visto que só tinha por testemunhas os que protegia; tinha a sensibilidade de descobrir os infortúnios escondidos, que são os mais pungentes, e que socorria com a delicadeza que não baixa o moral, antes o eleva.

O seu nível social e as altas funções de seu marido obrigavam-na a manter a casa com a máxima dignidade. Satisfazendo inteiramente as exigências da sua posição, sem mesquinhez, ordenava as tarefas de modo a evitar desperdícios e despesas supérfluas; isto permitia-lhe gastar metade do que gastariam outras pessoas, sem que fizessem melhor o seu trabalho.

Podia, assim, dar da sua fortuna uma parte maior aos necessitados. Tinha separado um capital importante cuja receita lhes era exclusivamente dedicada, destino sagrado para ela, e que não considerava para as despesas da casa. Encontrava assim a maneira de conciliar os seus deveres para com a sociedade e para com os infelizes.¹⁰⁰

Foi evocada doze anos após a sua morte, por um familiar iniciado no espiritismo, e deu a seguinte comunicação em resposta às diversas perguntas que lhe foram feitas¹⁰¹:

“Tens razão, meu amigo, de pensar que sou feliz. Sou feliz para além de tudo o que possa dizer-te, encontrando-me, entretanto, muito longe dos níveis máximos. Vivi na Terra no mundo dos felizes, visto que não me lembro de ter tido sofrimentos reais. Juventude, saúde, fortuna, consideração, tinha tudo que faz a felicidade para os vivos. Mas que significa isso comparado com o que se vive aqui? Que são as vossas festas esplêndidas, onde se usam os trajes mais ricos, comparadas com as assembleias de Espíritos com um brilho resplandecente, que a vossa vista não poderia suportar, e que é o apanágio da pureza? Que são os vossos palácios e os vossos salões dourados, comparados com as residências aéreas, os vastos campos do espaço matizados de cores que fariam empalidecer o arco-íris? Que são os vossos passeios nos parques, comparados com as caminhadas através da imensidão, mais rápidas que o relâmpago? Que são os vossos horizontes limitados e nebulosos, comparados com o espetáculo grandioso dos mundos, movendo-se no Universo sem limites, sob a poderosa mão do Altíssimo? Os vossos concertos mais melodiosos são tristes e ruidosos comparados com a suave harmonia que faz vibrar as energias do Universo e todas as fibras da alma.

As vossas maiores alegrias e prazeres são tristes e insípidos por comparação com a inefável sensação de felicidade que aqui penetra todo o nosso ser como um sopro benfazejo, sem a mais leve sombra de qualquer inquietação, apreensão ou sofrimento. Aqui tudo respira amor, confiança e sinceridade; por toda a parte corações amantes, por toda a parte amigos; não existem ciúmes nem inveja.

É esse o mundo em que vivo, meu amigo, e onde todos vós chegareis infalivelmente, seguindo o caminho justo da retidão.

¹⁰⁰ Podemos dizer que esta senhora era o retrato vivo da mulher benfazeja, traçado no Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XIII. (A. K.)

¹⁰¹ Extraímos desta comunicação, cujo original está em Língua alemã, as partes instrutivas para o assunto que nos ocupa, suprimindo o que é apenas do interesse da família. (A. K.)

Entretanto, iríamos cansar-nos em breve duma felicidade sempre igual. Não creiam que a nossa está isenta de peripécias. Não é um concerto perpétuo nem uma festa sem fim, nem uma beata contemplação durante a eternidade. Tem movimento, vida, atividade.

As ocupações, embora isentas de fadiga, têm uma variedade de aspetos e emoções nos milhares de incidentes que acontecem. Cada um tem a sua missão a cumprir e os seus protegidos a ajudar, os amigos da Terra a visitar, os mecanismos da natureza a orientar, as almas sofredoras a consolar. Não paramos de ir e voltar, não de uma rua para a outra, mas entre mundos diversos! Reunimo-nos, depois separamo-nos, para nos juntarmos de novo. Reunimo-nos num sítio, comunicamos o que fizemos, felicitamo-nos pelos êxitos conseguidos. Combinamos o melhor a fazer, ajudamo-nos uns aos outros nos casos difíceis. Garanto-vos que não temos um segundo para o aborrecimento.

Neste momento, a Terra é a nossa grande preocupação. Que movimento entre os Espíritos. Quantos grupos imensos aqui chegam para colaborar na sua transformação. Dir-se-ia uma nuvem de trabalhadores ocupados em desbastar uma floresta sob as ordens de chefes muito experientes. Uns abatem com o machado as velhas árvores, arrancam as velhas raízes; outros limpam; estes trabalham e semeiam, aqueles constroem uma nova cidade sob as ruínas duma já antiga. Durante este tempo os chefes reúnem-se, trocam conselhos e enviam mensageiros com ordens, em todas as direções. A Terra deve ser regenerada num determinado tempo; é preciso que os desígnios da Providência se cumpram; é para isso que todos trabalham.

Não julguem que estou só a olhar. Teria vergonha de estar parada quando todos estão ocupados. Tenho uma importante missão que tento realizar o melhor possível.

Não foi sem lutas que cheguei ao nível em que me encontro no mundo espiritual. Na minha última existência, embora julguem que teve mérito, não consegui fazer o suficiente. Durante várias existências passei por provas de trabalho e de miséria, que tinha escolhido deliberadamente, para fortificar e aperfeiçoar a minha alma. Tive a felicidade de terminá-las com êxito. Mas restava uma a vencer, a mais difícil: a prova da fortuna e do bem-estar material, do conforto sem mistura de inquietação. Era esse o perigo.

Antes de tentar, desejei sentir-me forte para não sucumbir. Deus tomou nota das minhas boas intenções, concedeu-me a graça de me apoiar. Muitos outros Espíritos, seduzidos pelas aparências, apressaram-se a concorrer a ela. Demasiado fracos para afrontar o perigo, a sedução venceu a sua inexperiência.

“Trabalhadores, estive no mesmo nível que o vosso. Eu, a nobre dama, já ganhei o pão com o suor do meu rosto, como vós. Tive privações e atravessei tempestades. Foram elas que me deram forças. Sem isso teria falhado a última prova, o que me teria feito recuar muito. Como eu, também vós ireis ter a vossa prova da fortuna, mas não queiram alcançá-la demasiado cedo. E vós, os que sois ricos, tenham sempre em mente que a verdadeira fortuna, aquela que nunca se perde, não está na Terra. Compreendi qual é o valor e o esforço que tereis que fazer para merecer a recompensa do Todo-Poderoso.

Paula

Sociedade espírita de Paris, Comunicação espontânea

Como esta nova vida é magnífica, meus amigos! Semelhante a uma cascata de luzes, arrasta consigo as almas encantadas pelo infinito. Depois de terminadas as ligações com o corpo, os meus olhos abriram-se para os novos horizontes que me rodeiam e desfruto das esplêndidas maravilhas do infinito.

Passei das sombras da matéria à brilhante aurora que anuncia o Todo-Poderoso. Fui salvo, não pelo mérito das minhas obras, mas pelos conhecimentos do princípio eterno que me ajudou a evitar as impurezas impostas pela ignorância à pobre Humanidade. A minha morte foi abençoada. Os meus biógrafos julgaram-na prematura, os cegos. Lamentarão algumas letras escritas na poeira do chão e não compreenderão como, o pouco barulho feito à volta da minha sepultura meio-fechada, é útil para a santa causa do espiritismo.

A minha obra estava acabada; os meus antecessores prosseguiram o seu trabalho; eu tinha chegado ao ponto culminante em que o homem já deu o que tinha de melhor, a partir do qual já só pode recomeçar. A minha morte reaviva a atenção dos letrados e trá-la à minha obra principal, que aborda a questão espírita que eles fingem desconhecer, e que em breve os abraçará. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores que protegem a nova doutrina, irei ser um dos guias que vão sinalizar a vossa estrada.

Jean Reynaud

Paris; reunião de família. Outra comunicação espontânea:

O Espírito responde a uma reflexão feita acerca da sua morte inesperada, numa idade pouco avançada, e que surpreendeu muita gente:

Quem vos diz que a minha morte não é um benefício para o espiritismo, para o seu futuro, para as suas consequências? Já reparou, meu amigo, a marcha que o progresso segue, o caminho que a fé espírita toma? Deus apresentou primeiro as provas materiais: dança das mesas, pancadas e toda a qualidade de fenómenos, para chamar a atenção; era um prefácio divertido. Para as pessoas acreditarem são necessárias provas palpáveis. Agora é outra coisa. Depois dos factos materiais, Deus

102 JEAN ERNEST REYNAUD (Lyon, 14 de Fevereiro de 1806 – 28 de Junho de 1863, Paris) foi um filósofo francês. Importante ver: Revista Espírita de Agosto de 1863; Jean Reynaud e os precursores do Espiritismo:

De todos os escritos de Jean Reynaud, o que mais contribuiu para a sua popularidade foi, sem dúvida, o seu livro *Terre et Ciel*, embora a forma abstrata da linguagem não o ponha ao alcance de todos; mas a profundidade das ideias e a lógica das deduções tornaram-no apreciado por todos os pensadores sérios e colocaram o autor na primeira linha dos filósofos espiritualistas.

Essa obra pareceu à Igreja um perigo para a ortodoxia da fé. Em consequência, foi condenada e posta no Index pela cúria de Roma, o que aumentou ainda o crédito de que já desfrutava e a tornou procurada com avidez. Na época em que a obra apareceu, lá por 1840, ainda não se cogitava dos Espíritos. Contudo, Jean Reynaud parece ter tido, como aliás muitos outros escritores modernos, a intuição e o pressentimento do Espiritismo, do qual foi um dos mais eloquentes precursores. Como Charles Fourier, ele admite o progresso indefinido da alma e, como consequência desse progresso, a necessidade da pluralidade das existências, demonstrada pelos diversos estados do homem na Terra.

Jean Reynaud nada tinha visto. Tudo tirou de sua profunda intuição. O Espiritismo viu o que o filósofo apenas tinha pressentido. Assim, acrescentou a sanção da experiência à teoria puramente especulativa e, naturalmente, a experiência o levou a descobrir detalhes que só a imaginação não podia entrever, mas que vêm completar e corroborar os pontos fundamentais. Como todas as grandes ideias que revolucionaram o mundo, o Espiritismo não nasceu de súbito. Ele germinou em mais de um cérebro e mostrou-se, aqui e ali, pouco a pouco, como que para habituar os homens à ideia. Uma brusca aparição completa teria encontrado uma resistência muito viva, teria deslumbrado sem convencer. (A.K.)

fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria. Já não são provas de força, mas coisas racionais que devem convencer até os incrédulos, os mais obstinados.

E isto é só o começo. Notem bem o que vos digo: irão seguir-se toda uma série de factos inteligentes e irrefutáveis e o número de adeptos da fé espírita, já muito grande, vai ainda aumentar.

Deus irá a seguir ocupar-se das inteligências de mais alto nível, as sumidades do espírito, do talento e do saber. Isso vai ser um relâmpago luminoso que se espalhará pela Terra inteira, como uma energia magnética irresistível e empurrará os mais recalcitrantes à pesquisa do infinito, ao estudo desta admirável ciência que nos ensina princípios tão sublimes.

Todos irão agrupar-se à vossa volta, e esquecendo o diploma de génio que lhes foi dado, far-se-ão humildes e pequeninos para aprender e para se convencerem. Mais tarde, quando bem instruídos e convencidos, servir-se-ão da sua autoridade e da notoriedade dos seus nomes para ir mais longe e alcançar os últimos limites que todos se propuseram alcançar: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento racional e aprofundado das existências passadas e futuras. Esta é a minha opinião a respeito do estado atual do espiritismo.

Bordeaux

Evocação:

R. Respondo com prazer à vossa chamada, minha senhora. Tendes razão: a perturbação espírita não existiu para mim (isto respondia ao pensamento do médium); exilado voluntário na vossa Terra, onde eu tinha que lançar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo neste momento, sempre tive consciência da pátria e depressa fui reconhecido entre os meus irmãos.

P.: Agradeço-lhe ter vindo; não pensava que o meu desejo de falar consigo ia ter efeito; necessariamente deve existir uma tão grande diferença entre nós, que só penso nisso com o maior respeito.

R.: Obrigado por isso, minha filha. Deves saber também que, seja qual for a distância entre nós de provas já prestadas, mais depressa ou mais devagar, com maior ou menor sucesso, há sempre uma ligação muito forte que nos une: a simpatia; e essa ligação foi sendo apertada pelo teu pensamento constante.

P.: Embora muitos Espíritos tenham explicado as suas primeiras sensações no despertar após a morte, terias a bondade de me dizer qual foi a sensação que tiveste quando te reencontraste? E como foi a separação do Espírito e do corpo?

R.: Foi igual a todos. Senti o momento da partida aproximar-se. No entanto, mais feliz do que muitos, não me causou angústias porque conhecia os seus resultados, embora tenham sido maiores do que eu julgava. O corpo é um entrave para as faculdades espirituais, e sejam quais forem as luzes que tenhamos conservado, são sempre mais ou menos abafadas pela matéria. Adormeci, esperando um despertar feliz. O sono foi curto, a admiração imensa. Os esplendores celestes que se abriam perante mim brilhavam com todo o fulgor. Maravilhados, os meus olhos mergulhavam na imensidade desses mundos cuja existência e habitabilidade tinha afirmado. Era uma visão que confirmava a verdade das minhas ideias.

É difícil termos certezas absolutas, e quando se diz qualquer coisa, ficam sempre algumas dúvidas. Tem-se receio, quer daquilo que se afirma como verdadeiro, quer dos meios de demonstrar aquilo que se diz. Convencido da verdade que queria fazer crer, tive muitas vezes que me combater a mim mesmo, contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade, e de não poder torná-la palpável àqueles que teriam tanta necessidade de nela acreditar para avançarem seguros no caminho que tinham de seguir.

P.: Quando estavas encarnado professavas o espiritismo?

R.: Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muitos defendem teorias e não as põem em prática. Eu praticava, mas não professava. Do mesmo modo qualquer que segue as leis de Jesus é um cristão, mesmo sem saber que o é, qualquer pessoa pode ser espírita se acreditar que tem uma alma imortal, que há múltiplas existências, que o seu caminho para o progresso é incessante, que há provas terrenas, necessárias para se purificar.

Acreditava nisso, portanto, era espírita. Compreendi que existia um espaço de tempo entre as encarnações, esse purgatório em que o Espírito culpado despe os seus trajes usados para vestir um fato novo, que o Espírito em progresso tece com cuidado o fato que vai usar de novo e que quer conservar puro. Compreendi isso, como já disse e, sem professar, continuei a praticar.

NOTA: Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente desconhecidos entre si. A analogia dos pensamentos, a forma da linguagem, pelo menos na aparência, pressupõem a identidade.

A expressão “tece com cuidado o fato que vai vestir de novo” é uma figura expressiva que descreve o cuidado com que o Espírito em progresso prepara a nova existência que vai ajudá-lo a progredir. Os Espíritos atrasados tomam menos precauções e fazem por vezes escolhas infelizes que os obrigam a ter de recomeçar.

ANTOINE COSTEAU

Foi membro da Sociedade espírita de Paris, sepultado no dia 12 de Setembro de 1863 no cemitério de Montmartre, numa vala comum.

Homem de coração que o espiritismo devolveu a Deus. A sua fé no futuro era total, sincera e profunda. Simples operário calceteiro praticava a caridade pelos pensamentos, palavras e atos. Apesar dos fracos recursos, conseguia juntar o suficiente para ajudar os que tinham menos do que ele. Se a sociedade não conseguiu proporcionar-lhe uma sepultura mais digna, foi porque ele arranhou melhor maneira de aplicar esses meios do que numa vã satisfação de amor-próprio, sem proveito, e os espíritos sabem que a vala comum é uma entrada para o céu tão boa como o mais luxuoso mausoléu.

O Senhor Canu, secretário da Sociedade, anteriormente um profundo materialista, pronunciou junto da vala as palavras seguintes:

“Caro irmão Costeau: ainda há poucos anos muitos de nós, e eu próprio o confesso, veríamos nesta vala aberta o fim das misérias humanas, uma passagem para o vazio, o tenebroso vazio que esperava corpos sem alma, sem mérito nem expiação possível, e sem Deus para recompensar, castigar ou perdoar fosse quem fosse.

Hoje, graças à nossa divina doutrina, vemos nesta passagem o fim das provas e para ti, caro irmão, cujos despojos mortais depositamos na terra, o triunfo dos teus trabalhos e o começo das recompensas que foram merecidas pela tua coragem, resignação e caridade, em suma, pelas tuas virtudes e, acima de tudo, a glorificação de um Deus sábio, todo-poderoso, justo e bom. Recebe, pois, as nossas ações de graças aos pés do Eterno que quis dissipar à nossa volta as trevas do erro e da incredulidade.

Ainda há pouco tempo viríamos aqui com a fronte gelada e os corações vazios dizer-te adeus para sempre.

Hoje, bem pelo contrário, estamos a dizer-te, com a cabeça levantada, cheia de esperança, e o coração repleto de coragem e amor: “Caro irmão, até breve, e ora por nós”.¹⁰³

Um dos médiuns da Sociedade recebeu, sobre a própria vala ainda aberta, a comunicação seguinte, que todos os assistentes, bem como os coveiros, escutaram de cabeça descoberta e com uma profunda emoção. Foi uma cena sem precedentes, um espetáculo novo e tocante ouvir as palavras de um morto, recolhidas do próprio seio da terra:

“Obrigado, meus amigos, a minha cova ainda não está fechada, faltam breves momentos para que a terra cubra os meus restos. Mas sabeis perfeitamente que a minha alma não ficará aí misturada, vai voar no espaço para subir até Deus. Sendo assim, com o corpo desfeito, como é consolador poder dizer: “*Não, não estou morto, vivo a vida verdadeira, a que irá durar eternamente!...*”

O acompanhamento do pobre não foi seguido por muita gente. As manifestações orgulhosas não são celebradas junto à sepultura. Contudo, podem crer, *não faltou aqui uma multidão de bons Espíritos* que seguiram convosco e com aquelas mulheres piedosas o corpo do que está ali deitado. Pelo menos todos vós acreditais e todos amais o bom Deus.

“Oh, certamente que não, nenhum de nós morre por se ter esgotado o corpo, esposa bem-amada! E daqui em diante eu estarei sempre junto de ti para te confortar e ajudar a suportar a prova. A vida será rude mas, com a ideia da eternidade e com o coração cheio do amor de Deus, serão mais suportáveis os teus sofrimentos. Familiares que aqui se encontram, ajudai por favor a minha querida companheira. Amai-a, respeitai-a, sede para ela como irmãos e irmãs. Não esqueçam todos que devem ajudar-se uns aos outros, na Terra, se querem entrar no convívio do Senhor.

E vós espíritas, irmãos, amigos, obrigado por terem vindo dizer-me adeus junto desta morada de pó e de lama. Mas vós sabeis, sabeis bem que a minha alma é imortal, que ela irá muitas vezes pedir-vos preces que não me serão recusadas, para me ajudar a caminhar nesta via magnífica que me abristes durante a minha vida.

Adeus a todos, que estais aqui. As almas chamam-me ao seu encontro. Adeus, orem por aqueles que sofrem. Adeus!”

Costeau

Três dias mais tarde, o Espírito do Sr. Costeau, evocado num grupo particular, ditou, através de outro médium, o seguinte:

“A morte é a vida, não me canso de repetir. Para vós não há outra expressão diferente, mau grado o que disso dizem os materialistas, que desejam permanecer cegos. Meus amigos, que bela aparição na Terra, a de ver flutuar ao vento as bandeiras do espiritismo. Ciência magnífica da qual conheceis apenas as primeiras palavras! Que claridades revela às pessoas de boa vontade, às que quebraram as cadeias terríveis do orgulho, para arvorar ao alto a sua fé em Deus. Oraí, humanos, agradecei-lhe todas as suas generosidades. Pobre humanidade, se todos pudessem compreender! Ainda não chegou o tempo em que a misericórdia de Deus poderá estender-se sobre todos, a fim de que reconheçam as suas vontades e as aceitem.

É pelos teus raios luminosos, ciência bendita, que aí chegarão e que compreenderão. É ao teu calor benfazejo que virão aquecer os seus corações no fogo divino que traz a fé e as consolações. É sob os teus raios vitalizantes que *patrões e empregados* virão unir-se em fraternidade, porque então compreenderão a caridade fraterna que é ensinada pelo divino Messias.

Oh, Irmãos, pensai na felicidade imensa que possuís por terdes sido os primeiros iniciados na obra da regeneração. É vossa a grande honra! Continuai e, como eu, chegando um dia à pátria dos Espíritos,

¹⁰³ Para mais detalhes, e outras alocações ver Revista Espírita, Outubro de 1863, pg. 297. (A. K.)

direis: *A morte é a vida!* Melhor, é um sonho, uma espécie de pesadelo que dura o espaço de um minuto, e do qual se sai para encontrar um enorme grupo de amigos que vos felicitam, felizes por vos estenderem os braços.

A minha felicidade foi tão grande que não entendia que Deus pudesse conceder-me tantas graças por ter feito tão pouco. Parecia-me sonhar e, como por vezes me sucedia sonhar que estava morto, tive medo, durante um instante, de ser obrigado a regressar a esse corpo infeliz. Não tardei a reconhecer a realidade e agradeci a Deus. Dei as bênçãos ao mestre que soube tão bem acordar em mim os deveres do homem que sonha com a vida futura. Sim, abençoei-o e agradeci-lhe, porque “O Livro dos Espíritos” tinha despertado na minha alma os impulsos de amor pelo meu Criador.

Obrigado, meus amigos, de me terem chamado a vós. Dizei aos vossos irmãos que me encontro frequentemente com o nosso amigo Sansão. Adeus e coragem! A vitória espera-vos. Felizes os que tomaram parte neste combate.

Depois dessa altura Costeau manifestou-se frequentes vezes, tanto na Sociedade Espírita como noutras reuniões, onde sempre deu provas desta elevação de pensamentos que caracteriza os Espíritos avançados.

A MENINA EMMA

Jovem que morreu vítima de um acidente causado pelo fogo, depois de enormes sofrimentos. Houve alguém que propôs pedir que fosse feita a sua evocação na Sociedade Espírita de Paris, quando ela se apresentou espontaneamente no dia 31 de Julho de 1863, pouco tempo depois da sua morte.

“Aqui estou ainda no teatro do mundo, eu que me julgava sepultada para sempre com o meu véu de inocência e juventude. O fogo da terra livrou-me do fogo do inferno; assim julgava entregue à fé católica e, se não me atrevia a olhar os esplendores do paraíso, a minha alma, tremendo, refugiava-se na expiação do purgatório e orava, sofria, chorava. O que é que dava forças à minha fraqueza para suportar as angústias? Quem é que, nas noites de insónia e de febre dolorosa se inclinava sobre o meu leito de mártírios? Quem me refrescava os lábios secos? Eras tu, meu querido anjo da guarda, cuja branca auréola me envolvia. Ereis também vós, Espíritos amigos, que me vinham segregar palavras de esperança e amor.

A chama que consumia o meu corpo débil afastava de mim o interesse por tudo o que se passava. *Eu morri já viva, na vida verdadeira.* Não passei pela perturbação, entrei serena e recolhida no dia radioso que envolve os que muito sofreram e esperaram um pouco. A minha querida mãe foi a última vibração terrena que chegou à minha alma. Como eu gostava que ela já estivesse no mundo dos Espíritos!

Soltei-me da árvore terrena como um fruto maduro antes do tempo. Estava ainda só ligeiramente tocada pelo demónio do orgulho que fere as almas dos infelizes arrastados pelo sucesso brilhante e pela embriaguez da juventude. Bendigo a chama, os sofrimentos e a prova, que era uma expiação. Como as neblinas do Outono, vou levada pelas correntes de luz. Já não são as estrelas de diamante que brilham na minha fronte, mas sim as estrelas de ouro do bom Deus.”

Emma

Noutro centro espírita, no Havre, o mesmo Espírito deu também, espontaneamente, no dia 30 de Julho de 1863, a seguinte comunicação:

“Os que sofrem na Terra são recompensados na outra vida. Deus é cheio de justiça e de misericórdia para com os que sofrem aqui em baixo. Concede uma felicidade tão pura, tão perfeita, que não deveríamos temer nem as dores nem a morte, se fosse possível às pobres criaturas humanas sondar e compreender já todos os desígnios do nosso Criador.

A Terra é um lugar de provas e de aprendizagens muito importantes, por vezes semeadas de dores muito difíceis. Se formos atingidos por isso, devemos reagir com a máxima resignação, para nossa própria conveniência.

Todos devem inclinar-se perante a bondade suprema de Deus todo-poderoso, se vos apresentar dificuldades pesadas. No fim dessas dores e dificuldades, chamar-vos-á a si. Vereis na vida futura, na vida feliz, como essas dificuldades eram bem pouco nas provas vividas na Terra, por comparação com a enorme recompensa que Deus vos reserva, se encararam as vossas provas com coragem e resignação, sem queixumes no vosso coração.

Muito jovem deixei a Terra. Deus quis perdoar-me e dar-me a vida daqueles que respeitam as suas vontades. Adorem sempre a Deus; amem-no de todo o coração. Façam-lhe as vossas orações. Orem-lhe firmemente, é o vosso amparo aqui em baixo, a vossa esperança, a vossa salvação. “

Emma

O Dr. VIGNAL

Antigo membro da Sociedade de Paris, faleceu no dia 27 de Março de 1865. Na véspera do funeral, um sonâmbulo muito lúcido, que vê muito bem os Espíritos, solicitado para ir junto dele e para dizer se o via, respondeu: “Vejo um cadáver no qual se efetua um imenso trabalho: parece uma massa que se agita, como se qualquer coisa procurasse libertar-se dele, mas que tem grandes dificuldades em vencer a resistência. Não consigo ver a forma exata do Espírito.”

Vignal foi evocado na Sociedade de Paris no dia 31 de Março:

P.: Caro Vignal, todos teus amigos da Sociedade de Paris guardam de ti a melhor recordação. Eu, em especial, guardo a recordação das melhores relações sempre constantes entre nós, que se mantêm. Ao chamar-te a nós, tínhamos primeiramente o desejo de te manifestar a nossa simpatia, ficando muito satisfeitos se quiseses ou puderes vir falar connosco.

R.: Caro amigo e mestre, a vossa boa recordação e os testemunhos de simpatia sensibilizam-me muito. Se pude vir hoje aqui e assistir, livre e liberto, a esta reunião dos nossos amigos e irmãos espíritas, foi graças aos vossos bons pensamentos e ao auxílio que me foi prestado pelas vossas orações. Como bem dizia o meu jovem secretário, estava ansioso para falar convosco. Desde o início deste serão, empreguei todos os meus esforços espirituais para dominar este desejo. As vossas conversas e todos os assuntos sérios de que trataram, interessaram-me vivamente e ajudaram a passar o tempo mais facilmente. Peço-vos perdão, porque o meu reconhecimento ansiava manifestar-se.

P.: Explica-nos primeiro como te encontras no mundo dos Espíritos. Diz-nos como ocorreu a separação, as sensações que tiveste e ao fim de quanto tempo te reconheceste.

R.: Estou tão feliz quanto é possível, quando se vê confirmarem-se plenamente todos os pensamentos secretos que possamos ter tido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Estou feliz! Sim, sou feliz porque agora vejo, sem nenhuma dificuldade, desenvolver-se perante mim o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Afastemos por hoje essas digressões inoportunas; virei de novo falar convosco a este respeito, sabendo que a minha presença vos dará tanto prazer como a mim me dá visitar-vos.

A separação foi bastante rápida. Mais rápida do que o meu pouco mérito me fazia esperar. Fui muito ajudado pela vossa preciosa ajuda e o vosso sonâmbulo deu-vos uma ideia muito clara do fenómeno da separação, por isso não vou insistir sobre esse assunto. Foi como uma oscilação descontínua, uma espécie de exercício de tração em dois sentidos opostos. O Espírito levou a melhor,

visto que estou aqui. Só deixei totalmente o corpo quando ele foi depositado na terra; regressei dali depois, na vossa companhia.

P.: Que pensais vós a respeito do serviço que é feito para os vossos funerais? Tenho tomado como dever assistir a eles. Neste momento julgo que estais suficientemente desligado para o observar. E as preces que fiz por vós, não ostensivamente, bem entendido, chegaram até vós?

R.: Sim, como já vos disse, a assistência à vossa cerimónia foi muito numerosa, e regressei de lá convosco, abandonando completamente o meu velho veículo existencial. As coisas materiais têm muito pouco sentido para mim. De resto, já sabem que só pensava na minha alma e em Deus.

P.: Lembras-te de que, a teu pedido, há 5 anos, no mês de Fevereiro de 1860 fizemos um estudo sobre ti, estando ainda vivo? ¹⁰⁴ O teu Espírito, nessa altura, libertou-se para vir falar connosco. Queres descrever, tanto quanto for possível, a diferença entre essa libertação e esta de agora?

R.: Sim, recordo-me, e é imensa a diferença entre o meu estado agora e aquele que experimentei nessa altura. Nessa altura a matéria restringia-me ainda na sua rede inflexível. Queria libertar-me de uma forma mais completa, e não podia. Agora sou livre. Um campo vasto, o do desconhecido, abre-se à minha frente. Espero, com a vossa ajuda e a dos Espíritos aos quais me recomendo, avançar e compenetrar-me, o mais rapidamente possível, dos sentimentos que é necessário experimentar e dos atos que é preciso realizar para percorrer o caminho da prova e merecer o mundo das recompensas. Que majestade, que grandeza! É quase um sentimento de pavor que me domina, quando, fraco como sou, quero alcançar as luzes sublimes.

P.: Mais tarde teremos a felicidade de voltar a esta conversa, quando quiseres aqui voltar.

R.: Respondi apenas resumidamente e sem seguimento às vossas perguntas. Não peçam demais ao vosso fiel aluno. Não estou ainda totalmente livre. Continuar a conversar seria uma felicidade. O meu guia modera o meu entusiasmo. Já experimentei a sua bondade e justiça o suficiente para me submeter inteiramente à sua decisão, embora lamente ter de ser interrompido. Tenho, entretanto, o privilégio de poder vir assistir às vossas reuniões incognitamente. Um dia falaremos nisso. Amo-vos e quero dar provas disso. Mas outros espíritos, mais avançados do que eu, reclamam a prioridade, e devo apagar-me perante aqueles que concederam a autorização ao meu Espírito para dar livre curso à torrente de pensamentos que tinha em mente.

Deixo-vos, amigos, e agradeço redobradamente, não apenas aos vossos espíritos, por me terem chamado, mas também a este Espírito que me deixou tomar o seu lugar e que, enquanto vivo, tinha o nome ilustre de Pascal.

Despede-se o que foi e será sempre o mais devotado dos vossos adeptos.

Espírito VIGNAL

¹⁰⁴ Ver Revista Espírita de Março 1860 (A.K.)

Jovem piloto de barra no porto do Havre, morto com a idade de vinte anos.

Morava com a mãe, comerciante pobre, à qual prestava os cuidados mais ternos e afetuosos, e que ele sustentava com o produto do seu rude trabalho. Nunca frequentou cabarés, nem se entregou aos excessos tão frequentes no meio em que vivia, para não desperdiçar os seus ganhos que orientava para os gastos consigo e com sua mãe. Todo o tempo que estava fora do serviço era a ela que se dedicava, para que não se fatigasse.

Atingido, há muito tempo, pela doença de que pensava vir a falecer, escondia-lhe os sofrimentos para não lhe causar preocupações e para que ela não tivesse que trabalhar para ele.

Este jovem precisava de grandes qualidades naturais e uma força de vontade muito grande para resistir, na idade das paixões, às perniciosas influências do meio em que vivia. Era de uma piedade sincera e a sua morte foi edificante.

Na véspera de morrer fez questão de que sua mãe fosse repousar, dizendo que ele mesmo queria ir dormir. A mãe teve nessa altura uma visão. Estando num quarto escuro, viu um ponto luminoso que foi aumentando progressivamente até que o seu pobre quarto ficou inundado de luz, da qual se destacou a figura do seu filho, radioso e subindo para o espaço infinito. Compreendeu que o seu fim estava próximo. No dia seguinte, enquanto fazia uma prece, a alma dele libertou-se deste mundo.

Uma família espírita que conhecia a belíssima conduta de Victor Lebufle, que se interessava pela mãe que ficou sozinha, teve a intenção de evocá-lo pouco tempo depois de ter falecido, mas ele manifestou-se espontaneamente, comunicando o seguinte:

“Desejam saber como me encontro agora. Saibam que estou bem, feliz, muito feliz! Não pensem que não servem para nada os sofrimentos e as angústias, porque eles são a fonte das bênçãos e da felicidade de além-túmulo. Da felicidade! Nem compreendeis bem o que esta palavra significa. As alegrias da Terra estão tão longe do que sentimos logo que voltamos para o Pai, com a consciência pura, com a confiança do servidor que cumpriu o seu dever, e que espera, cheio de alegria, a aprovação d’aquela que é tudo!

Oh, meus amigos, a vida é penosa e difícil, se não olharmos para o fim. Mas digo-vos, por ser a verdade, que quando para aqui vierem, se sempre tiverem seguido as leis de Deus, serão recompensados além, muito além dos sofrimentos e dos méritos que julguem ter ganho para alcançar o céu. Sede bons, caridosos, praticai essa caridade desconhecida para muitas pessoas, que se chama amabilidade. Sejam prestáveis para com os vossos semelhantes. Fazei por eles melhor do que desejais para vós mesmos, já que ignorais a miséria íntima e só conheceis a vossa pobreza. Ajudai a minha mãe, a minha pobre mãe, a minha única preocupação enquanto estava vivo. Ela irá passar por outras provas e é necessário que consiga chegar ao céu. Adeus. Vou mesmo agora para junto dela.

Victor

Comunicação do guia do médium:

Os sofrimentos suportados durante uma encarnação terrestre nem sempre são punições. Os Espíritos que, pela vontade de Deus, vêm cumprir missões, como os que vêm fazer-vos comunicações, ficam felizes quando enfrentam males que, para outros, são expiações. O sono recupera-os perto do Altíssimo, e dá-lhes as forças de tudo suportar para sua grande glória.

A missão deste Espírito, nesta sua existência, não era uma missão de alto relevo. Embora modesta, teve maior mérito, porque não podia ser estimulado pelo orgulho. Tinha principalmente um dever de reconhecimento a cumprir para com esta pessoa que foi sua mãe. Devia depois provar que, nos

piores ambientes, também podem encontrar-se almas puras, com sentimentos nobres e elevados e que, com vontade, podemos resistir a todas as tentações. Foi uma prova em que as qualidades tiveram uma causa anterior, e o exemplo dado não foi estéril.

SENHORA ANAÏS GOURDON

Mulher muito jovem, notável pela doçura do seu carácter e por qualidades morais do mais alto nível, faleceu em Novembro de 1860. Pertencia a uma família de trabalhadores das minas de carvão dos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para avaliar as suas qualidades como Espírito.

Evocação. R.: Já aqui estou.

P.: O teu marido e o teu pai pediram-me que te chamasse, e ficarão muito felizes com a tua comunicação.

R.: Também fico feliz por poder fazê-la.

P.: Por que motivo foste levada tão cedo da afeição da tua família?

R.: Por ter terminado as minhas provas terrenas.

P.: Vais visitá-los com frequência?

R.: Sim, vou lá frequentemente.

P.: Estás feliz, como Espírito?

R.: Estou feliz, confio, espero e amo. Os céus não me causam receios e espero com confiança e amor que as asas brancas me transportem.

P.: Que significam para ti essas asas?

R.: Espero a transformação em Espírito puro, e espero brilhar como os mensageiros celestes que me iluminam.

As asas dos anjos, arcanjos e serafins – que são Espíritos puros, são apenas um atributo imaginado pelos seres humanos, para ilustrar a rapidez com que se transportam, porque a sua natureza imaterial os dispensa de sustentação para se deslocarem pelos espaços. Podem, no entanto, aparecer aos vivos com esses acessórios para corresponderem às suas ideias, tal como outros Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra para poderem ser reconhecidos.

P.: O que é que os teus pais podem fazer que te possa ser agradável?

R.: Os meus muito queridos pais podem evitar entristecerem-se para não me causarem tristeza com as suas penas, porque sabem que não estou perdida para eles. Que a minha lembrança seja para eles doce, leve e sempre agradável. Passei pela vida como uma flor, e nada de triste deve ficar da minha rápida passagem.

P.: O que é que faz com que a tua linguagem seja sempre poética e tão pouco correspondente com o que viveste na Terra?

R.: Porque é a minha alma que vos fala. Sim, tinha conhecimentos adquiridos e Deus permite aos Espíritos delicados encarnarem na companhia de pessoas simples e rudes para lhes dar a conhecer a delicadeza que alcançarão e compreenderão mais tarde.

Sem esta explicação tão lógica, e tão de acordo com a generosidade de Deus, muitas pessoas não terão compreendido o que, à primeira vista, pode ter parecido um erro. Na realidade, nada existirá de mais poético que a linguagem desta jovem, educada junto dos mais rudes trabalhos. A contrapartida vê-se frequentemente. São os espíritos inferiores, encarnados entre pessoas mais evoluídas, mas com o efeito contrário; é tendo em vista a sua evolução que Deus os colocou em contacto com um ambiente esclarecido e, por vezes, também para servir de prova nesse mesmo mundo. Que outra filosofia poderá resolver tais problemas?

MAURICE GONTRAN

Era filho único, faleceu aos dezoito anos por doença pulmonar. Era muito inteligente, precoce, muito aplicado, bom feito, carinhoso e simpático. Tinha todas as qualidades que fazem prever um futuro brilhante. Terminou cedo os seus estudos, com muito bons resultados, e trabalhava para a Escola Politécnica. Para os pais, o seu falecimento foi causa de desgosto profundo, tanto mais penoso quanto ele sempre tivera uma saúde delicada, e eles atribuíam o seu fim prematuro ao excesso de trabalho que fazia e lhe criticavam. Perguntavam-se: “Para que é que lhe serve agora tudo o que aprendeu? Melhor teria sido ficar ignorante porque não tinha necessidade disso para viver, e sem dúvida ainda estaria entre nós! Seria o consolo dos nossos velhos dias.”

Se conhecessem o espiritismo teriam, sem dúvida, pensado de outra maneira. Mais tarde encontraram o verdadeiro consolo. A comunicação seguinte foi transmitida pelo filho a um dos seus amigos, alguns meses depois do falecimento.

P.: Meu caro Maurício, os ternos sentimentos que tinhas para com os teus pais faz com que não duvide do desejo que tens de lhes levantar o ânimo, se puderes fazê-lo. A grande tristeza, diria mesmo, o desespero em que ficaram depois do teu falecimento, faz-lhes mal à saúde, além de lhes dar grande desgosto. Algumas palavras tuas poderão certamente fazer-lhes renascer a esperança.

R.: Caro amigo, estava inquieto, à espera da ocasião que me ofereceste para comunicar. Aflige-me a tristeza dos meus pais, mas acalmar-se-ão quando tiverem a certeza de que não estou perdido para eles. Peço-te que faças os possíveis para os convenceres dessa realidade, e certamente conseguirás.

Era necessário este acontecimento para os conduzir à compreensão dum facto que fará a sua felicidade e que os ensinará a não reclamarem dos desígnios da Providência. O meu pai, como sabes, era muito céptico relativamente à vida futura. *Deus permitiu que tivesse esta aflição para tirá-lo desta descrença.*

É neste mundo que voltaremos a encontrar-nos, neste mundo onde não existem os desgostos da vida, e onde cheguei antes deles. Diz-lhes que a satisfação de me reencontrarem no mundo espiritual lhes será recusada em consequência da sua falta de confiança na bondade de Deus. Também serei impedido de comunicar com eles enquanto estiverem no mundo material. O desespero é a revolta contra a vontade do Todo-poderoso, *que tem sempre como consequência o prolongamento da causa que a ele conduziu*, e até que seja ultrapassada. O desespero é um verdadeiro suicídio, porque mina as forças do corpo. Também aqueles que abreviam a sua vida com a intenção de escaparem mais cedo às torturas da dor, preparam-se para as decepções mais cruéis. Pelo contrário, é conveniente tratar muito bem das forças do corpo, para poder suportar o melhor possível o peso do desgosto.

É a vós, meus queridos pais, que agora me dirijo. Depois de me ter libertado do meu corpo material, nunca mais deixei de estar junto de vós, muitas vezes mais tempo do que quando estava vivo, na Terra. Consolai-vos, pois, porque não estou morto. Estou até mais vivo que vós.

Só o meu corpo está morto, mas o meu Espírito vive sempre. Ele é livre e feliz, ao abrigo das doenças, das enfermidades e da dor. Em vez de se afligirem, alegrai-vos por saber que me encontro

num ambiente liberto de cuidados e preocupações, onde o coração está inebriado de uma alegria pura. Nunca lamentem aqueles que morrem cedo. É uma graça concedida por Deus para lhes minorar os sofrimentos na Terra. A minha vida, desta vez, não se devia prolongar mais na Terra. Já tinha cumprido os deveres que me cabia cumprir, para me preparar mais tarde para uma missão mais importante.

Se eu tivesse vivido mais tempo, sabe-se lá a que perigos e seduções estaria sujeito. Sabei que, se não tivesse a coragem suficiente para lhes resistir, teria sucumbido, podendo isso representar, para mim, um atraso de vários séculos. Para quê lamentar algo que me foi vantajoso? Uma dor inconsolável, neste caso, seria a prova de uma falta de fé, e só poderia ter sido legitimada pela crença no nada. São de lamentar aqueles que se deixam cair nessa falta, porque para esses casos não há consolação possível: os seres que lhe são queridos ficam perdidos para eles. O túmulo leva-lhes a última esperança.

P.: Tiveste morte dolorosa?

R.: Não, meu amigo. Só sofri antes de morrer da enfermidade que me levou, *mas cada vez menos à medida que o último momento se aproximava*. Um dia, adormeci sem pensar na morte. Tive um sonho delicioso. Sonhei que estava curado, que já não sofria e que respirava a plenos pulmões, um ar perfumado e fortificante. Era transportado pelo espaço por uma força desconhecida. Uma luz fascinante resplandecia à minha volta, sem, no entanto, me cansar a vista. Vi o meu avô, que já não tinha o seu aspeto descarnado, mas sim um ar de frescura e juventude. Estendeu-me os braços e abraçou-me com força contra o peito. Um enorme grupo de outras pessoas sorridentes acompanhavam-no. Todas me acolhiam sorridentes e parecia-me reconhecê-las a todas. Revê-las era uma felicidade, entre palavras de reconhecimento e amizade.

Enfim, o que me parecia um sonho era a própria realidade. Já não iria despertar na Terra, mas no mundo dos Espíritos.

P.: A doença não teria sido motivada pela tua excessiva dedicação ao estudo?

R.: Oh não! Disso podes estar seguro. O tempo que teria de passar na Terra estava marcado com exatidão, e ninguém me iria manter vivo mais do que isso. O meu Espírito, nesses momentos finais, sabia-o bem, e estava feliz, sonhando com a sua próxima libertação. O tempo que passei vivo, de resto, não foi isento de vantagens, e felicito-me, hoje, por ter sabido aproveitá-lo. Os estudos sérios que fiz fortaleceram a minha alma e aumentaram os meus conhecimentos. Foram coisas aprendidas e, se não pude usá-las durante o meu curto período de vida junto de vós, farei isso mais tarde, com mais proveito.

Adeus, caro amigo. Vou ter com os meus pais, prepará-los para receberem esta comunicação.

MAURICE

JOSEPH BRÉ

Faleceu em 1840, evocado em Bordéus em 1862, pela sua neta
Homem honesto segundo Deus ou segundo os homens

P.: Querido avô, podes dizer-me como estás no mundo dos Espíritos, e dar-me alguns pormenores instrutivos para a nossa evolução espiritual?

R.: Tudo quanto queiras, minha querida. Encontro-me a expiar a minha falta de fé, mas a bondade de Deus é grande, leva em conta as circunstâncias. Sofro, não como possas imaginar, mas porque lamento não ter utilizado bem o tempo que vivi na Terra.

P.: Como é que não usaste bem o teu tempo? Foste sempre honesto!

R.: Sim, do ponto de vista humano. Contudo, *há um abismo entre a honestidade de um ponto de vista humano e a honestidade perante Deus*. Queres instruir-te, minha querida. Então vou tentar fazer-te compreender a diferença.

Entre vós entende-se que uma pessoa é honesta quando respeita as leis do seu país, coisa que difere de pessoa para pessoa. Uma pessoa é honesta sempre que não lança mão das coisas que pertencem a outrem. Porém, tira-lhes muitas vezes, sem escrúpulo, a honra ou a felicidade, quando as leis ou a opinião pública não podem condenar o hipócrita que assim faz.

Quando se podem gravar, no túmulo de alguém, elogios de virtudes públicas, todos julgam que ele pagou a sua dívida à humanidade. Que grande erro!... Não basta, perante Deus, não ter infringido as leis dos códigos humanos. O essencial é não ter transgredido as leis divinas!

A pessoa honesta, perante Deus, é aquela que – cheia de devoção e amor – dedica a sua vida ao bem, ao progresso dos seus semelhantes; aquela que, animada de um zelo fervoroso, é ativa na vida. Ativa a cumprir os deveres materiais que lhe são impostos, porque deve dar aos seus semelhantes provas de amor ao trabalho; ativa nas boas obras, porque não deve esquecer que é um servidor a quem o mestre pedirá contas, um dia, do emprego que fez do tempo; ativa quanto aos objetivos a alcançar, pois deve dar exemplo de amor ao Senhor e ao próximo. A pessoa honesta perante Deus deve evitar o uso de palavras mordazes, veneno escondido sob as flores, que muitas vezes destroem reputações e podem matar moralmente outras pessoas, cobrindo-as de ridículo. A pessoa honesta, perante Deus, deve manter o coração fechado ao menor sintoma de orgulho, de inveja, de ambição; deve ser paciente e delicada com aqueles que a atacam; deve perdoar do fundo do coração, sem esforços e, sobretudo, sem ostentação, para quem a tenha ofendido. Deve amar o seu Criador em todas as criaturas. Deve pôr em prática este resumo tão conciso e tão extenso de deveres dos humanos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao seu próximo como a si mesmo.

Eis, minha querida, aproximadamente o que deve ser uma pessoa honesta perante Deus. Pois bem, será que cumpri tudo isto? Não. Falhei em muitas destas regras, confesso sem corar. Não tive a ação que uma pessoa deve ter. O esquecimento do Senhor levou-me a outras falhas que, por não serem infrações da lei humana, não deixam de ser faltas perante a lei de Deus. Quando dei por isso, sofri bastante. É por isso que hoje espero, com a esperança consoladora na bondade de Deus, que vê o meu arrependimento.

Diz isso, querida filha, repete-o a todos os que têm a consciência pesada; que compensem as suas faltas com boas obras, e a misericórdia divina será tolerante, tendo a mão leve. Contará as expiações com olhos paternais, e a sua mão poderosa apagará as faltas.

Jovem de vinte e cinco anos, morreu subitamente em breves minutos, em sua casa, sem sofrimentos e sem causa prévia conhecida. Era rica, um pouco frívola e, devido à ligeireza do seu carácter, ocupava-se mais das futilidades da vida do que de coisas sérias. Apesar disso, tinha bom coração. Era doce, bondosa e caridosa.

Evocada três dias depois do falecimento, por pessoas suas conhecidas, falou assim:

“Não sei onde estou... que perturbação me envolve... Chamaste-me e vim. Não percebo porque não estou em minha casa. Choram a minha ausência e estou lá... não posso dar-me a conhecer a ninguém. O meu corpo deixou de me pertencer e, contudo, sinto-o frio, gelado. Quero deixá-lo, mas estou presa, lá. Volto sempre a ele ... sou duas pessoas. Quando será que vou compreender o que se passa?.. Tenho que ir lá abaixo... o meu outro EU, como estará sem mim!... Adeus”

O sentimento de dualidade, que ainda não foi destruído por uma separação completa, é evidente.

Fraqueza de carácter, posição abastada que permitia a satisfação dos caprichos, favorecia a superficialidade. Nada surpreende que o seu desligamento tenha sido lento e que três dias depois ainda se sentisse ligada ao seu veículo corporal. Como não havia nela nenhum vício sério, e o fundo era bom, a sua situação não era muito penosa e não durou muito tempo. Evocada alguns dias depois, as suas ideias já tinham mudado muito. Falou assim:

“Muito obrigado por terem orado por mim. Reconheço a bondade de Deus que me dispensou de sofrimentos e das preocupações no momento da separação do meu corpo. A minha pobre Mãe terá grande dificuldade em resignar-se. Mas será apoiada e, aquilo que aos seus olhos parecerá uma terrível infelicidade era indispensável, para que as coisas do céu se tornassem para ela aquilo que devem ser: tudo. Estarei permanentemente junto dela durante toda a sua vida terrena, e ajudá-la-ei a suportá-la.

Não estou infeliz, mas tenho muito que trabalhar para avançar para o repouso feliz.

Pedirei a Deus que me permita um regresso à Terra, para poder recuperar o tempo perdido nesta existência. Que a fé vos ampare, meus amigos. Tenham confiança na eficácia da prece, se for feita verdadeiramente com o coração. Deus é bom.”

P.: Levaste muito tempo a reconhecer-te?

R. Compreendi a morte no momento em que oraste por mim.

P. O estado de perturbação fazia-te sofrer?

R.: Não. Não sofri. Pensava que era um sonho e esperava o despertar. A minha vida não foi isenta de dores, mas todos os seres encarnados aqui em baixo devem sofrer. Resignei-me à vontade de Deus, e ele teve isso em conta. Agradeço-vos muito as preces que ajudaram a reconhecer-me.

Obrigado. Virei sempre com prazer. Adeus

HÉLÈNE

O MARQUÊS DE SAINT-PAUL

Falecido em 1860, evocado a pedido da irmã, membro da Sociedade de Paris, no dia 16 de Maio de 1861

Evocação R.: Aqui estou.

P.: A tua irmã pediu-nos que te evocássemos, embora seja médium. Não se sente suficientemente formada para estar segura de si.

R.: Tentarei responder o melhor que possa;

P.: A tua irmã deseja saber se estás feliz.

R.: Encontro-me no estado “entre vidas”, um estado que nem é de felicidade nem de castigo propriamente dito.

P.: Quanto tempo demoraste a reconhecer-te?

R.: Estive perturbado muito tempo e consegui sair desse estado apenas para bendizer a piedade daqueles que não me esqueceram e oraram por mim.

P.: Podes calcular o tempo que durou essa perturbação?

R.: Não.

P.: Quais foram os teus parentes que conseguiste reconhecer primeiro?

R.: Reconheci a minha mãe e o meu pai, ambos presentes quando despertei. Orientaram-me na minha nova vida.

P.: Porque é que, no fim da tua enfermidade, parecias conversar com aqueles que tinhas amado na Terra?

R.: Porque tive, antes de morrer, a revelação do mundo para onde ia habitar. Eu era vidente, antes de morrer; os meus olhos velaram-se durante a passagem da separação definitiva do corpo, porque as ligações materiais ainda estavam muito fortes.

P.: Porque é que te acorriam de preferência as recordações infantis?

R.: Porque o começo está mais perto do fim da vida, do que a idade madura.

P.: Porque dizes isso?

R.: Porque os moribundos lembram-se e veem, como numa miragem de consolo, os tempos de pureza da infância.

É talvez um motivo providencial semelhante ao dos velhos que, à medida que se aproximam do fim, têm em certos casos recordações com os mínimos detalhes dos seus primeiros anos.

P.: Por que motivo, falando do teu corpo, falas sempre na terceira pessoa?

R.: Porque era vidente, como te disse, e sentia claramente qual era a diferença existente entre o físico e o moral. Essas diferenças, ligadas entre si pelo fluido da vida, tornam-se muito diferenciadas aos olhos dos moribundos videntes.

É uma particularidade especial que apresentou a morte deste homem. Nos seus últimos momentos, dizia sempre: “ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber”; “tem frio, é preciso agasalhá-lo”; “Está com dores...”;

E quando alguém lhe dizia: “Mas és tu que estás com sede” ele respondia: “não, é ele”.

Assim se demonstravam claramente as duas existências. O “eu pensante” está no Espírito e não no corpo; O Espírito já em parte liberto, considerava o seu corpo como uma outra individualidade que não era a sua propriamente dita; era ao seu corpo que era preciso dar de beber e não a si, o Espírito. Este fenómeno também sucede com certos sonâmbulos.

P.: O que disseste a respeito do teu estado entre vidas, e da duração da tua perturbação, permitiria julgar que não estás muito feliz e, no entanto, as tuas qualidades permitiriam pensar o contrário. Há, de resto, entre encarnações, certos Espíritos que estão felizes, como há outros que estão infelizes.

R.: Eu estou num estado transitório; as virtudes humanas adquirem aqui o seu verdadeiro valor. Sem dúvida que o meu estado é mil vezes preferível ao da encarnação terrestre, mas sempre tive em mim as aspirações do bem e do belo, e a minha alma só se encontrará satisfeita quando voar aos pés do seu Criador.

O Senhor CARDON, médico¹⁰⁵

Cardon pertencera à marinha mercante na qualidade de médico de um baleeiro, tendo desenvolvido hábitos e ideias de tipo materialista. Retirado para a aldeia de J..., exercia a modesta profissão de médico do campo. Algum tempo depois percebeu que tinha desenvolvido uma hipertrofia cardíaca e, sabendo que era incurável, o pensamento da morte mergulhava-o numa grande melancolia de que ninguém conseguia libertá-lo.

Com dois meses de antecedência previu o dia exato do seu falecimento. Reuniu a família para se despedir. A esposa, a mãe, três filhos e outros parentes reuniram-se à volta do seu leito para um adeus final. No momento em que a esposa o ajudava a sentar-se, curvou-se, ficando lívido de olhos fechados, de forma que todos julgavam que tivesse falecido. A esposa colocou-se à sua frente, para ocultar o espetáculo às crianças. Alguns minutos depois, porém, ele reabriu os olhos. O seu aspeto ficou iluminado por uma radiosa alegria e exclamou: “Oh, meus filhos, como é belo, como é sublime! Oh, a morte, que dádiva, que coisa tão doce! Morri e senti a minha alma elevar-se muito alto, muito alto; mas Deus permitiu-me regressar para vos dizer: Não tenham medo da morte, é uma libertação! Não é possível descrever a magnificência do que vi e as sensações que me penetraram! Não poderão fazer uma ideia, não compreenderão! Oh, meus filhos, procedei sempre de maneira a merecerem esta indescritível felicidade, reservada às pessoas de bem. Praticai a caridade; se tiverem qualquer coisa, partilhai com aqueles que não têm o necessário. Minha querida esposa, não te deixo em muito boas condições. Devem-nos dinheiro. Peço-te por tudo, não atormentes aqueles que nos devem e que não podem pagar. Faz esse sacrifício. Deus te compensará! Meu filho, trabalha para ajudar a tua mãe. Sê sempre um homem honesto e não faças seja o que for que envergonhe a nossa família. Toma esta cruz que me deixou a minha mãe, não te separe dela e que ela te recorde sempre os meus últimos conselhos...

Meus filhos, ajudem-se uns aos outros! Que a boa harmonia reine entre vós. Sejam prestáveis e humildes, perdoem aos vossos inimigos, se querem que Deus vos perdoe a vós.”

Depois, chamando os seus filhos perto de si, estendeu-lhe as mãos, dizendo: “Dou-vos a minha bênção, meus filhos!...” Nesse momento, os seus olhos fecharam-se para sempre!... Porém, a sua fisionomia manteve um aspeto tão magnífico até ao momento de ser sepultado, que uma grande quantidade de pessoas veio vê-lo com admiração.

Estes interessantes detalhes foram-nos fornecidos por um amigo de família do Dr. Cardon. Pensámos que a sua evocação poderia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo que seria útil para o Espírito.

¹⁰⁵ Repare o leitor que esta comunicação tem o contexto exato daquilo que nos nossos dias é designado como “experiência de quase-morte” EQM. Vide <https://palavraluz.com/category/nde-eqm/nde-eqm-espiritismo-revisto-e-simplificado/>. (N.T.)

Evocação R.: Aqui estou.

P.: Foram-nos descritos os teus últimos momentos de vida, que nos encheram de admiração. Podes fazer-nos o favor de descrever, como só tu saberás, aquilo que viste no intervalo do que podemos chamar as tuas duas mortes?

R.: Podereis acaso compreender aquilo que vi? Não sei, porque não consigo encontrar palavras capazes de tornar compreensível o que pude ver durante os breves momentos em que consegui estar ausente do meu corpo.

P.: Tens uma ideia de onde estiveste? É longe da Terra, noutra planeta ou no espaço?

R.: O Espírito não conhece o valor das distâncias tal como são compreendidas por vós. Levado por um agente maravilhoso de que não tenho ideia, vi o esplendor de um céu, como só em sonhos. Essa viagem através do infinito foi feita tão rapidamente que não posso ter ideia do tempo que foi vivido pelo meu Espírito.

P.: Neste momento, ainda estás a viver a felicidade que conseguiste alcançar nesses momentos?

R.: Não. Gostaria bem que isso fosse possível, mas Deus não pode recompensar-me assim. Senti-me revoltado com demasiada frequência contra os pensamentos abençoados que o meu coração ditava, e a morte parecia-me uma grande injustiça. Médico incrédulo, fui buscar à arte de curar uma aversão contra uma segunda natureza, que é a nossa natureza inteligente, divina! A imortalidade da alma, para mim, era uma ficção para iludir as pessoas pouco cultas. No entanto, o vazio angustiava-me, porque amaldiçoava frequentemente esse agente misterioso que permanentemente nos bate à porta. A filosofia desorientou-me sem me fazer compreender toda a grandeza do Eterno que sabe repartir a alegria e a dor, para instrução da humanidade.

P.: No momento da verdadeira morte, reconheceste-te logo de seguida?

R.: Não. Reconheci-me durante a transição que o meu Espírito sofreu para percorrer os lugares etéreos. Mas após a morte real, não. Passaram vários dias até ao meu despertar.

Deus concedeu-me uma graça, e vou dizer-vos porquê: a minha incredulidade inicial já não existia. Antes da minha morte, acreditei porque, depois de ter explorado cientificamente a matéria densa que me fazia definhar, depois de mergulhar totalmente nas razões terrenas, a única coisa que consegui encontrar foi a razão divina. Ela tinha-me inspirado e consolado e a minha coragem era mais forte que a dor. Bendizia aquilo que tinha amaldiçoado. O fim tinha, para mim, o aspeto da libertação. A ideia de Deus é tão grande como o mundo!

Que enorme, suprema consolação podemos encontrar na prece, que nos proporciona sentimentos inexplicáveis. **É o elemento mais seguro da nossa natureza imaterial.**

Por ela, compreendi, acreditei firmemente, e foi por isso que Deus, considerando as minhas boas ações, desejou recompensar-me antes de terminar a minha encarnação.

P.: Poderá dizer-se que, da primeira vez, estavas realmente morto?

R.: Sim e não. Tendo o Espírito saído do corpo, a carne extinguiu-se. Porém, ao retomar a sua posse, a vida regressou ao corpo que tinha passado por uma transição, por um sono.

P.: Nessa altura, sentias as ligações ao teu corpo?

R.: Sem dúvida, o Espírito tem uma ligação difícil de quebrar, basta um último arrepio da carne para regressar à vida natural.

P.: Como é que se explica que durante a morte aparente e durante vários minutos, o teu Espírito tenha podido libertar-se instantaneamente sem problemas e, durante a morte natural a libertação

tenha durado vários dias? Parece que, no primeiro caso, as ligações entre a alma e o corpo, tendo-se mantido mais do que no segundo, a separação devia ser mais lenta, e foi o contrário que aconteceu.

R.: Já fizeram daí várias evocações de Espíritos encarnados e receberam respostas reais; eu estava na posição desses Espíritos. Deus chamava-me e os seus servidores tinham-me dito: “Vem”. Obedeci e agradeço a Deus a graça especial que quis conceder-me. Consegui ver e compreender o infinito na sua grandeza. Agradeço por me ter sido permitido, antes da morte, ensinar aos meus como devem preparar boas e justas encarnações.

P.: Como te ocorreram as belas palavras que dirigiste aos teus, no regresso da tua viagem?

R.: Foram o reflexo daquilo que vi e compreendi. Os bons Espíritos inspiraram-me as palavras e iluminaram-me o rosto.

P.: Qual é a impressão que julgas que a tua revelação transmitiu aos teus amigos e familiares, especialmente às crianças?

R.: Espero que tenha sido enorme e profunda. A morte não mente. Os filhos, embora possam ser um pouco ingratos, inclinam-se sempre perante uma encarnação que termina. Se pudéssemos saber a fundo o que sente o coração das crianças, junto a uma sepultura aberta, ver-se-iam apenas os verdadeiros sentimentos, tocados profundamente pela mão oculta dos Espíritos que dizem a todos: “Tremam, se duvidarem; a morte é a reparação, a justiça de Deus.” Garanto-vos que, apesar de incrédulos, os meus amigos e a minha família acreditarão nas palavras que lhes disse antes de morrer. Estava a falar-lhes do outro mundo.

P.: Disseste que não estavas feliz com tudo aquilo que viste. Consideras-te infeliz?

R.: Não! Na minha alma e na minha consciência, antes de morrer, eu era um crente. A dor faz sofrer neste mundo, mas fortalece para o futuro espiritual. Reparem que Deus levou deliberadamente em conta as preces e a minha crença absoluta nele. Estou no caminho da perfeição e atingirei a meta que ele me permitiu contemplar. Orai, meus amigos, por este mundo invisível que preside aos vossos destinos. Esta troca fraterna é a caridade. É uma alavanca poderosa que coloca em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

P.: Queres dirigir algumas palavras à tua esposa e a teus filhos?

R.: Peço a todos os meus que creiam em Deus poderoso, justo e imutável; na prece que consola e alivia; na caridade que é o ato mais puro da encarnação humana. Que se lembrem que podem dar pouco, mas a esmola do pobre é a mais meritória perante Deus, que sabe que um pobre dá muito, mesmo dando pouco. É preciso que um rico dê muito e muitas vezes, para merecer tanto como o pobre.

O futuro é a caridade e a bondade em todas as ações. É acreditar que todos os Espíritos são irmãos, sem se gabarem das vaidades.

Família bem-amada, tereis que enfrentar provas difíceis. Mas tereis que as enfrentar corajosamente, sabendo que Deus as vê. Fazei muitas vezes esta oração:

Deus de amor e bondade, que dais tudo e dais sempre, dai-nos a força que não recua perante uma prova; faz que sejamos bons, doces e caridosos, pequenos pela riqueza, grandes pelo coração.

Que o nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor vos compreender e amar.

Que o Vosso nome, Meu Deus, emblema de liberdade, tenha por fim consolar todos os oprimidos, todos aqueles que têm necessidade de amar, de perdoar e de acreditar.

Cardon

Comunicação espontânea, Sociedade de Paris, Agosto de 1863

Como as emoções vivamente sentidas pelos corações generosos nos encham de felicidade! Oh, doces pensamentos que vindes abrir o caminho de salvação a todos os que vivem, a todos os que respiram física e espiritualmente; que o teu bálsamo salvador não pare de cair com abundância sobre vós e sobre nós! Que expressões escolher para traduzir a felicidade que experimentam todos os irmãos de além-túmulo ao contemplar o amor puro que vos une a todos?!

Ah, irmãos, quanto bem por todo o lado, quantos sentimentos elevados e simples como vós, como a vossa doutrina; sois chamados a semear na longa estrada que ainda tendes que percorrer; mas, também, como isso tudo vos será restituído, talvez mesmo antes do momento que esperais.

Assisti a todo este serão, ouvi e compreendi. E vou poder também, pela minha parte, cumprir o dever de ensinar os Espíritos imperfeitos. Escutem: estava longe de ser feliz. Mergulhado na imensidade, no infinito, os meus sofrimentos estavam tão vivos que nem conseguia avaliar quanto. Deus seja bendito! Permitiu-me vir a este santuário que não pode ser frequentado, impunemente, por gente má. Amigos! Como vos agradeço, como consegui recuperar as forças, entre vós!...

Gente de bem!... continuem a reunir-se, estudem! Não podeis fazer uma ideia exata dos magníficos frutos que colheis durante as vossas reuniões. Os Espíritos que têm ainda muito que aprender, aqueles que permanecem inativos, preguiçosos e esquecidos dos seus deveres, também poderão encontrar-se aqui, quer por uma circunstância fortuita, quer de outro modo.

Por um choque terrível poderão, e é o que muitas vezes acontece, olhar para si mesmos, reconhecerem-se, entreverem o fim a atingir e, fortalecidos pelo exemplo que lhes dais, procurar os meios que podem fazê-los sair do estado lamentável em que se encontram. Com grande felicidade, posso falar em nome das almas sofredoras, porque falo com gente de coração e sei que não vou ser repellido.

Recebam mais uma vez os meus profundos agradecimentos, em meu nome e em nome de todos aqueles que beneficiaram e poderão vir a beneficiar da vossa generosíssima atividade.

Eric Stanislas

Guia do médium:

“Meus filhos, é um Espírito que foi muito infeliz porque andou muito tempo perdido. Compreendeu agora os seus erros, arrependeu-se e dirigiu, enfim, os seus olhos para Deus, que ele tinha ignorado. A sua posição não é de felicidade, mas a ela aspira e já não sofre tanto. Deus permitiu-lhe vir aqui estar convosco, para vos escutar, para ir depois a uma esfera inferior instruir e fazer avançar os Espíritos que, como ele, transgrediram as leis do Eterno. É a reparação que lhe é pedida. De aqui para o futuro irá conquistar a felicidade, porque é essa a sua vontade.

ANNA BELLEVILLE

Mulher jovem, falecida com 35 anos depois de uma longa e cruel doença. Viva, espirituosa, dotada de rara inteligência, duma grande retidão e eminentes qualidades morais, esposa e devotada mãe de família, tinha também uma forte personalidade, pouco comum, e um espírito fecundo em recursos que nunca a deixava ficar mal em difíceis situações.

Não tinha rancor por aqueles que mais a tinham prejudicado, estava sempre pronta a prestar-lhes serviço. Intimamente ligado a ela de há muitos anos, consegui segui-la em todas as fases da sua vida e em todas as peripécias do seu fim.

Um acidente produziu-lhe a terrível doença que iria causar a sua morte, e que a reteve três anos no leito, com os maiores sofrimentos, que suportou até ao último momento com heroica coragem, sem que a sua alegria natural a abandonasse.

Acreditava firmemente na alma e na vida futura, mas preocupava-se pouco com isso. Todos os seus pensamentos se orientavam para o dia-a-dia, que era o principal para si, sem, contudo, ter medo da morte e sem procurar grandes prazeres materiais, com uma vida bastante simples, suportando bem a falta daquilo que não podia ter.

Tinha instintivamente o sentido do bom e do belo, que sabia levar até às pequenas coisas. Queria viver, mais pelos seus filhos do que por si mesma, pois sabia fazer-lhes falta. Por isso se apegava à vida.

Conhecia o espiritismo sem o ter estudado a fundo. Interessava-se pela doutrina e, contudo, não chegou a fixar os seus pensamentos sobre o futuro. Para ela era uma ideia verdadeira, mas que lhe não deixou no espírito nenhuma impressão profunda. O que fazia de bem resultava de um impulso natural, espontâneo, sem esperar recompensas ou penas futuras.

Há muito tempo que o seu estado era desesperado, e esperava-se, de um momento para o outro, vê-la partir. Ela mesmo não tinha ilusões. Um dia, estando o marido ausente, sentiu-se desfalecer e julgou que estava chegada a sua hora. Com a vista velada, a perturbação invadia-a, já sentia a angústia da separação. Contudo, custava-lhe muito morrer antes do regresso do marido. Fazendo um supremo esforço disse para consigo: “Não, não quero morrer!”. Sentiu então a vida renascer em si, e recuperou o pleno uso das suas faculdades.

Quando o marido chegou, disse-lhe: “Eu ia morrer, mas quis esperar que chegasses junto de mim porque tenho ainda várias recomendações a fazer-te”. A luta entre a vida e a morte prolongou-se por cerca de três meses, que foram uma lenta e dolorosa agonia.

P. Evocação no dia seguinte ao da sua morte:

R. Meus bons amigos, obrigado por se preocuparem comigo. De resto, sempre foram para mim como de família. Alegrai-vos porque estou feliz. Apoiem o meu marido e os meus filhos. Fui imediatamente ter com eles.

P.: Parece que a tua perturbação não durou muito, porque estás a responder com lucidez.

R.: Meus amigos, sofri muito em vida e sabem que sofri com resignação. A minha prova terminou. Dizer-vos que estou completamente desligada, não; mas deixei de sofrer, o que para mim é um enorme alívio. Por esta vez estou totalmente curada, posso garantir, mas necessito da ajuda das vossas preces, para poder vir depois trabalhar convosco.

P.: Quais seriam as causas do teu longo sofrimento?

R.: Um passado terrível, meu amigo.

P.: Podes dizer-nos o que se passou?

R.: Oh, deixem-me esquecer tudo. Foi um preço muito alto que tive que pagar.

Um mês depois do falecimento:

P.: - Agora que deves estar completamente desligada e conhecedora de ti mesma, gostaríamos de ter uma conversa mais explícita. Podes dizer-nos qual foi a causa da tua longa agonia? Estiveste três meses entre a vida e a morte.

R.: - Obrigado bons amigos da vossa lembrança e das vossas boas preces. Como elas me são salutares e como contribuíram para o meu desligamento. Tenho necessidade de continuar a ser

apoiada, continuai a orar por mim. Vós compreendeis bem as preces. Não são fórmulas banais recitadas ao acaso. Vós tendes a devida compreensão do efeito que pode ter uma boa prece.

Sofri muito, mas esses sofrimentos já me foram devidamente contados e posso felizmente visitar os meus filhos, que deixei com tanto pesar. Fui eu mesma que prolonguei o meu sofrimento. O meu ardente desejo de viver para os meus filhos fez com que me apegasse à matéria e, contrariamente às outras pessoas, eu fazia força para não abandonar este infeliz corpo, com o qual era necessário romper os laços, apesar de ele ser para mim instrumento de tantas torturas.

A verdadeira causa da minha longa agonia foi a seguinte: A minha enfermidade, as dores que sofri, foram expiações do passado, mais uma dívida que já paguei.

Ai de mim, caros amigos. Se eu vos tivesse ouvido no passado, que imensa mudança teria havido na minha vida presente. Que grande alívio teria havido nos meus últimos instantes, e como poderia ter sido mais fácil esta separação se, em vez de a contrariar, me tivesse deixado levar pela corrente que me arrastava, confiando na vontade de Deus. Mas em vez de lançar o meu olhar em frente, para o futuro que me esperava, só via o presente que ia deixar.

Quando regressar à Terra, serei espírita, podem estar certos. Que ciência prodigiosa. Assisto às vossas reuniões frequentemente e às instruções que vos são dadas. Se a tivesse podido compreender, quando vivia na Terra, os meus sofrimentos seriam muito menores. Mas a hora ainda não tinha chegado. Hoje compreendo muito bem a vontade de Deus e a sua justiça. Mas não estou ainda suficientemente avançada para deixar de me ocupar de coisas da vida. Os meus filhos, sobretudo, prendem-me ainda muitíssimo, já não para os amimar, mas para vigiá-los e fazer com que, neste momento, sigam pela estrada que o espiritismo traça. Sim, bons amigos, ainda tenho graves preocupações, uma sobretudo, porque o futuro deles depende disso.

P.: Podes dar-nos algumas explicações a respeito do passado que tanto lamentas?

R.: Estou sim, pronta para vos fazer a minha confissão. Desprezei o sofrimento. Vi a minha Mãe sofrer sem ter tido pena dela. Tratei-a como doente fingida. Como nunca estava de cama, supunha que ela não sofria, e ria dos seus padecimentos. Foi nisso que fui punida por Deus.

Seis meses depois do falecimento:

P.: - Agora que já se passou algum tempo depois do teu falecimento, descreve-nos a tua situação e diz-nos o que fazes no mundo dos Espíritos.

R.: - Durante a vida na Terra, fui o que as pessoas chamam “boa pessoa”. Mas, acima de tudo, estimava o meu bem-estar. Sensível por natureza, nunca seria capaz de um verdadeiro sacrifício penoso para aliviar um infortúnio. Agora tudo mudou, sou sempre eu mesma, mas o eu de outrora mudou muito.

Aprendi que no mundo espiritual nada conta para além do mérito pessoal; não há níveis ou classes sociais; um pobre caridoso e bom, na Terra, está acima de um rico orgulhoso que o humilhava com a sua esmola. Tenho cuidado sobretudo pelos que estão aflitos pelos problemas de família, a perda de parentes ou de meios. Tenho por missão consolá-los e encorajá-los, e estou feliz com essa tarefa.

ANNA

Uma questão importante ressalta dos factos referidos acima. Poderá uma pessoa, por esforço da sua vontade, retardar o momento da separação da alma do corpo?

Resposta dada pelo Espírito chamado “São Luís”:

Esta questão, respondida afirmativamente, sem restrições, podia dar lugar a falsas consequências. Certamente que um Espírito encarnado pode, em certas condições, prolongar a existência corporal para completar tarefas indispensáveis ou que ele considera como tal, como é este o caso, ou em muitos outros exemplos.

Este prolongamento da vida não poderia, em todos os casos, ser mais do que de curta duração, porque os seres humanos não têm a permissão de intervir nas leis da natureza nem provocar um regresso real à vida, quando esta chegou ao seu termo. Tratar-se-ia apenas de prorrogações momentâneas. Entretanto, admitindo essa possibilidade, não pode concluir-se que poderia ser geral, nem acreditar que depende de cada um prolongar assim a sua existência. Como *prova para o Espírito* ou no interesse de uma missão a concluir, os órgãos usados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar alguns instantes à manifestação material do pensamento. Casos desse género seriam exceções e não a regra.

Também não pode ver-se neste facto uma dispensa de Deus à imutabilidade das suas leis, mas uma consequência do livre arbítrio da alma humana que, no último instante, tendo a consciência da missão de que está encarregada e deseja, apesar da morte, cumprir o que não pôde acabar. Poderá ser também, uma espécie de punição aplicada ao Espírito que duvida do futuro, conceder-lhe um prolongamento de vitalidade da qual sofrerá inevitavelmente.

Espírito chamado “São Luís”

Poderíamos também surpreender-nos da rapidez do desligamento deste Espírito relativamente ao seu apego à vida corporal. Mas é preciso levar em conta que esse apego nada tinha de sensual nem material. Tinha até o seu aspeto moral, visto que era movido pelo interesse das crianças muito novinhas. Era, por outro lado, um Espírito elevado em inteligência e em moralidade; um grau acima e estaria no número dos Espíritos muito felizes.

Não havia, pois, nas ligações perispirituais, a tenacidade que resulta da identificação com a matéria. Pode dizer-se que a vida, enfraquecida por uma longa enfermidade, estava presa apenas por alguns fios, fios esses que ela queria impedir que se rompessem. Contudo, a pessoa foi punida pelo prolongamento dos seus sofrimentos, ligados ao tipo da sua doença e não à dificuldade do desligamento. É por isso que, logo após a libertação, a perturbação durou pouco.

Um facto também importante deriva desta evocação, tal como da maior parte daquelas que são feitas em diversas épocas, mais ou menos afastadas do momento da morte. É a mudança que se realiza gradualmente nas ideias do Espírito, e cujo progresso podemos acompanhar. Neste Espírito não se trata da melhoria dos sentimentos, mas da visão mais clara das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é um facto constatado pela experiência; a vida corporal é a colocação em prática desse progresso. É a prova das suas decisões e o ambiente em que evolui.

Dado que a alma progride depois da morte, o seu destino não pode estar irrevogavelmente fixado, porque a fixação definitiva desse destino seria, como já dissemos atrás, a negação do progresso. Não podendo as duas coisas existir simultaneamente resta a que tem a confirmação dos factos e da razão.

O castigo

Mensagem mediúcnica sobre o estado dos culpados à entrada do Mundo dos Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em Outubro de 1860

Os Espíritos maus, egoístas e insensíveis, logo a seguir à morte do corpo físico ficam entregues a uma dúvida cruel sobre o seu destino presente e futuro.

Olhando à sua volta, não veem ninguém sobre quem possam exercer a sua má influência, e o desespero apodera-se deles, por que a inação e o isolamento são intoleráveis para os maus Espíritos. A sua visão não alcança os locais onde habitam os Espíritos puros. Olham em volta, e chocados pelo abatimento dos Espíritos fracos, como eles também na condição de punidos, agarram-se lhes como a uma presa, armando-se da recordação das suas faltas passadas que lhes recordam constantemente por gestos ridículos. Não ficando satisfeitos com esta farsa, lançam-se sobre a Terra, como abutres esfomeados; procuram, entre os homens, almas que cedam mais facilmente às suas tentações; apossam-se delas exaltando a sua cobiça, fazem o possível por extinguir a sua fé em Deus e, por fim, logo que se sentem donos daquela consciência e têm a presa assegurada, estendem um contágio fatal a tudo que está próximo da sua vítima.

Os Espíritos maus, que exercem a sua raiva, são quase felizes. Só sofrem nos momentos em que estão inativos e naqueles em que o bem triunfa do mal.

Entretanto, os séculos vão passando; os Espíritos maus sentem-se, de repente, invadidos pelas trevas; o seu círculo de ação aperta-se, a sua consciência, muda até aí, faz-lhes sentir as dores agudas do arrependimento. Inativos, levados pela corrente, fogem sem rumo, sentindo, como dizem as escrituras, os pelos da sua carne arrepiarem-se de medo; rapidamente um grande vazio se faz neles e à sua volta.

Chegou o momento, terão de expiar as suas faltas. A reencarnação ameaçadora aproxima-se. Cada um antevê, como numa miragem, as provas terríveis que o esperam. Desejaria recuar, mas avança. Sorvido pelo apelo da vida rodopia assustado, até que o véu da ignorância lhe fecha os olhos.

Vê, age, é de novo culpado. Sente em si não sei que lembranças inquietas, pressentimentos que o fazem tremer, mas não o fazem recuar no caminho do mal. Sem forças e com muitos crimes, vai morrer.

Estendido sobre uma tarimba, ou no seu leito, que importa, o homem culpado sente-se, sob a sua aparente imobilidade, remoer e viver um mundo de sensações esquecidas. Sob as pálpebras fechadas entrevê uma luz, ouve sons estranhos. A sua alma, que vai deixar o corpo, agita-se impaciente, enquanto as mãos crispadas tentam segurar a roupa; queria falar, queria gritar a todos os que o rodeiam: “agarrem-me, já vejo o castigo aproximar-se!” Mas não pode gritar. A morte sela-lhe os lábios pálidos, e os assistentes dizem: ei-lo em paz!...

Entretanto, ouve tudo. Flutua à volta do seu corpo que não desejaria abandonar. É atraído por uma força secreta. Vê e reconhece o que já viu. Perdido, lança-se no espaço onde desejaria esconder-se. Mas nada de refúgio nem de repouso. Outros Espíritos vingam-se do mal que lhes fez e, castigado, insultado, confuso por sua vez, vagueou e vagueará até que a luz divina deslize sobre si, iluminando-o, para lhe mostrar o Deus triunfante de todo o mal que só poderá apaziguar à força de gemidos e de expiações.

Georges

Nunca foi traçado um quadro mais eloquente e mais verdadeiro do destino dos maus. Será necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas?

O Espírito dirige-se ao médium que conhecera em vida:

Vou-te contar o que sofri depois de morrer. O meu Espírito, ligado ao corpo físico pelos filamentos da materialidade, teve imensa dificuldade em se libertar, o que foi uma primeira angústia muito dura. A vida que terminara aos vinte e quatro anos, estava ainda tão viva em mim, que não acreditava ir perdê-la.

Procurava o meu corpo, assustado por me ver perdido no meio de tantas sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação instantânea dos erros que cometera em todas as minhas encarnações, surgiu de repente.

Uma luz implacável mostrava todos os recantos da minha alma, que se sentia *nua*, e depois mergulhada numa vergonha deprimente. Procurei fugir, interessando-me por qualquer um dos objetos novos e, no entanto, conhecidos, que me rodeavam. Os Espíritos brilhantes que flutuavam no espaço davam-me uma ideia de felicidade a que não podia aspirar. Formas escuras e desoladas, umas entregues a um morno desespero, outras irónicas ou furiosas, deslizavam à minha volta, sobre a Terra, à qual permanecia ligado.

Via agitarem-se os seres humanos, cuja ignorância invejava; uma enorme quantidade de sensações desconhecidas ou *reencontradas* invadiu-me. Comecei a ser levado por uma força irresistível; tentando escapar à dor, atravessei as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais, ou o esplendor celeste pudessem acalmar um só instante a minha consciência feita em pedaços, nem o medo que me causava a revelação da eternidade.

Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelo arrepio das carnes, mas as dores, acalmadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, não vos poderão fazer compreender as angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança nem arrependimento.

Passou-se, entretanto, tempo que não sei avaliar, invejando os eleitos cujo esplendor via ao longe, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com as suas maldades, desprezando as baixezas dos humanos, girando entre um acabrunhamento profundo e uma revolta insensata.

Chamaste-me enfim e, pela primeira vez, um sentimento suave e afetivo me serenou. Escutei os ensinamentos que te dão os teus guias, a verdade tomou conta de mim e orei.

Deus ouviu-me. Revelou-se-me pela clemência, como se tinha revelado pela justiça.

Novel

AUGUSTE MICHEL

Le Havre, Março de 1863:

Era um homem rico, vivo, gozando larga e exclusivamente a vida material. Embora inteligente, a despreocupação de qualquer assunto sério era a sua característica fundamental. Sem maldade, mais bom do que mau, era apreciado por todos os seus companheiros de farras, e procurado pela alta sociedade pelas suas qualidades de homem do mundo. Não fazendo o mal, tampouco fazia o bem. Morreu por ter caído de uma carruagem, durante um passeio. Evocado poucos dias depois de ter falecido, por um médium que o conhecia indiretamente, fez sucessivamente as comunicações seguintes:

8 de Março de 1863. Estou incompletamente desligado do meu corpo, o que dificulta a fala. A enorme queda de que faleci colocou o meu Espírito em dificuldades. Não sei como vai ser, e esta incerteza é cruel. O sofrimento do corpo foi menos grave do que a perturbação em que estou. Roguem a Deus que me perdoe. Que grande dor! Peço-vos ajuda meu Deus! Que grande dor! Adeus.

18 de Março 1863. – Já aqui vim, mas não pude falar bem convosco. Ainda estou muito limitado para falar. És o único médium através do qual consigo pedir para rezarem por mim, para que Deus tenha a bondade de me fazer sair das condições em que estou. Porquê sofrer ainda se o meu corpo já não sofre? Porquê esta dor medonha, esta terrível angústia? Orai por mim, pedi a Deus que me consinta o repouso!... Que terrível insegurança!... Ainda estou agarrado ao corpo. Mal consigo ver onde me encontro. O meu corpo ficou no mundo material e estou preso a ele, porquê? Venham orar *junto do meu corpo*, para me conseguir libertar dessa cadeia. Deus acabará por me perdoar, espero e creio bem. Vejo os Espíritos que estão junto de vós e é por eles que consigo falar convosco. Orem por mim!...

6 de Abril 1863. – Sou eu que venho aqui pedir-vos para orarem por mim. Era preciso que *viesses orar junto à sepultura onde jaz o meu corpo*, pedir ao Todo Poderoso para aliviar os meus sofrimentos. Sofro, como sofro!... ide lá, por favor!... É necessário que oreis ao Senhor uma prece para que me perdoe. Vejo que poderia estar muito mais tranquilo, mas tenho que regressar continuamente ao local onde está o que era o meu corpo.

O médium não tinha tomado na devida conta a insistência do Espírito que pedia estas preces junto do seu túmulo. Mais tarde foi ele mesmo lá, e recebeu a comunicação seguinte:

11 de Maio de 1863. – Estava à tua espera. Estava à espera que alguém viesse ao meu túmulo onde está ligado o meu Espírito, implorar a Deus de misericórdia que a sua bondade acalmasse as minhas dores. As preces que irás fazer vão fazer-me muito bem. Não te demores, suplico-te. Vejo de que modo a minha vida foi contrária àquilo que devia ser. Vejo as faltas que cometi. Fui um inútil neste mundo. Não fiz bom uso das minhas qualidades; os meios que tive foram todos para satisfazer as minhas paixões, o luxo e a vaidade. Só pensei no prazer do corpo e não cuidei da alma.

A misericórdia de Deus descera sobre mim, pobre Espírito que sofre ainda pelas minhas faltas terrenas? Orai a Deus para que me perdoe, e que seja libertado das dores de que sofro ainda. Agradeço-te por teres vindo orar por mim.

8 de Junho de 1863. - Já posso falar convosco e agradeço a Deus essa permissão. Vi as minhas faltas e espero que Deus me perdoe. Sigam sempre a vossa vida de acordo com a crença que vos anima, visto que ela vos reserva, para mais tarde, um repouso que eu ainda não tenho. Obrigado pelas vossas preces. Adeus.

30 de Junho de 1863. – Estou agora menos infeliz, porque já não sinto a cadeia que me prendia ao meu corpo. Estou enfim livre, mas ainda não cumpro a expiação. Será necessário recuperar o tempo perdido, se não quiser prolongar os meus sofrimentos. Espero que Deus veja o meu sincero arrependimento, e queira conceder-me o seu perdão. Continuem as vossas preces por mim, suplico-vos.

A insistência do Espírito para irmos orar junto do seu túmulo é uma particularidade importante, que se justifica pela tenacidade das ligações que o prendiam ao corpo, e quão longa e difícil foi a separação, como consequência da materialidade da sua existência. Compreende-se que, quando nos aproximamos do corpo, a ação magnética da prece seja mais forte para conseguir o desligamento. O hábito, quase geral, de orar junto do corpo dos falecidos, não resultará da intuição inconsciente que existe a esse respeito? A eficácia da prece, nesse caso, teria resultados simultaneamente morais e materiais.

Bordéus, 19 de Abril de 1862

Meus irmãos, vivi unicamente para mim mesmo. Agora estou a expiar, e sofro. Que Deus vos conceda a graça de vos evitar o sofrimento que isso me causa. Caminhem pela estrada larga do Senhor e orem por mim, porque abusei dos bens que Deus *empresta* às suas criaturas.

Os que sacrificam a inteligência e os bons sentimentos que lhes foram dados por Deus, aos instintos brutais, tornam-se semelhante aos animais que muitas vezes maltratam. As pessoas devem usar com sobriedade os bens de que são depositárias. Devem habituar-se a viver em função da eternidade que os espera e, por isso, afastar-se dos prazeres materiais. A alimentação só deve ter o objetivo de lhe dar forças; o seu luxo deve obedecer às necessidades da sua posição, mesmo os seus gostos e inclinações naturais devem obedecer a uma racionalidade estrita, sem o que se materializam em lugar de se purificarem.

As paixões humanas são uma estreita ligação que mergulha na carne e não devem ser cultivadas. Vivam, mas não façam disso uma paixão. Não imaginam as más consequências que isso tem, quando se chega ao mundo espiritual.

As paixões humanas espoliam-vos antes de vos deixarem, e chegareis nus junto do Senhor, inteiramente nus. Cobri-vos com boas ações. Elas vos ajudarão a percorrer o espaço que vos separa da eternidade. Manto brilhante, elas esconderão as vossas más atitudes. Vesti-vos de caridade e de amor, trajes divinos dos quais ninguém vos despirá.

Instruções do guia do médium:

– Este Espírito está no bom caminho, visto que, ao arrepender-se, toma decisões para se defender contra os perigos dos caminhos que percorreu. Reconhecer as suas faltas já é um mérito, e um passo na direção do bem. É por isso que, sem ser perfeitamente feliz a sua situação, já não é a do Espírito sofredor.

Arrepende-se; falta-lhe reparar os erros que cometeu, o que acontecerá na próxima existência de provas. Antes de lá chegar, sabeis qual é a situação dos seres humanos com vidas sensuais, que se preocupam constantemente em procurar novas sensualidades? A influência da matéria segue-os para além-túmulo, e não é a morte que coloca ponto final nos seus apetites, os quais a sua vista, tão limitada como estava na Terra, procura, em vão, os meios de satisfazer.

Como nunca procuraram o alimento espiritual, a sua alma perde-se no vazio, sem objetivos, sem esperança, num horizonte de ansiedade.

A nulidade das suas ocupações intelectuais durante a vida do corpo conduz naturalmente à nulidade do trabalho espiritual depois da morte. Não podendo satisfazer o corpo, nada lhe resta para enriquecer o Espírito.

Daí o mortal aborrecimento cujo termo não está à vista, ao qual prefeririam o *nada*. Mas o *nada* não existe. Destruíram o corpo, mas não podem destruir o Espírito. São obrigados a viver em torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, decidam lançar o seu olhar para Deus.

LISBETH

Bordéus, 13 de Fevereiro de 1862.

Um Espírito sofredor inscreveu-se com o nome de Lisbeth:

P.: Que tens a dizer acerca da tua situação e da causa dos teus problemas?

R.: Sou modesta de coração, submissa à vontade de Deus, paciente nas provas, caridosa com os pobres, dou ajuda aos fracos, sou sensível a todas as dores e calo os sofrimentos que me afligem.

P.: Se as faltas contrárias às qualidades que referes te arrastaram, pareces lamentá-las. O arrependimento pode aliviar-te?

R.: Não. O arrependimento é inútil se derivar apenas das consequências do sofrimento. O arrependimento positivo é o que tem por origem lamentar ter ofendido a Deus, e o desejo forte de retificá-lo. Ainda não cheguei a esse ponto, infelizmente. Entrega-me por favor às preces de todos aqueles que se dedicam ao alívio dos sofrimentos. Tenho necessidade disso.

É uma verdade: o sofrimento provoca, às vezes, um grito de arrependimento, que não é, porém, a expressão sincera do pesar pelo mal que se fez. Se o sofrimento desaparece, o Espírito vai continuar a fazer o mesmo. É por isso que o arrependimento nem sempre leva à libertação; dispõe a isso, é tudo, mas falta-lhe provar a sinceridade e a solidez das resoluções por novas provas que sejam a reparação do mal feito. Se pensarmos a sério a respeito de todos os exemplos que temos dado, encontraremos nas palavras – mesmo dos Espíritos inferiores – temas sérios que nos ensinam, porque nos fazem compreender detalhes íntimos da vida espiritual.

Quem observa estes exemplos com superficialidade só verá neles o pitoresco. Mas quem observar com seriedade encontrará matéria importante para muito estudo.

P.: Farei o que me pedes. Podes dar-me algumas informações a respeito da tua última existência? Pode ser ensinamento útil para nós e tornarás produtivo o teu arrependimento.

(O Espírito mostrou grande hesitação para responder a esta pergunta e a algumas das que se seguem).

R.: Nasci numa condição social elevada. Tinha tudo o que as pessoas consideram razões para ser feliz. Sendo rica, era egoísta. Bonita, fui sedutora, indiferente e mentirosa. Sendo nobre, era ambiciosa. Humilhei com o meu poder aqueles que não se inclinavam o suficiente perante mim, e ainda mais os que dependiam de mim, sem ter em conta os critérios do Senhor que condena mais tarde ou mais cedo as pessoas arrogantes.

P.: Em que altura viveste?

R.: Há cento e cinquenta anos, na Prússia.

P.: Desde essa altura nada progrediste como Espírito?

R.: Não, a matéria revoltava-se sempre. Não podes fazer uma ideia da influência que continua a exercer, apesar da separação do corpo e do Espírito. O orgulho, tu vês, enlaça-vos em cadeias de metal cujos anéis se apertam cada vez mais em volta do miserável que lhe entrega o coração. O orgulho!... Essa hidra de 100 cabeças que sempre renasce, que sabe modular os seus assobios envenenados de tal modo que os supomos uma música celestial. O orgulho!... Esse demónio múltiplo que se submete a todas as aberrações do vosso Espírito, que se esconde nas pregas do vosso coração, penetra nas vossas veias, envolve-vos, absorve-vos e arrasta-vos em seguida para as trevas da geena eterna!... Sim, eterna!

O Espírito disse que não fez nenhum progresso, porque a sua situação continua difícil. Contudo, a maneira como descreve o orgulho e lamenta as suas consequências já é um progresso evidente. Seguramente, quando era vivo ou mesmo logo depois da morte não tinha ainda raciocinado assim. Já compreende o mal, e isso é já um avanço. A vontade e a coragem de o evitar virão a seguir.

P.: Deus é demasiado bom para condenar as suas criaturas a penas eternas. Confia na sua misericórdia.

R.: Dizem que pode haver um termo; mas onde e quando? Procuro-o há muito tempo e só vejo sofrimentos por todo o lado. Sempre, sempre!...

P.: Como chegaste hoje aqui?

R.: Um Espírito, que me segue muitas vezes, conduziu-me.

P.: Desde quando é que vês esse Espírito?

R.: Há muito tempo.

P.: E desde quando é que começaste a tomar consciência das faltas que tinhas cometido?

R.: (depois de uma longa reflexão) Sim, tens razão; foi na altura em que comecei a vê-lo.

P.: Compreendes agora que há uma relação entre os teus arrependimentos e a ajuda visível que te dá o teu Espírito protetor?!. Vê como origem desse apoio o amor de Deus, e como finalidade o seu perdão e a sua infinita misericórdia.

R.: Oh! Como desejo tudo isso!...

P.: Tenho a certeza absoluta que irás alcançar tudo isso, pelo nome sagrado daquele que sempre ouviu a voz dos seus filhos em dificuldade. Chama-o do fundo do teu arrependimento, ele te ouvirá!

R.: Não posso, tenho medo!

P.: Oremos em conjunto, ele ouvir-nos-á! (Fazem uma oração...) Ainda aí estás?

R.: Sim, obrigado, não te esqueças de mim!...

P.: Podes vir aqui inscrever-te todos os dias.

R.: Sim, vou aparecer sempre.

Guia do Médiun:

Não te esqueças nunca dos ensinamentos que te chegam dos sofrimentos dos teus protegidos, e sobretudo das respetivas causas; que vos sirvam a todos de ensinamento para vos preservar desses perigos e desses mesmos castigos. Purificai os vossos corações, sede humildes, amai-vos, ajudai-vos, e que o vosso coração, reconhecido, não esqueça nunca a fonte de todas as graças, fonte inesgotável onde cada um de vós pode saciar-se à vontade; fonte de água viva que tira a sede e ao mesmo tempo alimenta; fonte de vida e de felicidade eterna.

Ide, meus irmãos bem-amados, bebei com fé, lançai as vossas redes, e elas sairão dessas ondas carregadas de bênçãos; comunicai isso aos vossos irmãos, prevenindo-os dos perigos que podem encontrar. Espalhai as bênçãos do Senhor; elas renascem incessantemente; quanto mais as derramardes em vosso redor, mais essas bênçãos se multiplicarão.

Vós tendê-las em vossas mãos, porque dizendo aos vossos irmãos: ali estão os perigos, ali estão os obstáculos, acompanhai-nos para os evitar; *imitai-nos, a nós que vos damos o exemplo*, vós espalhais as bênçãos do Senhor sobre aqueles que vos escutam.

Benditos sejam os vossos esforços, meus bem-amados. O Senhor ama os corações puros; mereci o seu amor.

Espírito chamado «Saint Paulin»

Príncipe OURAN

Bordéus, 1862

Um Espírito sofredor apresentou-se como sendo Ouran, príncipe russo de antes da revolução.

P.: Queres dar-nos alguns pormenores a respeito da tua situação?

R.: Bem-aventurados os humildes de coração, o reino dos céus pertence-lhes!... Rezem por mim!... Bem-aventurados são os humildes de coração que escolhem uma posição modesta para enfrentar as suas provações! Não sabeis, vós todos, que a inveja devora? A que estado será reduzido um destes

que vós chamais “os felizes da Terra”; Não sabeis as brasas ardentes que acumulam em cima da cabeça; não sabeis os sacrifícios que a riqueza impõe quando se quer aproveitá-la para a salvação eterna!... Que o Senhor me permita, a mim, o orgulhoso déspota, de vir expiar junto daqueles que esmaguei com a minha tirania os crimes que o orgulho me fez cometer! Orgulho! Repitam essa palavra sem cessar, para não esquecer que ela é a fonte de todos os sofrimentos que nos oprimem. Sim, abusei do poder e dos favores de que dispunha; fui duro, cruel para os meus inferiores que tinham que se dobrar aos meus caprichos, satisfazer todas as minhas depravações. Tinha para mim a nobreza, as honras, a fortuna, e sucumbi sob o peso que suportava, muito acima das minhas forças.

Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a dizer que tinham uma carga acima das suas forças. É um meio de se desculparem aos seus próprios olhos e ainda um resto de orgulho. Não querem dizer que falharam por sua culpa. Deus não dá a ninguém uma carga que não possa suportar. Não pede a ninguém mais do que pode dar. Não exige que a árvore ainda nova dê tantos frutos como dá uma árvore mais crescida.

Deus dá liberdade aos Espíritos. O que lhes falta é a vontade, que depende só deles. Com vontade pode vencer-se qualquer tendência viciosa, mas quando o Espírito se compraz numa coisa, é natural que não faça esforços para a vencer. As consequências para quem o fizer são da sua própria responsabilidade.

P.: Tens a consciência das tuas faltas. É um primeiro passo para vencê-las.

R.: Essa consciência é mais um sofrimento. Para muitos Espíritos o sofrimento é um efeito quase material, porque, presos ainda à humanidade da sua última existência, não compreendem ainda as sensações morais. O meu Espírito desligou-se da matéria, e o sentimento moral aumentou com tudo o que as cruas sensações físicas tinham de horrível.

P.: Podes imaginar o fim dos teus sofrimentos?

R.: Sei que não serão eternos, mas o fim não está à vista. É preciso, antes, recomeçar a prova.

P.: Esperas que isso se dê em breve?

R.: Não sei ainda.

P.: Lembras-te dos teus antecedentes? Pergunto porque é uma forma de estudar casos semelhantes.

R.: Sim. Tens os teus guias, que sabem o que fazem. Vivi sob Marco Aurélio. Nesse tempo, ainda poderoso, já sucumbia ao orgulho, causa de todas as quedas. Depois de vaguear séculos, quis experimentar uma vida obscura. Estudante pobre, pedi esmola, mas o orgulho estava lá sempre. O Espírito tinha adquirido o conhecimento, mas não a virtude. Sábio e ambicioso, vendi a minha alma a quem mais dava, servindo as vinganças e ódios. Sentia-me culpado, mas a sede de honrarias, de fortuna, sufocava a minha consciência. A expiação foi longa e cruel. Na minha última vida quis recomeçar uma vida de luxo e de poder. Pensando conseguir vencer os obstáculos, não escutei os avisos; o orgulho continuou a fazer-me seguir as minhas escolhas, sem dar atenção aos amigos protetores que não cessam de velar por nós. Deves imaginar o que aconteceu.

Só agora é que percebi, enfim. Tenho fé na misericórdia de Deus, e aos seus pés coloco o meu orgulho devastado e peço-lhe para me sujeitar a uma prova de humildade bem pesada. Com a sua graça, o peso vai-me parecer leve. Orem comigo e por mim. Peçam também que este demónio de fogo não devore em vós os instintos que vos conduzem a Deus. Irmãos no sofrimento, que o meu exemplo vos sirva, nunca esqueçam que o orgulho é o maior inimigo da felicidade, porque dele derivam todos os males que assaltam a humanidade e a perseguem até às regiões celestes.

Guia do médium: Tiveste dúvidas sobre este Espírito, porque a sua linguagem não te pareceu de acordo com o seu estado de sofrimento, que acusa a sua inferioridade. Não tenhas receio: recebeste uma instrução séria. Por muito sofredor que seja este Espírito, é suficientemente elevado em inteligência para falar como fala. Só lhe faltava a humildade, sem a qual ninguém consegue chegar a Deus. Essa humildade adquiriu-a agora, e esperamos que, com perseverança, sairá vitorioso numa nova prova.

O nosso Pai celeste é pleno de justiça e sabedoria. Tem em conta os esforços que fazem as pessoas para domar os seus maus instintos. Cada vitória sobre vós mesmos é um degrau a mais na escada que se apoia, na sua base, em terra, e lá no alto alcança os pés do Juiz Supremo. Subi, pois, com vontade. São fáceis de subir para aqueles que têm a vontade forte. Olhem sempre para cima para vos encorajar, porque infeliz é o que pára e olha cá para baixo. Fica com tonturas, o vazio que o cerca assusta-o. Fica sem força e diz: para quê continuar a subir? Ainda subi tão pouco!

Não meus amigos, não virem a cabeça. O orgulho faz parte do homem. Tirem partido do orgulho para vos dar força e coragem para terminar a vossa ascensão. Usem-no para dominar as fraquezas e chegar ao cimo da montanha eterna!...

PASCAL LAVIC

Le Havre, 9 de Agosto de 1863

Este Espírito comunicou espontaneamente com o médium, sem que este o tenha conhecido durante a vida, nem sequer de nome:

“Creio na bondade de Deus que aceitará, por *misericórdia*, o meu Espírito. Sofri, sofri muito, e o meu corpo perdeu-se no mar. O meu Espírito esteve sempre ligado ao meu corpo e, durante muito tempo, vagueou sobre as ondas. Deus...”

(A comunicação interrompeu-se neste ponto. A comunicação prosseguiu no dia seguinte)

“... Entendeu por bem aceitar que as preces daqueles que deixei na Terra me libertassem do estado de perturbação e de incerteza em que o meu Espírito estava mergulhado. Esperaram-me muito tempo e puderam recuperar o meu corpo. Repousa agora e o meu Espírito, já desligado, vê com desgosto as faltas que cometi. Já consumada a prova, Deus julga com justiça e a sua bondade estende-se sobre os arrependidos.

Se o meu Espírito andou perdido com o corpo durante tanto tempo, foi uma expiação que tive que cumprir. Sigam o caminho certo se quiserem que Deus retire imediatamente o vosso Espírito do seu veículo. Vivam no seu amor; orem, e a morte, tão medonha para alguns, será doce para vós, porque sabeis a vida que vos espera.

Morri no mar, e muito tempo me esperaram. Não poder desligar-me do corpo foi para mim uma prova terrível. É por isso que tenho necessidade das vossas preces, de vós que estais na crença que salva, de vós que podeis orar a Deus, exatamente por mim. Estou arrependido e espero muito que queira perdoar-me. Foi no dia 6 de Agosto que o meu corpo foi encontrado. Sou um pobre marinheiro e morri há muito tempo. Orem por mim.”

Pascal Lavic

P.: Onde foste encontrado?

R.: Perto de vós.

O “Journal du Havre” de 11 de Agosto de 1863 publicou o seguinte artigo, do qual o médium não podia ter conhecimento:

“Anunciámos que foi encontrado, no dia 6 deste mês, um tronco de um corpo de um afogado, entre Bléville e La Hève. A cabeça, os braços e o busto desapareceram. A sua identidade pôde ser determinada pelo sapato que tinha num dos pés. Reconheceu-se então que pertencia ao pescador Lavic, que morreu

no dia 11 de Dezembro a bordo do barco "l'Alerte" afundado diante de Trouville por um golpe de mar. Lavie tinha 49 anos e nascera em Calais. Foi a viúva do defunto que verificou a identidade. "

No dia 12 de Agosto, estando-se a falar deste acontecimento no círculo onde este Espírito tinha feito uma primeira comunicação, de novo fez uma comunicação espontânea:

"Sou Pascal Lavie e tenho necessidade das vossas preces. Podem fazer-me bem, porque a prova que sofri foi terrível. A separação do meu Espírito do corpo só aconteceu quando reconheci as minhas faltas. Depois disso, não se desprende por completo. Andava sempre com ele no mar que o tinha apanhado. Orai a Deus, para que me perdoe. Pedi-lhe que me dê o repouso. Suplico-vos. Que este fim terrível de uma existência terrena infeliz seja para vós um grande ensinamento. Pensai sempre na vida futura, sem se esquecerem de pedir a Deus a sua misericórdia. Peçam por mim. Preciso que Deus me aceite, por piedade.

Pascal Lavie

FERDINAND BERTIN

Um médium que habitava em Le Havre evocava o Espírito de uma pessoa sua conhecida. O Espírito respondeu-lhe: "gostava de fazer uma comunicação, mas não posso vencer um obstáculo que há entre nós. Sou obrigado a deixar passar os infelizes sofredores que querem aproximar-se de vós."

Recebeu então a seguinte comunicação:

"Estou num abismo medonho! Ajuda-me...Oh meu Deus! Quem me tirará deste abismo? Quem pode estender uma mão de ajuda ao infeliz que foi engolido pelo mar? A noite é tão negra que tenho medo! Por todo o lado o barulho das vagas, e nenhuma palavra amiga para me confortar e ajudar neste momento supremo; porque esta noite profunda, é a morte em todo o seu horror e eu não quero morrer!...

Oh, meu Deus, não é a morte futura, é a morte passada. Estou separado para sempre daqueles que amo. Vejo o meu corpo e o que tenho sentido é apenas a lembrança angustiante da separação. Tende piedade de mim, vós que conheceis os meus sofrimentos; orai por mim porque não quero voltar a sentir o que aconteceu nesta noite fatal, todas as ruturas da agonia. Essa é a minha punição, pressinto-o. Orai por mim, imploro-vos.

Ah, o mar, o frio, vou ser engolido... Socorro! Tende piedade, não me empurrem! Podemos salvar-nos se nos segurarmos dois a dois em cima destes destroços! Oh, eu sufoco. As vagas vão engolir-me os meus não vão ter o triste consolo de me ver.

Mas... não... vejo que o meu corpo deixou de ser sacudido pelas ondas!... Será que foram ouvidas as preces da minha mãe!? Minha querida mãe, se ela pudesse imaginar o filho assim tão miserável como ele está, na realidade, faria melhores preces. Mas ela julga que a causa da minha morte santificou o passado. Ela reza por mim como mártir e não como infeliz e castigado!... Vós que sabeis como me encontro, tende piedade e rezai por mim!...

Ferdinand Bertin

Este nome, completamente desconhecido do médium, nada lhe lembrava. Julgou tratar-se do Espírito de um naufrago infeliz que vinha manifestar-se espontaneamente, como já lhe tinha acontecido várias vezes. Soube, mais tarde, que era de facto uma das vítimas de um grande desastre marítimo que tinha acontecido na proximidade de Le Havre, no dia 2 de Dezembro de 1863.

A comunicação tinha sido feita no dia 8 do mesmo mês, seis dias depois do desastre. O indivíduo tinha perecido ao fazer tentativas inauditas para salvar a equipagem e num momento em que julgava que seria certamente salvo.

Este indivíduo não tinha qualquer ligação ao médium, nem como parente nem como simples conhecido. Por que motivo teria comunicado com ele, antes de ter comunicado com algum membro da sua família? É porque os Espíritos não encontram em qualquer pessoa as condições energéticas compatíveis com esse propósito. Nas grandes dificuldades em que se encontrava, não tinha alternativa. Foi conduzido, por instinto e atração, ao médium que tinha uma especial aptidão para receber comunicações espontâneas. Tinha o pressentimento, sem dúvida, que seria possível encontrar ali uma simpatia especial, como já tinha acontecido antes com outros Espíritos. A família dele era estranha, talvez até antipática ao espiritismo, não poderia acolher a sua mensagem como aconteceu com o médium.

Embora a morte se tivesse dado há vários dias, o Espírito estava ainda a sofrer todas as suas angústias. É evidente que não tinha a noção exata da sua situação. Julgava estar vivo, em luta com as ondas, embora fale do corpo como coisa separada. Pede socorro, diz que não quer morrer e logo depois fala da causa da morte que reconhece ser um castigo. Tudo isto revela a confusão das ideias que aparece quase sempre depois das mortes violentas.

Dois meses depois, no dia 2 de Fevereiro de 1864, fez nova comunicação espontânea pelo mesmo médium, nos seguintes termos:

“A piedade que tiveste com os meus horríveis sofrimentos aliviou-me muito. Compreendo a *esperança*, vislumbro o perdão, mas depois do castigo pela falta cometida. Continuo a sofrer, e se Deus permite que, durante alguns momentos, entreveja o fim da minha infelicidade, é graças às preces das almas caridosas, sensibilizadas pela minha situação, que tenho este alívio.

Oh *esperança*, raio celeste, como és bendita quando te sinto nascer na minha alma. Mas atenção... o abismo abre-se; O terror e o sofrimento apagam esta lembrança de misericórdia. A noite... sempre a noite! A água; o barulho das vagas que engoliram o meu corpo são apenas uma pálida imagem do horror que rodeia o meu pobre Espírito.

Estou agora mais calmo depois de ter estado convosco. Do mesmo modo que um terrível segredo, confiado a um amigo, alivia aquele que estava angustiado, da mesma forma a vossa piedade, pela confiança da minha miséria, acalma o meu mal e repousa o meu Espírito. As vossas preces produzem-me um efeito maravilhoso, continuem a orar por mim, por grande graça!... Para que não volte a cair neste sonho terrível que se torna real quando me visita. Pega no teu lápis mais frequentemente, faz-me um bem imenso falar por teu intermédio!...”

Alguns dias depois este mesmo Espírito foi evocado numa reunião espírita em Paris, tendo-lhe sido feitas algumas perguntas, às quais respondeu por uma única comunicação e por outro médium:

P.: Quem te levou a manifestar espontaneamente ao primeiro médium pelo qual comunicaste? Há quanto tempo estavas morto? Quando comunicaste não sabias se estavas vivo ou morto e sofrias todas as angústias de uma morte terrível. Já tens neste momento uma ideia mais clara da tua situação? Disseste que a tua morte era uma expiação; diz-nos por favor qual é a sua causa. Para nós será uma informação importante e para ti um alívio. Por essa confissão sincera irás atrair a misericórdia de Deus, que iremos também pedir pelas nossas preces.

R.: À partida parece impossível que alguém possa sofrer tão duramente. Deus! Como é penoso estar sempre no meio das vagas em fúria, e sofrer essa amargura permanente, o frio gelado que aumenta e que aperta o estômago!

Mas para quê estar sempre a descrever este espetáculo!... Devo é começar a obedecer às leis do reconhecimento e agradecer-vos a todos o grande interesse que demonstraram pelos meus tormentos.

Perguntam se comuniquei muito depois da morte. Não sei bem. A situação era e ainda é terrível.

Fui conduzido a um médium por uma vontade estranha à minha, julgo eu. Parece completamente impossível, mas *servia-me do braço dele como me sirvo do teu, com a sensação que é o meu próprio braço*. Estou a sentir mesmo, neste momento, um grande bem-estar, bem como um alívio, ai de mim, que vai acabar logo a seguir!...

Oh meus Deus, tenho uma confissão a fazer, terei forças para isso?

Depois de ter sido encorajado, o Espírito acrescentou:

Sou inteiramente culpado. Do que tenho muita pena é que julguem que sou um mártir. Não é nada disso. Numa existência anterior, fiz com que metessem num saco várias pessoas para serem deitadas ao mar. Rezem por mim!

Esclarecimento do Espírito chamado "S. Luís" a respeito desta comunicação:

Esta confissão foi para o Espírito causa de grande alívio. De facto, foi culpado desse ato. Contudo, na existência que findou, foi uma pessoa muito honrada. Era pessoa amada e estimada pelos seus chefes, fruto do seu arrependimento e das boas resoluções que tomou antes de regressar à Terra, na qual quis ser tão humano quanto antes fora cruel. A generosidade de que deu provas foi uma reparação. Faltava-lhe, porém, resgatar as faltas cometidas anteriormente por uma última expiação, que foi a morte cruel que teve. Foi ele mesmo que desejou purificar-se, submetendo-se aos mesmos sofrimentos que fez passar a outros. Notem uma ideia que o perseguiu: lamentar que outros o tomem por mártir, o que revela o sentimento de humildade que será tido em conta. De agora em diante, passará da fase da expiação para a fase da reabilitação. Pelas vossas preces podereis ajudá-lo a continuar por aí, num passo mais firme e decidido.

FRANÇOIS RQUIER

Homem muito vulgar, era um velho avaro e solteirão. Morreu em 1857, deixando uma fortuna bastante considerável aos seus parentes. Tinha sido em tempos senhorio de uma senhora que o esqueceu totalmente, desconhecendo até se ele tinha morrido. Em 1862 a filha dessa senhora que está sujeita a crises de catalepsia seguidas de sono magnético e que é muito boa médium de escrita, viu, durante o seu sono, François Riquier que, disse ela, queria dirigir-se à sua mãe.

Vários dias depois, visto que ele se tinha manifestado espontaneamente e tinha testemunhado o desejo de falar com a senhora, tivemos uma conversa nos seguintes termos:

P.: O que deseja de nós?

R.: Aqueles miseráveis apoderaram-se de todo o meu dinheiro, para o dividirem entre si. Venderam as minhas casas, as minhas quintas, tudo para partilharem, como se nada me pertencesse. Façam com que haja justiça, porque a mim não me escutam, e não quero que aconteçam tais abusos. Diziam que eu era usurário e agora apoderaram-se de tudo quanto é meu. Por que não mo entregam, já que acham que ele foi mal adquirido?

P.: Mas tu morreste, bom homem; agora, já não tens necessidade de dinheiro. Pede a Deus que te dê uma nova existência para expiares a avaréza que tiveste na última.

R.: Não, não poderei viver pobre! Preciso do dinheiro que era meu para poder viver. De resto, não preciso de uma nova vida, porque estou vivo!...

(A pergunta seguinte foi para tentar trazê-lo à realidade)

P.: Tens sofrido?

R.: Ah, sim, tenho sofrido torturas, piores que as doenças mais dolorosas, porque sinto as dores na alma. Estou sempre a lembrar-me da iniquidade da minha vida que, para muitos, foi motivo de escândalo. Sei bem que fui um miserável que não mereço piedade, mas sofro tanto que tenho de ser ajudado para sair deste estado.

P.: Faremos preces por ti.

R.: Muito obrigado, rezem para que me esqueça das minhas riquezas terrenas, sem isso, nunca poderei arrepender-me. Adeus e obrigado.

François Riquier
Rua da Caridade, nº 14

Foi muito original esse Espírito dar a sua morada, como se ainda estivesse vivo. A senhora, que não o conhecia, apressou-se a ir ver o local, e ficou muito surpreendida ao verificar que a casa tinha sido a última onde ele vivera. Cinco anos depois, ainda não sabia que estava morto e continuava ansioso por ver as suas propriedades repartidas pelos seus herdeiros, o que é terrível para um avaro. A evocação, que tinha sido feita por qualquer bom Espírito, teve por efeito fazer-lhe compreender a situação, colocando-o em posição de poder arrepender-se dos seus erros.

CLAIRE

Sociedade de Paris, 1861

O Espírito que ditou as comunicações seguintes é o de uma mulher que o médium conheceu enquanto viva, e cuja conduta e carácter justificam de forma muito concreta os tormentos que a incomodam.

Era uma pessoa dominada sobretudo por um sentimento de egoísmo exagerado, muitíssimo orgulhosa, cujo carácter se reflete na terceira comunicação, pela pretensão de querer que o médium se ocupe exclusivamente com ela. As comunicações foram obtidas em diversas épocas. As três últimas demonstram um progresso sensível nas disposições do Espírito, graças aos cuidados do médium, que fez com ela trabalhos de educação moral.

I - Aqui estou eu, a infeliz Claire. Que queres tu que eu aprenda? A resignação e a esperança são apenas palavras para quem sabe que os sofrimentos são tantos como as areias da praia e que durarão por uma sucessão interminável de séculos. Posso suavizá-los, dizes tu? Que palavras vãs. Onde encontrar a coragem ou a esperança para isso? Usa o teu cérebro limitado para compreender o que é um dia que nunca acaba. É um dia, um ano, um século? Sei lá!... as horas não o dividem; as estações não variam. Eterno e lento como a água que escorre dum rochedo, esse maldito dia pesa sobre mim como um cofre de chumbo. E sofro!... À minha volta só vejo sombras silenciosas e indiferentes... eu sofro!

Sei, contudo, que sobre esta miséria reina Deus, o pai, o mestre, aquele para quem todos caminham. Vou pensar nisso, vou implorar-lhe!...

Debato-me e arrasto-me como um estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei que poder me atraí aqui, junto de ti. Talvez sejas a salvação!... Saio daqui um bocadinho mais calma, menos gelada, como um velho com tremuras que procura um pouco de sol; a minha alma gelada recobra um pouco de vida junto de ti.

II - A minha infelicidade cresce dia a dia; cresce à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Oh miséria! Como vos amaldiçoo, horas de culpa, horas de egoísmo e

esquecimento; horas em que ignorei toda a caridade, toda a generosidade, só pensava em mim e no meu bem-estar. Malditos sejam, conveniências e favores, preocupações vãs dos interesses materiais, Malditos sejam, que me cegaram e perderam! Fui devorada pela lamentação incessante do tempo perdido. Que te direi eu, a ti que me escutas? Vela por ti sempre; ama os outros mais do que a ti mesmo; Não percas tempo nos caminhos do bem-estar, não alimentes o corpo à custa da tua alma. Vigia, como dizia o Salvador aos seus discípulos. Não me agradeças por estes conselhos, foi *o meu Espírito que os concebeu, o meu coração nunca os ouviu*. Como um cão espancado, o medo fez-me andar de rastros, mas ainda não conheço o amor em liberdade. A sua divina aurora tarda a levantar-se! Ora pela minha alma seca e miserável.

III. Venho aqui à tua procura, porque me esqueces. Estás porventura convencido que as preces isoladas e o meu nome pronunciado chegarão para acalmar a minha dor? Não, cem vezes não. Grito de dor, vagueio sem parança, sem pausa, sem esperança, sentindo o agulhão do castigo a espetar-se na minha alma revoltada. Rio quando ouço as vossas queixas, quando vos vejo abatidos. O que são as vossas pálidas misérias, as vossas lágrimas! O que são os vossos tormentos que vos tiram o sono! E eu, durmo? Eu quero, compreendes? Quero que, deixando as tuas dissertações filosóficas, que te ocupes de mim, que convenças os outros a fazerem o mesmo. Não encontro palavras para explicar a angústia deste tempo que passa, sem que as horas sejam contadas. Se mal vislumbro uma fraca luz de esperança e és tu que ma trazes, não me abandones, por grande favor.

IV. Este quadro é verdadeiro e não é exagerado. Que terá feito essa mulher para se sentir tão mal? Cometeu algum crime horrível? Roubou? Matou alguém? Não! Nada fez que mereça a justiça dos homens. Apenas se divertia com a chamada felicidade do mundo. Beleza, fortuna, prazeres, elogios, tudo lhe sorria e nada lhe faltava. Que mulher feliz, diziam! E invejavam-na!

O que fez ela? Era egoísta. Tinha tudo, exceto bom coração. Se não violou as leis da Terra, violou as leis de Deus, porque ignorou a caridade, a primeira das virtudes. Só se amou a si, agora ninguém a ama. Nada deu, agora nada recebe. Está só, abandonada, perdida no espaço onde ninguém pensa nem trata dela. É o seu suplício. Como só procurou interesses mundanos, aos quais já não tem acesso, à sua volta só fica o vazio, só vê o nada e o nada parece-lhe a eternidade. Não sofre torturas físicas, os maus Espíritos não vêm atormentá-la, mas não é necessário. Ela própria se atormenta e ainda é pior. Os maus Espíritos seriam pelo menos alguém que pensava nela. O egoísmo fez a sua felicidade na Terra. Perseguiu-a; agora é o verme que lhe róí o coração.

Espírito chamado “São Luís”

V- Vou falar-vos a respeito da importante diferença entre a moral divina e a moral humana. A primeira ajuda a mulher adúltera no seu abandono e diz aos pecadores: “Arrependei-vos e o reino dos céus abrir-se-vos-á.” A moral divina aceita todos os arrependimentos e todas as faltas confessadas, enquanto a moral humana admite os pecados escondidos que designa como “pecados meio-perdoados.” Uma concede a graça do perdão e a outra concede a hipocrisia. Escolhei, Espíritos ávidos de verdade! Escolhei, entre os céus abertos ao arrependimento, e a tolerância que admite o mal que não incomoda o seu egoísmo e os seus falsos acordos, mas que repele a paixão e os soluços de faltas confessadas diante de todos.

Arrependam-se, por isso, todos os que pecais; renunciem ao mal, mas, sobretudo renunciem à hipocrisia das conveniências mútuas.

VI- Estou agora calma e resignada à expiação das faltas que cometi. O mal está em mim e não fora de mim. Sou eu que devo mudar e não o que me é exterior. Trazemos connosco o nosso céu e o nosso

inferno, e as nossas faltas, gravadas na consciência, são lidas no dia da ressurreição, sendo nós os juízes de nós mesmos, visto que o estado da nossa alma eleva-nos ou afunda-nos.

Eu explico: Um Espírito sujo e *carregado* pelas suas faltas não pode pensar nem desejar uma elevação que não saberia suportar. Notem bem, tal como as diferentes espécies de seres vivem, cada uma na esfera que lhe é própria, também os Espíritos, segundo o seu grau de evolução, habitam o meio que é o das suas faculdades. Só concebem outro quando o progresso, utensílio da lenta transformação das almas, os arranca das suas tendências rastejantes e os faz sair do nível pecaminoso, de modo que possam voar, antes de se lançarem rápidos como flechas, para Deus, o único fim desejado. Ai de mim que ainda rastejo, embora não carregue o ódio e já conceba a felicidade inefável do amor divino. Orem sempre por mim, que tenho esperança e vontade de progresso.

Na comunicação seguinte, Claire fala do seu marido, com o qual tinha sofrido muito durante a vida, e da posição em que ele se encontra no mundo dos Espíritos. A descrição que faz, que não pôde acabar, é finalizada pelo Espírito guia do médium.

VII.: Venho perto de ti, que me deixaste tanto tempo no esquecimento. Ganhei paciência e já não estou desesperada. Queres saber qual é a situação do pobre Félix. Anda perdido nas trevas, com a alma num estado lastimável. A superficialidade do seu carácter, sujo pela sensualidade, sempre ignorou o amor e a amizade. Nem as paixões levaram uma réstia de luz às suas sombras. Comparo o seu estado presente ao de uma criança sem preparação para a vida adulta e sem a ajuda dos que devem apoiá-la. Agora anda assustado num mundo em que tudo é marcado pelo esplendor de Deus, que ele rejeitou.

VIII.: (*palavras do guia do médium*): Se Claire continuar a descrever os sofrimentos do marido vai sofrer muito com isso. Vou falar por ela.

Félix que era superficial nas ideias como era nos sentimentos, violento porque era fraco, debochado porque era frio, reentrou no mundo dos Espíritos nu em termos morais como em termos físicos. *Ao entrar na vida terrena nada aprendeu e, conseqüentemente, tem que recomeçar.* Como pessoa que desperta de um longo pesadelo e que reconhece o quanto era vã a sua agitação nervosa, este pobre ser, ao sair da perturbação, compreenderá que viveu mergulhado numa quimera que transfigurara a sua vida. Amaldiçoará o materialismo que o fez abraçar o vazio, julgando tratar-se de uma realidade; amaldiçoará o positivismo que lhe fez considerar como fantasias as ideias de uma vida futura, como loucuras as suas esperanças e a crença em Deus como uma fraqueza. O infeliz, ao despertar, verá que essas ideias ridicularizadas por ele eram a fórmula da verdade e que, ao contrário da fábula, a caça da presa era menos proveitosa que a da sombra.

GEORGES

Análise das comunicações de Claire:

Estas comunicações são especialmente instrutivas porque nos permitem ver um dos aspetos mais medíocres da vida: o do egoísmo. Não diz respeito aos grandes crimes que causam espanto, mesmo aos perversos, mas à multidão de figuras aduladas e refinadas que têm um certo verniz e que não caem sob a alçada das leis da sociedade. Os egoístas, mesmo no mundo dos Espíritos, não são dos que têm castigos excepcionais, cuja imagem nos faz tremer. É uma situação simples e natural, conseqüente da sua maneira de viver e dos seus estados de alma. O isolamento, o desprezo e o abandono, estas são as punições daqueles que só vivem para si mesmos.

Claire era, como vimos, um Espírito bastante inteligente, mas um coração seco. Na Terra, a posição social, a fortuna e o aspeto físico, causavam admiração, que agradava à sua vaidade e era o que lhe bastava. No mundo espiritual só encontra a indiferença e o vácuo à sua volta, que para ela é um

castigo pior que as dores, porque é mortificante. A dor causa compaixão, é ainda um meio de atrair a atenção das pessoas, que as faria cuidar dela e interessar-se pela sua sorte.

As perguntas seguintes foram feitas à Sociedade de Paris a propósito desta última comunicação:

P.: O Espírito de Claire fala das trevas nas quais se encontra o Espírito do seu marido. Já muitos Espíritos falaram das trevas que envolvem certas almas sofredoras. Serão aquilo de que se fala no Evangelho quando diz: “Os maus serão lançados nas trevas, no negro abismo?”

Como são produzidas essas trevas, visto que no mundo dos Espíritos nem sequer existem as causas de luz e escuro, alternadamente, como existem no mundo material em que vivemos? Este castigo está mais ligado a certo tipo de faltas, e quais são elas?

R.: As trevas de que se trata são, na realidade, as que foram indicadas por Jesus e os profetas ao falarem do castigo dos maus. Mas, mais uma vez, foram apenas uma imagem usada para impressionar os sentidos materiais dos seus contemporâneos, que não estavam suficientemente preparados para entender uma punição com carácter espiritual. Há Espíritos que são mergulhados nas trevas, mas é preciso entender isso como uma verdadeira noite da alma, comparável à obscuridade que rodeia a mente das pessoas com insuficiências mentais, ou seja, aqueles que na linguagem vulgar são chamados “tolos”. Não se trata da loucura da alma, mas de uma inconsciência da alma e daquilo que a rodeia, que se produz tanto na presença como na ausência da luz material. Esse género de penalização é relativo à recusa da veracidade do destino dos seres, substituído na mente pela aceitação do “nada”. A aparência desse “nada” passa a constituir um modo de suplício, que se mantém até que a alma, virando-se para si mesma, consiga romper, com energia, a rede de envolvimentos morais que a rodeia; semelhante a uma pessoa incomodada por um sonho mau, luta, num certo momento, com todas as suas faculdades, contra os medos pelos quais se deixou dominar.

Esta redução momentânea da alma a um “nada” aparente, com o sentimento da sua existência, é um sofrimento mais cruel do que se pode imaginar, pela sensação de imobilidade com a qual ela fica afetada. É este repouso forçado, esta nulidade do ser, a incerteza, que fazem o seu suplício. O aborrecimento que a envolve é o castigo mais pesado, porque não vê nada à sua volta, nem coisas nem pessoas. Por isso se diz que para ela, são como verdadeiras “trevas”.

Espírito chamado “S. Luís”

(Claire): Estou aqui. Também posso responder à pergunta feita a respeito das “trevas”, porque andei perdida e sofri durante muito tempo nesses limbos onde tudo são soluços e misérias. Sim, as trevas visíveis de que nos falam as escrituras existem, e infelizes os que, tendo terminado as suas provas terrenas, deixam a vida, ignorantes ou culpados, são mergulhados nessas áreas frias, ignorantes de si mesmos e dos seus destinos. Julgam que vão ficar ali para sempre, balbuciam ainda as palavras da vida que os encantaram e, confusos, temem a sua grande solidão. São trevas... esse lugar vazio e povoado, esse Espaço onde, gemendo, pálidos espíritos vagueiam sem consolo, sem afeições, sem nenhum socorro. A quem se dirigir?

Sentem a eternidade pesar-lhes, tremem e lamentam os interesses mesquinhos que marcaram as suas horas de vida. Têm saudades da noite que, sucedendo ao dia, levava muitas vezes as suas preocupações num sonho feliz.

As trevas são, para o Espírito, a ignorância, o vazio e o horror do desconhecido...não posso continuar....

Claire

A sexta comunicação encerra uma ideia verdadeira, explicando a insistência de certos Espíritos no mal. Causa confusão que sejam insensíveis ao pensamento, ao próprio espetáculo da felicidade de que beneficiam os bons Espíritos. Estão exatamente na posição dos seres humanos degradados que

se entregam a alegrias grosseiras e sensuais. Nelas estão, de certo modo, no seu meio; não concebem alegrias delicadas; preferem trapos sujos às roupas limpas e brilhantes, porque estas não estão ao seu alcance; preferem as festas báquicas aos prazeres da boa companhia. Identificaram-se de tal modo com este modo de vida, que se tornou para si uma segunda natureza; acreditam-se mesmo incapazes de se elevar acima desta esfera e por isso aí permanecem até que se dê uma transformação do seu ser que lhes abra a inteligência desenvolvendo neles o senso moral e os torne capazes de sensações mais subtis.

Estes Espíritos, quando desencarnados, não podem adquirir instantaneamente a delicadeza do sentimento e, durante um período mais ou menos longo, ocuparão os fundos do mundo espiritual, como ocuparam os do mundo corporal. Aí ficarão enquanto forem rebeldes ao progresso. Mas a longo prazo, com a experiência, as tribulações e misérias das reencarnações sucessivas, chega o momento em que concebem qualquer coisa melhor do que têm; as suas aspirações elevam-se, começam a compreender o que lhes falta e é então que fazem esforços para o adquirir e elevar-se; uma vez entrados neste caminho, avançam rapidamente porque gozam de uma satisfação, que lhes parecia bem superior, e ao pé da qual as outras, que eram apenas sensações grosseiras, acabam por lhes inspirar repugnância.

As relações estabelecidas pelo espiritismo entre os vivos e os Espíritos dos mortos deram lugar à observação de que os Espíritos se emendam mais rapidamente sob a influência de bons conselhos do que aqueles que estão encarnados, tal como se vê pelas curas de obsessões. Esta diferença conduz à seguinte pergunta:

Por que motivo a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil do que a dos encarnados?

R: (Sociedade de Paris) – O Espírito encarnado, devido à sua natureza, está num estado de luta incessante em função dos elementos contrários que o compõem, e que devem conduzi-lo ao seu objetivo providencial, reagindo um sobre o outro. O corpo material é facilmente dominado pelo fluido exterior; se a alma não reage com todo o poder moral de que é capaz, deixa-se dominar pelo corpo e sofre as influências negativas que a rodeiam, e isto com tanto mais facilidade quanto os seres invisíveis que o rodeiam atacam de preferência os seus pontos mais vulneráveis, as tendências para as paixões mais acentuadas.

Com o Espírito desencarnado, tudo se passa de forma muito diferente. Encontra-se ainda sob uma influência semimaterial, mas nada comparável à do espírito encarnado. O respeito humano, tão preponderante no indivíduo, para ele nada vale e esse pensamento não o poderia impedir de resistir muito tempo às razões que o seu próprio interesse lhe mostrou serem boas. Pode lutar, geralmente até o faz com mais violência que o encarnado, porque é mais livre, mas o seu julgamento não é entravado por nenhum mesquinho interesse material de posição social. Luta por amor ao mal, mas rapidamente toma consciência da sua incapacidade perante a superioridade moral que o domina. A visão de um futuro melhor é mais forte, porque é ali, no mundo em que vive, que ele vai concretizar-se, e esta tentativa não se apaga perante o turbilhão dos prazeres humanos.

Numa palavra: não estando já sujeito à influência da matéria, é isso que torna a sua conversão mais fácil, depois de ter registado avanços pelas provas já dadas. Um Espírito primitivo seria pouco sensível ao raciocínio, mas não é o seu caso, visto que já tem experiência de vida. Aliás, no ser encarnado, como no desencarnado, é sobre a alma, pelo sentimento, que é preciso atuar. Uma ação material pode suspender momentaneamente os sofrimentos de uma pessoa viciada, mas não pode anular o princípio mórbido que reside na alma. *Qualquer atitude que não tiver efeitos bons sobre a alma, não pode desviá-la do mal.*

Espírito chamado “S. Luís”

O suicida da Samaritana

No dia 7 de Abril de 1858, pelas 7 horas da tarde, um homem de uns cinquenta anos, convenientemente vestido, apresentou-se na Samaritana de Paris, e pediu para que lhe preparassem um banho. O rapaz de serviço, duas horas depois, perante a demora resolveu entrar no gabinete para saber o que se passava. Foi surpreendido por um terrível espetáculo. O infeliz tinha cortado o pescoço com uma navalha, e o sangue tinha inundado toda a água do banho. Não tendo conseguido identificá-lo, transportaram o cadáver para a morgue.

O Espírito desse homem, evocado na Sociedade de Paris, seis dias após o falecimento, deu as seguintes respostas:

Evocação: (resposta do guia do médium). Espera. Já aqui está.

P.: Onde estás agora?

R.: Não sei. Diz-me tu onde é que estou.

P.: Estás numa reunião de pessoas que se interessam por estudos espíritas e que têm intenção de te ajudar.

R.: Diz-me se estou vivo. Mal posso respirar neste caixão.

P.: Quem é que te trouxe aqui?

R.: Sinto-me aliviado.

P.: Porque é que te suicidaste?

R.: Estou morto? Não, não. Eu estou no meu corpo. Não fazem uma ideia de como soffro. Sufoco. Haja uma mão amiga que acabe comigo.

A alma, embora separada do corpo, está ainda completamente mergulhada no turbilhão da matéria corporal. As ideias terrestres ainda estão vivas. Ainda pensa que está vivo.

P.: Porque é que não deixaste algum vestígio que te dê a conhecer?

R.: Estou abandonado, *fugi do sofrimento e encontrei a tortura.*

P.: Ainda tens motivos para te manter incógnito?

R.: Sim, não ponham um ferro em brasa numa ferida que sangra.

P.: Podes dizer-me como te chamas, a idade que tens e, a tua profissão e a morada?

R.: Não, digo a tudo que não.

P.: Tens família, mulher, filhos?

R.: Estava abandonado. Ninguém gostava de mim.

P.: O que é que fizeste para ninguém gostar de ti?

R.: Há muita gente assim!... Um homem pode ser abandonado por toda a família que o rodeia, se ninguém gosta dele.

P.: No momento em que te suicidaste, não hesitaste sequer?

R.: Tinha sede da morte. Precisava de repouso.

P.: Porque é que a ideia do futuro não te fez desistir do teu plano?

R.: Já não acreditava nisso, tinha perdido a esperança. O futuro... é a esperança!...

P.: Em que é que pensaste quando a vida te estava a fugir?

R.: Não pensei em nada. Sentia apenas. Mas a minha vida não se extinguiu, a minha alma está ligada ao meu corpo. *Sinto os bichos que me estão a comer.*

P.: Em que é que pensaste no momento em que a morte se completou?

R.: A morte está completa?

P.: O momento em que a vida se extinguiu, foi doloroso?

R.: Menos doloroso que depois. Só o corpo é que sofreu.

P.: (*Pergunta feita ao Espírito chamado "São Luís"*) – Que quer dizer o Espírito quando diz que o momento da morte foi menos doloroso que depois?

R.: O Espírito estava a libertar-se de um fardo que o incomodava. Estava a ter prazer em ter essa dor.

P.: Esse estado acontece após todos os suicídios?

R.: Sim, O Espírito de um suicidado está sempre ligado ao corpo até ao fim da vida; A morte natural é a libertação da vida; o suicídio é a sua destruição total.

P.: Esse estado é igual em todas as mortes acidentais independentemente da vontade, e que encurtam a duração natural da vida?

R.: Não... qual é a tua ideia de suicídio? O Espírito só é culpado daquilo que faz.

Esta dúvida a respeito da morte é muito frequente nas pessoas imediatamente depois do seu falecimento, sobretudo nas que, durante a vida, mantiveram níveis elevados de materialização. É um fenómeno estranho à primeira vista, mas que é explicável. Se a uma pessoa que foi colocada no estado de sonambulismo pela primeira vez, se perguntar se está a dormir, ela responderá sempre que não. A resposta é lógica porque a pergunta está malfeita, em termos que não são apropriados. A ideia que temos de "sono" está associada à suspensão das nossas faculdades sensitivas. O sonâmbulo que pensa, vê, sente e tem consciência da sua liberdade moral, julga que não está a dormir e, de facto, não está, na aceção vulgar do termo. É por isso que responde que não está a dormir, até estar habituado a essa situação.

É o mesmo que acontece com uma pessoa a seguir à sua morte, porque a ideia que tinha dela era a anulação completa do ser. Como o sonâmbulo, vê, sente e fala; é como se não estivesse morto. É isso que diz até ao momento em que tenha compreendido o estado em que está.

Esta ilusão é sempre mais ou menos penosa, porque não é completa e porque deixa o Espírito num certo estado de ansiedade. No caso que estávamos a ver é um verdadeiro suplício pela sensação dos bichos a comerem o seu corpo e pela duração que deveria ter a sua vida, se ele não tivesse terminado com ela.

É uma situação frequente em casos de suicídio, mas que não é sempre igual. Varia sobretudo na sua duração e intensidade conforme as agravantes ou atenuantes da falta. A sensação dos bichos e da

decomposição do corpo não é exclusiva dos suicidados. É mais frequente para os que tiveram uma vida mais material do que espiritual.

Em princípio nenhuma falta deixa de ter as suas consequências naturais, mas a regra não é absolutamente uniforme nos meios de punição.

O PAI E O RECRUTA

No princípio da Guerra da Itália em 1859, um negociante de Paris, pai de família, estimado pelos seus vizinhos, tinha um filho que foi chamado para o serviço militar. Não tendo a possibilidade de o livrar da tropa, teve a ideia de se suicidar, de modo a torná-lo filho único da sua viúva, permitindo-lhe assim ficar livre de obrigações militares.

Um ano depois foi evocado na Sociedade de Paris, a pedido de uma pessoa que o tinha conhecido e que desejava saber como se encontrava o seu Espírito.

Ao Espírito chamado “São Luís”:

Peço-te que me digas se podemos evocar o Espírito da pessoa de quem estivemos a falar.

R.: Podem sim; ficará até bastante feliz por isso, e aliviado.

Feita a evocação: R.: Muito obrigado por me terem chamado. Tenho sofrido muito, o que é justo, mas serei perdoado....

(O Espírito escreve com grande dificuldade, as letras são irregulares e mal desenhadas. Depois da palavra “mas” parou, tentando sem êxito continuar a escrever. Faz traços ilegíveis. A palavra que desejaria escrever era “Deus”, o que não conseguiu.)

P.: Completa aquilo que ias dizer...

R.: Não sou digno!...

P.: Dizes que sofres. É evidente que erraste cometendo suicídio. Será que o motivo pelo qual o fizeste te mereceu alguma indulgência?

R.: A punição será mais curta. Mas a atitude foi igualmente má.

P.: Podes dizer-nos o que sofreste?

R.: Sofro duplamente na alma e no corpo; neste, embora já não me pertença, sinto as dores no corpo como se sentem em vida as dores num membro amputado.

P.: O único motivo do teu ato foi o teu filho, ou tiveste qualquer outra razão?

R.: O amor de pai foi a única razão, mas erradamente. Como atenuante, será encurtada a pena sofrida.

P.: Sabes quanto durará?

R.: Desconheço, mas sei que será encurtada, o que será um alívio.

P.: Não conseguiste, há pouco, escrever o nome de Deus. Mas já temos visto Espíritos em muito más condições fazê-lo. Isso faz parte do castigo?

R.: Poderia fazê-lo com um grande esforço de arrependimento.

Pois bem, faz o grande esforço e tenta escrever; estamos convencidos que, se conseguires, será um alívio para ti.

(O Espírito acaba por escrever, com letras grandes mal desenhadas “Deus é muito bom”)

P.: Sabemos que te foi agradável vir falar connosco. Faremos preces e pedidos a Deus em teu benefício.

R.: Sim, se fazem favor.

Pergunta ao Espírito chamado “São Luís”:

P.: Pedimos o teu comentário acerca da atitude do Espírito que evocámos.

R.: Sofre com justiça, porque não teve confiança em Deus, que é sempre uma falta grave. A punição seria terrível e muito longa se não tivesse em seu favor um motivo louvável, o de impedir que o filho fosse enfrentar a morte; Deus, que lê no fundo dos corações e que é justo, só o puniu pelos seus atos.

Observações:

À primeira vista esse suicídio parece desculpável, porque pode ser considerado um ato generoso. Realmente é, mas não completamente. Assim como diz o Espírito chamado “São Luís”, este homem não teve confiança em Deus. Pelo seu gesto, talvez tenha impedido de se cumprir o destino do seu filho. Primeiro, ele poderia não ter morrido na guerra e talvez essa missão lhe pudesse oferecer a oportunidade de fazer qualquer coisa que fosse útil à sua evolução. A intenção foi boa, e por isso foi levada em conta. A intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não deixa de ser um erro. Raciocinando assim, quase todos os erros poderiam ser justificados. Porque até se pode matar alguém, com o fim de prestar um serviço. Uma mãe não pode matar o seu filho, com o propósito de fazer com que ele vá imediatamente para o céu, e essa nunca poderá ser considerada uma boa ação. Com tais pretextos até o fanatismo cego que ordenou as guerras de religião poderia ser justificado.

Em princípio ninguém pode dispor da sua vida, porque ela lhe foi dada *para cumprir deveres durante a sua existência na Terra*. Por isso, uma pessoa nunca poderá abreviar a sua vida, seja por que pretexto for. Como tem o seu livre arbítrio, ninguém a pode impedir disso, mas sofrerá as consequências. O suicídio mais severamente castigado é o que for cometido por desespero, para alguém se libertar das misérias da vida. Sendo estas outras tantas provas e expiações, fugir a elas é recuar diante duma tarefa que tinha sido aceite, ou até uma missão que deveria ser cumprida.

O suicídio não é somente o ato voluntário que produz a morte instantânea. É também tudo o que possa fazer-se, com conhecimento de causa, para apressar a extinção das forças vitais. Não pode comparar-se ao suicídio a generosidade de alguém que se expõe à morte para salvar o seu semelhante. Primeiro porque não há, nesse caso, a intenção premeditada de se subtrair à vida e, em segundo lugar, porque não há perigo de que a Providencia não nos possa livrar, se não estiver chegada a nossa hora. Se a morte suceder em tais circunstâncias é um sacrifício meritório, porque é uma abnegação em benefício de terceiros. (*“O Evangelho segundo o Espiritismo”, Capítulo V, n.ºs. 53, 65, 66 e 67*)

FRANÇOIS-SIMON LOUVET (du Havre).

A seguinte comunicação espontânea foi recebida numa reunião espírita no Havre, no dia 12 de Fevereiro de 1863:

“Tereis vós piedade de um pobre miserável que há tanto tempo sofre terríveis torturas? O terrível vazio, o espaço, estou a cair, socorro!... Meu Deus, que vida miserável a minha!... Era um pobre diabo, passei muita fome. Foi por isso que comecei a beber e tive vergonha e me desgostei de tudo. Quis morrer e lancei-me!... Oh meu Deus, que momento!... Porque terei desejado morrer quando já estava tão perto do fim?!... Rezem por mim, para que deixe de me ver constantemente *caindo por este enorme vazio*, prestes a desfazer-me nos rochedos!... Suplico-vos, já que tendes o conhecimento das misérias daqueles que deixaram de viver, suplico-vos, embora não me tenham conhecido, porque sofro tanto. Por que razão terei de passar por tais provas? Já sofro muito, de qualquer jeito!... Se tivesse fome em vez desta terrível tortura, mas invisível para vós, hesitariam por acaso em dar-me um pedaço de pão?!...

Rezem por mim, suplico-vos. Não posso ficar aqui mais tempo convosco. Perguntai a um destes felizes que por aqui estão quem eu era. E orai por mim!...”

François-Simon Louvet

O guia do médium: Aquele que acabou de se dirigir a ti, meu filho, é um pobre infeliz, que tinha uma prova de miséria a prestar em vida na Terra, mas deixou-se cair no desgosto. Faltou-lhe a coragem e o infeliz, em vez de olhar o alto como devia, entregou-se à embriaguez. Caiu nos limites do desespero e pôs termo à sua triste prova lançando-se da torre de Francisco 1º, no dia 22 de Julho de 1857.

Tenham piedade dessa pobre alma que, não sendo avançado, mas que tem suficiente conhecimento da vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Orai a Deus para lhe ser concedida uma outra prova, e será uma boa obra que fazeis.”

Foram feitas pesquisas no Jornal do Havre de 23 de Julho de 1857, e foi encontrado um artigo que dizia o seguinte:

“Ontem, às quatro horas, as pessoas que passeavam no cais ficaram tristemente impressionadas por um lamentável acidente: um homem lançou-se da torre e veio esmagar-se nas pedras. Era um velho trabalhador do mar viciado na bebida que cometeu suicídio. Chamava-se François-Victor Simon Louvet. O corpo foi transportado a casa de uma de suas filhas, na Rue de la Corderie. O falecido tinha 67 anos de idade.”

Desde há quase seis anos que morreu, vê-se continuamente a cair da torre, despedaçando-se nas pedras. Tem o pavor do vazio que está diante de si e sente um grande medo da queda. E isto desde há seis anos!... Quanto tempo ainda durará?... Desconhece inteiramente e esta incerteza agrava as suas angústias. Será que uma coisa destas será melhor que o inferno e as suas chamas?... Quem revelou tais castigos? Terão sido inventados? Não. São os próprios castigados que vêm descrevê-los, como outros descrevem as suas alegrias. Muitas vezes fazem-no espontaneamente, sem que passe pela cabeça de ninguém, o que exclui qualquer ideia de que se é juguete da própria imaginação.

Uma mãe e o seu filho

No mês de Maio de 1865, M.C., negociante numa pequena cidade perto de Paris, tinha em casa o filho com a idade de 21 anos, gravemente doente. O jovem, sentindo o seu fim aproximar-se, chamou a mãe e ainda teve forças para abraçá-la. Esta, chorando abertamente, disse-lhe: “vai, meu filho, vai antes de mim. Muito em breve te seguirei”. Saiu logo de seguida, escondendo o rosto com as mãos. As pessoas que estavam presentes, perante a cena, consideraram as palavras da senhora como uma explosão de dor que o tempo e a razão iriam apaziguar. Contudo, depois de falecido o filho doente, procuraram-na pela casa e só foi possível encontrá-la num celeiro, onde se tinha enforcado. O funeral de ambos, mãe e filho, foi simultâneo.

Evocação do filho feito vários dias depois:

P.: Tens conhecimento do falecimento da tua mãe que se suicidou, sucumbindo ao desespero que lhe causou o teu falecimento?

R.: Sim, e sem o desgosto que me causou a sua decisão fatal, estaria completamente feliz. Pobre da minha querida mãe. Não conseguiu suportar a prova desta separação momentânea, e para se reunir ao filho que tanto amava, tomou uma decisão que a irá afastar dele durante muito tempo. Retardou deste modo uma reunião, *que teria acontecido em pouco tempo*, se tivesse respeitado a vontade de Deus, resignando-se humildemente à prova que devia enfrentar e à expiação que ia purificá-la.

Rezai, rezai por ela e, sobretudo, não façam como ela fez. Não pensem que ela amava, mais do que as outras mães, o filho que era a sua alegria e o seu orgulho. Ela não o amava mais, mas teve falta de

coragem e de resignação.

Mães que me escutais, quando virem a agonia fechar os olhos de um filho vosso, lembrem-se que, como Jesus, eles vão subir o calvário que os conduzirá à glória eterna.

Benjamim C.

Evocação da mãe:

A mãe: Quero ver o meu filho! Serão capazes de mo entregar? Cruéis!... Tiraram-mo para o levar para a luz e deixaram-me na noite. Quero tê-lo, quero! Pertence-me! Será que de nada vale o amor de mãe? Tê-lo trazido no meu seio nove meses, tê-lo alimentado com o leite do meu corpo, com o sangue do meu sangue, ter-lhe guiado os primeiros passos, tê-lo ensinado a balbuciar o nome sagrado de Deus e o doce nome de mãe, ter feito dele um homem cheio de atividade, inteligência, honestidade e retidão, de amor filial, e perdê-lo no momento em que iam realizar-se todas as esperanças que tínhamos concebido e que um brilhante futuro se abria diante dele!... Não, Deus não é justo; não é o Deus das mães, não compreende o meu desespero e a minha dor, e quando me entrego à morte para não deixar o meu filho, tiram-mo de novo!... Meu filho! Meu filho, onde estás?...

O evocador: Pobre mãe, compartilhamos a tua dor. Mas escolheste um triste meio para te reunires ao teu filho. O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e deverias ter pensado que Deus pune as infrações às suas leis. Não poderes ver o teu filho é a tua punição.

A mãe: Não; pensava que Deus era melhor do que as pessoas. Não acreditava no seu inferno, mas sim no reencontro eterno de todas as almas que se amaram como nós nos amamos. Enganei-me. Ele não é o Deus justo e bom. Não compreendeu a imensidade da minha dor e do meu amor! Oh, quem irá restituir-me o meu filho! Tê-lo-ei perdido para sempre? Piedade! Piedade, Meu Deus!...

O evocador: Acalma o teu desespero. Se há uma maneira de recuperar o teu filho não será blasfemando contra Deus, como estás a fazer. Em vez de preparares as coisas favoravelmente, estás a chamar mais severidade contra ti.

A mãe: Disseram-me que nunca mais o verei. Julgo que o levaram para o paraíso. E eu onde estou? Estarei no inferno, no inferno das mães? É isso que bem me parece!...

O evocador: O teu filho não está perdido para sempre, acredita em mim. Tu vais vê-lo, certamente. Mas tens que o merecer, obedecendo à vontade de Deus. Pela revolta, podes atrasar esse momento indefinidamente. Ouve-me: Deus é infinitamente bom, mas também é infinitamente justo. Nunca castiga sem causa. Se sofreste grandes dores em vida foi porque as mereceste. A morte do teu filho foi uma prova para a tua resignação. Infelizmente cometeste um ato gravíssimo em vida e agora, já no mundo espiritual, estás a errar do mesmo modo. Como queres que Deus compense os seus filhos rebeldes? Deus não é inflexível, aceita sempre o arrependimento dos culpados. Se tivesses aceitado com resignação e humildade esta prova que te enviou, esta separação temporária, e se tivesses esperado pacientemente que te tivesse libertado da vida terrena, estarias no mundo em que estás, mas já terias tido a alegria de vê-lo e de o ter nos teus braços. O que fizeste e o que continuas a fazer constrói uma barreira entre ti e ele. Não julgues que ele está perdido nas profundezas do espaço, está bem mais perto de ti do que julgas. Há, no entanto, um véu impenetrável que o esconde. Mas só o esconde a ele de ti. Ele vê-te e ama-te, embora se queixe da triste situação criada pela tua falta de confiança em Deus. Espera com os seus melhores votos o momento feliz em que possas vê-lo. Só depende de ti facilitar ou demorar esse momento. Reza a Deus, dizendo comigo:

“Meus Deus perdoai-me por ter duvidado da vossa justiça e da vossa bondade. Se fui punida por vós, reconheço que o mereci. Dignai-vos aceitar o meu arrependimento e a minha submissão à vossa

santa vontade”.

A mãe: Que brilho de esperança trouxeste à minha alma!... É uma luz na noite que me cerca. Muito obrigado, vou rezar. Adeus!...

C...

A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu neste Espírito a ilusão de estar ainda vivo. Tem perfeita consciência do seu estado. Noutros Espíritos, a punição está nessa própria ilusão, nos laços que os mantém ligados ao corpo. Esta mulher quis deixar a Terra para seguir o filho no mundo para onde ele tinha entrado. Era necessário que ela soubesse que estava no mundo espiritual para ser punida, sem o ter encontrado. A sua punição é precisamente saber que já não vive corporalmente e no conhecimento que tem dessa situação. É assim que cada falta é punida pelas circunstâncias que a acompanham, e que não há punições uniformes e constantes para as mortes do mesmo género.

DUPLO SUICÍDIO POR AMOR E POR DEVER

Um jornal de 13 de Junho de 1862 publicou a narrativa seguinte:

A menina Palmira, modista que morava com os seus pais, era uma pessoa atraente e com ótima maneira de ser e era solicitada por vários pretendentes. Entre eles estava o Senhor B. que tinha por ela uma viva paixão. Muito embora ela também gostasse dele, pensou ter o dever, por respeito filial, de preferir o Senhor D, cuja posição social lhe parecia mais vantajosa que a do seu rival.

Os Senhores B e D eram amigos íntimos. Ainda que não tivessem interesses em comum, não deixaram de se ver. O amor mútuo entre B e Palmira, quando se tornou Senhora D, não foi por isso prejudicado, ambos se esforçando por dissimulá-lo. Para tentar que essa tendência se dissipasse, B resolveu casar-se. Fê-lo com uma jovem dotada de magníficas qualidades, que fez o possível por amar sinceramente.

Porém, não tardou a aperceber-se de que o gesto heroico que empreendera não conseguia vencer os factos. Durante quatro anos, nem B nem a Senhora D faltaram aos seus deveres. O desgosto que ambos sentiam era indescritível, porque D, que amava verdadeiramente o seu amigo, convidava-o para vir a sua casa e, quando desejava sair, obrigava-o a ficar.

Os dois amantes, unidos certo dia por uma circunstância casual que não tinham procurado, deram-se conta do seu estado de espírito, e tiveram a ideia de que a morte era o único remédio para o mal que os afligia. Resolveram acabar com a sua vida ambos, estando juntos, no dia imediato, visto que o Senhor D deveria estar ausente de casa durante grande parte do dia.

Feitos os preparativos, escreveram uma longa carta muito tocante, explicando a causa da sua morte, que assumiam para não faltarem aos seus deveres. Terminada com um pedido de perdão, e o pedido de serem sepultados no mesmo túmulo.

Quando D. chegou a casa encontrou-os ambos asfixiados. Respeitou o seu último desejo, e fez com que não fossem separados no cemitério.

Tendo este facto sido sujeito a estudo na Sociedade de Paris, Um Espírito respondeu:

Os dois amantes que se suicidaram ainda não podem responder-vos. Vejo-os. Estão mergulhados na perturbação e assustados com o sopro da eternidade. As consequências morais da sua falta serão castigadas durante *migrações sucessivas*, nas quais, as suas almas distanciadas se procurarão sem cessar e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Uma vez cumprida a expiação, ficarão reunidos para sempre no seio do amor eterno. Daqui a uma semana, na vossa próxima sessão, poderão evocá-los. Apresentar-se-ão, mas sem se verem um ao outro. Estão mergulhados numa noite profunda que os esconderá durante longo tempo um do outro.

Evocação da mulher: P.: Podes ver o teu amante, com o qual te suicidaste?

R.: Nada vejo; nem os próprios Espíritos que fazem parte do grupo a que eu pertenço. Que noite!

Que noite!...e que venda espessa que me tapa os olhos!...

P.: Qual foi a sensação que tiveste logo que acordaste depois da morte? R.: Estranha. Tinha frio e era como se queimasse. O gelo corria-me nas veias, e o fogo estava no rosto. Coisa estranha, mistura incrível! O gelo e o fogo queriam martirizar-me, pensei que ia morrer mais uma vez.

P.: Sentes dores? R.: Todo o meu sofrimento, sinto-o como se fosse na cabeça e no coração.

P.: Pensas que vais ficar assim para sempre? R.: Sim, para sempre!... Ouço por vezes gargalhadas infernais, vozes medonhas que me gritam: “para sempre assim!...”

P.: Nós poderemos dizer com toda a segurança que não irá ser sempre assim. Assim que te arrependas, vais ser perdoada. R.: O que disseste? Não consegui ouvir-te!...

P.: Repito que os teus sofrimentos irão acabar, o que poderás facilitar pelo arrependimento, e nós ajudamos fazendo preces. R.: Só entendi uma palavra e sons confusos; a palavra foi “Graça”. Foi de graça que falaste? Falaste de graça, e deve ser a respeito da alma que aqui passou, uma pobre criança que chora e que espera.

Uma senhora da Sociedade diz que acabou de dirigir a Deus uma prece por essa criança desafortunada, e que tinha de facto, mentalmente, pedido para ela a graça de Deus.

P.: Disseste que estavas em trevas, não consegues ver-nos? R.: Só posso ouvir algumas palavras, mas só consigo ver no pano negro que me cobre, o desenho que surge a certas horas de uma cabeça que chora.

P.: Se não consegues ver o teu amante, não consegues sentir a presença dele que está aqui junto de nós? R.: Não me falem dele, tenho que esquecê-lo por agora, se quiser que a imagem que vejo traçada no tecido negro se apague.

P.: Que imagem é essa? R.: É a cabeça de um homem em sofrimento, cuja existência moral matei na Terra, por muito tempo.

Lendo esta narrativa temos a tendência inicial de encontrar circunstâncias atenuantes neste suicídio, de considerá-lo até um ato heroico, porque foi provocado pelo sentimento do dever. Vemos que foi julgado com outros critérios, que a pena dos culpados irá ser longa e terrível, por se terem refugiado voluntariamente na morte a fim de fugir à luta. A intenção de não fugirem aos seus deveres era honrosa, não há dúvida, e ser-lhe-á tida em conta mais tarde, mas o verdadeiro mérito teria estado em fugir à tentação, tanto que fizeram como o desertor que se escapa no momento do perigo.

*A pena destes dois culpados consistirá, como vemos, a procurarem-se durante muito tempo sem se encontrarem, **tanto no mundo dos Espíritos, como ao longo de outras encarnações terrestres.***

Ela fica afetada pela ideia de que o seu estado presente pode durar para sempre. Esse pensamento fazia parte do castigo, que não lhes permitiu poderem ouvir as palavras de esperança que lhes foram dirigidas. Àqueles que julgarem esta pena muito terrível e demorada, sobretudo se vier a prolongar-se por várias encarnações, diremos que não é uma duração no sentido absoluto do termo, pois que dependerá da maneira como eles irão suportar as provas futuras, no que podem ser ajudados por preces. Serão, como todos os Espíritos culpados, árbitros do seu próprio destino. O que não tem comparação com a condenação perpétua, sem esperança, pressuposta pela doutrina da Igreja dogmática, que os considera como candidatos a uma permanência infinda nos infernos, e que lhes

recusa até o benefício das últimas preces.

LOUIS E A PESPONTADEIRA DE BOTAS

Há sete ou oito meses, Louis G., operário de uma fábrica de calçado, fazia a corte a Vitorina R., uma operária sua colega, com a qual devia casar-se em breve. A data do casamento estava marcada e os jovens consideravam-se já unidos matrimonialmente. Para economizar, era hábito de Luís vir comer a casa da prometida.

Numa dessas ocasiões travou-se, por futilidades, uma discussão muito azeda entre eles, tendo levado a teimosia ao ponto de Louis ter deixado a casa da namorada, com intenções de ali não voltar.

No dia imediato, no entanto, veio pedir desculpas. A operária, com receio de que tais questões viessem a repetir-se já depois de casados, entre lágrimas e queixumes, recusou-se a fazer as pazes.

Vários dias se passaram, Louis continuou com a esperança de que a namorada iria mudar de ideias, e resolveu fazer uma nova tentativa. Ela nem lhe abriu a porta. Houve mais choros e lamentos à porta fechada, mas nada de mudar a recusa final.

Ele gritou-lhe, transtornado, um adeus para todo o sempre e a declaração que não iria encontrar ninguém que gostasse dela como ele. De dentro da porta, ela ouviu a queda do corpo de Louis, escorregando pela porta abaixo, depois o silêncio.

Passou-se um quarto de hora, Vitorina nada mais procurou saber, até que alguém que por ali passou deu o alerta gritando por socorro, ao qual acorreram vários vizinhos. Vitorina veio então à porta e deu-se com Louis, num estado lastimoso. Cravara bem fundo no peito a sua pontiaguda navalha de sapateiro, causando-lhe morte instantânea.

Sociedade Espírita de Paris, Agosto de 1858:

P: Pergunta feita ao Espírito chamado “S. Luís”: A rapariga, causa involuntária da morte do seu amante, tem a responsabilidade? R.: Sim, porque não o amava.

P: Para evitar essa infelicidade, deveria tê-lo desposado apesar de não gostar dele? R.: Esperava uma oportunidade para se separar dele; fez no começo da sua relação o que teria feito mais tarde.

P: A sua culpa consiste em ter alimentado nele sentimentos que ela não partilhava, sentimentos que causaram a morte do rapaz? R.: Sim, é isso.

P: A sua responsabilidade, neste caso, deve ser proporcional ao seu erro. Não deve ser tão grande como se tivesse provocado voluntariamente a morte? R.: Isso é evidente.

P: O suicídio de Louis terá sido motivado pela loucura em que mergulhou devido à obstinação de Vitorina? R.: Sim, porque o suicídio, proveniente do amor, é menos culpado aos olhos de Deus que o suicídio daquele que se quer livrar da vida por motivos de cobardia.

O Espírito de Louis G. foi evocado de novo. Foram-lhe feitas as seguintes perguntas:

P: Que pensas do ato que cometeste? R.: Vitorina é uma ingrata e cometi o erro de me suicidar por ela, que não o merecia.

P: Ela não gostava de ti? R.: Não. De princípio pensava que sim. Era uma ilusão. A cena que lhe fiz abriu-lhe os olhos. Aproveitou esse pretexto para se livrar de mim.

P: Tu gostavas dela a sério? R.: Era uma paixão. Acredito que era isso. Se tivesse por ela um amor puro, não teria querido fazer-lhe mal.

P: Se ela soubesse que te irias matar, continuaria a recusar-te? R.: Não sei, mas creio que não, por não ser má pessoa; mas seria infeliz. Para ela foi melhor que as coisas se tivessem passado assim.

P: Quando chegaste à porta, tinhas a intenção de te suicidar se ela te recusasse? R.: Não, nem pensava nisso. Nunca julguei que ela fosse tão obstinada. Foi só quando vi isso que fui tomado por uma vertigem.

P: Parece que lamentas o teu suicídio só porque Vitorina não o merecia. É só isso que sentes?

R.: Neste momento, sim. Ainda estou perturbado. Parece que ainda estou à porta dela, mas sinto algo diferente que não consigo explicar.

P: Achas que serás capaz disso mais tarde? R.: Sim, quando estiver esclarecido. O que fiz foi um erro; devia tê-la deixado em paz. Fui fraco e fui castigado por isso. Repara nos disparates que se cometem por paixões cegas. Só se conseguem compreender quando é tarde demais.

P: Dizes que foste castigado; qual foi esse castigo? R.: Fiz mal por ter abreviado a minha vida. Não o devia ter feito. Devia suportar tudo em vez de acabar antes do tempo. E por isso fiquei infeliz; sofro!... Foi ela sempre que me fez sofrer. Parece que ainda lá estou, à frente da porta dela. A ingrata!... Não me falem mais dela. Faz-me pessimamente, adeus!...

Também se vê neste caso uma prova da justiça distributiva na punição dos culpados, de acordo com o seu grau de responsabilidade. Neste caso a falta maior é da rapariga, por ter estimulado um amor que ela não partilhava e que não levava a sério; por isso lhe cabe a maior parte da responsabilidade. Quanto ao jovem, também é punido pelo sofrimento que o atinge, sendo a sua pena ligeira, por ter cedido a um momento irrefletido de exaltação, em vez da fria premeditação daqueles que se suicidam para escaparem às provas da vida.

UM ATEU

J. B. - D. era um homem instruído, mas imbuído até ao último grau pelas ideias materialistas, que nem acreditava em Deus nem na sua alma. Foi evocado dois anos depois de ter morrido, na Sociedade de Paris, a pedido de um dos seus parentes.

P.: Feita a evocação respondeu: R.: Sofro, fui reprovado!...

P: Chamámos-te a pedido de familiares teus que querem saber o que te aconteceu. Diz-nos se esta evocação te é agradável ou não. R.: É penosa.

P: A tua morte foi voluntária? R.: Sim.

O Espírito escreve com extrema dificuldade; escrita grande, irregular, convulsiva e quase ilegível. No começo da sua comunicação mostrou a sua cólera, partiu o lápis e rasgou o papel.

P: Tem mais calma. Todos pediremos por ti a Deus. R.: Sou forçado a acreditar em Deus.

P: Qual foi o motivo que te levou a queres destruir-te? R.: O aborrecimento de uma vida *sem*

esperança.

*Pensa-se no suicídio quando a vida não dá nenhuma esperança; quer-se fugir à infelicidade a qualquer preço. Com o espiritismo, o futuro desenrola-se e a esperança legitima-se. O suicídio, por isso, deixa de ter interesse. Além disso, ficamos a saber que escaparíamos de um mal para cair noutra, que é cem vezes pior. É por isso que o espiritismo já conseguiu arrancar tantas vítimas à morte voluntária. Têm toda a culpa aqueles que se esforçam por acreditar **por meio de sofismas científicos, e pretensamente em nome da razão**, a esta ideia desesperante, origem de tantos males e de crimes, de que tudo acaba com a morte; serão responsáveis, não apenas pelos seus próprios erros, mas também de todos os males de que tenham sido a causa.*

P.: Quiseste escapar às dificuldades da vida? Ganhaste alguma coisa com isso? És mais feliz agora?

R.: Por que é que o nada não existe ?...

P.: Podes fazer o favor de descrever a tua situação o melhor que te seja possível?

R.: Custa-me ter de acreditar em tudo que negava. A minha alma está em brasa; atormentadíssima!...

P.: De onde vinham as tuas ideias materialistas?

R.: Numa outra vida tinha sido mau e o meu Espírito estava condenado a sofrer os tormentos da dúvida durante a vida; também acabei por me suicidar.

Aqui há todo um quadro de ideias. Pergunta-se como é que pode haver materialistas se, tendo passado pelo mundo espiritual, as pessoas deviam ter a intuição da sua existência. Essa intuição é recusada a certos Espíritos, porque conservaram o seu orgulho, e não se arrependeram das suas faltas. A sua prova consiste em adquirir durante a vida corporal, e pela sua própria razão, as provas da existência de Deus e da vida futura que têm permanentemente diante dos olhos. Mas, muitas vezes, a presunção de não admitirem nada acima de si mantém-se, e por isso enfrentam a pena até que, tendo dominado o seu orgulho, enfim se rendem às evidências!...

P.: Quando te afogaste, pensaste o que seria de ti? Que é que pensaste nesse instante? R.: Nada pensei. Para mim era o nada. Depois disso, vi logo que – não tendo cumprido toda a minha condenação – as dificuldades que teria de atravessar eram ainda muitas...

P.: Agora já estás seguro a respeito da existência de Deus, da alma e da vida futura? R.: Ai de mim, estou ainda muito atormentado com tudo isso !

P.: Tens visto o teu irmão? R.: Não, não tenho.

P.: Por que razão? R.: Porque haveria de estar a reunir os nossos tormentos? Na infelicidade exilamo-nos, na felicidade é que nos iremos reunir.

P.: Talvez fosse bom encontrá-lo, visto que deve andar aí por perto, poderíamos chamá-lo. R.: Não, eu ando cá mais por baixo.

P.: Por que é que não queres que o chamemos? R.: É porque ele também não está feliz.

P.: Estás com receio de o ver. Só te podia fazer bem! R.: Não, mais tarde.

P.: Gostavas que disséssemos qualquer coisa aos teus pais? R.: Que rezem por mim.

P.: Parece que, no meio em que vivias, há pessoas que têm as mesmas ideias que tu tinhas durante a vida. Tens alguma coisa que possas dizer-lhes? R.: São uns infelizes. Se ao menos acreditassem numa outra vida. Era o que eu desejava que lhes acontecesse de mais feliz. Se pudessem compreender a minha situação, isso fá-los-ia pensar.

Evocação do irmão de J.D.B., que tinha a mesma ideologia, mas que não se suicidou. Embora infeliz, está mais calmo. A sua escrita é clara e legível. Feita a evocação, respondeu-nos:

R.: O quadro das nossas dificuldades poderia ser uma lição útil para todos, convincente de que existe uma outra vida na qual corrigimos as nossas faltas anteriores e a nossa incredulidade.

P.: Tu e o teu irmão, com quem conversámos, conseguem ver-se? R.: Não, ele foge de mim.

Seria de perguntar como podem os Espíritos fugir uns dos outros no mundo espiritual, onde não existem obstáculos materiais, nem esconderijos fora do alcance da visão. Tudo é relativo nesse mundo, em função da natureza fluídica dos seres que nele habitam. Só os Espíritos superiores têm percepções ilimitadas. Os Espíritos inferiores têm capacidades limitadas, produzindo os obstáculos energéticos o efeito de barreiras materiais. Os Espíritos escapam à visão de outros por efeito de vontade própria que atua sobre o seu veículo perispiritual e o campo energético ambiente.

A Providência, que os vigia individualmente a todos, como se faz às crianças, permite-lhes ou impede-os de usar essa faculdade, de conformidade com as disposições morais de cada um, o que – segundo as circunstâncias – toma a forma de um castigo ou de uma recompensa.

P.: Estás mais calmo que o teu irmão. Podes dar-nos uma descrição mais exata das vossas situações? R.: No mundo material sofre-se por amor-próprio, por orgulho, quando somos obrigados a reconhecer os nossos erros. O Espírito fica contrariado por alguém lhe demonstrar que está errado.

Vejam agora qual é a situação de alguém que andou toda a vida a afirmar perante todos que não existe outra vida, quando de repente se encontra perante esta verdade espantosa!... Fica abatido e humilhado!...A isso vem juntar-se o remorso de ter esquecido, durante tanto tempo, a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. Fica sem calma nem repouso.

Só recupera a tranquilidade no momento em que a santa Graça, quer dizer, o amor de Deus o tocar, porque o orgulho toma de tal maneira conta do nosso pobre espírito, que o envolve totalmente, levando muito tempo a desfazer-se dessa roupa fatal. Só as preces dos nossos irmãos podem ajudar-nos a livrarmo-nos dela.

P.: Estás a falar a respeito das pessoas vivas na Terra ou do teu irmão?

R.: De uns e de outros.

P.: Durante o tempo em que falávamos com o teu irmão, uma pessoa aqui presente fez uma prece por ele. Foi-lhe útil essa prece?

R.: O efeito da prece não se perde. Se ele rejeitar a graça agora, ela esperará, até ao momento em que ele estiver em condições de recorrer a essa “panaceia” divina.

Vemos aqui um outro género de provação, mas que é diferente de caso para caso, mesmo entre os incrédulos. Independentemente do mal-estar, é necessário a esse Espírito reconhecer as verdades que renegou sempre durante a vida. As suas ideias atuais mostram um certo progresso, em comparação às de outros Espíritos que persistem na sua negação de Deus. Já é qualquer coisa, um começo de humildade, reconhecer que estava enganado. É mais que provável que, na sua próxima encarnação, a incredulidade

vá ser ultrapassada pelo sentimento *inato* da fé.

Tendo sido transmitidas estas mensagens à pessoa que nos pediu que as fizéssemos, recebemos a seguinte resposta:

“Não imagina, caro Senhor, o benefício que foi para nós a evocação do meu sogro e do meu tio. Pudemos perfeitamente reconhecer as suas palavras. Sobretudo a escrita do primeiro, tem uma grande semelhança com a que tinha em vida, tanto mais que, durante os últimos meses que passou connosco, escrevia de forma sacudida e indecifrável. Tem os mesmos gestos caligráficos e o desenho de certas letras. Quanto ao estilo, ainda é mais flagrante. Apenas se encontra mais esclarecido quanto a Deus, a alma e a eternidade, que rejeitava totalmente. A sua identidade não nos oferece nenhuma dúvida. Damos graças a Deus pela confirmação da nossa fé no espiritismo, e os nossos irmãos que são Espíritos e os que são vivos na matéria, continuarão a evoluir para melhor.

A identidade do irmão não é menos evidente. Para além da diferença imensa entre o ateu e o crente, reconhecemos a sua personalidade, o seu estilo, a construção das frases, ficámos surpreendidos especialmente pelo uso frequente da palavra “panaceia”, a sua palavra habitual, que repetia frequentemente.

Dei a conhecer estas duas comunicações a diversas pessoas, que ficaram impressionadas com a sua veracidade. Mas os incrédulos, aqueles que têm as mesmas opiniões que os meus parentes, teriam desejado respostas ainda mais categóricas. Que o senhor D., por exemplo, precisasse o sítio onde foi enterrado, aquele onde se afogou, como foi encontrado, etc. Para os satisfazer e os convencer, poderíeis evocá-lo de novo, e nesse caso fazer-lhe as seguintes perguntas:

- Onde e como se suicidou?
- Quanto tempo esteve debaixo de água?
- Onde é que o corpo foi encontrado?
- Onde é que o corpo foi sepultado?
- Se o seu funeral foi civil ou religioso.

Façam o favor de pedir respostas categóricas a estas perguntas que são essenciais para aqueles que ainda duvidam; estou convencido do bem imenso que isso produzirá.

Estou a escrever de modo que esta carta possa chegar aí amanhã, Sexta-feira, dia de sessão...

Reproduzimos esta carta pela identificação que é confirmada. Juntamos a resposta que lhe demos, para as pessoas pouco familiarizadas com comunicações de além-túmulo:

As perguntas que desejam que façamos ao Espírito do vosso sogro têm a melhor intenção, a de convencer os incrédulos. No vosso caso não há nenhum sentimento de dúvida ou curiosidade, mas o melhor conhecimento da ciência espírita ter-vos-ia dado a conhecer que elas são supérfluas.

Primeiro, pedindo a resposta categórica do vosso parente, revela a ignorância de que não podemos tratar os Espíritos como muito bem queremos. Eles respondem quando e como querem e também como podem. A sua liberdade de ação ainda é maior do que quando vivos na matéria, e têm meios mais eficazes para fugir a formalismos que quisermos impor-lhes.

As melhores provas de identidade que podem dar-nos são aquelas que fazem espontaneamente, de sua própria vontade, ou que surgem das circunstâncias, sendo inúteis as tentativas de provocá-los.

O vosso parente provou a sua identidade de uma maneira irrecusável, na vossa opinião. Será mais do que provável que irá recusar-se a responder a perguntas que achará supérfluas, para satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Poderia até responder como outros têm feito: “Para quê perguntar coisas que já sabes?”

Além de que, na situação penosa em que se encontra, detalhes desse género são difíceis. É como incomodar um doente querendo entrar em detalhes da sua vida privada, faltando ao respeito da sua situação.

O resultado de tal pesquisa seria nulo. As provas de identidade fornecidas foram muito mais importantes, por serem espontâneas, não tendo sido suscitadas. Se os incrédulos não ficaram satisfeitos, ainda menos ficariam com respostas que tivessem o ar de ser compostas por alguém.

Há pessoas impossíveis de convencer. Mesmo que tivessem a possibilidade de ver o vosso parente em pessoa, diriam que era uma alucinação.

Quanto ao dia de fazer a evocação, também esse formalismo é descabido, porque os Espíritos não atendem com horas marcadas. Nem sempre respondem e, se respondem, é preciso que possam e queiram, sendo – além disso – necessário um médium disponível que tenha as características próprias, que o ambiente lhes seja simpático, etc. Em resumo, que estejam reunidas as condições adequadas para se fazerem as coisas com seriedade.

M. FÉLICIEN

Era um homem rico, instruído, poeta espiritual, de bom carácter, atencioso, respeitável e honesto. Especulações falsas tinham comprometido a sua fortuna, não tendo possibilidades de recuperar devido à avançada idade. Tendo perdido a coragem, suicidou-se em Dezembro de 1864. Nem era materialista nem ateu, mas de humor superficial, pouco preocupado com a vida futura. Tendo-o conhecido intimamente, evocámo-lo quatro meses depois da morte, por simpatia pessoal.

Feita a evocação, respondeu-nos:

R.: Tenho saudades da Terra. Tive deceções, mas menores do que aqui. Sonhava maravilhas, e estou a um nível inferior ao do meu ideal. O mundo dos espíritos é muito heterogéneo. Para o tornar suportável, era preciso escolher muito bem. Encontra-se por aqui cada um!... Balzac era pessoa para descrever tudo isto. Seria duro. Mas ainda não o vi. Onde andam os grandes Espíritos que tanto criticaram os vícios da humanidade?!... Deviam, como eu, passar aqui uns tempos antes de subir a níveis mais altos. É uma mistura curiosa, que gosto de observar. E por aqui me fico...

Embora o Espírito nos diga que está numa sociedade muito variada e, por conseguinte, de Espíritos inferiores, as suas palavras surpreenderam-nos bastante por nada dizerem a respeito do género de morte que teve. Fora isso, esteve de acordo com a sua maneira de ser. A sua identidade deixou-nos, porém, certas dúvidas.

P.: Diz-nos, por favor, de que maneira morreste?

R.: Morri da forma que escolhi. Agradou-me. Passei muito tempo a pensar a forma como me havia de livrar da vida. Posso dizer-vos que não ganhei grande coisa com isso, a não ser escapar aos problemas financeiros, vindo aqui encontrar outros mais graves, mais penosos para a minha condição de Espírito, cujo fim não está à vista.

P.: *(Ao guia do médium)* – Foi Félicien que nos respondeu? Esta forma de falar, completamente despreocupada, surpreende-nos da parte de um suicidado.

R.: Sim, mas por um motivo desculpável na sua posição que compreenderéis; ele não queria falar disso ao médium. Não quis dizer que género de morte teve, por isso arranjou frases de distanciamento. Acabou por dizer algo, devido à vossa pergunta direta, mas está muito afetado. Sofre bastante por se ter suicidado e afasta o mais que pode o que lhe faz pensar no seu fim infeliz.

P.: *(Ao Espírito)* – A tua morte incomodou-me bastante, por pensar que iria ter consequências tristes para ti, devido à estima e à proximidade que havia entre nós. Pessoalmente, não esqueci a forma bondosa com que me trataste, e vinha testemunhar-te o meu reconhecimento, se te pudesse

ser útil.

R: Contudo não podia escapar à atrapalhação dos meus problemas materiais. Agora já só necessito de preces, pedindo sobretudo que façam preces para me ver livre dos horríveis companheiros que andam à minha volta, que me apoquentam com gargalhadas, gritos e palhaçadas infernais. Chamam-me cobarde, e com toda a razão. Cortar a vida é uma cobardia. *Já são várias vezes que falho nesta prova.* E já prometi a mim mesmo que não o faria. Erro fatal!... Orem por mim, que suplício o meu!... Sou muito infeliz! Farás muito mais na Terra por mim, do que eu fiz por ti. Mas a grande prova em que falhei levanta-se à minha frente com traços inapagáveis.

Vai ser preciso enfrentá-la de novo. Terei eu forças para isso?!... Regressar à vida tantas vezes!

Tanto tempo a lutar, ser arrastado pelos acontecimentos e sucumbir por culpa própria. É desesperante, mesmo aqui!... É por isso que necessito de forças. Dizem que podem ser encontradas na prece. Orem por mim, que também eu o farei.

Este caso especial de suicídio, embora concretizado em circunstâncias tão vulgares, mostra-nos, contudo, uma faceta especial. Apresenta-nos um Espírito que já várias vezes sucumbiu a esta prova, que se renova em vidas sucessivas, o que continuará a acontecer se ele não tiver coragem para lhe resistir. É a confirmação deste princípio que, quando o objetivo de melhoria com o qual encarnamos não é alcançado, teremos sofrido sem proveito e teremos inevitavelmente que repetir a prova até que saíamos vitoriosos.

(Ao Espírito Félicien):

Escuta, por favor, o que tenho para te dizer, e medita nas minhas palavras. O que chamas fatalidade não passa da tua fraqueza. Não existe fatalidade! De contrário o ser humano não seria responsável pelos seus atos!...

O ser é sempre livre e está nisso o seu mais alto privilégio. Deus não quis fazer dele uma máquina obediente e cega. Se essa liberdade o torna falível, também lhe oferece a possibilidade de se aperfeiçoar. E é pela perfeição que chega à felicidade suprema.

Só o seu orgulho o leva a acusar o Destino das suas infelicidades sobre a Terra, enquanto na maior parte dos casos, apenas poderá acusar a sua falta de cuidado.

És um exemplo flagrante, na tua última vida. Tinhas tudo para ser feliz, conforme o mundo: espírito, talento, fortuna, consideração merecida, nenhum vício ruinoso e, ao contrário, qualidades com valor. Como é que foste cometer uma falha tão problemática? Só pela imprevidência. Bastava-te um pouco de prudência, se te soubesses contentar com o que tinhas, sem procurar enriquecer mais, não te terias arruinado. Não havia nenhuma fatalidade, pois poderias ter evitado o que te aconteceu.

A tua prova era feita de um encadeado de situações que deviam dar-te, *não a necessidade, mas a tentação do suicídio.* Infelizmente para ti, apesar do teu espírito e da tua educação, não conseguiste dominar as circunstâncias, e carregaste a pena da fraqueza. Esta prova, tal como o presentes com razão, vai ainda repetir-se. Na tua próxima existência estarás perante acontecimentos que provocarão de novo o pensamento do suicídio, e assim será até que tenhas triunfado sobre essa tentação.

Longe de acusares a sorte, que é obra tua, admira a bondade de Deus que, em vez de te condenar sem perdão numa primeira falta, oferece-te continuamente meios de te emendares.

Vais sofrer, não infinitamente, mas o tempo que for necessário para que a falta deixe de acontecer. Isso depende de tomares, enquanto Espírito, resoluções de tal modo enérgicas, de manifestar a Deus um arrependimento tão sincero, e de pedires com tal energia o auxílio dos bons Espíritos, que chegues à Terra coraçado contra todas as tentações. Uma vez alcançada essa vitória, avanças em direção à felicidade com mais rapidez, visto que, noutros aspetos, o teu avanço já é grande. Falta-te dar um passo importante. Vamos ajudar-te com as nossas preces, que serão impotentes se não as apoiares do teu lado com os teus esforços.

R.: Muito e muito obrigado pelas tuas boas exortações, de que tinha tanta necessidade. Sou mais infeliz do que aquilo que quero parecer. Vou pô-las em ação, garanto-te, preparando-me para a

próxima encarnação, na qual farei de maneira a não sucumbir. Tardo demasiado tempo em sair do meio detestável em que me deixei cair.

Félicien

ANTOINE BELL

Contabilista num banco no Canadá suicidou-se a 28 de Fevereiro de 1856. Um dos nossos correspondentes, médico e farmacêutico da mesma cidade, deu-nos, a seu respeito, as informações seguintes:

Conhecia o Bell há mais de 20 anos. Era um homem inofensivo e pai de numerosa família. Há algum tempo imaginou ter comprado veneno na minha farmácia e que se tinha servido dele para envenenar alguém. Vinha com frequência suplicar-me que lhe dissesse há quanto tempo é que lhe tinha vendido o veneno e entregava-se, nessas alturas, a terríveis manifestações de angústia. A família vivia numa constante ansiedade, das quatro da tarde até às nove horas da manhã, altura em que se dirigia ao banco onde trabalhava de uma maneira metódica, sem cometer um único erro. Tinha o costume de dizer que sentia alguém dentro de si que o ajudava a fazer a contabilidade com ordem e método. Nos momentos em que parecia convencido que os seus pensamentos eram absurdos, gritava: “Não, não, querem enganar-me; lembro-me bem, aquilo é verdade!”

Antoine Bell foi evocado em Paris a 17 de Abril de 1865, a pedido do seu amigo.

Evocação: R.: Que me queres? Fazer-me um interrogatório? É inútil, eu confesso tudo!...

P.: Está longe das nossas intenções querer atormentar-te com perguntas indiscretas. Queremos apenas saber em que condições te encontras no mundo em que estás, e se te podemos ser úteis.

R.: Ah, sim, podem ser-me muito úteis e muito vos agradecerei!... Tenho horror do meu crime, sou muito infeliz!...

P.: Temos a esperança de que as nossas preces possam aliviar as tuas penas. Mas não parecest estar em muito boas condições; se já te arrependeste, é um começo de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, tem sempre piedade por um pecador arrependido. Ora connosco. (dissemos a prece pelos suicidados que está no Evangelho Segundo o Espiritismo). Agora podes dizer-nos de que crime te sentes culpado. Ser-te-á levada em conta esta confissão feita com humildade. R.: Quero primeiro agradecer-vos a esperança que fazem nascer no meu coração. Ai de mim!... há muito tempo já, vivia numa cidade do mar do Sul que banhava as suas muralhas. Amava uma bela e jovem menina que correspondia ao meu amor. Mas era pobre e fui rejeitado pela sua família. Disse-me depois que iria casar-se com o filho de um negociante cujo comércio se estendia para lá dos dois mares, e eu fui desprezado. Louco de dor resolvi matar-me, depois de ter satisfeito a minha vingança, assassinando o meu abominado rival. Contudo, os meios violentos causavam-me repugnância. Horrorizava-me a ideia do crime, mas o ciúme era mais forte. Na véspera em que a minha noiva se tornaria sua, morreu envenenado por aquilo que lhe dei, que achei o meio mais fácil. Assim se explicam as minhas reminiscências do passado. Sim, já vivera, agora é necessário viver de novo. Oh, meu Deus! Tende piedade da minha fraqueza e das minhas lágrimas.

P.: Lamentamos o incidente que atrasou a tua evolução. Visto que estás arrependido, Deus terá piedade de ti. Diz-nos se te suicidaste realmente. R.: Não. Envergonhado, confesso que a esperança regressou ao meu coração. Queria gozar a recompensa do meu crime. Fui traído pelos remorsos. Paguei com o último suplício esse momento de desorientação: fui condenado à força.

P.: Tiveste consciência dessa má ação na tua última vida? R.: Só nos últimos anos. Foi assim: era bom por natureza; depois de ter sido sujeito, como todos os Espíritos homicidas, ao tormento de verem continuamente a sua vítima que os persegue como o remorso vivo, fui liberto disso muitos anos depois, pelas preces e pelo arrependimento. Recomecei a viver, a minha última existência, de forma pacífica e inquieto. Tinha em mim uma vaga intuição da minha fraqueza original e do meu erro anterior do qual tinha uma recordação latente. Entretanto, um Espírito obsessivo e vingativo, o pai da minha vítima, não teve dificuldade em apoderar-se de mim, fazendo reviver no meu coração, como num espelho mágico, as recordações do passado.

Influenciado alternadamente por ele e pelo guia que me protegia, eu era o envenenador ou o pai de família que trabalhava para alimentar os seus filhos. Fascinado por este demónio obsessivo, fui empurrado para o suicídio. Tenho culpas nisso, é verdade, mas não tantas como se fosse resolução de mim mesmo. Os suicidados do meu tipo, que são demasiado fracos para resistirem a Espíritos obsessivos, são menos culpados e menos castigados do que aqueles que acabam com a vida pelo seu próprio livre arbítrio.

Rezem comigo pelo Espírito que me influenciou tão fatalmente, para libertá-lo dos seus sentimentos de vingança, e rezem também por mim, para que ganhe forças e energias necessárias para vencer a prova do suicídio por livre vontade *à qual vou ser sujeito na minha próxima vida, conforme me foi dito.*

P.: (Ao guia do médium) – Um Espírito obsessivo pode realmente induzir ao suicídio? R.: Com certeza. Porque a obsessão, que é um género de prova, pode assumir todos os aspetos, mas não é uma desculpa. A pessoa tem o seu livre arbítrio e é livre para seguir ou recusar as tentações que lhe são propostas. Quando aceita alguma é por sua própria vontade. O Espírito tem razão quando diz que quem faz o mal instigado por outra entidade, é menos culpado e menos punido que quando é ele mesmo a tomar a atitude. Não é ilibado, porque – tendo infringido o procedimento justo – é sinal que não o tem em si devidamente enraizado.

P.: Por que razão, apesar da prece e do arrependimento que tinham libertado este Espírito do padecimento que lhe causava a visão da sua vítima, continuou a ser perseguido pela vingança do Espírito que o tinha obsidiado na sua última encarnação? R.: O arrependimento, como sabes, *é apenas o começo da reabilitação*, mas não é o bastante para libertar o culpado. Deus não se contenta com promessas. É necessária a prova, tomada por atos concretos, do regresso ao bem. É por isso que o Espírito é sujeito a mais provas que o fortifiquem, ao mesmo tempo que lhe fazem ganhar também o merecimento de as vencer. Por isso continua sujeito às perseguições dos maus Espíritos, *até que estes o sintam suficientemente forte para resistir às suas tentativas e o deixem em paz.*

Estes últimos exemplos mostram-nos que as mesmas provas se repetem em encarnações sucessivas, até serem vencidas definitivamente. Antoine Bell mostra-nos, além disso, o exemplo instrutivo de uma pessoa perseguida pela recordação de um crime cometido numa existência anterior, como um remorso e um aviso. Vemos, portanto, que as existências são solidárias entre si. A justiça e a bondade de Deus revelam-se na continuidade da evolução que confere às pessoas, sem nunca lhes fechar a porta ao resgate das suas faltas.

O culpado é castigado pela falta em si, e a punição, em vez de ser um castigo de Deus, é o meio usado para fazê-lo progredir.

VERGER, assassino do arcebispo de Paris

No dia 3 de Janeiro de 1857, Monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, ao sair da igreja de Saint-Etienne du Mont foi atingido mortalmente por um padre jovem de nome Verger. O culpado foi condenado à morte e executado no dia 30 de Janeiro. Até ao último momento não manifestou nem pena, nem arrependimento nem sensibilidade.

Evocado no próprio dia da sua execução, deu as seguintes respostas:

R: Ainda estou preso ao meu corpo.

P: A tua alma não está ainda totalmente liberta do teu corpo? R.: Não... Tenho medo... Não sei... Esperem que eu me reconheça... Ainda não estou morto, é isso?

P: Estás arrependido do que fizeste? R.: Fiz mal em tê-lo morto. Mas estava indignado por ter sido humilhado, e agi por impulso. Podem evocar-me mais tarde.

P: Porque é que estás com tanta pressa? R.: Ficaria com muito medo se o visse. Talvez se vingasse fazendo-me o mesmo.

P: Mas não tens nada a temer porque a tua alma está separada do teu corpo. Não estejas inquieto. Não tem razão de ser. R.: Que querem? Nem sempre se pode controlar tudo; não sei onde estou, e sinto-me descontrolado.

P: Tenta acalmar-te. R.: Não posso porque estou louco. Esperem, vou tentar dominar-me.

P: Se orares, isso poderia ajudar-te a concentrar as ideias. R.: Estou com medo... não me atrevo a rezar.

P: Reza, a misericórdia de Deus é grande. Nós vamos orar contigo. R.: Sim, a misericórdia de Deus é infinita, sempre acreditei nisso.

P: Agora já estás a ver melhor a tua situação? R.: É tão extraordinária que ainda não consigo.

P: Estás a ver a tua vítima? R.: Oíço uma voz que parece a dele, e que me diz: Não te quero fazer mal... mas deve ser coisa imaginada por mim... Estou louco, podem ter a certeza. Vejo o meu corpo de um lado e a cabeça do outro. Entretanto parece que estou vivo, mas no espaço, entre a terra e o que chamam o céu. Sinto mesmo o frio de um machado a cair-me no pescoço, mas é do medo que tenho de morrer. Parece-me ver uma quantidade de Espíritos à minha volta, a olhar para mim com compaixão; *falam comigo*, mas não os compreendo.

P: Entre esses Espíritos há algum cuja presença te humilha por causa do crime que cometeste? R.: O único que eu temo é aquele que eu feri.

P: Lembras-te das tuas vidas anteriores? R.: Não, estou vazio... penso que estou outra vez a sonhar. É preciso que me reconheça.

Três dias mais tarde: P.: Já te reconheces melhor agora? R.: Sei que já não estou neste mundo e não tenho pena nenhuma. Lamento o que fiz, mas o meu Espírito é mais livre. Sei melhor que há uma série de existências que nos dão conhecimentos úteis para nos tornarmos perfeitos, tanto quanto é possível.

P.: Estás a ser punido pelo crime que cometeste? R.: Sim. Lamento o que fiz e sofro por isso.

P.: De que maneira foste punido? R.: Fui punido porque reconheço a minha falta e peço por isso perdão a Deus. Sou punido pela consciência que tenho da falta de fé em Deus, e porque sei agora que não devemos tirar dias à vida dos nossos irmãos. Sou punido pelo remorso de ter atrasado a minha evolução agindo mal, e por não ter escutado a voz da minha consciência, que me dizia que não seria matando que atingia os meus objetivos. Mas deixei-me dominar pelo orgulho e pela inveja. Enganei-me e arrependo-me, porque devemos sempre fazer esforços para dominar as nossas más paixões, e eu não fiz isso...

P.: Qual é a sensação que tens quando nós te evocamos? R.: Um prazer e um temor, porque eu não sou mau...

P.: Em que consistem esse prazer e esse temor? R.: O prazer de falar com pessoas e de poder em parte reparar a minha falta, confessando-a. Um temor que não posso definir e uma espécie de vergonha por ter sido um assassino.

P.: Queres voltar a encarnar na Terra? R.: Sim, peço isso e desejo correr constantemente o risco de ser morto e ter medo disso!...

Monsieur Sibour, tendo sido evocado, disse que perdoava ao seu assassino e que rezava pelo seu regresso ao bem. Acrescentou que, embora tendo estado com ele, não se lhe mostrou para não aumentar o seu sofrimento. O receio de vê-lo, como sinal de remorso, era já um castigo.

P.: A pessoa que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que será um assassino?

R.: Não. Sabe que, escolhendo uma vida de luta, terá a oportunidade de matar um dos seus semelhantes. Mas ignora se o fará realmente, porque quase sempre está em luta consigo mesmo.

A situação de Verger, no momento da sua morte, é a de quase todos aqueles que são vítimas de morte violenta. Não se realizando a separação da alma de forma brusca, os que morrem ficam como aturdidos e não sabem se estão mortos ou vivos. A visão do arcebispo foi-lhe poupada, porque não era necessária para lhe fazer remorsos, enquanto outros, pelo contrário, são incessantemente seguidos pelos olhares das suas vítimas.

À enormidade do seu crime, Verger tinha acrescentado não se ter arrependido antes de morrer. Estava, portanto, nas condições para sofrer longa condenação. No entanto, logo que deixou a Terra, o arrependimento penetrou na sua alma. Repudiou o passado e pediu a Deus que lhe fosse concedida a possibilidade de o reparar. Não foi o excesso de sofrimento que o levou a isso, visto que nem houve tempo de sofrer. Foi apenas o grito da sua consciência, a qual não fora atendida durante a vida, e que agora sim, era devidamente considerada. Por que motivo não lhe teria isso sido considerado? Por que motivo Deus, que tinha sido misericordioso antes da morte, passou a não ter piedade algumas horas mais tarde?

Causa-nos admiração a rapidez com que mudam as ideias de um criminoso endurecido até ao último momento de vida, e cuja passagem para a outra vida basta para compreender a incorreção do seu

comportamento. Este caso está longe de ser geral; se assim fosse não haveria maus Espíritos. O arrependimento chega com frequência muito tarde, o que prolonga as penas, naturalmente.

A obstinação no mal durante a vida é causada pelo orgulho que se recusa a ceder e aceitar os próprios erros. Além disso, o homem está sob a influência da matéria que lança um véu sobre as suas percepções espirituais, e fascina-o. Caído o véu, uma luz instantânea envolve os Espíritos, que ficam lúcidos. O regresso imediato aos melhores sentimentos é sempre indicador de um certo progresso moral conseguido, que só espera uma boa oportunidade para se revelar. Os que insistem no mal mais ou menos tempo depois da morte, são Espíritos incontestavelmente atrasados, em que o instinto material abafa o germe do bem, e a quem ainda são necessárias novas provas para se emendarem.

LEMAIRE

Condenado à pena de morte pelo tribunal de Aisne, foi executado a 31 de Dezembro de 1857. A sua evocação foi feita no dia 29 de Janeiro seguinte.

Resposta à evocação: Já aqui estou!...

P: O que é que sentes ao ver-nos? R.: Vergonha!...

P: Tiveste conhecimento até ao último momento? R.: Sim, tive.

P: Logo depois da morte, tiveste alguma ideia da nova existência? R.: Tive uma enorme perturbação, da qual ainda não saí. Senti uma dor imensa, que me pareceu localizar-se no coração. Vi qualquer coisa a rolar no chão e sangue. As dores foram enormes.

P: Era uma dor física, como a de uma ferida grave? R.: Não, imaginem o remorso ou uma grande dor moral.

P: Quando começaste a senti-la? R.: Desde que fiquei livre.

P: A dor física era sentida pelo corpo ou pelo Espírito? R.: A dor moral era no espírito. O corpo sentiu a dor física, *mas o Espírito separado também ainda a sentia.*

P: Tens o corpo mutilado? R.: Vi algo disforme que desconheço, que parece não me ter deixado. Entretanto ainda me sentia inteiro; era eu mesmo.

P: Qual a impressão que esse aspeto te causou? R.: A dor era demasiado forte. *Estava perdido nela.*

P: É verdade que o corpo ainda vive alguns instantes depois da execução, e que a consciência das ideias se mantém? R.: O Espírito retira-se pouco a pouco. Quanto mais materializado, mais lenta é a separação.

P: Dizem ter notado no rosto de certos executados uma expressão de cólera e de movimentos como se quisessem falar. Será contração nervosa ou um ato de vontade? R.: É da vontade, porque o Espírito ainda não se tinha retirado.

P: Qual o primeiro sentimento ao entrar na nova existência? R.: Um insuportável sofrimento; um remorso cortante de causa desconhecida.

P.: Encontraste os cúmplices executados ao mesmo tempo que tu? R.: Infelizmente sim; a sua visão é um enorme suplício; cada um de nós lembra ao outro o seu crime.

P.: Encontraram as vossas vítimas? R.: Vejo-as; estão felizes. O seu olhar persegue-me, sinto que mergulha até ao fundo do meu ser; em vão procuro evitá-lo.

P.: O que sentes quando os vês? R.: A vergonha e o remorso. *Agarrei-as com as minhas próprias mãos* e ainda as odeio.

P.: Que sentimentos têm ao olhar para ti? R.: Têm piedade.

P.: Terão ódio ou desejo de vingança? R.: Não. Os seus votos só pedem a minha expiação. *É impossível sentirem o suplício que é dever tudo a quem odiamos.*

P.: Lamentas a existência terrena? R.: Só lamento os meus crimes. Se fosse agora, não teria feito o que fiz.

P.: O mal era tendência tua, ou foste arrastado pelo meio em que vivias? R.: A minha tendência para o crime era natural, porque era um Espírito inferior. Quis evoluir rapidamente, mas pedi mais do que as forças que tinha. Pensei que era forte, escolhi uma prova demasiado pesada e cedi às tentações do mal.

P.: Se tivesses recebido bons princípios de educação, terias podido evitar os crimes que cometeste? R.: Sim, mas escolhi para viver o ambiente em que fui criado.

P.: Terias podido agir como uma pessoa de bem? R.: Um homem fraco, incapaz do bem como do mal. Podia ter corrigido o mal da minha natureza durante a vida, mas não poderia elevar-me ao ponto de fazer o bem.

P.: Durante a vida acreditavas em Deus? R.: Não.

P.: Contudo, dizem que te arrependeste no momento da morte, é verdade? R.: Acreditei num Deus vingador. Tive medo da sua justiça.

P.: Neste momento o teu arrependimento é mais sincero? R.: Ai de mim, vejo o que fiz!

P.: Que pensas agora de Deus? R.: Sinto-o e não o compreendo.

P.: Achas que foi justo o castigo que te foi aplicado na Terra? R.: Sim.

P.: Esperas ser perdoado pelos teus crimes? R.: Não sei.

P.: Como esperas resgatá-los? R.: Por outras provas. Mas parece-me que entre mim e elas vai uma eternidade.

P.: Onde estás agora? R.: Junto do médium

P.: Estando aqui, podendo ser visto, qual seria o teu aspeto? R.: Na minha forma corporal, a cabeça separada do tronco.

P.: Poderias fazer-nos uma aparição? R.: Não, deixem-me!...

P.: Podes dizer-nos como pudeste evadir-te da prisão de Montdidier? R.: Já não sei. O meu sofrimento é tão grande que já só me lembro do crime. Deixem-me!...

P.: Poderíamos contribuir para que tenhas algum alívio? R.: Façam votos para que a expiação chegue.

BENOIST

Bordéus, Março de 1862

Um Espírito chamado Benoist apresentou-se espontaneamente ao médium, disse ter morrido em 1704 e estar em grande sofrimento.

P.: O Que eras quando vivo? R.: Monge sem fé.

P.: A descrença era a tua única falta? R.: Ela chegou para arrastar as outras,

P.: Podes dar-nos alguns pormenores da tua vida? A sinceridade das tuas palavras será levada em conta. R.: Sem fortuna e preguiçoso, fui ordenado, não por vocação, mas para desfrutar de uma posição. Inteligente, construí uma posição. Influente, abusei do poder. Viciado, arrastei para as desordens aqueles que tinha a missão de salvar. Duro, persegui aqueles que pareciam denunciar os meus excessos. Os *in pace*¹⁰⁶ ficaram cheios pelas minhas decisões. A fome torturava muita gente. Os seus gritos foram abafados com violência. Desde que morri, expio e sofro todas as torturas do inferno. As minhas vítimas atizam o fogo que me devora. A luxúria e a fome insatisfeita perseguem-me. A sede queima os meus lábios, onde não cai uma única gota de água fresca. Tudo me persegue. Orai por mim.

P.: As preces que fazemos pelos mortos também te beneficiam a ti? R.: São muito edificantes, podem crer! *Têm para mim o valor das que deviam ter sido feitas por mim.* Não cumpro os meus deveres. Não recebo nenhuma recompensa.

P.: Nunca te arrependeste? R.: Já há muito, mas o *arrependimento só chegou depois do sofrimento.* Como era indiferente aos gritos das vítimas inocentes, o Mestre também não ouve os meus gritos. É justo!

P.: Reconheces a justiça do Senhor? Confias na sua bondade e pedes a sua ajuda? R.: Os demónios gritam mais alto do que eu; os meus gritos ficam abafados na garganta; eles encheram-me a boca com

¹⁰⁶ *In pace*: nome dado a um tipo de masmorra (prisão, cárcere subterrâneo), existente em conventos e castelos, e que era destinada a encerrar, até a morte, os culpados de certas faltas escandalosas, ou a fazer desaparecer, para sempre, os inimigos incómodos. (N.T.)

In pace: expressão latina, que significa *em paz*, outrora frequentemente gravada nos túmulos cristãos para indicar que o defunto, depois de ter recebido os últimos sacramentos, repousa na paz do Senhor. Lembramos aqui a frase mais comumente usada, ainda hoje, em pedras lapidares: *Requiescat in pace*, ou seja, “descansa em paz”. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, volume II.)

alcatrão ardente; fui eu que o fiz, grande..... *(O Espírito queria escrever a palavra Deus e não conseguiu...)*

P.: Penso que não estás ainda muito longe das ideias terrenas para compreenderes que as torturas que te afligem são todas morais? R.: Suporto-as, sinto-as, vejo os meus carrascos; têm para mim caras conhecidas e nomes de que bem me lembro.

P.: Que infâmias poderiam ter-te levado tão longe? R.: Os vícios que possuía e a brutalidade das paixões.

P.: Nunca te lembraste de pedir a ajuda dos bons Espíritos para te ajudarem a sair dessa situação? R.: Só vejo diabos do inferno...

P.: E quando vivias nada te metia medo? R.: Não, nada; o nada era a minha fé; os prazeres a qualquer preço eram o meu culto! As divindades do inferno nunca me deixaram, a elas me consagrei, e nunca me deixarão!...

P.: Não tens esperança de que isso acabe? R.: O infinito não tem fim!...

P.: Deus é infinito na sua misericórdia; quando ele quer, tudo tem um fim. R.: Se ele pudesse querer...

P.: Por que motivo aqui vieste? R.: Não sei como. Mas queria falar e gritar para pedir socorro.

P.: Os teus demónios não te impedem de escrever¹⁰⁷? R.: Não, mas estão aqui comigo, ouvindo-me; por isso não quis calar-me!...

P.: É a primeira vez que escreves com pessoas deste mundo? R.: É, sim.

P.: Sabias que os Espíritos podiam aproximar-se assim das pessoas vivas na matéria? R.: Não.

P.: Então como conseguiste compreendê-lo? R.: Não sei.

P.: Por que coisas passaste para vires até mim? R.: Uma total apatia, um adormecimento dos meus terrores.

P.: Como é que te apercebeste que tinhas chegado aqui? R.: Como quem desperta.

P.: Como fizeste para comunicar comigo? R.: Não compreendo, não sentiste como foi?

P.: Não se trata de mim, mas de ti. Tenta lembrar-te do que estavas a fazer quando comecei a escrever. R.: Tu és o meu pensamento, é tudo.

P.: Então não tiveste vontade de me fazer escrever? R.: Não. Sou eu que escrevo, mas tu pensas por mim.

¹⁰⁷ Neste tempo a maioria das comunicações eram escritas pela mão do médium, sob a influência do Espírito comunicante. (N.T.)

P.: Vê se compreendes, os bons Espíritos que nos rodeiam podem ajudar-te. R.: Não, os anjos não vêm ao inferno. Tu não estás só?

P.: Vê bem à tua volta. R.: Sei que sou ajudado a pensar através de ti. A tua mão obedece-me. Eu não te toco, mas as tuas palavras são as minhas... não compreendo.

P.: Pede auxílio aos teus protetores; vamos orar em grupo. R.: Queres deixar-me? Fica comigo; eles vão agarrar-me de novo. Peço-te, fica comigo, fica!...

P.: Eu não posso ficar mais tempo, por agora. Regressa sempre; iremos orar em conjunto e os bons Espíritos te ajudarão. R.: Sim, queria receber uma graça, orai por mim. Eu, não posso...

O guia do médium:

Coragem, meu filho. Vai ser-lhe concedido aquilo que pedes, mas a expiação ainda está longe de terminar. As atrocidades que cometeu foram incontáveis e inomináveis. E é tanto mais culpado quanto era inteligente, instruído, tendo assim luz para se guiar. Fez mal com conhecimento de causa, porque desejou fazê-lo. Por isso o seu sofrimento é terrível. Com o socorro e o exemplo da prece, melhorará o seu entendimento, a suavização da sua situação e o desenvolvimento da esperança. Deus vê-o no caminho do arrependimento, e *concedeu-lhe a graça de poder fazer comunicações de modo a ser ajudado*. Pensem nele com frequência. Vamos entregar-to para que seja fortificado por boas decisões que tem de tomar, orientado pelos teus conselhos.

Depois do arrependimento surgirá o desejo de reparação. Será nessa altura que ele mesmo pedirá uma nova existência na Terra, para praticar o bem e não o mal, até que Deus fique satisfeito com ele, e quando o vir bem fortalecido, permitir-lhe-á contemplar claridades divinas que o conduzirão ao porto da salvação, onde será recebido como o filho pródigo. Tem confiança, nós te ajudaremos a concluir a tua obra.

PAULIN

Nós colocámos este Espírito entre os criminosos, apesar de não ter sido castigado pela justiça humana, porque o crime consiste nos atos e não no castigo infligido pelos homens. Acontece o mesmo com o que se segue.

UM ESPÍRITO CONDENADO

Numa pequena casa perto de Castelnaudary, eram ouvidos ruídos estranhos e observavam-se manifestações que davam a ideia de que era assombrada por maus Espíritos. Foi por isso exorcizada em 1848, sem resultados. O proprietário, M.D. querendo viver ali, faleceu subitamente alguns anos depois. Um filho dele que a seguir desejou viver ali, um dia, ao entrar numa divisão, recebeu uma bofetada como se fosse dada por uma mão invisível. Como estava sozinho, só poderia vir de uma entidade invisível. Decidiu, por isso, deixar a casa definitivamente. Há naquela região uma tradição segundo a qual um grande crime aí teria sido cometido.

O Espírito que deu a bofetada foi evocado na Sociedade de Paris, em 1859, tendo-se manifestado de forma violenta. Todos os esforços para acalmá-lo foram impotentes.

O Espírito chamado "S. Luís" consultado a este respeito respondeu: É um Espírito da pior espécie, um autêntico monstro. Recebemo-lo, mas não conseguimos convencê-lo a escrever as suas palavras, apesar de tudo o que lhe dissemos. Tem o seu livre arbítrio. O infeliz faz um mau uso dele.

P.: Este Espírito tem a possibilidade de melhorar? R.: Porque não! Todos eles a têm, este e os outros. É preciso estarmos preparados para dificuldades. Por muito maus que sejam, o bem entregue em troca do mal, acabará por resultar. É necessário fazer as nossas preces e evocá-lo dentro de um mês. Poderemos então observar as mudanças que houve.

O Espírito evocado um mês depois mostrou-se mais tratável, pouco a pouco submisso e arrependido. Explicações dadas por ele e por outros Espíritos levaram-nos a concluir que em 1608 habitava nessa casa, onde tinha assassinado o seu irmão por suspeita de uma rivalidade ciumenta, atingindo-o na garganta enquanto dormia. Alguns anos mais tarde matou também aquela com quem se tinha casado, depois da morte do irmão. Morreu em 1659, com a idade de 80 anos, sem ter sido acusado pelos seus homicídios, aos quais se dava pouca importância nesses tempos de confusão. Desde a sua morte, não parou de tentar fazer o mal, provocando vários acidentes na casa onde tinha vivido. Um médium vidente, que assistira à primeira evocação, viu-o no momento em que tinham querido fazê-lo escrever. Sacudia fortemente o braço do médium. Tinha um aspeto assustador. Estava vestido com uma camisa coberta de sangue e segurava um punhal.

(Pergunta feita ao Espírito chamado “São Luís”):

P. Diz-nos quais são as dificuldades que enfrenta este Espírito. R.: São atrozidades. Foi condenado a residir na casa onde cometera os crimes, sem poder pensar noutra coisa a não ser nos crimes cometidos, contemplando-os sempre. Ele próprio pensa que isso durará até à eternidade. Vê-se constantemente no momento em que cometeu os crimes. Esses são os únicos pensamentos que pode ter e qualquer comunicação com outro Espírito é-lhe interdita. Vivendo na Terra só pode viver ali, e sempre só, rodeado de trevas.

P.: Haveria um meio para o fazer desalojar daquela casa, e qual seria? R.: Se alguém quiser livrar algum Espírito de obsessões semelhantes, é fácil. Basta orar por eles, sendo algo que geralmente as pessoas não fazem. Preferem assustá-los com fórmulas de exorcismos a que eles não ligam importância e com que se riem.

P.: Dando às pessoas interessadas a ideia de orar por ele, e orando nós mesmos, seria possível libertá-lo? R.: Sim, mas reparem que eu disse para orar e *não fazer alguém orar!*...

P.: Há dois séculos que esse homem está naquela casa. Calcula ele o tempo como quando estava vivo? Ou seja, será que o tempo lhe parece tão ou menos longo do que quando estava vivo? R.: Parece-lhe muito mais longo, *o sono não existe para ele.*

P.: Foi-nos dito que para os Espíritos o tempo não existe e que, para eles, um século é um ponto na eternidade; é assim igual para todos? R.: Não, só para alguns. Só assim é para os Espíritos que chegaram a um alto nível de evolução. Para os Espíritos inferiores, o tempo é, por vezes, muito longo, sobretudo quando estão em sofrimento.

P.: De onde veio esse Espírito, antes da sua encarnação? R.: Tinha tido uma existência entre os povos mais ferozes e mais selvagens, e antes disso tinha estado num planeta inferior à Terra.

P.: Esse Espírito foi punido muito severamente pelo crime que cometeu. Se viveu nos povos muito atrasados e selvagens, deve ter cometido ali atos não menos atrozidades que os últimos. Também foi punido por isso? R.: Por isso foi menos punido. Estando mais atrasado e ignorante, não tinha o mesmo entendimento.

P.: O seu estado atual será o de um espírito *condenado*? R.: Sim, é isso. Ainda os há bem piores. Os níveis de penalização são muito diferentes de uns para outros, ainda que por atos semelhantes, porque variam de acordo com a *capacidade de arrependimento*. Para este, a casa onde cometeu as suas faltas é o seu inferno. Há outros que o trazem em si mesmos, pelas paixões que os atormentam e que não podem pacificar.

Vimos os avaros a sofrer à vista do seu ouro, verdadeira quimera para eles; os orgulhosos perante a cobiça das honrarias que eram concedidas a outros e não a eles; outros que tinham sido poderosos na Terra, humilhados por serem obrigados a obedecer a uma força invisível, e por terem perdido as vênias dos subordinados; ateus entregues às suas dúvidas absolutamente sós na vastidão da imensidade, sem ninguém para os esclarecer. No mundo dos Espíritos, se há alegrias para todas as virtudes, há castigos para todas as faltas. E os que não são alcançados pela lei dos homens são infalivelmente alcançados pela lei de Deus.

Há também a considerar que as mesmas faltas, ainda que cometidas em condições idênticas, são punidas por castigos por vezes muito diferentes, de acordo com a evolução intelectual do Espírito. Aos Espíritos mais atrasados, e de natureza rude como daquele que estamos a falar, são aplicadas penas mais materiais do que morais, acontecendo o contrário aos Espíritos com inteligência e sensibilidade mais desenvolvidas.

Aos primeiros são aplicados castigos apropriados à sua rudeza, para lhes fazer entender a sua situação e inspirá-los ao desejo de sair dela. Por exemplo, a vergonha, que pouco importará a estes casos, será fortíssima quando aplicada a outros.

No código penal divino, a razão, a bondade e a previdência de Deus revela-se nas mais pequenas coisas. Tudo é proporcional; tudo é combinado com uma admirável solicitude para facilitar aos culpados os meios de se reabilitarem. São-lhes levados em conta as mínimas aspirações da alma.

Segundo o conceito dogmático das penas eternas, pelo contrário, os grandes e os pequenos culpados, os culpados de um dia e os que reincidem 100 vezes, os endurecidos e os arrependidos, iriam para o inferno, todos para o mais fundo dos abismos, a nenhum sendo oferecida a possibilidade de salvação. Uma única falta pode precipitá-los lá para sempre, nenhum bem que tenham feito lhes é valorizado. Que conceito de justiça e de misericórdia divina seria este!?...De que lado está a verdadeira justiça e a verdadeira bondade?

P.: Este Espírito, apesar da sua inferioridade, sente os efeitos benéficos das preces. Vimos isso igualmente com outros Espíritos igualmente muito inferiores e de natureza brutal. Como é possível que Espíritos mais esclarecidos, com uma inteligência mais desenvolvida, mostrem uma ausência completa de bons sentimentos? Que se riam de tudo o que é mais sagrado? Numa palavra, que nada os sensibilize e nada interrompa o seu cinismo? R.: A prece só tem efeito para os Espíritos que se arrependem. Aqueles que, por orgulho, se revoltam contra Deus e persistem na sua cegueira, a prece nada pode fazer-lhes, e não poderá até ao dia em que um vestígio de arrependimento comece a iluminá-los. A ineficácia da prece é também um castigo. Ela só alivia aqueles que não estão completamente endurecidos.

P.: Quando se vê um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, é uma razão para não pedirmos por ele? R.: Claro que não, porque mais cedo ou mais tarde a prece poderá triunfar da sua obstinação e fazer com que germinem nele pensamentos salutares.

O mesmo acontece a alguns doentes a quem os medicamentos apenas causam efeito a longo prazo. O seu efeito não se faz sentir de imediato. Noutros doentes, pelo contrário, tem efeitos rápidos.

Compreendendo que todos os Espíritos têm a possibilidade de se aperfeiçoar, e que nenhum está votado ao mal para sempre, compreenderemos que, mais tarde ou mais cedo a prece produzirá os seus efeitos. Não podemos nem devemos perder a coragem de fazer as nossas preces, visto que elas resultam sempre, embora isso não aconteça imediatamente.

P.: Se este Espírito reencarnasse, em que categoria de indivíduos se encontraria? R.: Isso depende dele, e do nível do seu arrependimento.

Várias conversas que tivemos com este Espírito produziram nele importantes mudanças de atitude moral. Eis algumas das suas respostas:

P.: Por que motivo não quiseste escrever na primeira vez que te chamámos? R.: Não queria fazê-lo.

P.: Porque é que não querias? R.: Por ignorância e embrutecimento.

P.: Já podes então sair quando quiseres da casa de Castelnau? R.: Já me é permitido, graças aos vossos bons conselhos.

P.: Já sentes alívios? R.: Começo a ter esperanças.

P.: Se pudéssemos ver-te, qual a tua aparência atual? R.: Em mangas de camisa e sem punhal!...

P.: Por que motivo já não tens o punhal? Que fizeste dele? R.: Maldito seja! Deus poupa-me à sua imagem.

P.: Se o filho de M.D. (o que apanhou a bofetada) aí voltasse, fazias-lhe mal? R.: Não, porque já estou arrependido.

P.: E se ele ainda te desafiasse? R.: Oh, não me perguntem isso!... Não me poderia dominar, isso estaria acima das minhas forças. Não passo de um miserável!...

P.: Consegues imaginar o fim das tuas penas? R.: Ainda não!... É muito mais do que mereço. Graças às vossas ajudas, não vai durar para sempre!...

P.: Queres descrever-nos a situação em que estavas antes de te termos chamado pela primeira vez? Repara que não perguntamos isso por curiosidade, mas como forma de podermos ajudar-te. R.: Já vos disse que não tinha consciência de nada, no mundo, a não ser dos meus crimes; que não conseguia sair da casa onde os cometi, senão para me elevar solitariamente no espaço, em plena escuridão. Nem vos posso dar uma ideia, nem compreender o que se passava. Se subia no ar, só via a escuridão, o vazio, uma coisa que não compreendia. Hoje já sinto muito mais os remorsos, e não me sinto aprisionado nesta casa fatal. Posso viajar na Terra e procurar esclarecer-me pelas minhas observações. É nessa altura que compreendo a extensão dos meus erros. Se por um lado me sinto melhor, por outro aumentam os meus remorsos. Ainda bem que tenho esperança.

P.: Se tivesses que regressar à vida, qual escolherias? R.: Ainda não vi nem refleti o suficiente para poder decidir.

P.: Durante o teu longo isolamento e, podemos dizer, cativo, tiveste remorsos? R.: Nem o mínimo. E por isso sofri tanto. Só quando verifiquei que estavam a ser construídas, sem eu saber, as condições que conduziram à vossa evocação, à qual eu devo o começo da minha libertação. Obrigado, pois, por terem tido pena de mim e por me terem esclarecido.

Esta evocação, portanto, não foi obra do acaso. Como tinha possibilidades de ser útil a este infeliz, os Espíritos que o vigiavam, vendo que ele estava a começar a compreender a enormidade dos seus crimes, julgaram que era a altura própria de lhe dar uma ajuda eficaz, e foi então que criaram as circunstâncias propícias. É um fenómeno que já observámos muitas vezes.

Perguntámos a este Espírito o que seria feito dele se não tivesse surgido a oportunidade de fazer a evocação, e o que é que sucede a todos os Espíritos sofrendores que não são evocados, e nos quais ninguém pensa. Disse-nos que os recursos de Deus para salvar as suas criaturas, são inumeráveis. A evocação é uma forma de ajudá-las, mas não é a única e Deus não deixa ninguém no esquecimento. Até as preces coletivas devem ter influência sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento.

Deus não poderia deixar a sorte dos Espíritos sofredores à boa vontade ou aos conhecimentos dos homens. Desde que estes conseguiram estabelecer contactos com o mundo invisível, um dos primeiros resultados do espiritismo foi de lhes ensinar os serviços que eles, com a ajuda de tais relações, podiam prestar aos seus irmãos desencarnados.

Deus quis, por esse meio, provar-lhes a solidariedade que existe entre todos os seres do universo, e fazer, do princípio da fraternidade, uma lei da natureza. Abrindo este campo novo ao exercício da caridade, mostra-lhes o lado verdadeiramente útil e sério das evocações, desviadas até então da sua finalidade principal pela ignorância e pela superstição.

Os Espíritos sofredores nunca tiveram, em nenhuma época, falta de ajuda. E se as evocações lhes abrem um novo processo de salvação, os encarnados ainda têm uma maior vantagem, que é a de ter ao seu alcance novas oportunidades de fazer o bem, ao mesmo tempo que se instruem sobre o verdadeiro estado da vida futura.

JACQUES LATOUR

Assassino condenado pelo tribunal de Foix, executado em Dezembro de 1864

Numa reunião espírita íntima, de sete ou oito pessoas, que teve lugar em Bruxelas a 13 de Setembro de 1864, e à qual assistimos, uma médium foi solicitada a escrever. Não tendo sido feita qualquer evocação, começou a traçar com uma agitação extraordinária, em letras muito grandes, as seguintes palavras:

“Arrependo-me, arrependo-me... Latour.”

Surpreendidos por esta inesperada comunicação, que não tinha sido evocada, visto que ninguém pensava neste infeliz e a maioria nem sabia que tinha sido executado, dirigiram ao Espírito algumas palavras de compaixão e de encorajamento, fazendo-lhe a seguir a seguinte pergunta:

P. Qual foi a razão que te conduziu até nós, já que não te tínhamos chamado?

A médium, que também era falante, respondeu de viva voz:

R. Vi que eram almas compatíveis e que teriam pena de mim, enquanto outras evocam-me sempre mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, afastando-se algumas de mim por puro horror.

Começou então uma sessão indescritível, que durou nada menos que meia hora, O médium, associando às palavras, gestos e expressões fisionómicas, mostrava a evidente compatibilidade com o Espírito. Por vezes as suas expressões de desespero eram de tal forma impressionantes, descrevia as suas angústias e sofrimentos num tom de tal forma agravado, as suas súplicas eram tão veementes, que todos os presentes estavam profundamente impressionados.

Alguns estavam mesmo assustados com a sobre-excitação do médium, mas nós pensámos que um Espírito que se arrepende e que implora piedade não oferece qualquer perigo. Se se serve dos órgãos do médium é para retratar melhor a sua situação e fazer-nos interessar sobre a sua sorte, e não, como os Espíritos obsessores e possessores que têm em vista apoderar-se dele para o dominar. Isto foi-lhe permitido, sem dúvida, no seu próprio interesse e talvez também para instruir as pessoas presentes.

E gritava: “Tenham dó de mim, preciso muito, não imaginam como sofro... não podem... não sabem... não podem compreender... é horrível... a guilhotina... que é ela comparada com o que sofro agora, não é nada, um simples instante, mas este fogo que me devora é muito pior, é uma morte contínua, é um sofrimento que não dá tréguas nem descanso, que não tem fim!!!...”

E as minhas vítimas que estão ali, à minha volta... que me mostram as feridas... que me perseguem com o olhar!... estão ali, diante de mim... vejo-as todas... sim, todas... vejo-as todas, não posso evitá-las!... e este mar de sangue!... este ouro sujo de sangue!... ali estão, as pobres vítimas sempre diante de mim!... Sentem acaso o cheiro do sangue?... O sangue, sempre o sangue!... olha as minhas pobres vítimas, imploram-me... e eu, sem piedade, bato-lhes, bato-lhes sem piedade... o sangue enlouquece-me!

Pensava que depois da morte tudo acabaria, foi por isso que desafiei o suplício, desafiei Deus, reneguei-o, e quando me julgada aniquilado para sempre, aconteceu-me um despertar terrível, sim, terrível... estou rodeado de cadáveres... figuras ameaçadoras... caminho no sangue... Julgava estar morto e estou vivo!... É medonho, é horrível, mais horrível do que todos os suplícios da Terra.

Oh, se todos os homens soubessem o que está para lá da vida! Se soubessem o que custa fazer o mal; não haveria assassinos, nenhum criminoso, nenhum malfeitor. Gostava que todos os assassinos pudessem ver aquilo que vejo agora e aquilo que sofro... Ah não, deixariam de existir, é demasiado medonho sofrer o que eu sofro!

Sei bem que mereci este sofrimento, meu Deus, porque não tive piedade das minhas vítimas! Afastei as suas mãos suplicantes quando pediam que as poupasse. Sim, eu próprio fui cruel, matei-as com crueldade para lhes tirar o seu ouro... Fui impio, reneguei a Deus, blasfemei o vosso santo nome... *Quis-me atordoar, foi por isso que quis convencer-me que Vós não existíeis ...* Oh, meu Deus, sou um grande criminoso, compreendo-o agora. Tereis acaso piedade de mim? Sois Deus de bondade e de misericórdia! Vós sois todo-poderoso!

Piedade, Senhor, oh piedade, piedade! Rogo-vos, não sejas inflexível, livra-me desta vida odiosa, destas imagens horríveis, deste sangue, dos olhares das minhas vítimas que me atravessam até ao coração, como golpes de punhal.

Vós que estais aqui, que me escutais, vós sois boas almas, almas caridosas, sim – vejo isso, vós tendes piedade de mim; rogai por mim, suplico-vos, oh suplico-vos! Não me expulsem! Pedireis a Deus para tirar da minha frente este horrível espetáculo, ele vos escutará porque sois bons; peço-vos, não me rejeitem, como eu rejeitei os outros, Roguem por mim!...”

Os assistentes, tocados pelos seus lamentos, dirigiram-lhe palavras de encorajamento e de consolo.

“Deus, disseram-lhe, não é inflexível; o que ele pede aos culpados é um arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que fizeram. Uma vez que o teu coração não endureceu, e que lhe pedes perdão dos teus crimes, ele estenderá sobre ti a sua misericórdia, se perseverares nas boas resoluções para reparar o mal que fizeste.

Não podes realmente devolver a vida àqueles a quem a tiraste, mas, se pedires com fervor, Deus permitirá que tenhas um encontro com essas pessoas numa nova existência, na qual poderás mostrar-lhes em generosidade, o que possa compensá-los da crueldade passada. Quando a reparação for suficiente estarás em graça de novo com as pessoas. A duração do teu castigo estará, portanto, nas tuas mãos, depende de ti encurtá-la. Nós prometemos ajudar-te com as nossas preces e pedir para ti o apoio dos bons Espíritos. Rezaremos em teu favor a prece que está redigida n’ *“O Evangelho segundo o Espiritismo”* destinada aos Espíritos sofredores e arrependidos. Não rezaremos a prece destinada aos Espíritos maus, porque desde que te arrependas, que implores a Deus e renunciés ao mal, és um Espírito infeliz, e não um Espírito mau.”

Dita esta prece e alguns momentos de calma depois, o Espírito recomeça:

“Obrigado meu Deus, obrigado!... tiveste piedade comigo, estas imagens horríveis vão-se embora. Não me abandones, envia-me os teus bons Espíritos para me amparar. Obrigado.”

Depois desta cena, a médium ficou quebrada e exausta, os membros doridos. Lembra-se vagamente do que se passou. A pouco e pouco vêm-lhe à mente algumas das coisas que disse, totalmente contrárias à sua sensibilidade. Não tinha sido ela a falar!...

No dia seguinte, numa outra reunião, o Espírito manifestou-se de novo e recomeçou, durante alguns minutos apenas, a mesma cena da véspera, com a mesma pantomima expressiva, mas menos violenta. Depois escreveu pela mesma médium, com uma agitação febril, as palavras seguintes:

“Obrigado pelas vossas preces. Já produziram em mim uma melhoria sensível. Rezei a Deus com tanto fervor que ele me permitiu, por um momento, que os meus sofrimentos fossem aliviados. Mas continuarei a vê-las, as minhas vítimas!... Aí estão elas, com o sangue!... Estão a ver?!...”

A prece da véspera foi repetida. O Espírito continua dirigindo-se à médium:

“Perdão por te ter tomado. Obrigado pelo alívio que trazes aos meus sofrimentos. Perdão a todos vós por todo o incómodo que vos dei. Tenho necessidade de me manifestar. Só vós podeis...”

Obrigado, obrigado, tive um pouco de alívio. Mas as minhas provas ainda não terminaram... Em breve as minhas vítimas estarão de regresso. Aí está a punição... mereci-a, meu Deus, mas sede indulgente!...

Vos todos, orai por mim; tende piedade!...”

LATOUR

Há que reconhecer a profundidade e o alcance de algumas das palavras desta comunicação. Oferece, entre outros, um dos aspetos do mundo dos Espíritos castigados, por sobre os quais se entrevê a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica de Euménides não é tão ridícula como parece, e os demónios, carrascos oficiais do mundo invisível, que os substituem na crença moderna, são menos racionais, com os seus cornos e as suas forquilhas, do que estas vítimas que servem, elas mesmas, o castigo dos culpados.

Admitindo a identidade deste Espírito, surpreenderá talvez uma mudança tão rápida do seu estado moral. Já dissemos, noutra altura, que há frequentemente mais recursos num Espírito brutalmente mau, do que noutra dominado pelo orgulho, ou que esconde os seus vícios com hipocrisia.

Este rápido regresso a melhores sentimentos revela uma natureza mais selvagem do que perversa, à qual só faltou uma boa orientação. Comparando a sua linguagem com a de outro criminoso mencionado a seguir, com o título “O castigo pela Luz”, é fácil verificar qual dos dois é mais avançado moralmente, apesar da diferença de estudos que tiveram e da sua posição social. Um obedecia ao instinto natural de ferocidade, a uma espécie de sobre-excitação, enquanto o outro cometia os seus crimes com uma lenta e metódica combinação de calma e sangue frio, e depois da sua morte brandia o castigo que sofrera com orgulho; sofrendo, sim, mas fingindo que nada é. O outro deixa-se domar imediatamente. Assim se pode deduzir qual dos dois irá penar por mais tempo.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris que tinha feito preces por este infeliz, e o tinha evocado, obteve as comunicações seguintes, em ocasiões diferentes:

I

“Fui evocado quase imediatamente depois da minha morte, e não pude comunicar logo a seguir, mas muitos Espíritos vulgares falaram em meu nome. Aproveitei a presença em Bruxelas do Presidente da Sociedade de Paris e, com a autorização dos Espíritos superiores, fiz uma comunicação.

Virei falar na Sociedade e farei revelações que são o começo da reparação das minhas faltas e que poderão servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerem, para refletirem acerca dos meus sofrimentos.

O discurso sobre as penas do inferno faz pouco efeito sobre o Espírito dos culpados, que não acreditam nessas imagens assustadoras para as crianças e para os fracos. Os grandes malfeitores não são Espíritos medrosos e o medo da polícia tem mais efeito neles que as palavras relatando os tormentos do inferno. Eis a razão por que todos os que me lerem serão tocados pelas minhas palavras, pelos meus sofrimentos, que não são suposições. Nenhum padre poderá dizer: *Vi o que vos disse, assisti às torturas dos condenados.*

Porém, quando eu vier contar: “Foi isto que se passou depois da morte do meu corpo: calculem o meu desencanto ao reconhecer que não estava realmente morto como esperava e aquilo que julgava ser o fim das minhas penas, era o começo de torturas impossíveis de descrever!...”

Haverá então alguns que vão parar à beira do precipício onde iriam cair, e cada infeliz que eu conseguir retirar do caminho do crime servirá para limpar um dos meus pecados. É dessa forma que o bem pode sair do mal e que a bondade de Deus se manifesta por todo o lado, assim na Terra como no espaço!...

Foi-me permitido não ser visto pelas minhas vítimas, que se tornaram os meus carrascos, para poder falar convosco. Mas quando sair daqui vou para junto delas, e só pensar nisso faz-me sofrer mais do que poderei dizer-vos. Fico contente quando sou evocado, porque assim liberto-me do meu inferno por alguns instantes.

Rezem por mim por favor, rezem ao Senhor para que ele me liberte da visão dos que foram vítimas dos meus crimes.

Sim, rezemos em grupo, a prece faz-nos tanto bem. Sinto-me mais aliviado. Já está mais leve o fardo que carrego. Vejo a luz da esperança, e cheio de arrependimento, exclamo: Bendita seja a mão de Deus, que seja feita a sua vontade!...”

II

O Médiun:

Em vez de pedires a Deus que te livre da vista das tuas vítimas, convido-te a rezares comigo para lhe pedires força para suportares esta expiação.

LATOIR: “Preferia ser libertado da vista das minhas vítimas. Se soubesses o que eu sofro! A pessoa mais insensível ficaria impressionada se pudesse ver, impressas sobre o meu corpo como manchas de fogo, os sofrimentos da minha alma. Mas farei o que me aconselhas. Compreendo que é uma forma mais rápida de expiar as minhas faltas. É como uma operação dolorosa que pode restituir a saúde ao meu corpo tão enfermo.

Sim, se os culpados da Terra pudessem ver-me, como ficariam assustados com as consequências dos seus crimes que, escondidos aos olhos dos homens, são vistos pelos Espíritos!... Como a ignorância é prejudicial a tantas e tantas pessoas!...

Que enormes responsabilidades assumem aqueles que recusam a instrução às classes pobres da sociedade. Julgam que com gente armada e os polícias conseguem evitar os crimes!... Como estão enganados!...”

III

“Os sofrimentos que padeço são horríveis, mas desde que fazeis as preces em meu benefício, sinto-me ajudado por bons Espíritos que me dizem para ter esperança. Compreendo a eficácia do remédio heroico que me aconselhaste, e peço ao Senhor que me conceda forças para suportar esta dura expiação. É igual, posso dizê-lo, ao mal que fiz. Não procuro desculpas para os meus crimes, mas, pelo menos, salvo os instantes de terror que precederam, para cada uma das vítimas, o momento da morte, uma vez cometido o crime, a dor cessou para elas, e aqueles que tinham terminado as suas provas terrenas, foram receber as recompensas que os esperavam.

Quanto a mim, desde que saí do mundo material – exceto curtíssimos momentos durante as comunicações que vos fiz – foram incessantes as dores infernais que me atormentam.

Os padres, apesar do assustador quadro negro de culpas de que os condenados se queixam, e que descrevem, têm uma ideia fraquíssima dos verdadeiros sofrimentos que a justiça de Deus impõe aos seus filhos que violaram a lei do amor e da caridade. Como fazer crer a pessoas razoáveis que uma alma, isto é, qualquer coisa que não é material, possa sofrer no contacto com o fogo material? É absurdo e é por isso que tantos criminosos se riem das imagens fantásticas do inferno!... Mas não acontece o mesmo quanto às dores morais que sofre um condenado depois da morte física. Orem por mim, por favor, para que o desespero não tome conta da minha alma!...”

IV

“Muito obrigado por me fazem antever o objetivo glorioso que sei que vou alcançar, quando estiver purificado. Sofro muito e, no entanto, até parece que as minhas dores diminuam. Não julgo que, no mundo dos Espíritos, as dores possam diminuir porque os Espíritos se habituem a elas pouco a pouco. Não. Compreendo sim que as vossas boas preces me fizeram aumentar as forças e, *se as minhas dores são iguais, depois de aumentadas as forças sofro menos!...*

A recordação da minha vida anterior mostra-me as faltas que poderia ter evitado se soubesse fazer preces. Agora compreendo a eficácia das preces. Compreendo a força que têm essas mulheres devotas e cheias de piedade, com corpos frágeis, mas fortíssimas na fé.

Compreendo este mistério que não compreendem os falsos sábios da Terra. A Prece!

Uma palavra que dá vontade de rir aos intelectuais convencidos. Ouço-os no mundo dos Espíritos, e quando a cortina que lhes tapa a verdade se rasga, vêm depressa ajoelhar-se aos pés do Eterno, que não reconheceram antes, felizes pela humildade de pedirem perdão pelas suas faltas e pelos seus crimes. Também eles compreenderão as virtudes da prece.

Fazer uma prece é amar, amar é fazer preces!... Então amarão o Senhor e lhe farão preces de amor e reconhecimento. Regenerados pelo sofrimento, porque deverão sofrer, rezarão como eu para ter a força de expiar e de sofrer. Quando tiverem cessado de sofrer, farão preces de agradecimento ao Senhor pelo perdão que tiverem merecido pela sua obediência e resignação. Oremos, irmão, para que aumentem as minhas forças.

Obrigado irmão, pela tua caridade, porque fui perdoado. Deus livrou-me da visão das minhas vítimas. Meu Deus, sede bendito por toda a eternidade pela graça que me concedeis. Meu Deus, sinto a enormidade dos meus crimes e inclino-me perante o vosso infinito poder. Senhor, amo-vos de todo o coração, e peço-vos a graça de me permitir, segundo a vossa vontade, regressar à Terra para mais uma vida de provas, que eu vá como missionário da paz e da caridade, ensinar as crianças a pronunciar o vosso nome com respeito, ensiná-las a amar-vos, vós, o Pai de todas as criaturas. Obrigado, meu Deus, sou um espírito arrependido e o meu arrependimento é sincero. Amo-vos, tanto quanto o meu coração pode compreender tal sentimento, pura emanção da vossa divindade. Oremos, irmãos, porque o meu coração transborda de reconhecimento. Sou livre, quebrei as minhas cadeias, já não sou um condenado. Sou um Espírito sofredor, mas arrependido, e desejaria que o meu exemplo pudesse reter à entrada do crime, todas as mãos criminosas que vejo prontas a levantarem-se. Parai, irmãos, parai!... porque as torturas que preparais para vós serão horríveis. Não julguem que o Senhor se deixará sempre convencer tão prontamente pelas preces dos seus filhos. São séculos de torturas que vos esperam!...”

Guia do médium:

“Dizes que não compreendes as palavras do Espírito. Repara na sua emoção e no seu reconhecimento para com o Senhor. Julga que não o poderá exprimir e testemunhar melhor do que tentando parar todos esses criminosos, que ele vê e que tu não podes ver. Queria que as suas palavras chegassem até junto deles, e que aquilo que não te disse, porque ainda o ignora, é que lhe será

permitido começar missões reparadoras. Irá junto dos seus cúmplices procurar inspirar-lhes o arrependimento e introduzir nos seus corações a semente dos remorsos.

Às vezes, vêem-se na Terra pessoas consideradas honestas chegar junto de um padre acusar-se de um crime. São os remorsos que os obrigam a confessar as suas faltas. E se o véu que te separa do mundo invisível se levantasse, verias muitos Espíritos que foram cúmplices ou instigadores de crimes, virem, como fará Jacques Latour, procurar reparar as suas faltas, inspirando remorsos ao Espírito encarnado.”

O Teu Guia Protetor

A médium de Bruxelas, que recebeu a primeira manifestação de Latour, mais tarde, obteve dele a seguinte comunicação:

“Não temas nada de mim. Estou mais tranquilo, mas continuo em sofrimento. Deus teve piedade de mim, porque verificou o meu arrependimento. Agora, *sofro devido a esse arrependimento porque me mostra a gravidade das minhas faltas.*

Se me tivesse conduzido bem na vida, não teria feito tanto mal como fiz. Mas os meus instintos não foram reprimidos, e obedeci-lhes, sem freios. Se todas as criaturas pensassem mais em Deus ou, pelo menos, se acreditassem nele, crimes como aqueles nunca seriam cometidos.

A justiça dos homens não é bem orientada. Por certas faltas, por vezes ligeiras, um indivíduo é metido numa prisão, que é sempre um lugar de perdição e de perversão. Sai de lá totalmente corrompido pelos maus conselhos e os maus exemplos que lá se praticam. Se a sua personalidade é forte para resistir aos maus exemplos, ao sair da prisão todas as portas lhe são fechadas, todas as mãos se levantam diante dele, todos os corações honestos o repelem.

Que lhe resta? O desprezo e a miséria, o abandono, o desespero; se sente em si boas resoluções para regressar ao bem, a miséria leva-o a tudo. Também ele, então, despreza o seu semelhante, odeia-o e perde toda a consciência do bem e do mal, porque se vê rejeitado, ele que, entretanto, tinha tomado a decisão de se tornar boa pessoa. Para ter o necessário rouba e chega a matar! Depois é guilhotinado.”

“Meu Deus, no momento em que as minhas alucinações me vão de novo alcançar, sinto a vossa mão que se estende para mim; sinto a vossa bondade que me envolve e protege. Obrigado, meu Deus! Na minha próxima existência, vou usar a inteligência, o melhor de mim para socorrer os infelizes que sucumbiram e defendê-los da queda.

“Obrigado, vós que não vos inibis de me dar confiança, não tenhais medo; vede que não sou dos maus. Quando pensarem em mim não pensem na minha figura, mas numa pobre alma desolada que vos agradece a tolerância.

“Adeus, evoquem-me mais vezes e roguem a Deus por mim.”

LATOUR

Estudo sobre o Espírito de Jacques Latour

“Sofro, diz ele, por este arrependimento que me mostra a enormidade dos meus erros.”

Há nisto um pensamento profundo. O Espírito só compreende realmente a gravidade dos seus erros quando chega ao arrependimento.

O arrependimento traz-lhe a pena por aquilo que cometeu, os remorsos, sentimento doloroso que está na passagem entre o mal e o bem, e entre a doença moral e a saúde moral.

É para fugir disso que os Espíritos maus não dão ouvidos à voz da consciência, como os doentes que recusam o remédio que poderia curá-los. Procuram iludir-se persistindo no mal.

Latour chegou ao ponto em que a firmeza acaba por ceder; o remorso entrou-lhe no coração, o arrependimento veio depois, já compreendeu a extensão do mal que cometeu; vê a sua inferioridade e sofre com isso, e é por isso que diz: “sofro com este arrependimento”.

Na sua existência anterior deve ter sido pior do que nesta, porque se se tivesse arrependido como desta vez, a sua vida teria sido melhor. As resoluções que tomou agora influirão na sua próxima vida; aquela que acabou, **por muito criminosa que possa ter sido, marcou para ele uma etapa de progresso.** É mais que provável que, antes de a começar, Latour fosse, no espaço entre vidas, um desses maus Espíritos rebeldes, obstinados no mal, como há tantos.

Muitas pessoas têm perguntado que proveito podem tirar das vidas passadas, não tendo a mínima lembrança de quem foram, nem o que fizeram.

Esta questão está resolvida, porque, se o mal que fizemos foi apagado e dele nada resta no nosso coração, a recordação dele será inútil e não temos que nos preocupar.

Quanto ao mal que não foi totalmente corrigido, conhecemo-lo pelas nossas tendências atuais, às quais devemos estar atentos. Chega sabermos o que somos agora, sem ser necessário sabermos o que fomos.

Quanto à dificuldade de reabilitação dos culpados arrependidos durante a vida, e da reprovação que sofrem, devem ser dadas graças a Deus por ter lançado uma cortina sobre o passado.

Se Latour tivesse sido condenado, ou mesmo perdoado, a sociedade rejeitá-lo-ia pelos seus antecedentes. Apesar do seu arrependimento quem iria desejar conviver com ele?

Os sentimentos que mostra agora como Espírito dão-nos esperança que na próxima encarnação seja honesto, estimado e considerado. Se fosse sabido quem tinha sido no passado, continuaria a ser segregado. O esquecimento do passado abre a porta à reabilitação. Poderá sentar-se, sem medo e sem vergonha, entre as pessoas mais honestas.

Como seria possível conceber uma doutrina que se concilie melhor do que esta com a justiça e a bondade de Deus? De resto, não se trata de uma teoria, mas o resultado da observação dos factos. Não foi imaginada pelos espíritas, foi observada nas diferentes situações em que os Espíritos se manifestaram. Eles procuraram explicar essas observações e dessa explicação saiu a doutrina. Se a aceitaram é porque resulta de factos e porque lhes pareceu mais racional que todas as existentes até hoje sobre o futuro das almas.

Todas estas comunicações contêm elevados ensinamentos morais.

Os Espíritos devem ser ajudados nas comunicações que fazem e nas expressões que usam, pelos Espíritos mais avançados. Estes devem ajudar na forma e não no conteúdo e nunca colocam um Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Podem ter dado um aspeto poético ao arrependimento de Latour, mas nunca o teriam levado a fazê-lo contra vontade, porque os Espíritos têm o seu livre arbítrio. Viram nele o germen de bons sentimentos, foi por isso que o ajudaram a exprimi-los, e assim contribuíram para os desenvolver, ao mesmo tempo que chamavam a sua solidariedade.

Nada pode haver de mais impressionante moralmente que as manifestações de desespero e dos remorsos deste Espírito arrependido. No auge do seu sofrimento, perseguido pelo olhar das suas vítimas, eleva o seu pensamento a Deus para implorar a sua misericórdia. É um exemplo salutar para todos os culpados. Compreendemos a natureza das suas angústias; elas são racionais, terríveis, embora simples e sem encenações fantasmagóricas.

Poderíamos admirar-nos com a enorme transformação de Latour. Porém, nada o impedia de se arrepender, de manifestar a sua sensibilidade; ninguém está para sempre votado ao mal. Haverá sempre um momento em que a luz entra na alma do culpado. E o momento de Latour tinha chegado.

Está aí, precisamente, o lado moral das suas comunicações; a inteligência com que interpreta a sua situação. São os seus lamentos, os seus projetos de reparação que são eminentemente instrutivos.

Acharíamos extraordinário que se arrependesse sinceramente antes de morrer? Não. Então porque haveríamos de achar extraordinário que o fizesse depois? Exemplos como este, há muitos.

Um regresso ao bem antes da morte teria passado por fraqueza aos olhos dos seus semelhantes.

A sua voz de além-túmulo é a revelação do futuro que os espera. Fala toda a verdade ao dizer que o seu exemplo é melhor para trazer de volta os culpados do que o cenário das chamas dos infernos, ou até o cadafalso.

Por que motivo não usam esses exemplos nas prisões para alertar os condenados? Isso faria pensar os presos, conforme outros exemplos que já conhecemos.

O pior está na descrença daquilo que se segue à morte, julgando toda a gente que depois da morte nada existe. Mas como acreditar na eficácia das palavras de um morto, quando se acredita que a morte é o fim de tudo? Chegará o dia em que se acreditará nesta verdade: que os mortos podem perfeitamente vir explicar tudo aos vivos.

Há outras ideias importantes no conteúdo destas comunicações. **Primeiro a confirmação do princípio da justiça eterna e de que o arrependimento não chega para colocar os culpados ao nível dos eleitos.** O arrependimento é o primeiro passo para a reabilitação, um apelo à misericórdia de Deus. É a entrada no perdão e a diminuição dos sofrimentos; **que Deus, porém, não absolve sem condições!...** Necessárias são a expiação e, sobretudo, a reparação. Isso compreendeu Latour e foi para isso que se preparou.

Em **segundo lugar**, se se compara este criminoso ao de Castelnaudary, verifica-se uma grande diferença nos castigos que lhes foram aplicados. Neste último, o arrependimento foi tardio e, por conseguinte, a pena foi mais longa. Aliás foi uma pena quase material, enquanto a de Latour foi sobretudo moral.

Como dissemos mais acima, um deles era muito menos inteligente que o outro; era necessário algo que estimulasse a sua mente obtusa. Entretanto, as penas morais não são menos impressionantes para os que já têm o nível necessário para as compreenderem. Podemos fazer uma ideia com base nas queixas feitas por Latour; não é a cólera, é a expressão dos remorsos logo seguida do arrependimento e do desejo de reparação, para poder avançar.

CAPÍTULO VII - ESPÍRITOS ENDURECIDOS

O CASTIGO PELA LUZ

Numa sessão da Sociedade de Paris em que se tinha discutido a respeito da perturbação que sucede geralmente à morte, um Espírito a que nunca ninguém tinha feito alusão e que nunca ninguém tinha pensado evocar, manifestou-se espontaneamente pela comunicação seguinte: (Se bem que não tenha sido assinada, todos reconhecemos, sem esforço, um grande criminoso que a justiça humana tinha castigado recentemente).

“Que estão para aí a dizer da perturbação? Porquê todas essas tolices? São uns sonhadores utópicos. Nada sabem daquilo com que se ocupam. Não, senhores, a perturbação não existe, exceto talvez dentro da vossa cabeça. Eu estou tão morto como é possível, e vejo tudo claro em mim, à minha volta, por todo o lado!... A vida é uma comédia lúgubre. Estouvados aqueles que querem sair de cena antes de corrido o pano!

A morte é um terror, um castigo, um desejo, conforme a fraqueza ou a força daqueles que têm medo dela, que a desafiam ou que a imploram. A morte é, para todos, uma comédia amarga! *A luz dá-me tonturas, atravessa como uma flecha o meu corpo imaterial.*

Castigaram-me com as trevas da prisão, e julgaram que me iam castigar pelas trevas do caixão, ou as trevas inventadas pelas superstições católicas.

Sois vós, senhores, quem sofre a obscuridade e eu, marginal da sociedade, voo por cima de vós.

Quero ficar a ser eu mesmo!... Forte pelo pensamento, desprezo os avisos que ressoam à minha volta. Vejo tudo claro. “Um crime!” é uma palavra! E crimes há por todo o lado. Quando é executado por grupos de homens, glorificam-no; entre particulares é uma maldição!... Completamente absurdo!...

Não quero que me lamentem, nada peço, basto-me a mim próprio, *não preciso de ajudas e saberei lutar contra esta luz odiosa.*

Aquele que ainda ontem era um homem

Esta comunicação foi analisada na sessão seguinte. Reconheceu-se, no próprio cinismo da linguagem um ensinamento importante e viu-se, na situação deste infeliz, uma nova fase do castigo que atinge os culpados. Com efeito, enquanto alguns são mergulhados nas trevas ou num isolamento absoluto, outros suportam durante longos anos as angústias da sua última hora, ou julgam que ainda estão neste mundo.

A luz brilha para este. O seu Espírito goza da plenitude das suas faculdades; sabe perfeitamente que está morto e não se queixa de nada. Não pede nenhuma ajuda e desafia ainda as leis divinas e humanas. Será que escapará ao castigo? Não, mas a justiça de Deus cumpre-se sob todas as formas, e aquilo que faz a alegria de uns é para outros um tormento. Esta luz faz o seu suplício contra o qual ele não cede e, apesar do seu orgulho, confessa-o com clareza quando diz: *“basto-me a mim próprio, não preciso de ajudas e saberei lutar contra esta luz odiosa”.*

E nesta outra frase: *“A luz dá-me tonturas, atravessa como uma flecha o meu corpo imaterial.”* Estas palavras: *“o meu corpo imaterial”* são características; reconhece que o seu corpo é imaterial e penetrável à luz, à qual não pode escapar, e essa luz *“atravessa-o como uma flecha aguda”.*

Consultados os nossos guias espirituais, para fazerem uma apreciação a este assunto, ditaram-nos as três comunicações seguintes, que merecem uma atenção séria.

Os Espíritos entre vidas estão, evidentemente, do ponto de vista das existências, inativos e na expectativa. Mas podem expiar faltas, sob a condição de que o seu orgulho, a tenacidade formidável e insubmissa dos seus erros não os impeça de progredir. Há um exemplo terrível na última comunicação deste criminoso obstinado, lutando contra a justiça divina que o sujeita, depois de a justiça dos homens o ter feito. Então, nesse caso, a expiação, ou melhor, o sofrimento fatal que os oprime, em vez lhes ser favorável e lhes fazer sentir o profundo significado das suas penas, exalta-os na revolta e fá-los gritar protestos que as Escrituras, na sua eloquência poética, designam como *“ranger de dentes”* – imagem por excelência! – símbolo do sofrimento penoso, mas insubmisso! Perdido na dor, mas suficientemente revoltado para se recusar a reconhecer a verdade do castigo e da recompensa!...

Os grandes erros têm, quase sempre, continuidade natural no mundo dos Espíritos, da mesma forma que as grandes consciências criminosas. Ser igual a si próprio e exibir-se arrogante perante o infinito, é a cegueira do homem que contempla as estrelas julgando que são garatujas de giz no teto, tal como julgavam os Gauleses no tempo de Alexandre. O Infinito moral existe!... E miseráveis são aqueles que, sob pretexto de continuar as bravatas e fanfarrônicas do mundo, não conseguem ver mais além no mundo dos Espíritos do que viam aqui em baixo!...

Para esses, a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a paragem do progresso. É incontestável, reparem todos, que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro deixado na Terra, e a imortalidade que os Espíritos guardam realmente nas suas provas sucessivas.

Lamennais

Atirar uma pessoa para dentro das trevas ou para as ondas de luz: o resultado não é o mesmo?... Quer numa quer noutra situação, não consegue ver o que a envolve!... Talvez até tenha mais facilidade em se adaptar à sombra que à claridade elétrica em que se encontra imersa.

O Espírito que falou na última sessão mostra bem a situação ao gritar: “...não preciso de ajudas e saberei lutar contra esta luz odiosa!...”

De facto, essa luz é tanto mais terrível, tanto mais assustadora, quanto mais ela o trespassa completamente e torna visíveis e notórios os seus mais secretos pensamentos. Está nisso um dos lados mais duros do seu castigo espiritual. O Espírito encontra-se, por assim dizer, fechado na casa de vidro que Sócrates pedia, o que é também um ensinamento, porque, o que teria sido a alegria consoladora do sábio, torna-se o castigo infamante e permanente do mau, do criminoso, do parricida, aterrorizado na sua própria personalidade.

Compreendeis, meus filhos, a dor e o terror que devia atormentar aquele que, durante uma existência sinistra, se dava ao gozo de imaginar, maquinar as mais lamentáveis maldades no fundo do seu ser, onde se escondia como um felino na sua caverna, e que agora foi expulso desse esconderijo onde se livrava dos olhares indiscretos e da investigação dos seus contemporâneos?

Agora a sua máscara de indiferença foi-lhe arrancada, e cada um dos seus maus pensamentos pode ser lido, sucessivamente, no seu próprio rosto!

Sim, de agora em diante não tem repouso, nem esconderijo, já não há caverna para a fera criminoso. Agora, cada mau pensamento, e Deus sabe se a sua alma o manifesta, se revela por dentro e por fora dele, é como um enorme choque elétrico. Ele bem quer esconder-se, mas a luz odiosa atravessa-o instantaneamente mostrando tudo à luz do dia.

Quer fugir, fuge numa corrida esbaforida, através de espaços incomensuráveis, e por todo o lado o espreita a luz que o atravessa e revela sem piedade.

Procura e persegue a sombra onde se possa esconder e persegue a noite, e não consegue encontrar nem uma nem outra, porque elas já não existem para si. Chama a morte em seu auxílio, mas até a morte se tornou uma palavra vazia e sem sentido... porque a morte não existe.

Foge, fuge continuamente o infeliz!... Loucura espiritual, castigo terrível, dor aflita. Para onde poderá fugir para combater contra si mesmo, para se libertar de si mesmo? Porque a lei suprema, no outro mundo, diz: é o culpado que se torna, para si mesmo, o mais inexorável castigo.

Quanto tempo isto durará? Durará até que por fim a sua vontade, completamente vencida, se curvará sob o aperto esmagador do remorso, e a sua frente orgulhosa se curve de humilhação diante das suas vítimas apaziguadas e dos Espíritos da justiça.

E, notai a lógica formidável das leis imutáveis, nisso ainda ele cumprirá o que escreveu nesta comunicação arrogante, tão nítida, tão lúcida e tão tristemente cheia de si mesmo, na última sexta-feira, entregando-se por um ato da sua própria vontade.

Erasto

III

A justiça humana não considera a individualidade dos seres que castiga. Avaliando o crime em si mesmo, pune indistintamente aquele que o comete, e atinge com a mesma pena o culpado, sem distinção de sexo e do seu nível de educação. A justiça divina procede de outro modo: as penas correspondem ao grau de evolução dos seres castigados. A igualdade do crime não nivela os indivíduos. Duas pessoas culpadas pelo mesmo facto podem ser distanciadas pelas provas, que lançam uma na opacidade intelectual dos primeiros círculos de iniciação, enquanto outra, que já os ultrapassou, possui a lucidez que afasta o seu Espírito da perturbação.

Nesse caso, já não são as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual, que atravessa a inteligência terrena e fá-la experimentar a angústia de uma ferida aberta.

Os seres desencarnados que são acompanhados pela vivência material do seu crime sofrem o choque da electricidade física; sofrem pelos sentidos. Aqueles que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior que aniquila, na sua amargura, a recordação dos factos, para não ficar apenas pelo conhecimento das causas.

Os seres humanos podem, portanto, apesar da gravidade das suas ações, possuir uma evolução interior. Podem agir como seres rudes estimulados pelas paixões, mas as suas faculdades elevam-nos acima da atmosfera densa das camadas inferiores. A falta de ponderação, de equilíbrio, entre o progresso moral e intelectual produz anomalias muito frequentes em épocas de materialismo e transição.

A luz que castiga o Espírito culpado é a radiação espiritual que inunda de claridade os refúgios secretos do seu orgulho, revelando-lhe a sua falta de consistência. São os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual que anunciam a separação ou dissolução dos elementos intelectuais e materiais, que compõem a primitiva dualidade humana e que devem desaparecer, na grande unidade do ser já aperfeiçoado.

JEAN REYNAUD

Estas três comunicações simultâneas completam-se entre si, apresentando os castigos a uma luz diferente, eminentemente filosófica e racional. É provável que os Espíritos, querendo tratar esta questão com base num exemplo, terão provocado, para este fim, a comunicação espontânea de um Espírito culpado.

Paralelamente a este quadro factual, e para estabelecer um paralelo, mostramos a seguir uma apresentação do inferno feita pelo pregador católico de Montreil-sur-Maire, na quaresma de 1864:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra. Se um corpo dos que arde eternamente sem se consumir, fosse atirado para o nosso planeta, empestaria tudo de uma ponta à outra. O inferno é uma vasta caverna escura, erizada de ferros pontiagudos, de lâminas de espadas bem afiados, de navalhas afiadíssimas, na qual são atiradas as almas dos condenados.” 108

ANGÈLE

Nulidade na Terra (Bordéus, 1862)

Um Espírito, chamado Angèle apresenta-se espontaneamente ao médium:

P: Estás arrependida das tuas faltas? R.: Não.

P: Então, porque vieste aqui? R.: Para experimentar.

P: Não estás feliz? R.: Não.

P: Estás em sofrimento? R.: Não.

P: Então, que é que te falta? R.: A paz!...

Alguns Espíritos só consideram sofrimento aquilo que lhes faz lembrar as dores físicas, embora o seu estado moral possa ser considerado como intolerável.

P: Como pode faltar-te a paz no mundo espiritual? R.: As saudades do passado. As saudades do passado são remorsos.

P: Estás arrependida de alguma coisa? R.: Não, é medo do futuro.

P: De que é que tens medo? R.: Do desconhecido.

P: O que fizeste na tua vida passada? Isso vai-me ajudar a compreender. R.: Nada.

P: Qual era a tua posição social? R.: Mediana.

P: Eras casada? R.: Era casada e fui mãe.

P: Cumpriste com boa vontade os deveres dessa situação? R.: Não; o meu marido aborrecia-me, e os filhos também.

P: Como é que levaste a vida? R.: Como rapariga, divertia-me; como mulher nova, aborrecia-me.

P: Quais eram as tuas ocupações? R.: Nenhuma.

P: Quem é que cuidava da tua casa? R.: A criada.

P: Não estará nessa inutilidade a causa dos teus lamentos e temores? R.: Talvez tenhas razão.

P: Isso não basta. Queres melhorar essa vida inútil, ajudar os Espíritos culpados que sofrem à tua volta? R.: Como?

P: Ajudando-os a aperfeiçoarem-se, com bons conselhos e preces! R.: Não sei fazer preces!

P: Podemos fazê-las em conjunto. Podes aprender. Estás interessada? R.: Não.

P: Porquê? R.: Estou cansada.

Instruções do guia do médium:

Damos-te instruções apresentando-te vários graus de sofrimento e de posição de Espíritos condenados à expiação devido às suas faltas.

Angèle era um desses casos de pessoas sem iniciativa, cuja vida era totalmente inútil, tanto para os outros como para ela. Só apreciava o prazer, não estudava, não gostava dos deveres de família nem dos de sociedade, cuja realização é a única que pode dar encanto à vida, porque são de qualquer idade, e só empregou a juventude com distrações frívolas. Quando as obrigações sérias apareceram, *o mundo*

à sua volta tinha-se esvaziado, porque ela própria tinha esvaziado o seu coração. Sem defeitos sérios, mas sem qualidades, fez a infelicidade do marido, perdeu o futuro dos seus filhos, arruinou o seu bem-estar por incúria e apatia. Enganou-se a si mesma, primeiro, abandonando tudo às empregadas domésticas, que nem sequer tinha a preocupação de escolher. A sua vida tornou-se inútil ao bem e, por isso mesmo, culpada, *porque o mal nasce do desprezo do bem.* Todos compreendem que não chega abstermo-nos de cometer faltas. É preciso fundamentalmente praticar as virtudes que se lhes opõem. Estudem os mandamentos do Senhor, meditem e compreendam que, se ele vos coloca uma barreira no caminho errado, obriga-vos a andar para trás, para tomar o caminho na direção oposta que conduz ao bem. O mal é oposto ao bem, sem isso a vida é nula; as suas obras são mortas e Deus, que é o nosso pai, não é o Deus dos mortos, é o Deus dos vivos.

P.: Posso saber qual foi a vida anterior da Angèle? A última deve ter sido consequência dessa.

R.: Viveu na preguiçosa, beata e inútil vida monástica. Preguiçosa e egoísta por gosto quis experimentar a vida de família, mas o Espírito progrediu pouco. Nunca deu ouvidos à voz íntima que lhe mostrava o perigo. A inclinação era suave, preferiu deixar-se ir devagar em vez de fazer um esforço para subir alto. Agora já sabe que essa atitude tem riscos, mas continua a não querer fazer esforços. Rezai por ela, acordai-a. Fazei com que abra os olhos para a luz. É um dever que todos deveis cumprir.

A vida humana foi feita para ser ativa. A atividade do espírito é a sua essência. A atividade do corpo é uma necessidade.

Devem cumprir os deveres da vossa existência, como Espíritos destinados à paz eterna, como corpos destinados ao serviço do Espírito. O vosso corpo não passa de uma máquina submetida à vossa inteligência. Trabalhai, cultivai a vossa inteligência, de forma que ela dê um impulso salutar à ferramenta que deve ajudá-la a cumprir a sua tarefa. Não lhe deem repouso nem tréguas, e lembrem-se que a paz que desejam só vos será dada depois do trabalho feito. Quanto mais lento for o vosso trabalho, mais terão de esperar o tão desejado prémio.

Trabalhai, trabalhai sem cessar. Cumpram todos os vossos deveres. Com zelo, com coragem, e a vossa fé vos ajudará.

O que cumpre com consciência as tarefas mais ingratas deste mundo é visto com muitíssima generosidade pelo olhar do Altíssimo, muito mais do que aquele que impõe essas tarefas a outros e negligencia a sua. Tudo são degraus para subir ao céu. Não os esmaguem aos vossos pés e além disso, pensem que estão rodeados de amigos que vos estendem a mão e podem ajudar, compensando o esforço colocado ao serviço do Senhor.

MONOD

UM ESPÍRITO ABORRECIDO

(Bordéus, 1862)

Este Espírito apresentou-se espontaneamente ao médium e pediu preces.

P.: O que é que te leva a fazer esse pedido? R.: Estou cansado de vaguear sem destino.

P.: Isso dura há muito tempo? R.: Aproximadamente cento e oitenta anos.

P.: O que fizeste na Terra? R.: Nada de bom.

P.: Qual a tua posição entre os Espíritos? R.: Estou entre os aborrecidos.

P.: Isso não é uma categoria de Espíritos! R.: Todos formam categorias, entre nós. Cada sensação encontra os seus semelhantes ou os seus simpáticos, que se reúnem.

P.: Porquê, se não estavas condenado ao sofrimento, estiveste assim tanto tempo sem avançar? R.: Estava condenado ao aborrecimento; entre nós, Espíritos, é um sofrimento. Tudo o que não é alegria é dor.

P.: Foste portanto forçado a permanecer entre vidas contrariado? R.: São coisas demasiado subtis para a vossa inteligência material.

P.: Experimenta fazer-mas compreender; seria um começo de utilidade para ti. R.: Não poderia, não tendo termo de comparação. Uma vida terminada na Terra deixa ao Espírito que dela não aproveitou, o que o fogo deixa ao papel que ardeu: fagulhas que lembram às cinzas ainda unidas entre si, o que foram e a causa da sua formação, ou seja, da destruição do papel. Essas fagulhas são as lembranças das ligações terrestres que percorrem os Espíritos até que tenham dispersado as cinzas do seu corpo. Só nessa altura se reconhece, essência etérea, e deseja o progresso.

P.: O que pode ocasionar-te o aborrecimento de que te queixas? R.: A continuidade da existência. O aborrecimento é filho da imobilidade. Não soube como usar os longos anos que passei na Terra. As suas consequências fizeram-se sentir no nosso mundo!...

P.: Os Espíritos que, como tu, vagueiam até ao aborrecimento, não podem alterar essa situação quando querem? R.: Não, nem sempre podem, porque o aborrecimento paralisa a vontade. Sofrem as consequências da sua existência. Foram uns inúteis, não tiveram nenhuma iniciativa, não se organizaram entre si. Foram abandonados a si mesmos até que o cansaço dessa neutralidade os faça querer mudar a situação. Então, à mínima vontade que surja entre eles, encontram apoio e bons conselhos para reunir esforços e insistir.

P.: Podes dizer-me alguma coisa acerca da tua vida na Terra? R.: Pouca coisa, deves compreender. O aborrecimento, a inutilidade, o não ter trabalho, resultam da preguiça. A preguiça é a mãe da ignorância.

P.: As tuas vidas anteriores não te fizeram avançar? R.: Sim, todas, mas porque todas eram reflexo umas das outras. Há sempre progresso, mas tão pouco sensível, que é inapreciável para nós.

P.: Antes de começares outra vida, queres vir mais vezes junto de mim? R.: Chama-me para me obrigares a vir. Era um favor, para mim.

P.: Podes dizer-me por que motivo a tua escrita muda tanto? R.: Porque tu fazes muitas perguntas. Isso cansa e preciso de ajuda.

O guia do médium:

É o trabalho da inteligência que o fatiga e que nos obriga a ajudá-lo para que ele possa responder às tuas perguntas. É um desocupado do mundo dos Espíritos, como foi do mundo terreno. Fomos nós que to trouxemos para tentar tirá-lo da apatia deste aborrecimento que é um verdadeiro sofrimento, mais penoso por vezes que as penas agudas, porque pode prolongar-se indefinidamente. Consegues imaginar a tortura da perspectiva de um aborrecimento sem fim? São a maior parte dos Espíritos desta categoria que *só procuram encarnar para se distraírem* e para quebrarem a monotonia insuportável da sua existência espiritual. Também costumam chegar aqui sem nenhuma decisão tomada para fazer o bem. É por isso que têm de continuar a aparecer, até que um dia o progresso real possa fazer-se sentir.

UMA EX-RAINHA DA ÍNDIA

Morta em França em 1858

P.: Que sensação tiveste deixando a vida terrena? R.: Não sei dizer-te. Ainda estou perturbada.

P.: Estás feliz? R.: Lamento a vida, não sei. Tenho uma dor imensa. A vida podia-ma tirar. Queria que o meu corpo se levantasse do túmulo.

P.: Lamentas não teres sido sepultada no teu país, tendo-o sido entre cristãos? R.: Sim, a terra indiana pesaria menos sobre o meu corpo.

P.: Qual a tua opinião a respeito das honras fúnebres que fizeram ao teu corpo material? R.: Foram insignificantes. Sendo rainha, ninguém ajoelhou perante mim. Deixem-me!... Estou a ser obrigada a falar. Não quero que saibam o que sou atualmente. Fui rainha, fiquem sabendo!...

P.: Respeitamos o teu nível, e pedimos-te que respondas para nosso conhecimento. Pensas que o teu filho recuperará um dia os Estados de seu pai? R.: É evidente. O meu sangue reinará. Ele é digno disso.

P.: Atribuis à reintegração do teu filho a mesma importância que quando estavas viva? R.: O meu sangue não pode ser misturado com o da multidão.

P.: Não pôde ser registado na tua certidão de óbito o local onde nasceste. Podes dizer agora qual é? R.: Nasci com o sangue mais nobre da Índia. Julgo que foi em Delhy.

P.: Viveste no esplendor do luxo, rodeada de honrarias, o que pensas agora acerca disso? R.: Tudo isso me era devido.

P.: O nível que ocupaste na Terra dá-te alguns privilégios no mundo onde vives agora? R.: Eu sou sempre rainha... Enviem-me escravos para me servirem!... Não sei os privilégios que tenho. Aqui, ninguém cuida de mim, embora eu continue a ser quem sou!...

P.: A tua religião é muçulmana ou hindu? R.: Muçulmana; mas eu era demasiado importante para me ocupar de Deus.

P.: Para o bem da humanidade, qual é a diferença que achas entre a tua religião e a religião cristã? R.: A religião cristã é absurda. Diz que somos todos irmãos.

P.: Que pensas de Maomé? R.: Não era filho de reis.

P.: Achas que tinha uma missão divina? R.: Nada disso me importa.

P.: Qual é a tua opinião a respeito de Jesus de Nazaré? R.: O filho de um carpinteiro não é digno de ocupar a minha atenção!...

P.: O que pensas do hábito muçulmano de esconder as mulheres aos olhares dos homens? R.: As mulheres foram feitas para mandar. Eu era mulher!...

P.: Alguma vez invejaste a liberdade das mulheres europeias? R.: Não, que me importam essas liberdades!... Não são servidas de joelhos.

P.: Lembras-te de ter tido outras existências na Terra, antes desta última? R.: Fui sempre rainha

P.: Porque respondeste tão rapidamente à nossa chamada? R.: Não queria vir. Fui forçada. Pensas então que eu me dignaria responder? O que és tu ao pé de mim?

P.: Quem é que te forçou a vir? R.: Não sei. Mas não deve haver por aí ninguém do meu nível de grandeza.

P.: Qual é o teu aspeto aqui? R.: O aspeto de uma rainha!... Julgas que deixei de sê-lo? Tens uma grande falta de respeito!... Devias saber que não se fala assim a uma rainha.

P.: Se te pudéssemos ver, tens contigo as tuas joias e os trajes que usavas? R.: É claro!...

P.: Tendo deixado na Terra tudo o que tinhas, como se compreende que tenhas conservado a tua aparência, sobretudo os trajes de luxo? R.: Eu não os deixei, estou tão bela como era. Não imagino a ideia que fazem aí de mim. O que é certo é que nunca me viste!...

P.: Qual é a tua impressão por estares aqui na nossa presença? Se eu pudesse não estaria aqui. Tratam-me com tanta falta de respeito!...

Espírito chamado "S. Luís":

- Deixem a pobre desorientada. Tenham dó da cegueira dela. Que vos sirva de exemplo. Não fazem a ideia o quanto sofre no seu orgulho.

Ao evocar esta majestade destituída, agora sepultada, não estávamos à espera de respostas muito brilhantes, tendo em conta a educação das mulheres no seu país. Esperávamos, sim, encontrar nesse Espírito, senão a filosofia, pelo menos o sentimento mais realista dos factos, e ideias mais claras a respeito das vaidades e grandezas do mundo material. Longe disso, conserva todas as suas ideias materialistas. É o orgulho que nada perdeu das suas ilusões, que luta contra a sua fraqueza, e que deve sofrer muito com a sua impotência.

(Bordeaux, 1862)

Sob este nome, um Espírito apresentou-se espontaneamente a um médium que está habituado a este género de manifestações. A sua missão parece ser ajudar Espíritos inferiores que lhe são trazidos pelo seu guia espiritual, com o duplo fim da sua instrução e do seu avanço.

Pergunta: Quem és tu? Este nome é de homem ou de mulher? Resposta: É nome de homem, tão infeliz quanto é possível. Estou a sofrer todos os tormentos do inferno.

P.: Se não existe o inferno, como pode ser isso? R.: Essa pergunta é inútil.

P.: Eu sei o que queres dizer, mas outras pessoas podem precisar de uma explicação. R.: Não me importo nada com isso.

P.: Será o egoísmo uma das causas dos teus sofrimentos? R.: Talvez.

P.: Se quiseres sentir-te aliviado, começa por afastar as tuas más tendências. R.: Não te preocupes; não é da tua conta. Começa a rezar por mim como rezas pelos outros e depois se verá.

P.: Se não me ajudas com o teu arrependimento, a minha prece terá pouco efeito. R.: Se só falas em vez de rezar vou avançar pouco contigo.

P.: Queres então avançar? R.: Talvez, não sei bem. Vejamos se a tua prece me alivia o sofrimento. É o essencial.

P.: Então junta-te a mim com muita vontade de obter alívio. R.: Vai em frente!...

P. (Depois de uma prece do médium): Estás satisfeito? R.: Não tanto como esperava.

P.: Um remédio tomado pela primeira vez não pode curar imediatamente uma doença antiga. R.: É possível.

P.: Queres vir cá mais vezes? R.: Sim, se me chamares.

O guia da médium:

Minha filha, vais ter dificuldades com este Espírito endurecido, mas a verdade é que não há mérito em ajudar os que já estão salvos. Coragem!... Insiste e conseguirás. Não há Espíritos tão culpados que não possam ser ajudados, com persuasão e bons exemplos. Até os piores Espíritos acabam por se emendar, com o tempo. Se não se consegue imediatamente conduzi-lo aos bons sentimentos, o que às vezes é impossível, o trabalho feito não se perde. As ideias que lhes transmitimos agitam-nos e fazem-nos refletir, são sementes que mais tarde ou mais cedo darão frutos. Não se arranca uma rocha com o primeiro golpe de picareta.

O que digo, minha filha, aplica-se também aos encarnados. De resto, o espiritismo, mesmo dos que são crentes, não faz imediatamente pessoas perfeitas. A crença é um primeiro passo. A fé vem depois, e a transformação também. Para muitos, só acontece depois de virem retemperar-se ao mundo espiritual.

Os Espíritos endurecidos são todos maus. Há muitos deles que, não procurando fazer o mal, vão ficando para trás por orgulho, indiferença ou apatia. Não deixam de ser infelizes porque, sendo apáticos, não têm a compensação das distrações do mundo. A perspectiva do infinito torna a sua posição intolerável, e, contudo, não têm força nem vontade para deixá-la. São os que, encarnando, levam vidas sem atividade, inúteis para si mesmos e para os outros; são pessoas com tendência para o suicídio, sem motivos sérios, por desgosto da vida.

Estes Espíritos são em geral mais difíceis de conduzir ao bem do que os que são francamente maus. Os maus têm certa energia e, uma vez esclarecidos, são tão ativos para o bem como eram para o mal. Aos inativos serão necessárias muitas vidas para progredirem sensivelmente. Porém, pouco a pouco, vencidos pelo aborrecimento, como os outros pelo sofrimento, procurarão distrair-se com qualquer espécie de atividade que, com o tempo, se torna uma necessidade.

CAPÍTULO VIII- EXPIAÇÕES TERRESTRES

MARCELO, o menino do nº 4.

Num hospital de província estava internada uma criança de 8 a 10 anos, num estado difícil de descrever. Chamavam-lhe o nº 4. Muito abatido, fosse pela deformidade natural, fosse pela doença, as pernas contraídas estavam junto ao pescoço, a magreza era tal que os ossos quase perfuravam a pele. O corpo estava numa ferida e sofria atrozmente. Pertencia a uma pobre família israelita, e a sua situação durava há quatro anos.

A sua inteligência, contudo, era notável para a sua idade e para a sua situação. A sua doçura, a paciência e a resignação, eram edificantes. O médico da secção onde se encontrava, tocado de compaixão por este pobre ser, de certa forma abandonado, visto que os seus pais não o visitavam com frequência, passou a interessar-se e gostava de conversar com ele, admirando a sua maturidade precoce. Tratava-o com bondade e, quando tinha tempo, vinha ler-lhe coisas, surpreendendo-se pela retidão das suas opiniões e pelos comentários que fazia que pareciam acima do entendimento próprio da sua idade.

Um dia o menino disse-lhe: “Doutor, peço-lhe o favor de me receitar os comprimidos que me dava há tempos”.

- E porquê, meu filho? Já te receitei bastantes e temo que uma quantidade maior te faça mal.

- É que, disse o menino, sofro de tal maneira que tenho que fazer esforços para não gritar e pedir a Deus forças para não chorar. Tenho medo que, se isso acontecer, vá incomodar os outros doentes que aqui estão. Quando tomava esses comprimidos, adormecia e assim não corria o risco de incomodar ninguém.

Estas palavras chegaram para mostrar a elevação da alma encerrada neste corpinho disforme. Onde é que esta criança aprendeu tão elevados sentimentos? Não podia ter sido no meio onde foi criado e, na idade em que começou a sofrer não podia ainda compreender qualquer raciocínio; eram inatos, nele; mas então, com tão nobres instintos, por que motivo Deus o condenou a uma vida tão miserável e tão dolorosa, admitindo que criou esta alma ao mesmo tempo que o corpo, instrumento de tão cruéis sentimentos? É preciso negar a bondade de Deus ou então admitir uma causa anterior, quer dizer, a pré-existência da alma e a pluralidade das existências.

Esta criança morreu e os seus últimos pensamentos foram dirigidos a Deus e ao caridoso médico que com ele tinha sido tão atencioso.

Pouco tempo depois, em 1863, foi evocado pela Sociedade de Paris, onde deu a comunicação seguinte:

“Chamaste-me e vim fazer com que a minha voz se ouça aqui e possa ser conhecida para além deste recinto, para sensibilizar todos os corações; que o eco que ela fará vibrar chegue até à sua solidão. Quero lembrar-vos que a agonia na Terra prepara as alegrias no Céu, e que o sofrimento não passa da casca amarga de um fruto muito doce que dá coragem e resignação. Ela vos dirá que no leito pobre onde se deita a miséria, também descansam enviados de Deus cuja missão é ensinar à humanidade que não há dores que se não possam suportar com a ajuda do Todo-poderoso e dos bons Espíritos. Dirá também para saberem escutar os queixumes misturados com preces, e compreender com eles a harmonia piedosa, tão diferente dos queixumes que outros misturam com blasfémias.

Um dos vossos bons Espíritos, grande apóstolo do espiritismo¹⁰⁹, quis que viesse hoje aqui. Por isso aproveito para dizer algumas palavras a respeito do progresso da vossa doutrina, que deve dar

¹⁰⁹ O Espírito chamado “Santo Agostinho” que tem feito muitas comunicações na Sociedade.

uma ajuda aos que encarnam neste mundo para aprenderem a sofrer. O espiritismo será o sinal indicador dos que virão dar-vos a palavra e o exemplo. Será então que as queixas serão substituídas por gritos de contentamento e por lágrimas de alegria.

P.: De acordo com o que acabas de dizer, os sofrimentos que tiveste de suportar na tua última vida não eram a expiação de faltas anteriores? R.: Não eram uma expiação direta, mas podem crer que as dores são sempre motivadas por causas concretas. Aquele que vos foi apresentado tão sofredor e defeituoso, foi belo, rico e adulado. Tinha cortesãos que alimentavam a sua vaidade. Eu, portanto, fui orgulhoso e vazio de sentimentos, com muitas culpas. Renegava a Deus e tratei mal o próximo. Expiei cruelmente, primeiro no mundo dos Espíritos e a seguir na Terra. Aquilo que suportei durante alguns anos somente, nesta última e curta existência, sofri durante toda uma longa vida até à velhice. Devido ao meu arrependimento reentrei na graça do Senhor, que se dignou confiar-me várias missões, cuja última vos é conhecida. Fui eu que a pedi para acabar o meu aperfeiçoamento.

Adeus, meus amigos, regressarei mais tarde até junto de vós. A minha missão é de consolar e não de instruir. Mas há aqui tanta gente que esconde as suas feridas, que ficarão contentes com a minha visita.

MARCEL

Instruções do guia do médium:

Pobre e pequeno ser sofredor, fraco, ferido e disforme. Que queixumes fazia ouvir nesse hospital de miséria e de lágrimas. Apesar da sua pouca idade, como era resignado, e como compreendia já a finalidade das suas dores. Já sabia que para lá do túmulo o esperava uma recompensa por tantos queixumes abafados. Como orava por aqueles que não tinham coragem como ele para suportar os seus males, sobretudo por aqueles que lançavam ao céu blasfémias em vez de preces.

Se a agonia foi longa, a hora da morte não foi terrível. Sem dúvida os membros contorciam-se dolorosamente e mostravam a quem via um corpo deformado em luta com a morte, lei da carne que quer viver apesar de tudo. Mas um anjo planava sobre o moribundo, cicatrizando o seu coração. Depois, levou nas suas asas brancas essa alma tão bela que saía do corpo informe, dizendo: “Glória a vós meu Deus!” E essa alma subia feliz para o Todo-Poderoso, exclamando: “Aqui estou, meu Deus, deste-me a missão de aprender a sofrer. Diz-me, suportei dignamente a prova?”

O Espírito da criança disforme retoma as suas proporções normais, voa no espaço, dizendo a todos: “Esperança e coragem.” Liberto de toda a matéria e de todas as manchas, está perto de vós, fala-vos e com a voz clara e firme, diz: “Os que me viram olharam a criança que não se queixava, nele colheram a calma para os seus males, guardando no coração a doce confiança em Deus. Era esse o meu único objetivo nessa curta passagem pela Terra.”

Espírito chamado “Santo Agostinho”

SZYMEL SLIZGOL

Era um pobre judeu de Vilnius, que morreu em Maio de 1865. Durante trinta anos mendigou com uma tigela na mão. Em toda a cidade era conhecida a sua voz: “Lembrem-se dos pobres, das viúvas e dos órfãos!...” Durante todo esse tempo Slizgol conseguiu amealhar 90.000 rublos. Mas não guardava um “kopek” para si. Aliviava doentes de quem cuidava pessoalmente. Pagava o ensino a crianças pobres. Distribuía aos necessitados alimentos que lhe davam. Durante a tarde moía tabaco para vender, para se sustentar a si mesmo. Tudo o que lhe sobrava era para dar aos pobres.

Szymel estava sozinho neste mundo. No dia do seu funeral, uma grande parte da população de Vilnius seguiu o cortejo e o comércio fechou.

Sociedade espírita de Paris, 15 de Junho de 1865

- Evocação – Resposta de Szymel Slizgol: Felicíssimo, cheguei finalmente à plenitude do meu desejo, que paguei bem caro. Estou no meio de vós desde o começo deste serão. Agradeço-vos por

quererem conversar com o Espírito de um pobre mendigo que, com alegria, vai responder às vossas perguntas:

P. Uma carta de Vilnius deu-nos a conhecer as particularidades mais notáveis da tua vida. É pela simpatia que elas nos inspiram que tivemos o desejo de conversar contigo. Obrigado por teres vindo. Primeiro gostaríamos de conhecer, para nossa instrução, a tua situação como Espírito, e quais foram as causas da tua experiência em Vilnius. R. Primeiro, concedei ao meu Espírito, que compreende a sua verdadeira posição, a oportunidade de vos dizer a sua opinião sobre um pensamento que tiveram a meu respeito; peço os vossos conselhos se estiver errado.

Achais singular que a manifestação pública tenha tomado um grande desenvolvimento para prestar homenagem a um “Zé Ninguém” que soube, pela caridade, atrair uma tal simpatia. Não digo isto por vós, caro mestre, nem por ti, caro médium, nem por todos vós, espíritas verdadeiros e sinceros, mas falo pelas pessoas sem crença. – Não há nisso nada de espantoso. A força de pressão moral que a prática do bem exerce sobre a humanidade é tal que, por mais materialista que a pessoa seja, inclina-se sempre; saúda-se o bem, a despeito da tendência que se tenha para o mal.

Agora, chego às vossas questões que não são ditadas pela curiosidade, mas formuladas simplesmente tendo em vista a instrução geral. Vou, pois, dizer-vos, porque tenho essa liberdade, com a brevidade possível, quais as causas que motivaram e determinaram a minha última existência.

Durante vários séculos vivi com o título de Rei ou pelo menos de príncipe herdeiro. No círculo do meu poder, relativamente estreito se comparado com os vossos estados atuais, era o soberano absoluto do destino dos meus súbditos. Fui tirano e, pode dizer-se: um carrasco. Com um carácter imperioso, violento, avaro e sensual, podem ver qual seria a sorte dos pobres seres que viviam sob as minhas leis.

Abusava do meu poder para oprimir os fracos, para cobrar impostos a todos os que trabalhavam, a todas as espécies de ofícios, de trabalhos, de paixões e de dores, para servir as minhas próprias paixões. Até cobrava, dos pobres de pedir, uma parte do que ganhavam com as esmolas. Fui tudo o que há de mais impiedoso para com os que sofriam a miséria.

Perdi aquilo a que chamais vida em tormentos e sofrimentos horríveis; a minha morte foi um modelo de terror para todos aqueles que, como eu, mas numa escala mais pequena, partilhavam a minha maneira de ver. Como Espírito, estava entre vidas há três séculos e meio. No termo desse período, quando compreendi que a finalidade das encarnações era completamente diferente daquela que os meus grosseiros e obtusos sentidos me tinham feito perseguir, obtive, à força de preces, de resignação e de lamentos, a autorização de receber a tarefa material de passar pelos mesmos sofrimentos que fizera sofrer os outros, ou ainda mais. Recebi esta autorização e Deus deu-me o direito, pelo meu livre-arbítrio, de ampliar os meus sofrimentos morais e físicos. Graças ao auxílio dos bons Espíritos que me ajudaram, mantive a decisão de praticar o bem, e por isso lhes estou grato, porque me livraram de sucumbir na tarefa que tinha tomado.

Cumpri, finalmente, uma existência que resgatou, por abnegação e caridade, o que a outra tinha tido de cruel e injusta. Órfão desde cedo de pais pobres, aprendi a bastar-me a mim mesmo, na idade em que, geralmente, se é ainda incapaz de compreender.

Vivi só, sem amor, sem afetos e, mesmo no começo da minha vida, suportei a brutalidade que tinha feito sofrer a outros. Foi dito que o dinheiro economizado por mim foi todo empregue no socorro dos meus semelhantes. É certo. Sem orgulho, acrescento que, muitas vezes, passando por fortes dificuldades, aumentei a reserva que a caridade pública me permitia fazer.

Morri com calma, confiante no prémio que pensava ter obtido pela reparação feita na minha última vida, e fui recompensado para além das minhas secretas aspirações. Sou agora feliz, muito feliz, por poder dizer-vos que aqueles que se elevam serão rebaixados; e que os que são humildes serão elevados.

P: Diz-nos em que é que consistiu a tua expiação no mundo dos Espíritos, e quanto tempo durou desde a morte até ao período em que a tua situação foi suavizada pelo arrependimento e pelas boas resoluções que tomaste. Diz-nos também o que é que provocou em ti a mudança de ideias na qualidade de Espírito. R: Isso faz-me ter recordações bastante dolorosas!... O que eu sofri!... Mas não me lamento, recordo apenas. A minha expiação foi a seguinte:

Carrasco, como vos disse, de todo o género de bons sentimentos, o meu Espírito ficou muito tempo ligado pelo perispírito ao meu corpo em decomposição. Sentia-me completamente apodrecido, mastigado pelos vermes que me faziam sofrer imenso. Quando fui liberto desse instrumento do meu suplício, sofri outro ainda mais duro. Depois do sofrimento físico, veio o sofrimento moral, que durou muito mais tempo que o primeiro. Fui colocado na presença de todas as minhas vítimas de torturas. Periodicamente, por uma força maior que a minha, era levado a presenciar as minhas ações mais culposas, e sentia física e moralmente todas as dores que tinha causado. Como é terrível, meus amigos, a vista constante daquilo que se fez de mal. Aquilo que se passa entre vós, pela confrontação da vítima com o acusado, é um fraco exemplo.

Isto é um resumo daquilo que se passou comigo durante dois séculos e meio, até que Deus, perante a minha dor e o meu arrependimento, a pedido dos guias que me acompanhavam, permitiu que viesse à vida de expiação que conheceis.

P.: Algum motivo especial te levou a escolher na tua última vida a religião judaica? R.: Não a escolhi por mim mesmo, mas por conselho dos meus guias. A religião dos israelitas juntava mais uma pequena humilhação à minha vida de expiação. Na maior parte dos países os israelitas são desconsiderados, especialmente os que são mendigos.

P.: Na tua última vida, em que idade é que começaste a pôr em prática as tuas intenções iniciais? A caridade tão abnegada foi um impulso intuitivo? R.: Nasci de pais pobres, mas inteligentes e avaros. Ainda novo fui privado dos afetos e dos carinhos da minha mãe. Sofri muito com a sua perda, agravada pela completa indiferença do meu pai, sempre dominado pela paixão do dinheiro. Os meus irmãos, todos mais velhos, não se apercebiam dos meus sofrimentos. Um outro judeu, mais por egoísmo que por caridade, recolheu-me e ensinou-me a trabalhar. Ganhou muito com o que trabalhei, com abuso das minhas forças. Conseguí libertar-me desse jugo mais tarde e comecei a trabalhar para mim. Mas sempre e em todo o lado era perseguido pela lembrança do carinho, dos cuidados e do amor da minha mãe, e à medida que avançava em idade, a sua recordação gravava-se mais profundamente na memória, e mais saudades eu sentia dos seus cuidados e do seu amor.

Em breve fiquei a ser o único sobrevivente da família. A morte, em alguns meses, levou-os a todos.

Começou então a revelar-se a forma como deveria viver a minha vida. Dois dos meus irmãos tinham deixado órfãos. Influenciado pela memória do que tinha sofrido, protegi-os o melhor que pude de terem uma juventude como a minha. O meu trabalho não era suficiente para ajudar a todos, por isso comecei a pedir na rua, não só para mim, como para os outros.

Deus não deve ter querido dar-me o consolo de tirar alegria dos meus esforços. Os pequenos deixaram-me para sempre. Sei bem o que lhes faltava: o carinho de suas mães. Comecei então a pedir para viúvas sós que não conseguiam sustentar-se e aos seus filhos, que morriam carentes, com órfãos que passavam o mesmo que eu tinha passado. Tinha trinta anos, saúde e força, comecei então a mendigar para viúvas e órfãos.

A princípio foi difícil e tive que suportar humilhações. Mas quando foi sabido que realmente distribuía as esmolas que recebia, e quando pude acrescentar a isso o produto do meu trabalho, consegui alcançar uma popularidade que foi um grande estímulo para o que fazia.

Vivi mais de sessenta anos e nunca desisti da tarefa que tinha iniciado deliberadamente. Nunca mais surgiram na minha consciência sinais de motivos anteriores a esta existência, que pudessem ser

a origem do meu procedimento. Apenas em certa altura, quando comecei a estender a mão, ouvi uma voz dizendo-me: “*Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti*”. Fiquei impressionado pela moralidade dessas palavras, às quais me habituei a acrescentar mais algumas: “*Mas faz-lhes o que gostarias que te fizessem*”.

A recordação da minha mãe, e das minhas dificuldades iniciais, ajudaram-me a continuar um trabalho que a minha consciência me recomendava. No fim desta comunicação, agradeço-vos muito!... Ainda não sou perfeito. Sabendo que o mal só conduz ao mal, continuarei a fazer o bem para colher a felicidade.

SZYMEL SLIZGOL.

JULIENNE-MARIE, a mendiga

Na comuna de Villatte, perto de Nozai, no baixo-Loire, vivia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, idosa e doente que vivia da caridade pública. Certo dia caiu num tanque de onde foi retirada por um homem que ali vivia, M. A., que normalmente a ajudava. Transportada a casa, faleceu pouco depois.

A ideia que ficou é que teria querido suicidar-se. No dia em que faleceu, o homem que a ajudou, que era espírita e médium, teve a sensação nítida que estava alguém junto dele, sem causas aparentes para isso. Quando soube que Julienne-Marie tinha morrido, pensou que poderia ser a visita do seu Espírito.

Um amigo seu da Sociedade Espírita de Paris, a quem ele disse o que se tinha passado, deu-lhe o conselho de fazer a sua evocação, de forma a ser-lhe útil, tendo antes disso o cuidado de consultar os seus guias, dos quais recebeu a seguinte resposta:

“Podes evocá-la, ela terá gosto nisso, embora o serviço que queres prestar-lhe não lhe seja necessário. Ela está feliz e devotada a todos os que lhe prestaram atenção. Tu és um dos seus bons amigos, e acompanha-te muito frequentemente, sem que te apercebas. Mais tarde ou mais cedo, a ajuda que lhe deste será recompensada, se não for por ela mesma, será pelos que se interessaram por ela, antes ou depois da sua morte. Quando o Espírito não teve tempo de reconhecer a sua situação, são outros Espíritos simpáticos que o farão em seu nome. Isto explica a impressão que tiveste no dia do seu falecimento.

Agora é ela que te ajuda no bem que quiseres fazer. Recorda-te do que disse Jesus: “Aquele que foi humilhado será elevado”. Terás a ideia daquilo em que poderá ajudar-te, se lhe pedires assistência para seres útil ao teu próximo.

Evocação:

P. Cara Julienne-Marie, estás feliz, é tudo o que queria saber. Isso vai-me fazer pensar muito em ti e sempre te vou incluir nas minhas preces. R.: Tem confiança em Deus. Inspira aos teus doentes uma fé sincera, e terás sempre êxito. Não te preocupes com a recompensa pois que ela virá; receberás mais do que esperas. Deus sabe sempre recompensar os que merecem, os que se dedicam desinteressadamente ao alívio dos seus semelhantes, e *colocam nas suas ações um desinteresse completo*. Sem isso tudo é ilusão e quimera. É necessária a fé, antes de mais. De outro modo nada se consegue. Lembra-te deste princípio, e ficarás surpreendido com os resultados. Os dois doentes que trataste são a prova. Nas circunstâncias em que se encontravam, se os tratasses só com remédios, terias falhado.

Quando pedires a Deus que permita aos bons Espíritos que lancem sobre ti os fluidos benfazejos, se nada sentires dentro de ti, é porque a prece que estás a fazer não é suficientemente eficaz para ser escutada. Só o é se for feita nas condições que indico. É o que sentiste quando disseste do fundo do

coração: “Deus todo-poderoso, Deus misericordioso, Deus de infinita bondade, acolhei a minha prece e permiti aos bons Espíritos que me auxiliem na cura de.....; tende piedade dele, Meu Deus, e dai-lhe a saúde; sem vós, nada posso. Que seja feita a vossa vontade”.

Fizeste bem em não desdenhares dos humildes; a voz daquele que sofreu, e suportou com resignação as misérias deste mundo, é sempre ouvida. Como vês, um serviço prestado recebe sempre recompensa.

Agora, uma palavra a meu respeito, que confirmará o que foi dito acima.

O espiritismo explica-te a minha linguagem como Espírito. Não preciso de entrar em detalhes a este respeito. Também penso ser inútil falar-te a respeito da minha existência anterior. Aquilo que conhecestes de mim na Terra deve fazer-te compreender e apreciar as minhas outras existências, que nem sempre foram perfeitas. Votada a uma vida de miséria, doente e sem poder trabalhar, mendiguei toda a vida. Não juntei dinheiro. Quando cheguei à velhice, todas as minhas economias eram cerca de cem francos que guardava para quando deixasse de poder andar. Deus julgou as minhas provas e expiações suficientes, e libertou-me sem sofrimentos da vida terrena, porque não me suicidei, como foi pensado por alguns. Morri de repente à beira do tanque junto do qual dirigia a minha última prece a Deus. O meu corpo caiu na água por causa da inclinação do terreno.

Não sofri. Estou feliz por ter podido cumprir as minhas missões sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida das minhas forças e meios, evitando fazer o mal ao meu próximo. Agora recebo a recompensa, e dou graças a Deus, nosso divino mestre, que suaviza a amargura das provas, fazendo-nos esquecer, durante a vida, as nossas existências passadas, colocando almas caridosas no nosso caminho, para nos ajudarem a suportar o peso das nossas faltas anteriores.

Não desistas e, como eu, também serás recompensado. Obrigado pelas tuas boas preces e pela ajuda que me deste. Jamais esquecerei. Um dia nos encontraremos e muitas coisas poderão ser-te explicadas. Por agora, é desnecessário. Fica a saber que te sou dedicada e que estarei sempre junto de ti quando precisares de mim para aliviáres os que sofrem.

A pobre velha Julienne-Marie

O Espírito de Julienne-Marie foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, no dia 10 de Junho de 1864, tendo ditado o seguinte:

“Obrigado caro presidente por me ter recebido neste lugar. É do vosso conhecimento que nas minhas vidas anteriores tinha tido uma melhor posição social. Tive que vir fazer esta prova de pobreza, para punir o meu orgulho vão que me fazia afastar de mim todos aqueles que eram muito pobres. Recebi, pois, esta lei justa de Talião, que me tornou a mais feia das pedintes da vossa região. Para me provar a bondade de Deus, aqui não fui posta de lado por todos. Era isso que eu temia. Por isso vivi toda a prova sem queixumes, pressentindo uma vida melhor da qual não devia regressar a esta terra de exílio e tristeza.

“Que felicidade, no dia em que a nossa alma, ainda jovem, pode regressar à vida espiritual para rever os bem-amados! Também eu amei e sou feliz por ter reencontrado aqueles que vieram antes de mim. Obrigado ao bom M.A. que me abriu a porta do reconhecimento; sem a sua mediunidade não poderia ter-lhe agradecido, provar-lhe que a minha alma não esquece a influência feliz do seu coração, recomendando-lhe que propague a sua crença divina. Ele é chamado a reunir as almas desgarradas. Que tenha a certeza do meu apoio. Poderei devolver-lhe cem vezes aquilo que fez por mim, instruindo-o no caminho que trilhais. Agradecei ao Senhor por permitir aos Espíritos que vos digam como dar coragem ao pobre nas suas tristezas e parar o rico no seu orgulho e que saibam porque não devem virar as costas a um infeliz. Que eu vos sirva de exemplo, para que não tenham de vir, como eu, expiar as vossas faltas em dolorosas situações sociais e vos façam cair tão baixo como eu caí.

Julienne-Marie

Tendo esta comunicação sido transmitida a M.A., recebeu por sua vez a que se segue e que a confirma:

P.: Cara Julienne-Marie, já que queres fazer o favor de me ajudar a progredir espiritualmente, responde-me por favor, que prometo fazer todos os esforços para seguir os teus ensinamentos.

R.: Lembra-te da recomendação que vou fazer-te, e nunca te afastes dela. Sê sempre caridoso à medida do teu alcance. Compreendes a caridade como ela deve ser praticada em todas as situações da vida terrena. Não tenho necessidade de te ensinar nada a esse respeito. Tu próprio serás o teu melhor juiz, seguindo a tua consciência que nunca te enganará, se a escutares sinceramente.

Não te iludas a respeito das missões que tiveres para cumprir. Pequenos e grandes as têm; a minha foi penosa, mas era o que eu merecia devido às existências anteriores, tal como disse na confissão feita ao presidente desta principal sociedade de Paris, da qual todos um dia serão membros. Esse dia não está assim tão distante; o espiritismo avança a passos de gigante, apesar de haver muitos que querem travá-lo. Avancem todos sem temor, fervorosos adeptos da doutrina e os vossos esforços serão coroados de sucesso. Que vos importa aquilo que possam dizer! Bem podeis ignorar críticas sem nexos que recairão sobre aqueles que dizem mal de vós.

Os orgulhosos! Crêem-se fortes e pensam que podem deitar-vos abaixo facilmente. Estejam tranquilos, meus bons amigos, e não tenham medo de se medirem com eles; são muito mais fáceis de vencer do que pensais!... Muitos deles têm medo e temem que a verdade venha finalmente abrir-lhe os olhos. Esperai, porque serão eles mesmos que virão um dia ajudar à coroação do edifício.

Julienne-Marie

Este caso está cheio de ensinamentos para quem quer que registe as palavras deste Espírito nas três comunicações efetuadas. Todos os grandes princípios do espiritismo aí se encontram incluídos. Desde a primeira, o Espírito mostra superioridade pela sua linguagem. Tal como uma fada benfazeja, esta mulher, hoje resplandecente, como transformada, veio proteger aquele que não a colocou de lado quando estava na maior miséria. Foi uma aplicação dos princípios evangélicos: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos elevados; bem-aventurados os humildes; bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados, não desprezem os pequenos, porque os que são pequenos neste mundo podem ser maiores do que julgais.”

MAX, o mendigo

Numa localidade da Baviera, morreu em 1850 um homem muito idoso, quase centenário, conhecido pelo nome de “pai Max”. Ninguém sabia a sua origem, porque não tinha família. Há quase meio século, abatido pela falta de saúde que não lhe permitia ganhar a sua vida pelo trabalho, ficou limitado a viver da caridade pública, que tentava disfarçar vendendo almanaques e pequenos objetos nas quintas e nos castelos. Tinham-lhe dado a alcunha de “conde Max”, mas os miúdos só o tratavam por senhor conde, o que lhe dava vontade de rir, sem se importar. Por que razão lhe tinham dado esse título? Ninguém sabia, mas tornara-se um hábito. Talvez por causa da sua fisionomia e das maneiras distintas que contrastavam com os seus trapos. Vários anos depois de morrer, apareceu em sonhos à filha do proprietário de um dos castelos em cuja cavaleriça lhe davam hospitalidade, porque não tinha onde ficar. Disse-lhe nesse sonho: “Muito obrigado por te teres lembrado do pobre Max nas tuas preces, que foram ouvidas pelo Senhor. Queres saber quem eu era, alma caridosa que te interessaste pelo infeliz mendigo? Vou dizer-te e será uma notícia instrutiva para todos”!...

Fez então a seguinte descrição:

Há cerca de um século e meio era um rico e poderoso senhor desta região, mas vazio de sentimentos, orgulhoso e inchado da minha nobreza. A minha imensa fortuna só servia os meus luxos

e mal chegava para tudo o que me dava prazer, porque era um jogador com péssimos hábitos, um devasso. Os meus criados, que eu julgava que tinham nascido para me servir, como os animais nas minhas propriedades, eram abusados e explorados para sustentarem os meus caprichos. Sempre fui surdo às suas queixas bem como às de todos os outros infelizes, que eu achava se deviam dar por felizes ao trabalharem para mim. Morri numa idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, sem nunca ter passado por dificuldades ou verdadeiras infelicidades. Ao contrário, tudo me tinha sorrído sempre, de forma que era considerado por todos “um dos felizes do mundo”. A minha linhagem valeu-me funerais sumptuosos, os meus companheiros de estúrdia lamentaram o meu desaparecimento, mas nem uma lágrima foi vertida no meu funeral, nem uma prece foi dirigida a Deus pela minha alma, por votos do coração, tendo sido amaldiçoado por todos os que eu tinha mantido na miséria.

Ah! Como é terrível o efeito das maldições daqueles que foram mantidos na miséria!... Nunca deixaram de retenir nos meus ouvidos durante longos anos que me pareceram uma eternidade. E à morte de cada uma das minhas vítimas, mais uma figura ameaçadora ou irónica se levantava diante de mim e me perseguia sem descanso, sem que eu pudesse encontrar refúgio que me defendesse do seu olhar!... Nem um olhar amigo me procurava. Os meus companheiros de má vida, infelizes como eu, fugiam de mim parecendo dizer-me com desdém: “já não podes pagar nada a ninguém”!... Como pagaria então, se pudesse, um instante de repouso, um copo de água simples para matar a sede ardente que me devorava!...

Mas já nada tinha. *Todo o dinheiro que semeei às mãos cheias na Terra, não produziu uma única bênção, nem uma só, minha querida, entendes-me?*

Enfim, fatigadíssimo, esgotado como um viajante exausto que não vê o fim do seu caminho, gritei: “Meu Deus, tende piedade de mim! Quando acabará esta horrível situação?”

Nessa altura ouvi uma voz, a primeira que escutei desde que tinha deixado a Terra, que me respondeu: “*Quando tu quiseres*”.

- O que é necessário fazer, grande Deus? Respondi; dizei, sujeito-me a tudo!...

- É necessário que te arrependas; *que te humilhes perante aqueles que humilhaste; que lhes peças para fazerem preces intercedendo por ti, porque a prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor.*

Humilhei-me, fiz preces aos meus vassalos, aos meus servidores que estavam ali diante de mim e cujas figuras, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer.

Começou então para mim uma nova vida. A esperança substituiu o medo e agradeci a Deus com todas as forças da minha alma. A seguir, a voz disse-me:

- “Príncipe!” E eu respondi: “o único príncipe aqui é Deus todo-poderoso que torna os poderosos humildes. Perdoai-me Senhor, porque pequei, fiz de mim o servidor dos meus servidores, se for essa a vossa vontade”.

Alguns anos mais tarde nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres aldeões. Os meus pais morreram ainda era uma criança, e fiquei só no mundo sem ajudas. Ganhava a vida como podia, como trabalhador braçal, criado de quinta, cavador, mas sempre honestamente porque, desta vez, acreditava em Deus. Com a idade de quarenta anos, uma doença deixou-me diminuído dos membros e passei a ter que mendigar durante mais de cinquenta anos nestas mesmas terras onde tinha sido senhor absoluto. Pedir um pedaço de pão numa casa que tinha sido minha e onde, por ironia do destino, me chamaram “senhor conde”, muito satisfeito por ter encontrado abrigo na cavaliça de um castelo que tinha sido meu. Nos meus sonhos, tinha o prazer de passear pelas salas principais desse castelo, onde tinha reinado como déspota. Quantas vezes, sonhando, me revi rodeado da minha antiga fortuna! Essas visões, ao acordar, deixavam-me um sentimento impossível de definir, de amargura e de arrependimento; mas nunca uma queixa se soltou da minha boca, e quando Deus quis chamar-me a si, agradeci-lhe as bênçãos que me deu pela coragem que tive de sofrer sem queixumes

essa longa e penosa prova da qual recebo agora a recompensa; e tu, minha filha, peço bênçãos para ti por teres feito preces por mim. “

Recomendamos o estudo deste caso aos que julgam que os seres humanos necessitam da ameaça das penas eternas para se controlarem devidamente, e perguntamos se a perspectiva de um castigo como este do “pai Max” será menos eficaz para evitar o caminho do mal, do que o das torturas sem fim, nas quais já ninguém acredita.

História de um criado

Numa família de alto nível havia um empregado jovem cuja figura inteligente e fina nos impressionou pelo seu ar distinto. Nada transparecia nele que fosse vulgar. O seu interesse pelo serviço dos seus patrões não tinha esse servilismo obsequioso próprio de algumas pessoas dessa condição.

No ano seguinte voltámos a essa casa e, não o vendo ali, perguntámos se tinha sido despedido. “Não, foi-nos respondido, foi passar uns dias à sua terra e faleceu. Lamentamos muito porque era muito boa pessoa, com sentimentos *muito acima do que é habitual*. Era-nos muito ligado e deu-nos provas de excelente dedicação”.

Mais tarde, tivemos a ideia de evocá-lo, e eis aquilo que nos disse:

R: Na minha antepenúltima encarnação era, como se diz por lá, de muito boa família, que fora arruinada pelo meu pai. Fiquei órfão muito jovem e sem recursos. Um amigo do meu pai acolheu-me e educou-me como um filho, tendo-me dado uma ótima educação, com a qual adquiri uma certa vaidade. Esse amigo é hoje M. de G. ao serviço de quem me viram. Quis expiar o orgulho da minha última existência, tendo nascido para isso numa condição servil, em que encontrei a ocasião de provar a minha dedicação ao meu benfeitor. Até lhe salvei a vida sem ele ter tido conhecimento disso. Foi ao mesmo tempo uma prova da qual saí com vantagens para mim, porque tive forças suficientes para não me deixar corromper pelo contacto de uma sociedade cheia de vícios. Apesar dos maus exemplos, fiquei puro, e agradeço a Deus, porque fui recompensado pela felicidade de que disfruto.

P.: Em que circunstâncias é que salvaste a vida a M. de G.? R.: Num passeio a cavalo em que eu o seguia, reparei numa árvore que caía do seu lado e que ele não via. Chamei-o com um grito enorme, ele virou-se repentinamente e a árvore caiu a seus pés. Sem o movimento que eu provoquei, teria sido esmagado.

O senhor de G. a quem o facto foi narrado lembrou-se perfeitamente dele.

P.: Porque morreste tão jovem? R.: Deus já tinha dado a minha prova como suficiente.

P.: Como pudeste aproveitar dessa prova, se não te lembravas da causa que a motivara? R.: Na minha modesta posição, ficou-me um instinto de orgulho que tive a felicidade de poder dominar, o que teve como resultado a prova ter sido positiva. Se assim não fosse, teria evidentemente de a repetir. O meu Espírito lembrava-se, nos momentos de liberdade, e ao despertar ficava-me um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências negativas. Tive por isso mais mérito de lutar assim, do que se me tivesse recordado exatamente do passado. A recordação da minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho e ter-me-ia perturbado, enquanto assim só tive de enfrentar os desafios da minha nova circunstância.

P.: Recebeste uma boa educação, de que te serviu ela na última existência, se te não recordavas das aquisições que fizeste? R.: Esses conhecimentos teriam sido inúteis, um autêntico contra senso na minha nova situação. Permaneceram latentes e agora reencontro-os. E não foram inconvenientes, porque desenvolveram a minha inteligência. Tinha instintivamente o gosto de coisas elevadas, o que

me inspirava a repulsa pelos exemplos de baixeza que tinha à minha volta; sem essa educação não teria passado de um criado.

P.: Os exemplos dos servidores dedicados aos seus patrões até à abnegação, têm como causa relações anteriores? R.: Não tenhas dúvidas; pelo menos é o motivo mais vulgar. Esses servidores são por vezes membros da mesma família ou, como eu, devedores que pagam uma dívida de reconhecimento, cuja dedicação os ajuda a evoluírem. Não fazeis uma ideia dos efeitos de simpatia ou antipatia que estas relações anteriores produzem no mundo. A morte não interrompe estas relações, que se perpetuam por séculos.

P.: Por que motivo tais exemplos de devoção dos servidores são tão raros atualmente? R.: É o espírito de egoísmo e de orgulho do vosso século, agravado pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A fé verdadeira desaparece pela cupidez e pelo desejo do lucro, e com ela os atos de dedicação. O espiritismo, conduzindo os homens ao sentimento da verdade, faz renascer as virtudes esquecidas.

Nada melhor que este exemplo pode mostrar o benefício do esquecimento das vidas anteriores. Se M. de G. se tivesse lembrado do que tinha sido o seu jovem empregado, ficaria muito zangado com ele e nem o teria mantido como empregado. Teria assim impossibilitado a prova que foi útil a ambos.

A pena de talião

O Senhor António B., escritor de mérito, estimado pelos seus compatriotas, tendo desempenhado com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, por volta de 1850, na sequência de um ataque de apoplexia, caiu num estado de morte aparente que foi tomado, infelizmente, como por vezes acontece, pela morte real. O erro foi facilitado pelo facto de se terem verificado sinais de decomposição no seu corpo. Quinze dias depois do funeral, uma circunstância fortuita levou a família a pedir a exumação por ter sido esquecido um medalhão dentro do caixão. A admiração dos que assistiram à abertura do caixão foi enorme ao observarem que o corpo tinha mudado de posição, que se tinha virado e que, coisa horrível, uma das mãos tinha sido parcialmente comida pelo defunto. Isso deu a conhecer, portanto, que o infeliz António B. tinha sido enterrado vivo, e devia ter sucumbido ao desespero da fome.

António B, tendo sido evocado pela Sociedade de Paris em Agosto de 1861, a pedido de um parente, disse o seguinte:

Feita a evocação, perguntou: "Que me quereis?"

P.: Um parente vosso pediu-nos para te evocar e fá-lo-emos com gosto se desejares responder-nos.

R.: Sim, responderei.

P.: Recordas-te das circunstâncias da tua morte? R.: Evidentemente que me recordo. Porquê lembrar-me dessa recordação de castigo?

P.: É verdade que foste enterrado vivo por desconhecimento? R.: Deve ter sido assim, porque a morte aparente teve todas as características da morte real. Eu estava exangue. Ninguém é culpado por algo que estava previsto desde antes do meu nascimento.

P.: Se estas perguntas te incomodam, achas melhor não as fazermos? R.: Não, podem continuar.

P.: Gostaríamos de saber que estás feliz, porque deixaste a lembrança de ser boa pessoa.

R.: Agradeço bastante. Sei que têm rezado por mim. Vou tentar responder. Porém, se não conseguir, um dos vossos guias me ajudará.

P.: Podes descrever as sensações pelas quais passaste nesses momentos tão desagradáveis?

R.: Que prova tão dolorosa! Estar fechado numa caixa de quatro tábuas, de maneira a nem me poder mexer! Não poder chamar ninguém! A voz não se ouvia num ambiente sem ar!... Que tortura a

de um infeliz que se esforça em vão por respirar numa atmosfera insuficiente, e desprovida da parte do ar respirável. Estava como um condenado. Não desejo a ninguém um fim como o meu. Cruel punição de uma cruel e feroz existência. Não me perguntem o que pensei. Mergulhei no passado e entrevi vagamente o futuro!...

P.: Disseste cruel e feroz existência, mas a tua pessoa não permitiria suportar tal coisa. Podes explicar? R.: A duração de uma vida não é nada perante a eternidade. É um facto que agi bem durante a minha última encarnação. Mas este fim tinha sido aceite por mim antes de entrar na humanidade. Para quê fazerem-me esse género de perguntas sobre esse passado doloroso que só eu conhecia, bem como os Espíritos ministros do Todo-poderoso? Sabei, pois, é necessário dizer-vos, que numa existência anterior, emparedei uma mulher, a minha, viva numa cave. Foi a pena de talião a que tive de me sujeitar. Olho por olho, dente por dente!...

P.: Muito agradecemos as respostas que deste às nossas perguntas e pedimos a Deus, que te tenha perdoado o passado tendo em conta o mérito da tua última existência. R.: Voltarei mais tarde, entretanto, o Espírito chamado Erasto terá a bondade de terminar.

Palavras do guia do médium:

O que deves retirar deste ensinamento é que todas as vossas existências se relacionam, e nenhuma é independente das outras. Os cuidados, as canseiras, como as grandes dores que afligem os homens, são sempre consequências de uma vida anterior com erros graves ou mal utilizada.

No entanto, devo dizer-vos que os fins semelhantes aos de António B. são raros. Se esta pessoa, cuja última existência foi limpa de manchas, acabou dessa forma, foi porque ele mesmo tinha pedido que assim fosse, a fim de encurtar o tempo entre vidas, e atingir mais rapidamente as esferas mais altas.

Com efeito, após um período de perturbação e sofrimento moral para expiação de faltas graves, ser-lhe-ão perdoadas e elevar-se-á para um mundo melhor, onde encontrará de novo a sua vítima que o espera, e que já lhe perdoou há muito tempo. Saibam, pois, tirar o melhor proveito deste exemplo cruel, para suportar com paciência os sofrimentos corporais, os sofrimentos morais e todas as pequenas misérias da vida.

P.: Qual o proveito que a humanidade poderá tirar de punições como esta? R.: As provações não são feitas para desenvolver a humanidade, mas para melhorar o indivíduo culpado. A humanidade não tem nenhum interesse em ver sofrer um dos seus. Aqui a provação foi apropriada à falta. Porque existem os loucos? E os anormais? Porque existem os paráliticos? Porque há gente que morre queimada? Porque existem aqueles que vivem anos de tortura de uma lenta agonia, que nem vivem nem morrem? Ah! Acreditem-me. Respeitem a vontade soberana e não procurem sondar a razão das decisões da Providência! Deus é justo e faz bem aquilo que faz.

Espírito chamado "ERASTO"

Há nisto um enorme ensinamento. Desta forma, a justiça de Deus atinge sempre quem erra, e nunca peca por tardia. É eminentemente moral saber que, para quem comete grandes faltas e acaba a sua existência em paz, frequentemente rodeada de bens materiais, a hora da retificação dessas faltas dar-se-á, mais tarde ou mais cedo. As provações desta natureza compreendem-se, não só porque foram observadas por alguém, mas porque têm lógica. Crê-se nelas e são admitidas pela razão.

Uma existência honrosa não dispensa as provações da vida, porque foram escolhidas ou aceites como complemento da expiação. É o saldo de uma dívida que se paga antes de receber o prémio do progresso cumprido.

Considerando que nos séculos passados se passavam frequentemente, mesmo nas classes mais altas e esclarecidas, atos negativos que tanto nos revoltam hoje; quantos assassinatos eram cometidos nessas épocas em que se dispunha da vida dos semelhantes, em que os poderosos esmagavam os fracos sem escrúpulos, compreender-se-á quantos existirão, entre os seres humanos de hoje, que se encontram a limpar o seu passado; deixará de surpreender o grande número de pessoas que morrem vítimas de acidentes isolados ou de catástrofes gerais. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos da Idade Média e dos séculos que se lhe seguiram, legaram às gerações futuras uma dívida imensa que ainda não foi liquidada. Muitas das infelicidades só nos parecem imerecidas porque apenas levamos em conta o momento atual.

O Senhor LETIL

O Senhor Letil, fabricante dos arredores de Paris faleceu em Abril de 1864 de uma maneira horrível. Uma caldeira de verniz em ebulição incendiou-se e transbordou, cobrindo-o num instante por uma substância em chamas, compreendendo-se imediatamente que estava perdido. Estando sozinho nesse momento com um aprendiz, teve a coragem de se dirigir a sua casa, que se localizava a cerca de duzentos metros. Quando foram possíveis os primeiros socorros as carnes estavam queimadas e desfaziam-se em bocados. Os ossos de uma parte do corpo e da face estavam à vista. Ainda viveu cerca de doze horas em grande sofrimento, conservando a sua presença de espírito até ao seu último momento de vida, deixando em ordem os seus negócios com uma perfeita lucidez. Durante esta cruel agonia não fez uma queixa, não gritou, e morreu orando a Deus.

Era um homem muito honrado, de feitio doce e bondoso, amado e estimado por todos os que o conheciam. Tinha abraçado as ideias espíritas com entusiasmo, mas pouca reflexão. Por este motivo, tendo qualidades mediúnicas, foi joguete de mistificações que, apesar de tudo, não abalaram a sua fé. A confiança que dava àquilo que lhe diziam certos Espíritos era levada, em certos casos, até à ingenuidade.

Evocado na Sociedade de Paris no dia 29 de Abril de 1864, poucos dias depois do seu falecimento, e ainda sob a impressão da terrível cena de que foi vítima, deu a seguinte comunicação:

“Uma tristeza profunda se apodera de mim. Ainda totalmente abalado pela minha morte trágica, penso que estou sob o machado de um carrasco. Como eu sofri! Oh! Como eu sofro. Ainda estou a tremer. Parece-me que ainda sinto o odor terrível das minhas carnes queimadas. Agonia de doze horas pela qual passou o meu Espírito culpado. Sofreu sem se queixar, assim lhe ofereça Deus o seu perdão.

Oh minha bem-amada! Não chores mais por mim, as minhas dores vão desaparecer. Já não sofro mais, realmente, embora a recordação seja equivalente à verdadeira dor. O meu conhecimento do Espiritismo valeu-me de muito; vejo agora que sem essa doce crença, teria ficado no delírio causado pela morte medonha.

Tenho, contudo, um consolador que não me abandonou desde o meu último suspiro. Eu ainda falava e já o via perto de mim; parecia-me o reflexo das minhas dores, que me dava vertigens e me mostrava fantasmas. Mas não, era o meu anjo protetor que, silencioso e mudo me consolava o coração. Logo que eu disse adeus à Terra, disse-me: *vem meu filho e torna a ver o dia*. Eu respirava mais livremente, julgando sair de um sonho assustador. Falava da minha querida esposa, do valente rapaz que foi tão dedicado. Todos ficaram na Terra, disse-me. “*Tu, meu filho, agora estás entre nós*”. Procurei a minha casa; o anjo deixou-me entrar, acompanhando-me. Estavam todos em lágrimas, todos tristes e de luto nesta tranquila morada de outrora. Não pude suportar por mais tempo a vista deste doloroso espetáculo. Muito comovido disse ao meu guia: “Saíamos daqui meu bom anjo!” *Sim*, disse-me ele, *procuremos o repouso*.

Desde essa altura, sofro menos. Se não visse a minha esposa inconsolável, os meus amigos tão tristes, estaria quase feliz.

O meu bom guia, o meu querido anjo, quis dizer-me o motivo da minha morte tão dolorosa e, para vosso conhecimento e aprendizagem, vou fazer-vos uma confissão.

Há dois séculos mandei atirar para uma fogueira uma menina, inocente como se pode ser na sua idade – entre 12 e 14 anos. De que coisa era acusada? De ter sido cúmplice de uma intriga contra a política sacerdotal.

Era italiano e juiz da Inquisição. Os carrascos não ousavam tocar no corpo da menina. Eu próprio fui o juiz e o carrasco. Oh justiça, justiça de Deus, como és grande! Eu submeti-me a uma coisa dessas! Tinha de tal maneira prometido não vacilar no dia do combate que tive força para manter a minha palavra; não murmurei sequer e perdoaste-me meu Deus! Quando poderá a recordação da minha pobre vítima inocente apagar-se da minha memória? É isso que me faz sofrer. É também fundamental que ela me perdoe!

Oh vós, filhos da nova doutrina, por vezes dizeis: nós não nos recordamos daquilo que fizemos antes; é por isso que não podemos evitar os males a que estamos sujeitos, por termos esquecido o passado!...

Oh, meus irmãos, dai graças a Deus! Se Ele vos tivesse deixado a recordação das realidades vividas, não haveria para vós nenhum repouso possível na Terra! Sempre perseguidos pelos remorsos e pela vergonha, poderíeis ter, alguma vez, um só instante de paz?

“O esquecimento é uma bênção; a lembrança, aqui, é uma tortura. Dentro de alguns dias, e por recompensa da paciência com que suportei as minhas dores, Deus dar-me-á o esquecimento da minha falta. É essa a promessa que acaba de me ser feita pelo meu bom anjo”.

A sensibilidade do Senhor Letil, durante a sua última existência, prova quanto o seu Espírito melhorou. A sua conduta foi o resultado do arrependimento e das resoluções que tomou; mas isso não chegava. Era necessário selar as suas resoluções com uma grande expiação. Era-lhe necessário padecer como homem aquilo que tinha feito padecer a outros; a resignação, nesta terrível ocasião, era uma grande prova e, felizmente para ele, não falhou. O conhecimento do espiritismo contribuiu muito para fortalecer a sua coragem, pela fé sincera no futuro que lhe tinha dado. Sabia que as dores da vida são provas e expiações e submeteu-se-lhes sem queixumes, dizendo: Deus é justo, foi exatamente isso que mereci.

Um sábio ambicioso

A Senhora B, de Bordéus, não passou pelos graves desgostos da miséria, mas foi toda a vida uma mártir de dores físicas, pelas incontáveis doenças que a atormentaram durante setenta anos, desde os cinco meses de idade e que, quase todos os anos a colocavam às portas da morte.

Em três ocasiões foi envenenada pelos ensaios que a ciência, ainda com poucas certezas, nela experimentou, e o seu temperamento, arruinado tanto pelos medicamentos como pelas enfermidades, deixou-a até ao fim dos seus dias com sofrimentos intoleráveis que nada podia acalmar.

A sua filha, espírita e médium, pedia a Deus, nas suas preces, que lhe fossem aliviadas as duras penas, mas o seu guia espiritual disse-lhe para pedir simplesmente para ela a força de as suportar com paciência e resignação, tendo-lhe ditado o seguinte:

“Tudo tem a sua razão de ser na existência humana. Não há nenhum sofrimento *que tenhamos feito a alguém que mais tarde não tenha consequências sobre os nossos próprios sofrimentos*. Nenhum dos vossos excessos deixará de se refletir nas vossas privações. Nenhuma das vossas lágrimas surge, que

não seja para lavar uma falta vossa, um crime, por vezes. Vivei, pois, com paciência e resignação, as vossas dores físicas ou morais, por mais difíceis que vos pareçam. Pensai no trabalhador cuja fadiga quebra os seus membros, mas que continua a sua obra sem parar, porque tem diante de si as espigas douradas que serão os frutos da sua perseverança. Essa é a sorte do infeliz que sofre na Terra; a vontade de alcançar a felicidade, fruto da sua paciência, dar-lhe-á forças perante as dores passageiras da humanidade.

“É o que se passa com a tua mãe; cada dor que aceita como expiação é uma mancha apagada do seu passado, e quanto mais depressa elas se apagarem todas, mais cedo ficará feliz. *Se houver falta de resignação, o resultado é apenas sofrimento estéril*, porque nesse caso as provas terão que recomeçar. O que é mais útil para ela, é a coragem e a submissão; é o que é preciso pedir a Deus e aos bons Espíritos que lhe concedam.

“A tua mãe foi, outrora, um médico sábio vivendo numa classe em que nada custava assegurar o bem-estar, e em que foi coberto por dádivas e honrarias. Ambicioso de glória e de riquezas, queria alcançar o apogeu da ciência, não tendo em vista o alívio dos seus semelhantes, porque não era filantropo, mas apenas para aumentar a sua reputação e, naturalmente, a sua clientela. Nada lhe importou para levar a bom termo os seus estudos:

Uma mãe era martirizada no seu leito de sofrimento, porque ele previa um estudo nas convulsões que provocava. Uma criança estava a ser objeto de experiências que lhe deveriam dar a solução de certos fenómenos. Um velho via aproximar-se o seu fim.

Um homem vigoroso sentia-se enfraquecido pelas experiências a que estava a ser sujeito, para observar os efeitos de certo medicamento, e tudo estava a ser feito ao infeliz sem levantar suspeitas.

A ambição pessoal e o orgulho, o desejo de lucro e de fama eram o seu único objetivo.

Foram necessários séculos e provas terríveis para dominar a ambição deste Espírito orgulhoso.

Depois disso, o arrependimento iniciou a sua obra de regeneração e a reparação concretizou-se, porque as provas desta última vida foram doces por comparação com as provas pelas quais já tinha passado.

Coragem, pois! Se as provas foram longas e difíceis, a recompensa concedida à paciência, à resignação e à humildade, será grande.

“Coragem para vós todos que sofreis. Pensai na brevidade da vossa existência material. Pensai nas alegrias da eternidade; chamai a vós a esperança, amiga devotada de todos os corações que sofrem; chamai a vós a fé, irmã da esperança; a fé que vos mostra o céu ou a esperança que vos faz entrar nele mais cedo. Chamai também a vós os amigos que Deus vos deu, que vos rodeiam, apoiam e amam, e cuja constante solicitude vos leva aos que haveis ofendido, transgredindo as suas leis. “

Depois da morte a Senhora B. deu à filha e à Sociedade Espírita de Paris comunicações que mostravam as suas melhores qualidades e nas quais confirmou o que tinha sido dito a respeito dos seus antecedentes.

UM DÉBIL MENTAL

Sociedade Espírita de Paris, 1860

Charles de Saint-G era um jovem de treze anos que sofria de idiotia,¹¹⁰ cujas faculdades intelectuais eram de tal maneira limitadas que não conhecia os pais e mal conseguia comer. Todo o seu organismo estava afetado pela paragem do desenvolvimento.

¹¹⁰ Idiotia- Atraso mental congénito grave, equivalente a uma idade mental não superior a três anos, caracterizado por um quociente de inteligência inferior a 20 e linguagem muito rudimentar. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [consultado em 05-04-2021]. (N.T.)

Pergunta ao Espírito chamado “S. Luís”: P.: Poderias dizer-nos se podemos fazer a evocação do Espírito desta criança? R.: Podem fazê-lo como se fosse o Espírito de um morto.

P.: A vossa resposta faz-nos supor que a evocação poderia fazer-se a qualquer momento? R. Sim, a sua alma mantém-se ligada ao seu corpo por laços materiais, mas não por laços espirituais; pode sempre libertar-se.

P.: Evocação de Charles de Saint-G. R.: Sou um pobre Espírito ligado à Terra, como um pássaro atado por uma pata.

P.: No teu estado atual, como Espírito, tens a consciência da tua nulidade neste mundo? R.: Sim, sinto perfeitamente o meu estado de cativo.

P.: Quando dormes e o teu Espírito se liberta, tens ideias lúcidas como se estivesses num estado normal? R.: Enquanto o meu pobre corpo repousa, tenho a liberdade de me elevar ao céu, onde gostaria de estar.

P.: Como Espírito, tens as sensações desagradáveis do teu estado corporal? R.: Sim, porque é uma punição.

P.: Lembras-te da tua existência anterior? R. Oh! Sim, é a causa do meu exílio atual.

P.: Que estado era o teu? R.: Era um libertino do tempo de Henrique III.

P.: Dizes que estás em punição. Foi escolhida por ti? R.: Não.

P.: Como é que a tua experiência atual pode servir para o teu avanço no estado de nulidade em que te encontras? R. Ela não é nula para mim, diante de Deus que ma impôs.

P.: Prevês a duração da tua existência atual? R. Não, ainda alguns anos e regressarei à pátria.

P.: Desde a tua existência precedente até à encarnação atual, que fizeste como Espírito? R. Foi por eu ser um Espírito irresponsável que Deus me aprisionou.

P.: Quando estás desperto, tens a consciência do que te rodeia, apesar das tuas deficiências?

R.: Vejo e ouço, mas o meu corpo não vê nem compreende.

P.: Poderemos nós fazer qualquer coisa que te seja útil? R.: Nada.

Pergunta ao Espírito chamado “São Luís”:

P.: As preces por um Espírito reincarnado podem ter a mesma eficácia que aquelas que fazemos pelos Espíritos no intervalo entre vidas? R.: As preces são sempre boas e agradáveis a Deus; Na posição deste doente, nada pode servir ao seu Espírito. Servir-lhe-ão mais tarde, Deus tê-las-á em conta.

Esta evocação confirma o que sempre foi dito a respeito dos doentes mentais. A sua nulidade moral nada tem a ver com o seu Espírito que, independentemente dos órgãos, dispõe de todas as faculdades. A imperfeição dos órgãos é só um obstáculo à livre manifestação dos pensamentos, não os aniquila. É como um homem vigoroso que estivesse amarrado.

Instruções sobre os débeis mentais¹¹¹ na Sociedade Espírita de Paris

“Os chamados “cretinos”¹¹² são seres que foram punidos por terem feito mau uso das suas boas faculdades. A sua alma está aprisionada num corpo cujos órgãos impotentes não podem exprimir os seus pensamentos. Esse mutismo moral e físico é uma das mais difíceis punições terrestres. Costuma

¹¹¹ No original francês a palavra é “crétins”, que, traduzido à letra, seria “cretinos”. Como essa palavra já não se usa hoje com este significado, preferimos traduzir por débeis mentais. (N.T)

¹¹² Cretinismo- Deficiência congénita que se caracteriza por atraso no desenvolvimento físico e mental, associado a uma insuficiência da tiroide, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [consultado em 05-04-2021]. (N.T.)

ser escolhida pelos próprios Espíritos arrependidos que querem corrigir os seus erros. Esta prova não é estéril, porque o Espírito não permanece estacionário na prisão do seu corpo material.

Os seus olhos desregulados veem, o seu cérebro deprimido pensa, mas nada pode traduzir-se por palavras ou pelo olhar. Para além dos movimentos, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos que veem e ouve o que se passa à sua volta, sem poderem exprimir-se.

Quando se tem um pesadelo em que se pretende fugir de um perigo, soltam-se gritos de socorro, estando a língua paralisada tal como os pés que não se mexem. O sentimento que nos aflige nessa situação é semelhante ao que os débeis mentais sentem permanentemente: *paralisia do corpo associada à vida do Espírito*.

Todas as enfermidades têm, deste modo, a sua razão de ser. Nada acontece sem causa, e aquilo que as pessoas chamam “má sorte” ou “injustiça do destino” não passa da aplicação da mais elevada justiça.

A loucura também é uma punição do abuso de altas faculdades. Os loucos têm duas personalidades. Aquela que transborda e aquela que tem consciência dos seus atos, sem poder dirigi-los.

Quanto aos idiotas, a vida contemplativa e isolada da sua alma, que não tem as distrações do corpo, pode ser tão agitada como as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns revoltam-se contra o seu suplício voluntário. Lamentam tê-lo escolhido e experimentam um desejo furioso de regressar a uma outra vida, desejo que lhe faz esquecer a resignação na vida presente, e o remorso da vida passada da qual têm consciência, porque os cretinos e os loucos sabem mais do que vós e, sob a sua impotência física esconde-se uma força moral poderosa de que não fazemos ideia.

Os atos de furor ou de imbecilidade a que se entregam os seus corpos são julgados pela personalidade interior que sofre e cora de vergonha. Desta forma, fazer troça deles ou maltratá-los, como às vezes acontece, é aumentar os seus sofrimentos, porque é fazer-lhes sentir mais duramente a sua fraqueza e a sua degradação moral e, se pudessem, acusariam de cobardia os que agem desta maneira, porque sabem que a sua vítima não pode defender-se.

A debilidade mental não é uma das leis de Deus, e a ciência pode fazê-la desaparecer, porque ela é o resultado material da ignorância, da miséria e da impureza. Os novos meios da higiene mental que a ciência, tornada mais prática, colocou ao alcance de todos, tendem a destruí-la.

Sendo o progresso a característica natural da humanidade, as provas que lhe vão sendo impostas evoluirão, como tudo o mais. Tomarão maior carácter moral e, quando a Terra, ainda jovem, tiver cumprido todas as fases da sua existência, tornar-se-á uma morada feliz, como outros planetas mais avançados. “

Pierre Jouty, pai do médium

Numa certa época, quando foi posta em questão a alma dos “cretinos”, chegou-se a perguntar se eles pertenceriam realmente à espécie humana. A maneira como o espiritismo fez com que fossem encarados, parece-nos de alto nível moral e um grande ensinamento.

Existe, portanto, matéria substancial para pensarmos que os seus corpos desfavorecidos são a residência de almas que talvez tenham brilhado no mundo noutras encarnações, e que têm tanta capacidade de pensar como as das outras pessoas, embora sob o invólucro pesado que lhes impede momentaneamente de se manifestarem de forma mais lúcida. O mesmo poderá acontecer a qualquer outra pessoa, até mesmo a nós, caso façamos mau uso das qualidades que nos foram atribuídas pela Providência, no decurso de uma determinada existência.

Também não haveria modo de explicar a debilidade mental, fora das conceções específicas do espiritismo, da pluralidade das existências, do sentido de justiça e da bondade de Deus. Se a alma nunca tivesse vivido antes, teria sido criada simultaneamente com o corpo, o que não acontece de

facto, como nos ensina o espiritismo. Em tal caso como poderia justificar-se o aparecimento de pessoas como os débeis mentais, criados evidentemente por um Deus justo e bom?

Aqui não se trata de um acidente como a loucura, que se poderá em certos casos prevenir ou curar. Os seres referidos antes nascem e morrem na mesma situação. Não tendo a mínima noção do bem e do mal, qual será a sua vida na eternidade? Serão felizes tal como os seres inteligentes e trabalhadores?

E como se justificaria esse benefício, uma vez que nada fizeram? Irão viver num dos chamados limbos, onde não serão felizes nem infelizes? E como justificar essa inferioridade eterna? Se Deus os criou assim, que culpa tiveram?

A única forma de justificar uma situação como esta é a teoria da reencarnação. Desafiamos mesmo todos os que recusam essa ideia a responderem a estas questões.

Com base nessa teoria, o que parece uma injustiça, torna-se uma justiça perfeitamente compreensível. O que parece inexplicável torna-se racional. De resto, os que recusam a reencarnação, apenas a recusaram com base na sua falta de vontade de regressarem à vida terrena.

A esse respeito dizemos: Para vos fazer regressar aqui, Deus não vos pede autorização, assim como o juiz não consulta a opinião do condenado antes de o enviar para a prisão. Todos podem encurtar as suas vidas materiais, ou evitá-las para sempre, aperfeiçoando-se o máximo para poderem passar a uma esfera superior. Nessas esferas felizes, como sabemos, o egoísmo e o orgulho não têm lugar. É para nos livrarmos dessas enfermidades morais que temos que trabalhar para evoluir espiritualmente.

Sabemos que em certas regiões do mundo, os débeis mentais, longe de serem objeto de menosprezo, são rodeados de cuidados bondosos. Esse comportamento mostra a intuição do verdadeiro estado dessas criaturas, tanto mais dignas de atenção quanto o seu Espírito, que compreende a sua posição, deve sofrer pela sua incapacidade de inserção social. Nessas sociedades, a existência de uma dessas pessoas na família é considerada uma bênção. É uma superstição? É possível, pois nesses povos ignorantes a superstição mistura-se com os ideais de santidade, sem se darem conta disso. Em qualquer caso, para os pais é uma oportunidade de exercerem uma caridade muito meritória, face ao nível de pobreza em que geralmente vivem, e é mais uma carga sem compensação material. Há mais mérito em cercar de cuidados afetuosos uma criança débil mental, do que aquelas que desfrutaram de qualidades normais. Ora, a caridade do coração, sendo uma das virtudes mais agradáveis a Deus, atrai sempre a bênção para os que a praticam. Este sentimento inato, entre essas pessoas, equivale à prece seguinte: “Obrigado meu Deus, por nos teres dado como prova um ser fraco a sustentar e um aflito a consolar”.

ADÉLAÏDE-MARGUERITE GOSSE.

Era uma humilde e pobre criada na Normandia, junto de Harfleur. Aos onze anos foi servir para casa de ricos criadores de gado. Poucos anos depois, uma inundação no rio Sena afogou e arrastou todo o gado. Outros contratemplos sucederam aos seus patrões, que ficaram em muito má situação. Adela de ligou-se a eles, por generosidade, calando todas as suas necessidades e escutando apenas o seu generoso cora o; ofereceu-lhes 500 francos que economizara, e ficou a trabalhar para eles sem qualquer pagamento.

Depois do falecimento dos que tinham sido seus patrões, permaneceu junto de sua filha, viúva, sem recursos. Trabalhou no campo, contribuindo para a casa. Tendo-se casado, o marido, solidário com ela, trabalhou também para dar apoio   pobre viúva que continuou a tratar como “patroa”. Este sublime sacrifício durou quase meio século.

A “Sociedade de Emulação de Rouen” não esqueceu esta mulher tão merecedora de respeito e admiração. Concedeu-lhe uma medalha de honra e uma recompensa em dinheiro. Outras instituições se associaram a essa admiração tendo, na sua velhice, sido ajudada pela administração local que se ocupou dela com delicadeza, protegendo a sua sensibilidade.

Um ataque de paralisia acabou por vitimar, rapidamente e sem sofrimento, este ser tão generoso. As últimas homenagens foram-lhe prestadas de uma maneira simples, mas decente. O secretário do município encabeçou o cortejo fúnebre.

Sociedade de Paris, em 27 de Dezembro de 1861:

Evocação: Pedimos a Deus todo-poderoso que permita ao Espírito de Marguerite Gosse entrar em comunicação connosco. R.: Sim, Deus concedeu-me a graça de falar convosco.

P.: Estamos felizes por te testemunhar a nossa grande admiração pela tua conduta durante a vida e esperamos que a tua abnegação tenha recebido a recompensa. R.: Sim, agradeço a Deus o seu grande amor e misericórdia. Fiz apenas aquilo que julguei ser natural.

P.: Para que aprendamos, diz-nos, qual foi a causa da tua humildade durante a existência na Terra?

R.: Tinha ocupado, nas duas existências anteriores, posições elevadas. Fazer o bem era muito fácil. Realizava-o sem sacrifício, porque era rica. Evoluía lentamente e, por isso, pedi para regressar à Terra numa condição mais humilde, em que tivesse de lutar por mim mesma contra as privações, e para isso me preparei durante muito tempo. Deus apoiou a minha coragem e consegui realizar o meu objetivo, graças aos apoios espirituais que me concedeu.

P.: Viste aqueles que foram antes os teus patrões? Qual é a tua posição perante eles?

Consideras-te sua subordinada? R.: Sim, já pude vê-los. Estiveram na minha chegada a este mundo. Com toda a humildade vos digo que eles me consideram como sendo-lhes muito superior.

P.: Há algum motivo especial para te ligares a eles em vez de a outras entidades? R.: Nenhum motivo obrigatório. Teria atingido os meus objetivos fosse onde fosse. Fui para junto deles para saldar uma dívida de reconhecimento. Outrora foram bons amigos para mim e tinham-me prestado serviços.

P.: Que futuro pressentes para ti? R.: Espero reencarnar num mundo onde o sofrimento não exista. Podem pensar que estou muito vaidosa, mas respondo-vos com toda a energia do meu carácter. De resto, entrego-me nas mãos de Deus.

P.: Agradecemos-te por teres respondido à nossa chamada, e temos a certeza de que Deus continuará a dar-te as suas graças. R.: Obrigada. Possa Deus abençoar-vos e dar-vos a todos, no fim da vida, as tão puras alegrias que me prodigalizou.

CLARA RIVIER.

Clara Rivier era uma menina de dez anos, de uma família de lavradores de uma vila do Sul de França. Estava gravemente doente desde os quatro anos. Durante toda a sua vida não fez uma única queixa, nem teve um único gesto de impaciência. Embora não tenha tido qualquer instrução, consolava a sua família aflita, falando-lhes da vida futura e da felicidade que a esperava. Faleceu em Setembro de 1862, no fim de quatro dias de convulsões e mal-estar, durante os quais nunca parou de orar a Deus. “Não tenho medo da morte, dizia, porque uma vida feliz me espera”. E ao pai, que chorava: “Consola-te, porque virei visitar-te; a minha hora está próxima, mas quando chegar, aviso-te antes”.

Com efeito, na proximidade do desfecho, chamou todos os familiares, dizendo-lhes: “Já faltam menos de cinco minutos. Dêem-me as vossas mãos!”. E expirou como tinha anunciado.

Desde essa altura, um Espírito batedor veio visitar a casa do casal Rivier, mexendo em tudo. Batia na mesa como se tivesse um martelo, agitava as cortinas, desarrumava a louça. Esse Espírito aparecia à irmãzinha mais nova que só tinha cinco anos, com a forma da Clara. Como ela dizia, falava-lhe frequentemente, fazendo com as suas visitas que ela desse gritos de alegria: “Olhem como a Clara é bonita!”

Evocação de Clara Rivier: R.: Estou perto de vós, pronta a responder.

P.: Donde vinham as ideias tão claras que exprimias sobre a vida futura, sendo tão nova e ainda sem instrução? R.: Do pouco tempo que tinha passado na vossa Terra e da minha encarnação anterior. Era médium quando deixei a Terra e era médium quando regressei para junto de vós. Era uma predestinação; sentia e via o que dizia.

P.: Como pode uma criança da tua idade não ter feito queixas durante quatro anos de sofrimentos?

R.: Porque as dores e o sofrimento físico eram dominados por um poder muito maior, o do meu anjo da guarda, que estava constantemente junto de mim. Ele conseguia aliviar-me de tudo o que eu sentia. Tornava a minha vontade mais forte do que a dor.

P.: De que maneira conseguiste prever o momento da tua morte? R.: Era o meu anjo que me dizia essas coisas. E nunca me enganou.

P.: Disseste ao teu pai que virias consolá-lo e visitá-lo. Como é que se explica que, com tão bons sentimentos para com os teus pais, vieste atormentá-los depois da tua morte, fazendo toda aquela agitação na sua casa? R.: Foi uma prova para mim, ou melhor, uma missão a cumprir. Se regressei para rever os meus pais, julgas que isso não teve finalidades? Esses barulhos, essa trapalhada, essas lutas trazidas pela minha presença foram uma espécie de advertência. Fui ajudada por outros Espíritos cuja turbulência teve um objetivo, como o meu ao aparecer à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão nascer. Os meus pais tinham uma prova a viver; ela acabará em breve, mas apenas depois de ter levado a convicção a um grupo de Espíritos.

P.: Portanto não foste tu quem produziu esses transtornos? R.: Fui ajudada por outros Espíritos que serviram a prova que estava reservada aos meus pais.

P.: Como se pode entender que a tua irmã te tenha conhecido, se não foste tu quem produziu aquelas manifestações? R.: A minha irmã só me viu a mim. Ela está dotada, agora, de uma segunda vista e não será a última vez que virei visitá-la, para a consolar e encorajar.

P.: Por que razão, sendo tão jovem, foste afligida com tantas enfermidades? R.: Tinha faltas anteriores a expiar. Fiz mau uso da saúde e da posição brilhante que tive na encarnação anterior. Deus, então, disse-me: “Desfrutaste imenso, desmesuradamente, sofrerás de acordo com isso; eras orgulhosa, serás humilde; eras vaidosa da tua beleza, serás transformada fisicamente; em vez de vaidade esforçar-te-ás por praticar a caridade e a bondade”. Cumpri com a vontade de Deus e o meu anjo da guarda ajudou-me.

P.: Queres que digamos algum recado aos teus pais? R.: A pedido de um médium, os meus pais fizeram muita caridade. Têm razão de nem sempre orarem por palavras ditas. É necessário usar as mãos e o coração. Dar àqueles que sofrem é orar, é ser Espírita.

Deus deu a todas as almas o livre arbítrio, isto é, a faculdade de progredir. A todas deu a mesma aspiração e é por isso que um vestido de trapos está mais próximo do que se pensa de um vestido de seda. Aproximem-se as distâncias pela caridade, introduza-se o pobre em casa, dê-se-lhe coragem, dê-se-lhe força sem o humilhar. Se todos soubessem praticar em todo o lado esta grande lei da consciência, não existiriam, em certas épocas, as grandes infelicidades que desacreditam os povos civilizados, que Deus envia para castigá-los e para lhes abrir os olhos.

Queridos pais, orai a Deus; amai-vos, praticai os ensinamentos de Jesus; não fazer aos outros o que não querem que vos seja feito; pedi a Deus provas que vos ajudem a evoluir, provando que a sua vontade é santa e grande como ele. Sabei, preparando o futuro, ter coragem e firmeza, porque

continuareis a ser sujeitos a provas difíceis. É necessário saber merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se torna a punição dos Espíritos menos evoluídos.

Estarei sempre junto de vós, queridos pais. Adeus, ou melhor, até à vista. Tende resignação, caridade e amor pelo próximo, e um dia sereis felizes.

CLARA

É um belo pensamento este: “um vestido de trapos está mais próximo do que se pensa de um vestido de seda”. É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência para a outra, passam de uma situação brilhante a outra humilde e muito pobre. É num ambiente de grandes carências que se retificam os abusos dos meios concedidos por Deus. É uma forma de justiça que todos compreenderão.

Um outro pensamento, igualmente importante, é o que atribui as calamidades dos povos às grandes infrações coletivas das leis de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. É evidente que, se praticarem a lei da caridade, não haverá guerras nem grandes misérias. É o espiritismo que conduz à prática destes princípios de fé. Será por isso que alguns o combatem? As palavras desta menina aos seus pais são palavras do demónio? Não, são palavras de santidade.

Francisca VERNHES.

Cega de nascença, filha de um agricultor dos arredores de Toulouse, faleceu em 1885 com a idade de quarenta e cinco anos. Dedicava-se continuamente ao ensino do catecismo católico para preparar as crianças para a sua primeira comunhão. Tendo sido mudado o catecismo, não teve dificuldades em aprendê-lo de novo, porque sabia ambos de cor, o atual e o antecedente.

Uma tarde de inverno, regressando de uma viagem de várias léguas com uma tia, foi necessário atravessar uma floresta por maus caminhos enlameados. As duas mulheres tinham que caminhar com muito cuidado à beira de valas. A tia queria levá-la pela mão, mas ela disse-lhe: “Não tenhas pena de mim, não corro qualquer risco de cair; há uma luz nos meus ombros que me guia, segue-me porque sou eu que te conduzo”.

Foi assim que chegaram a casa, sem problemas. Uma cega conduzindo uma pessoa que via muito bem!...

Evocação em Paris feita em Maio de 1865:

P.: Fala-nos, por favor, da luz que te guiava nessa noite e que só tu podias ver. R.: É estranho, pessoas como vós, em permanente contacto com os Espíritos, terem necessidade de uma explicação para um facto tão simples. Era o meu anjo da guarda que me guiava!...

P.: Era o que pensávamos, mas gostávamos de ter a confirmação. Tinhas a consciência, nessa altura, que era o teu anjo da guarda que te orientava? R.: Realmente não. Mas acreditava numa proteção superior. Tinha tão continuamente pedido ao nosso bom e clemente Deus que tivesse piedade de mim! É tão terrível ser cego!... É muito mau, mas reconheço que é justo! Aqueles que pecam pelos olhos devem ser punidos pelos olhos, e bem assim relativamente a todas as faculdades de que são dotadas as pessoas, e das quais fazem mau uso.

Não procurem, pois, nos numerosos infortúnios que afligem a humanidade, outra causa para além desta, que é perfeitamente natural: a expiação. Expiação que só é meritória quando é suportada com submissão, e que pode ser aliviada se atrairmos, pela prece, as influências espirituais que protegem os que erram e que alimentam a esperança e a consolação nos corações aflitos e sofredores.

P.: Dedicavas-te à educação religiosa das crianças pobres. Tiveste dificuldade em aprender os conhecimentos necessários para isso, devido à tua cegueira, e porque o catecismo mudou?

R.: Os cegos têm geralmente outros sentidos aperfeiçoados, se posso exprimir-me assim. A observação não é uma das menores faculdades da sua natureza. Usam a memória com grande método, arrumando as ideias muito cuidadosamente para que nunca se percam os ensinamentos que melhor servem as suas aptidões. Essa faculdade não está sujeita a influências exteriores, e pode evoluir sempre, de uma forma notável, com a educação.

Não era o meu caso, que não tinha recebido educação. Por isso, ainda mais agradeço a Deus ter consentido que essa faculdade fosse suficiente para me permitir cumprir a minha missão de devotamento, junto das crianças. Foi a maneira de reparar os maus exemplos que lhes tinha dado na existência anterior. Para os espíritas, todos os assuntos são sérios. Por isso, têm apenas de olhar em seu redor, não se deixando desencaminhar pelas subtilezas filosóficas de certos Espíritos que fazem troça deles, lisonjeando o seu orgulho com frases sonantes, mas sem qualquer conteúdo.

P.: Do modo como falas pareces-nos muito avançada intelectualmente, ao mesmo tempo que a tua conduta neste mundo deu provas de grande avanço moral.

R.: Ainda tenho muito que aprender. Na Terra, contudo, há muitas pessoas que parecem ignorantes, porque a sua inteligência está dissimulada sob a capa da sua expiação. Depois de mortos, essa capa cai e revelam-se muitas vezes pessoas mais instruídas do que aqueles que os desdenhavam. Lembrem-se que o orgulho é o sintoma que dá a conhecer as pessoas. Todos aqueles que são sensíveis aos elogios, ou que têm excessiva confiança nos seus conhecimentos, estão no mau caminho. Em geral, não são sinceros. Tenham cuidado com eles. Sejam humildes como Jesus, e como ele carreguem a vossa cruz com amor, de forma a terem acesso ao reino dos céus.

FRANÇOISE VERNHES.

ANNA BITTER

Ser atingido pela perda de um filho é um enorme desgosto. Ter um filho único que dá as maiores esperanças, no qual se depositaram as melhores expectativas e afetos, e vê-lo decair durante anos e anos, e enfraquecer a olhos vistos, sem sequer saber qual o verdadeiro motivo, é uma provação especialmente difícil que vence os próprios recursos da ciência. Ter esgotado inutilmente todos os recursos da arte e adquirido a certeza de que não há qualquer esperança, e aumentar esta angústia a cada dia, durante longos anos, sem prever o termo, é um suplício cruel que a fortuna aumenta, em vez de a suavizar, porque temos a esperança de a ver utilizada por um ser querido.

Foi essa a situação que viveu o pai de Anna Bitter, cuja alma foi sendo tomada por um sombrio desespero, cujo carácter se ia amargurando cada vez mais, à vista do cenário de dificuldades que claramente anunciavam um desenlace fatal, de que apenas se ignorava a data.

Um amigo da família, que era iniciado no espiritismo, acreditou ser seu dever interrogar o seu Espírito protetor a respeito desta situação, tendo recebido a seguinte resposta:

R.: Desejo sinceramente dar-te uma explicação do estranho fenómeno de que me falas, porque sei que não é movido por indiscreta curiosidade, mas pelo afeto que tens a essa criança, e porque podes receber, crente na justiça de Deus, um ensino proveitoso.

Aqueles que são atingidos pela justiça do Senhor devem baixar a cabeça, nunca maldizendo, nunca se revoltando contra ela, porque tudo tem uma razão de ser.

A pobre rapariga, à qual o Todo-Poderoso tinha suspenso a data de morte, deve regressar brevemente para junto de nós, porque Deus teve piedade dela, e o seu pai, infeliz entre os homens, deve ser atingido no único afeto da sua vida, por ter desprezado o afeto e a confiança de todos aqueles que o rodeiam. Num certo momento arrependeu-se disso, o que sensibilizou o Altíssimo, e a morte suspendeu a pena que condenava esse ente querido. Mas a revolta regressou e o castigo segue sempre a revolta. Felizes dos que são castigados durante a vida! Rezai, meus amigos, por essa menina cuja juventude tornará os últimos momentos difíceis. A seiva é tão abundante nesse pobre ser que, apesar do seu estado de abatimento, a alma se desligará com dificuldade. Rezai por ela, porque, mais tarde,

ela vos ajudará. Ela mesmo vos consolará, porque o seu Espírito é mais elevado que os daqueles que a rodeiam.

“Foi por uma permissão especial do Senhor que pude responder ao que tu me pediste, porque é necessário que esse Espírito seja ajudado para que o desligamento seja mais fácil.”

O pai faleceu depois de ter sofrido o vazio do isolamento com a perda da sua filha. Eis as primeiras comunicações que um e outro deram depois da sua chegada ao mundo espiritual:

(A filha): Obrigada, meu amigo, por te teres interessado pela pobre criança que eu fui, e por teres seguido os conselhos do teu bom guia. Foi graças às vossas generosas preces que pude deixar mais facilmente o meu corpo material, porque o meu pai, ai de mim, não rezava: maldizia!... Entretanto, não lhe desejo mal. Era pela grande ternura que tinha por mim. Peço a Deus que lhe conceda a graça de ser iluminado antes de morrer. Dou-lhe estímulo e coragem, a minha missão é suavizar os seus últimos instantes. Por vezes um raio de luz divina parece chegar-lhe, mas não passa de coisa passageira, porque regressa logo às suas ideias.

Só há nele o germe de uma fé abafada pelos interesses do mundo, e que só novas provas mais difíceis poderão desenvolver. Temo bem isso.

Quanto a mim, só me faltava cumprir um resto de expiação. Por isso não foi muito dolorosa nem muito difícil. Na minha estranha doença, não sofria. Era sobretudo um instrumento de prova para o meu pai, porque ele sofria muito mais do que eu mesma. Estava resignada e ele não. Agora, fui recompensada por isso. Deus concedeu-me a graça de abreviar a minha estadia na Terra, e muito lhe agradeço. Estou feliz, rodeada de bons Espíritos. Todos tratamos das nossas ocupações com alegria, porque a inatividade seria um suplício cruel.

O pai, cerca de um mês depois do seu falecimento:

P.: O nosso interesse em chamar-te é o de sabermos como estás no mundo dos Espíritos, ou para te sermos úteis, se isso nos for possível. R.: O mundo dos Espíritos! Não vejo isso. Só vejo gente que conheci, nenhum pensa nem tem pena de mim. Pelo contrário, parece que estão satisfeitos por se terem visto livres de mim.

P.: Sabes o que se está a passar contigo? R.: Perfeitamente. Durante algum tempo pensei estar ainda no vosso mundo, mas agora já sei muito bem que não estou lá.

P.: Como é que explicas, então, não veres Espíritos à tua volta? R.: Não sei. Mas à minha volta é tudo claro.

P.: Nunca mais viste a tua filha? R.: Não, morreu. Procuro-a e chamo-a sem resultado nenhum. Que vazio tremendo me ficou depois da sua morte!... Quando estava para morrer disse-me que nos haveríamos de encontrar, mas nada. Sempre o isolamento à minha volta. Ninguém me dirige uma palavra de conforto ou de esperança. Adeus, vou procurar a minha filha.

Guia do médium:

Este homem não era ateu nem materialista. Era daqueles que acreditam vagamente, sem refletirem sobre Deus ou sobre o futuro, por estarem absorvidos pelos interesses materiais.

Muito egoísta, tudo sacrificaria para salvar a filha, da mesma forma que poderia sacrificar os interesses de terceiros ao seu próprio interesse. Para além da filha, não tinha ligações afetivas. Deus castigou-o por isso. Tirou-lhe o único consolo que tinha na Terra e, como não se arrependeu, também não a encontrou no mundo dos Espíritos.

Não se interessava por ninguém na Terra, onde ninguém se interessava por ele. Está só, abandonado. Entretanto, a filha está próxima dele, mas ele não a vê. Se a visse, não estaria a ser punido. Que faz ele? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não, entrega-se ao queixume e à blasfémia, até. Faz o mesmo que fazia na Terra. Ajudai-o, pela prece e por conselhos, a sair da sua cegueira.

Joseph Maître era um homem da classe média. Gozava de uma modesta autonomia que o livrava de necessidades. Os seus pais tinham-lhe proporcionado estudos técnicos, destinados à indústria, mas aos 20 anos, perdeu a vista. Cerca de 10 anos antes da sua morte foi atingido por uma segunda enfermidade: ficou completamente surdo. Faleceu em 1845, próximo dos cinquenta anos de idade. O relacionamento com as outras pessoas só podia ser feito pelo tato. Ter deixado de ver, foi mau, mas depois, ter deixado de ouvir, foi um suplício. Para quem tinha gozado de todas as suas faculdades, os efeitos desta dupla privação deviam ser ainda mais cruéis.

Que lhe poderia ter motivado esta triste sorte? Não teria sido a sua última encarnação, porque a sua conduta fora exemplar. Era bom filho, feitio doce e bondoso, e quando surgiu a segunda das privações aceitou-a com resignação e ninguém lhe ouviu jamais murmurar uma queixa. As suas ideias denotavam uma perfeita lucidez de espírito, e uma inteligência pouco comum.

Uma pessoa que o tinha conhecido, presumindo que se pudessem tirar úteis conclusões de uma conversa com o seu Espírito, chamando-o, recebeu da sua parte a seguinte comunicação:

Paris 1853:

- Meus amigos, agradeço-vos por se terem lembrado de mim, embora talvez não tivessem sonhado que iriam ter o mínimo proveito da minha comunicação. Mas sei que o vosso propósito é muito sério. Por isso acudi prontamente à vossa chamada. Possa eu contribuir para juntar mais uma prova que confirme a justiça de Deus.

Conheceram-me cego e surdo, e perguntaram-se o que poderia eu ter feito para merecer uma tal sorte.

Vou dizer-vos. Sabei primeiro que foi a segunda vez que fui privado da vista. Na minha existência prévia, que teve lugar no começo do século passado¹¹³, fiquei cedo, na idade de trinta anos, na sequência de excessos de todo o género que arruinaram a minha saúde e enfraqueceram os meus órgãos. Era já uma punição por ter abusado dos dons que tinha recebido da Providência, pela qual tanto fora privilegiado.

Em vez de ter reconhecido que fora eu o primeiro causador da minha enfermidade, acusei essa mesma Providência, na qual, de resto, acreditava pouco.

Blasfemei contra Deus, reneguei-o, acusei-o dizendo que se ele existia devia ser injusto e mau, porque fazia sofrer as suas criaturas. Deveria ter-me considerado feliz por não ser obrigado, como tantos outros miseráveis cegos, a mendigar o meu pão. Pelo contrário, pensava só em mim e na privação das faculdades que me eram impostas. Sob o domínio destas ideias e devido à minha falta de fé, tornei-me desagradável, exigente e insuportável para todos aqueles com quem convivia.

A minha vida deixou de ter sentido, deixei de pensar no futuro, que passei a considerar uma quimera. Depois de ter esgotado todos os recursos da ciência, vendo que a minha doença era incurável, resolvi pôr-lhe termo, suicidando-me.

Quando acordei, ai de mim! estava mergulhado nas mesmas trevas em que passei a minha vida. Não tardei a perceber, entretanto, que não pertencia ao mundo corporal, sendo um Espírito cego.

A vida de além-túmulo, portanto, era uma realidade. Em vão tentei acabar também com essa vida, entrando no nada. A tentativa era inútil e chocava contra o vazio.

Se esta vida fosse eterna, como tinha ouvido dizer, ficaria nessa situação para todo o sempre. Tal pensamento era medonho. Não tinha sofrimentos. Mas explicar-vos o tormento de uma tal situação é uma coisa impossível. Quanto tempo durou essa situação? Não sei, mas como me pareceu longo!...

Esgotado e extenuado, voltei finalmente a mim. Compreendi que uma força superior me comprimia. Pensei que se ela podia comprimir-me, poderia também aliviar-me. Então implorei a sua piedade. À medida que pedia e que o meu fervor aumentava, algo me dizia que essa terrível situação teria um fim.

¹¹³ Portanto, no começo do século XVIII. (N.T.)

Finalmente, fez-se luz. O meu encantamento foi extremo quando entrevi as claridades celestes e distingui os Espíritos à minha volta sorrindo com bondade e os que flutuavam radiosos no espaço. Quis segui-los, mas uma força invisível reteve-me.

Então, um deles disse-me: “Deus, que tu desconheceste, deu-te conta do teu regresso a ele, e permitiu-nos que te restituíssemos a luz, mas tu só cedeste quando da compressão e da descompressão. Se quiseres de agora em diante participar na felicidade de que nós gozamos aqui, é necessário que proves a sinceridade do teu arrependimento e dos teus bons sentimentos, recomeçando as tuas provas terrenas, *em condições que serás exposto a repetir os mesmos erros*, porque uma prova dessas será ainda mais séria que a primeira.

Aceitei com todo o empenho, prometendo a mim mesmo que não ia falhar!...”

Regressei à Terra, portanto, na existência que conheceis.

Não me custou ser bom, porque não era mau por natureza. Tinha-me revoltado contra Deus e Deus tinha-me punido. Regressei *com uma fé inata*, motivo pelo qual deixei de me queixar, tendo aceitado a minha dupla enfermidade com resignação e como uma expiação, cuja fonte devia ser a soberana justiça.

O isolamento em que me encontrei nos meus últimos anos, nada teve de desesperante, porque tinha fé no futuro e na misericórdia de Deus. Foi até muito proveitoso, porque durante aquela longa noite, em que tudo era silêncio, a minha alma, mais livre, lançava-se para o Eterno e, através do pensamento, entrevia o infinito. Quando chegou o fim do meu exílio, o mundo dos Espíritos só teve para mim esplendores de inefáveis alegrias.

A comparação com o passado faz-me achar a minha situação muito feliz, relativamente, e dou graças a Deus. Mas quando olho em frente vejo quão longe me encontro ainda da perfeita bondade. Expiei, *falta-me agora a reparação. A minha anterior existência foi vantajosa só para mim*. Espero em breve recomeçar uma nova existência, durante a qual possa ser útil a terceiros.

Serão as reparações da minha inutilidade anterior. Só então avançarei na via bendita aberta a todos os Espíritos de boa vontade.

Eis a minha história, meus amigos; se o meu exemplo pode esclarecer alguns dos meus irmãos encarnados e evitar-lhe cair no pântano em que eu caí, terei começado a pagar a minha dívida.

Joseph